

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Educação

Puríssimo Coração:
um colégio de elite em Rio Claro

Paula Leonardi



2002

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SEÇÃO CIRCULANTE

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

"PURÍSSIMO CORAÇÃO": UM COLÉGIO DE ELITE EM RIO CLARO

Autora: Paula Leonardi

Orientadora: Águeda Bernadete Bittencourt

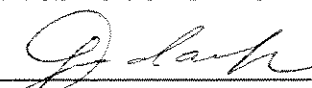
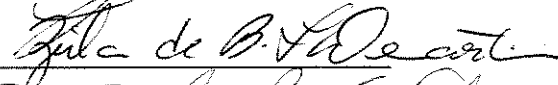
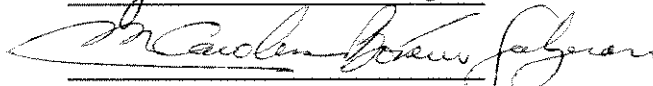
Este exemplar corresponde à
redação final da dissertação
defendida por Paula Leonardi e
aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 09/12/02

Assinatura:


Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

2002

BR 445013

© by Paula Leonardi, 2002.

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	Unicamp
	L553p
V	EX
TOMBO BC/	54774
PROC.	16-124103
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	23/07/03
Nº CPD	

CM00186B93-2

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildenir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

BIB D 296053

L553p Leonardi, Paula.
"Puríssimo Coração" : um colégio de elite em Rio Claro / Paula Leonardi. --
Campinas, SP: [s.n.], 2002.

Orientador : Agueda Bernadete Bittencourt.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade
de Educação.

1. Escolas - História. 2. Ensino normal. 3. Educação feminina.
4. Ritos e cerimônias. I. Bittencourt, Agueda Bernadete. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

02-187-BFE

Resumo

Esta pesquisa tem como tema central um colégio confessional católico instalado na cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo: o Colégio Puríssimo Coração de Maria. Em 1909, no início do regime republicano, o Colégio foi instalado na cidade presenciando e participando de importantes mudanças políticas e culturais ocorridas no país, especialmente para a Igreja Católica com o fim do padroado. Durante seus noventa e três anos de história o Colégio desenvolveu, perante os habitantes da cidade, uma imagem de *escola de qualidade* e que oferece *formação integral*. O objetivo desta pesquisa é compreender como o Colégio construiu essa imagem ao longo dos anos e que interesses estavam em jogo em sua instalação e permanência em Rio Claro, a fim de olhar para seu desenvolvimento no campo material e simbólico. A hipótese norteadora desta pesquisa traz a idéia de que a formação de mulheres professoras em meados da década de 30 foi parte fundamental dessa construção. Desse modo, duas datas delimitam este estudo: a instalação da escola em 1909 e a instalação do curso normal em 1928.

Abstract

This research have, as central subject, a confessional catholic school in the city of Rio Claro, in São Paulo State: the “Colégio Puríssimo Coração de Maria”. In 1909, in the beggining of the Republican Era, the “Colégio” initiated its activities in Rio Claro, presenting and participating on important politics and economics changes occurred in Brazil, at that date, specially for the Catholic Church, with the end of “padroado”. In its nineteenth three years of history, the “Colégio Puríssimo” developed, for the city population, a image of “*quality school that offers integral education*”. The objective of the present research is to understand how the Colégio build up this image, and what personal concerns were considered to for its installation and permanence at Rio Claro, at a glance to its development on material and simbolic fields. The hipothesis that drives this research bring us the idea that the education of women to be teachers in middle 1930 decade was fundamental part of this construction. In this way, two dates limits this research: The “Colégio Puríssimo” installation in 1909 and the establishment of the “Normal” course in 1928.

Para
Dino Leonardi
(in memoriam)
e
Nanci Cesar Leonardi

Agradecimentos

À minha família e ao meu companheiro Maurício.

À Águeda.

À Fapesp.

Ao *Puríssimo* e à *Congregação do Imaculado Coração de Maria*, especialmente Dona Norma, Irmã Maria do Rosário, Irmã Inês, Irmã Ivoní, Luciana e Cátia.

Ao Arquivo Histórico de Rio Claro, Therezinha e Fernando.

Aos funcionários da biblioteca da Faculdade de Educação.

Às ex-alunas que participaram desta pesquisa: Therezinha, Dolores e Ivanira.

Aos amigos do FOCUS.

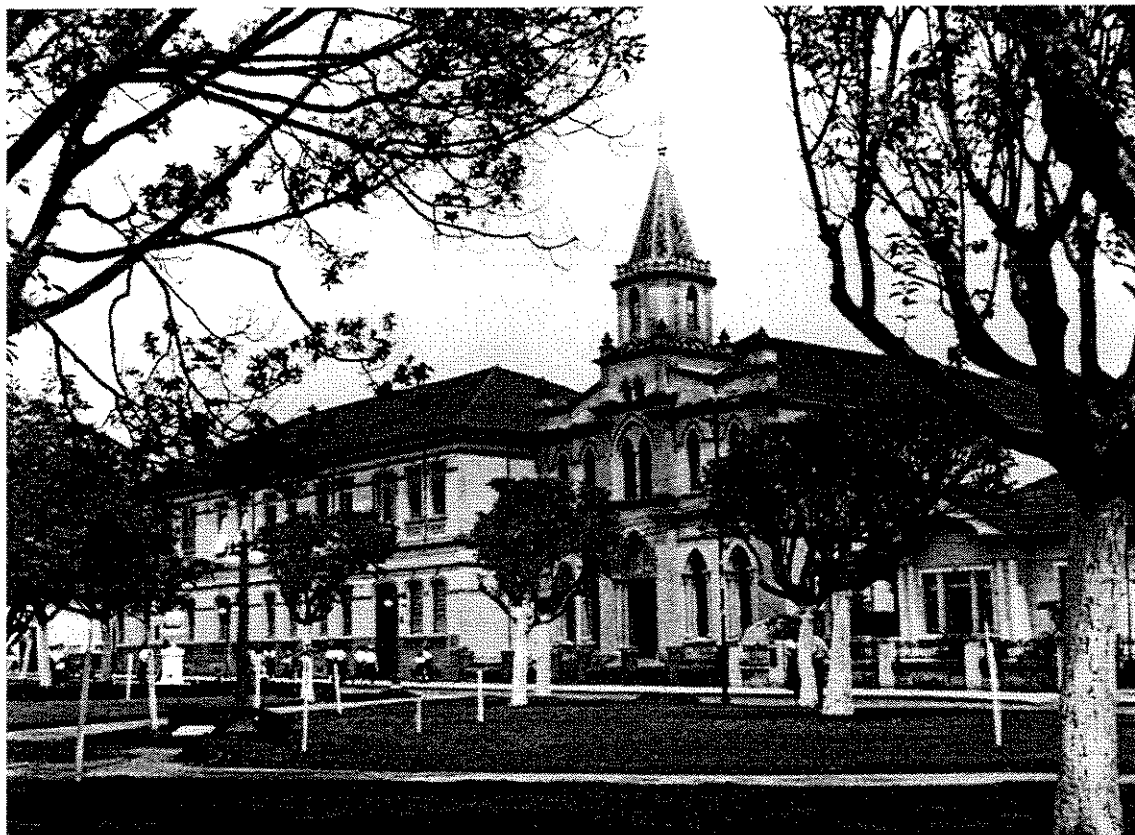
À Kimi, Adriana, Dirceu, Sônia e Maurício.

Muito obrigada.

Sumário

Introdução.....	1
1. A herança da inspiração divina.....	17
2. Glorificando a Deus, honrando a Congregação e a Pátria.....	35
3. Família e escola unidas: o <i>Puríssimo</i> por Dolores Gimenez.....	69
4. Representações da escola de qualidade: da procissão ao desfile.....	95
5. A importância do diploma: o <i>Puríssimo</i> por Therezinha Sitolin.....	131
6. “Mostremos com nosso exemplo aquilo que com palavras ensinamos”.....	157
7. Anos dourados: o <i>Puríssimo</i> por Ivanira Bohn Prado.....	189
8. Entre a tradição e a modernidade: mudanças e permanências no <i>Puríssimo</i>	201
9. Anexos.....	205
10. Bibliografia.....	215

Introdução



Praça da Liberdade e Colégio *Puríssimo Coração de Maria*, 1959.

Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

A presente pesquisa tem como tema central um colégio confessional católico instalado na cidade de Rio Claro, interior do Estado de São Paulo: o Colégio *Puríssimo Coração de Maria*. Pertencente à Congregação do Imaculado Coração de Maria, o Colégio foi instalado na cidade em 1909, no início do regime republicano, período repleto de mudanças no País, especialmente para a Igreja Católica com o fim do padroado. Durante seus noventa e três anos de história, o Colégio desenvolveu, perante os habitantes da cidade, uma imagem de *escola de qualidade* e que propicia uma *formação integral*.

O objetivo desta pesquisa é compreender como o Colégio construiu essa imagem ao longo dos anos e que interesses estavam em jogo em sua instalação e permanência em Rio Claro, a fim de olhar para seu desenvolvimento no campo material e simbólico. Tendo como hipótese que a formação de mulheres professoras em meados da década de 30 foi parte fundamental dessa construção, duas datas significativas delimitam este estudo: a instalação da escola em 1909, entremeada ao discurso republicano do período, e a abertura do Curso Normal no Colégio em 1928, envolto pelo momento político da Revolução de 1930. Desse modo, este trabalho pretende contribuir para as discussões em torno do lugar social da escola e da escolaridade na primeira metade do século XX e, em âmbito específico, contribuir para o estudo da expansão das escolas católicas e sua relação com a sociedade, com as famílias e outras instituições, discutindo a formação de mulheres e seu espaço social.

Tendo lecionado durante cinco anos no Colégio *Puríssimo* e tendo realizado, ali, um estudo, algumas observações levaram-me a refletir sobre o modo como pais e professores se referiam à Escola. Seus comentários sobre esse espaço relatavam-no como uma segunda casa, onde carinho e conhecimento se combinavam, onde se oferecia *formação integral* e de *qualidade*. A Escola intrigava pelo fato de ser tão querida e por projetar sobre a cidade um “sentimento de domínio”¹.

Fundado no início do século XX, o Colégio presenciou e participou - entendendo que nenhum agente social se abstém de colaborar com os eventos ocorridos na sociedade - dos ideais liberais democráticos que fizeram a República. Nacionalismo e civismo impregnavam os discursos de políticos e intelectuais na imprensa. Segundo esses ideais, para que a modernidade se concretizasse no Brasil, era preciso construir uma identidade nacional civilizando as múltiplas raças que constituíam o País, disciplinando, ordenando e controlando a força de trabalho. A educação foi vista como o meio mais eficaz para isso. Ao mesmo tempo, a Igreja Católica passava por um período de institucionalização e federalização, devido ao rompimento do regime de padroado e à mudança de regime. Para que a política expansionista da Igreja se concretizasse, seu alvo também era a educação.

¹ Palestra proferida pela professora Marilene J. G. de Camargo por ocasião da comemoração dos noventa anos dessa Escola

O Colégio *Puríssimo* desempenhou, ainda, significativo papel na formação de professores, abrindo o Curso Normal em 1928, pouco antes da Revolução de 1930. Os Cursos Normais ganhavam cada vez mais prestígio no País e a profissionalização da mulher estava intimamente ligada à difusão do *eterno feminino*.

Elementos diversos combinam-se nesse tema. Um colégio privado confessional católico fixa-se, algumas décadas após a proclamação da República e o fim do padroado, em uma cidade do interior do Estado, oeste paulista, região de grandes fazendas de café e um dos centros de difusão de ideais liberais e republicanos.

Entremos para ver o que há ali, para recordar o primeiro dia em que lá estive.

As portas estão bem fechadas, encontro a campainha, toco. A atendente abre, subo três degraus e estou no hall. Um cartaz de boas-vindas me chama de irmã. Logo abaixo deste cartaz há um aparador com uma Bíblia aberta e um pequeno ramalhete de flores artificiais. Atravesso o hall e estou em um ambiente com pouca luz, semelhante a uma sala de espera: vazio no centro e com bancos de madeira encostados nas paredes. O pé direito é alto e nestas paredes há espaço para quadros de madeira onde estão as fotos de formandas, paraninfos e professores do Curso Normal. À minha esquerda há uma imagem de Nossa Senhora, à direita uma porta que leva a um corredor escuro e à frente uma grande imagem de Cristo, iluminada por uma luz difusa que parece vir do pátio. Os bancos não são confortáveis. Obrigam-me a permanecer com a espinha ereta. O pátio interno da escola parece protegido pelo edifício de salas de aula que o abraça. Conservam-se árvores no pátio: um ipê, uma mangueira, muitos vasos... Bancos de cimento. Nos corredores que me levam para as salas de aula, cartazes nas paredes lembram como se deve comportar um bom cristão. Os caminhos internos da escola são escuros; no entanto, as salas de aula, iluminadas, apesar da luz indireta, contrastam com o restante. Assoalho de tacos que rangem, portas em folhas, altas janelas, um crucifixo em cada sala de aula, flores, o sorriso de uma irmã. Tudo aconchegante, tudo familiar e, ao mesmo tempo, tudo distante.

Como e por que este Colégio foi instalado em Rio Claro? Quem eram as pessoas interessadas em sua instalação? Como, ao longo dos anos, o *Puríssimo* construiu a imagem de boa escola, imagem esta que perdura na memória da população da cidade?

Busco, ao longo desta pesquisa, a origem desta instituição e as mudanças - ocorridas em seu modo de se apresentar. Mudanças estas que acompanharam as discussões postas no

campo educacional e que, por sua vez, eram influenciadas pelas mudanças na economia e na política do País.. Trata-se da busca de uma ex-professora do Colégio. Conto uma história que construí a meu modo e com aquilo que encontrei: as lembranças de três ex-alunas, dois livros de crônicas escritos pelas irmãs, notícias de jornais e fotos. Tento aproximar-me mais da postura do colecionador do que daquela do historiador moderno, conforme sugeriu Benjamin². Assim, busco singularidades, emoções e contradições daqueles que fizeram parte do Colégio *Puríssimo*, tentando rememorá-lo³. Busco a recuperação de dimensões pessoais, psíquicas e sociais, singularidades expressas nas relações com esse Colégio e a articulação com a memória coletiva.

Fontes e trabalho com os dados: um percurso

A coleta de dados foi iniciada através do *Livro de Chronica*, encontrado na comunidade das irmãs em Rio Claro. A escrita de uma crônica da comunidade de religiosos é prática comum em congregações católicas⁴. Na comunidade de Rio Claro este era um dos encargos da secretária da casa, que não era a mesma pessoa encarregada de secretariar a escola. Todos os acontecimentos significativos para a comunidade passam pela *Chronica* e o trabalho da comunidade é todo voltado para o Colégio. Podemos ler nesse livro aquilo que movia a vida das irmãs. Aí estão os fatos e festas religiosas... a visita do bispo, que é motivo de diversas cerimônias; as festas das filhas de Maria e do mês de Maria com o altar armado no palco, a encenação da coroação; a inauguração da capela do Colégio; a inauguração do retrato do bispo; as primeiras comunhões dos alunos; a fundação da Ação

² GAGNEBIN, Jeanne-Marie (1994). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva – Fapesp; Campinas: Edi

Católica... As dificuldades com a gripe espanhola e as dívidas contraídas em reformas... As visitas das superiores da Congregação, recebidas com muito alarido pela fanfarra e festejadas durante toda sua estada na comunidade... As festas de formatura... A recusa de uma irmã em assumir a direção do colégio.

A *Chronica* informava a superiora da Congregação sobre o que se passava com a comunidade e mantinha a história do grupo para as próximas irmãs que dela fariam parte. Já que a mudança de cidade e de comunidade era e é freqüente para essas mulheres, os registros garantiriam que as próximas irmãs que aí chegassem pudessem conhecer e reproduzir a história daquele grupo. O acesso à *Chronica* como fonte de dados sobre a história do Colégio, no entanto, ficava restrito às irmãs e pouco se publicou sobre a história do *Puríssimo*.

Essa preocupação em recordar é prática corrente no judaísmo e cristianismo, chamadas por Jacques Le Goff de *religiões da recordação*⁵. Para ambas, o conteúdo de fé e o objeto de culto estão nos atos do passado. A necessidade de lembrança como tarefa religiosa fundamental aparece também na utilização do livro sagrado e na tradição histórica que possuem. Em *De Trinitate*, Santo Agostinho considerou *memória*, *intelectus* e *voluntas* como imagens da Trindade no homem. Até mesmo o ensino cristão *apresenta-se como a memória de Jesus transmitida pela cadeia dos apóstolos e dos seus sucessores*⁶.

A *Chronica* é a herança dessas mulheres freiras que chegavam e chegam a esta comunidade. E o propósito da comunidade em Rio Claro está claro: evangelizar/doutrinar. Isso revela-se no número de eventos religiosos e na preocupação em justificar um número pequeno de comunhões em alguns anos. O *Livro de Chronica* reproduz a mística da Congregação: a vontade divina coordenando os atos humanos.

O primeiro livro contém 101 páginas, cuja narrativa cronológica abrange o período de 1909 a 1947. Assim como no calendário, o ano é sua unidade fundamental. Dentro de cada ano, com os números escritos em letras grandes e em destaque, inscrevem-se os acontecimentos significativos para a escola ou para a comunidade. O calendário religioso tem destaque e organiza a vida no Colégio e na comunidade.

⁵ LE GOFF, Jacques (1992). *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp.

⁶ *Ibid.*, p.445.

A narrativa desenvolvida na *Chronica* tornou-se a história oficial da fundação da escola. Sua versão é repetida, ano após ano, nas comemorações do aniversário do *Puríssimo*, durante as aulas e em livros que tratam da história da cidade⁷. O início da *Chronica* descreve a instalação do Colégio como a recordação daquele que escreve, como uma memória coletiva da escola. Portanto, deve ser lido considerando que, por ser a história oficial, é uma história selecionada, reconhecida e valorizada, enfim, monumentalizada pela instituição. O uso da escrita em forma de documento possibilita o armazenamento da memória e, ao mesmo tempo, o reexame, a reordenação, a retificação.

O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias⁸. (...) O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, das sociedades que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio⁹.

Consta da página de abertura o ano de 1937, mas os registros iniciam-se em 1909. Devemos olhar para este livro como escrito quando da fundação da escola ou como algo que foi escrito por alguém que, em 1937, recordava estes acontecimentos? O *Livro* foi realmente escrito em 37, ou neste ano houve uma maior preocupação em tratá-lo como documento? Há registros detalhados a partir de 1909. Em 1927 consta a observação de que a superiora, em visita à escola, “passou revisão” em todos os livros, incluindo o *Livro de Chonica*, ou seja, em 1927 ele já existia. É impossível precisar a data em que o livro foi escrito. Mas, seja em 1909, 1927 ou 1937, seu objetivo é o de escrever “a história” da escola, organizando e reproduzindo uma memória oficial.

⁷ Os livros onde aparecem narrativas sobre a história do Colégio *Puríssimo* são os seguintes: CATELANI, Ademar Pedro (sd). *Escola Puríssimo Coração de Maria*. Rio Claro (mimeo). FERRAZ, Romeu (1922). *Álbum histórico de Rio Claro: a sua vida, os seus costumes e os seus homens (1821 – 1827 – 1922)*. São Paulo: Tipografia Henies. PEREIRA, Aloysio et alii. (1978). *Rio Claro Sesquicentenária*. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno da Veiga”/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia Governo do Estado de São Paulo.

⁸ LE GOFF, Jacques (1992), *op.cit.*, p.548.

⁹ *Ibid.*, p.547

Livro de Chronica N.º 1

Titulo de abertura

*Contém este Livro 100 folhas
por serem numeradas e rubricadas
e destina-se ao fim supra indicado
Chronica do Colégio Puríssimo Co-
ração de Maria.*

Pelo Claro, 5 de Junho de 1914

*Madre Maria Amélia de S.ª
Superiora geral.*

M. H. Conselho de S.ª
Viva + Jesus.

*Chronica da X casa filial
da
Congregação do Purissimo Coração
de Maria.*

*Estabelecida nesta cidade de Prio
Claro, aos 15 de Maio de 1909,
Estado de São Paulo*

Intitulada:

*Collegio Purissimo Coração
de
Maria.*

Abertura do Livro de Chronica.

A estrutura do texto da *Chronica* varia de acordo com o responsável pela sua escrita, embora os elementos que compõem a narrativa sejam os mesmos. A identificação de quem escreveu nem sempre é possível. Em 1920 a narrativa foi feita em primeira pessoa pela Madre Maria Emerenciana da Conceição, superiora (diretora) do Colégio, parecendo ser a mesma caligrafia desde o início do Livro. No entanto, a partir de 1923, não foi possível identificar quem o escreveu; cabe somente levantar a hipótese de que tenha sido escrito por outras superiores¹⁰ ou suas secretárias.

As memórias encontradas na *Chronica* são ricas em representações e afirmações de identidades que fornecem indícios significativos para uma busca em outras fontes: depoimentos de ex-alunas, textos em jornais, fotografias e álbuns comemorativos. Ao longo desta pesquisa, estas outras fontes serão mescladas à *Chronica*, a fim de construir uma outra narrativa possível da história do colégio.

¹⁰Conforme o Livro de Chronica, foram superiores do Colégio Puríssimo entre 1909 e 1944: 1909 – Madre Maria Juliana do Santíssimo Sacramento; 1914 – Madre Maria Innocencia do Santíssimo Sacramento; 1917 – Madre Maria Clementina dos Anjos; 1920 – Madre Maria Emerenciana da Conceição; 1923 – Madre Maria Rita do Coração de Maria; 1926 – Madre Maria Ephigenia de São José; 1936 – Madre Therezinha do Menino

Quanto aos jornais, o Arquivo Público do Município de Rio Claro não dispõe de todas as publicações. Foram consultados: *O Alpha* 1908 (julho - novembro), 1911 (julho - dezembro) 1920 (janeiro - março); *O Diário*, de 1915 a 1938 (exemplares avulsos), 1940 (janeiro - outubro), 1941, 1943 e de 1944 a 1954. Procurei, nestes jornais, propagandas, avisos de períodos de matrícula, ou, mesmo, reportagens a respeito de festas, palestras e outros acontecimentos relacionados ao Colégio.

Utilizei, ainda, o *Livro de matrículas* do Colégio, onde busquei dados sobre a origem social dos alunos, através da profissão e nacionalidade dos pais. O *Livro Ponto dos Docentes* também foi consultado.

Na biblioteca do Colégio encontrei muitos álbuns de fotografias, no entanto, grande parte sem qualquer legenda indicando data ou mesmo que evento representava. Em algumas fotos foi possível a identificação, com o auxílio da Irmã Maria do Rosário, responsável pela biblioteca da escola. Mesmo sem informações suficientes, essas fotos não foram descartadas. Outras fotos foram conseguidas com ex-alunas que se dispuseram a dar seu depoimento. Há um total de quarenta e oito fotos ou desenhos de agendas da Escola que foram catalogadas e para cada uma criada uma ficha, na qual procurei inserir dados como data, local, conteúdo, tipo da foto, nome do fotógrafo, utilização, legenda, observações gerais e a quem pertence¹¹. A catalogação e análise das fotos foi inspirada no tratamento que Benjamin dá à arte e à fotografia.

Para este autor, diferentemente da arte, a fotografia carrega algo incomum e novo. Algo que inquire insistentemente sobre quem nela aparece.

Apesar de toda a maestria do fotógrafo e todo o planejamento na postura do seu modelo, o espectador sente-se irresistivelmente forçado a procurar em tal retrato a minúscula faísca de acaso, de aqui e agora, com que a realidade igualmente ultrapassou o caráter de retrato para encontrar o incerto lugar em que, por ser assim, ainda hoje e com tanta eloquência, se aninha o futuro naquele momento há muito já transcorrido, a ponto de, olhando para trás, nós mesmos podermos descobri-lo. É claro que é uma outra natureza a que diz alguma coisa para a câmera em relação àquela que

Jesus; 1943 - Madre Maria Lília de São João Evangelista; 1944 - Madre Maria Domingas de Santa Teresinha.

¹¹ Sigo, para o trabalho com as fotos, as diretrizes de VON SIMSON, Olga R. M. (1996). Som e imagem na pesquisa qualitativa em Ciências sociais: reflexões de pesquisa. IN. *Pedagogia da imagem, imagem da pedagogia*. Niterói, RJ - UFF/CNPQ, pp.88-101. _____ (1998). Imagem e memória. IN: SAMAIN, Etienne (org) (1998). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora HUCITEC/CNPq.

*diz alguma coisa para o olho: outra sobretudo porque, no lugar de um espaço conscientemente elaborado pelo homem, aparece um espaço elaborado inconscientemente*¹².

As fotografias encontradas no Colégio ou fornecidas pelas ex-alunas carregam características comuns, mas também singularidades. Em sua maioria são fotos posadas, em que o cenário, os personagens e suas posições foram cautelosamente montados. Mas as singularidades podem ser encontradas na *minúscula fálsea do acaso*: um olhar que se desvia distante, um sorriso, uma brincadeira no momento exato da foto. Olho para estas fotos como imagens que se pretendia transmitir da escola, mas, ao mesmo tempo, procurando os acasos onde pode estar escondida a aura daquele momento. Não algo fabricado pelo fotógrafo, mas uma *maneira etérea de estar junto*¹³.

Quanto às entrevistas, não me preocupei em proceder por amostragem ou qualquer outra técnica para seleção das pessoas. Frequentemente encontrei-me com estas pessoas em lugares diversos na cidade de Rio Claro. Em uma conversa descontraída, ao descobrirem que eu estava fazendo uma pesquisa sobre o Colégio *Puríssimo*, rapidamente me diziam que estudaram lá e começavam a recordar diversos episódios de seu tempo de estudante. Ou, ainda, uma amiga comentou com uma ex-aluna sobre a pesquisa e ela se dispôs, antes de qualquer convite, a conversar comigo e contar suas histórias. Nessas atitudes pude perceber o forte envolvimento afetivo que essas pessoas ainda mantêm com o Colégio, o qual muitas continuam a frequentar, seja pelos netos que aí estudam, seja para encontrar velhas amigas, freiras, que ainda trabalham lá. Os depoimentos foram como conversas informais onde procurei encontrar lembranças, reminiscências sobre as imagens do Colégio nos rituais e sobre a origem e destino social dessas pessoas.

Assim como sugere Francine Muel-Dreyfus¹⁴, procurei, tanto nos textos quanto nas entrevistas, as repetições, as ênfases em determinadas situações, cercadas ou não de enunciados e prescrições, que produzem a identidade cultural e simbólica, imagens da feminilidade construídas em uma escola tratada, por muito tempo, como feminina.

¹² BENJAMÍN, Walter (1991). Pequena história da fotografia. In: *Sociología*. São Paulo: Editora Ática. p.222.

¹³ *Ibid*, p.226. *O que realmente é aura? Uma peculiar fantasia espaço e tempo: a aparição única de algo distante, por mais próximo que possa estar. Em uma tarde de verão, ficar contemplando uma cordilheira no horizonte ou um ramo que lancem a sua sombra sobre quem olha – isto significa respirar a aura desses montes, desse ramo.* p.228.

¹⁴ MUEL-DREYFUS, Francine (1996). *Vichy et l'éternel féminin*: contribution a une sociologie politique de l'ordre des corps. Paris: Éditions du seuil.

Procurei, ainda, estar atenta à retórica, ao vocabulário, às cadências, às imagens, às metáforas, às emoções. Sem descuidar da singularidade de cada depoimento, pretendo buscar nestas entrevistas alguns pontos em comum:

1. A que grupos sociais estas alunas pertencem.
2. Qual a relação que mantinham com a escola (internas, externas, bolsistas).
3. Que espaços sociais freqüentavam (clubes, igrejas, etc).
4. Que caminhos profissionais seguiram depois de concluírem seus estudos no *Puríssimo*.
5. Considerando que o programa visual da escola também é carregado no corpo de suas alunas através dos hábitos e comportamentos adquiridos, compreender se a escola trabalhou com um “mito da feminilidade” e de que forma isso aparece nestas ex-alunas.
6. O que relatam sobre festas, procissões, palestras, etc.
7. O que ressaltam da formação que o colégio fornecia.
8. Se há crianças da família que continuam a estudar no *Puríssimo*.
9. Como era o relacionamento com as irmãs e professores.

Foram realizadas seis entrevistas, das quais selecionei apenas três¹⁵.

Encontrei-me com a senhora Dolores Dirce Gimenez pela primeira vez no Arquivo Histórico do Município de Rio Claro. Eu pesquisava um antigo jornal da cidade e ela estava chegando para procurar alguns inventários para seu trabalho. Conhecemo-nos em uma situação de pesquisa, onde seu interesse pelo que eu estava fazendo fez com que ela se aproximasse e se apresentasse. Ela falou com grande entusiasmo do Colégio *Puríssimo* e das boas recordações que tinha do lugar, quando lá estudou na década de 50. Perguntei se gostaria de falar a respeito. Primeiro ela mostrou-se reticente, aparentemente receosa em ser entrevistada e sobre o que lhe seria perguntado. Mesmo assim, marcamos a conversa para o dia 29 do mês de março de 2001, numa das salas do Arquivo. Neste dia, elegantemente acomodada na ponta da cadeira, com as pernas cruzadas e uma das mãos apoiadas

¹⁵ O texto *Compreender*, de Pierre Bourdieu, ofereceu subsídios para a análise das entrevistas, tomando a situação de entrevista como uma situação social e que, portanto, produz efeitos. Medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa para o pesquisado e para o pesquisador reduz as distorções e permite a compreensão daquilo que pode ou não ser dito, das censuras que calam algo ou acentuam outras coisas. Foi pensando nestas proposições que procurei explicar as situações de entrevista. BOURDIEU, Pierre (1997). “Compreender”. In: BOURDIEU, Pierre (org.) *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, p.694.

delicadamente sobre a mesa, Dolores começou a contar-me a história de sua passagem pelo *Puríssimo*. Em sua opinião,

A escola estava anos à frente para a economia doméstica. A mulher ela vai trabalhar fora, mas ela vai ter que administrar. Outra coisa muito interessante era quanto à etiqueta, bons modos, cortesia, etc, como uma senhorita senta em uma cadeira (ajeita-se e mostra a posição). Então, até hoje isso é muito claro na minha cabeça, eu não tenho como sentar de qualquer maneira.(...) Isso no sentar, e no posicionamento das mãos? (coloca as mãos no colo). Nós tínhamos uma professora, ela era uma freira e professora. Chamava-se irmã Leia. Ela nos ensinava como desfilar numa passarela. Como você colocava um pé na frente do outro.

Seu discurso foi dirigido para as procissões, formaturas e outros ritos da escola, com uma forte carga nostálgica. *E uma das coisas memoráveis e deliciosas e maravilhosas foi eu ter vindo pro Puríssimo*. Dolores fez o Primário no Colégio Koelle e o Preparatório, o Ginásio e o Curso Normal na Escola *Puríssimo Coração de Maria* (oito anos de estudo nesta escola). Estudou Direito na PUC Campinas e exerceu a advocacia. Atualmente leciona no Colégio *Bilac*. Mora sozinha em um prédio no centro da cidade de Rio Claro.

Uma questão se colocava durante as entrevistas: como dominar os efeitos da hierarquia entre pesquisador e entrevistado, sem anulá-los? Bourdieu propõe que se instaure uma situação de escuta ativa e metódica entre a pura não-intervenção e o caráter direcionador do questionário, para que a comunicação seja o menos violenta possível. Esta postura

*associa a disponibilidade total em relação à pessoa interrogada, a submissão à singularidade de sua história particular, que pode conduzir, por uma espécie de mimetismo mais ou menos controlado, a adotar sua linguagem e a entrar em seus pontos de vista, em seus sentimentos, em seus pensamentos, com a construção metódica, forte, dos conhecimentos das condições objetivas, comuns a toda uma categoria.*¹⁶

Algumas informações anteriores sobre a pessoa que vai ser ouvida e a tentativa de se colocar em seu lugar em pensamento, o tom e o conteúdo das perguntas, oferecem maior segurança e permitem ao pesquisador improvisar perguntas pertinentes, *verdadeiras*

¹⁶ BOURDIEU, Pierre (1997), *op.cit.*, p. 695.

*hipóteses que se apóiam numa representação intuitiva e provisória da fórmula geradora própria ao pesquisado para provocá-lo a se revelar mais completamente.*¹⁷

Isto significa uma atitude de atenção ao outro, procurando compreender sua unicidade e generalidade, suas singularidades e sua inserção no mundo, enfim, os dramas de sua existência.

*A entrevista pode ser considerada como uma forma de exercício espiritual, visando a obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida.*¹⁸

A segunda ex-aluna cuja história apresento possui uma singularidade em relação às outras duas: estudou no Colégio com “bolsa”. Therezinha Sitolin, neta de imigrantes italianos, freqüentava o *Puríssimo* a troco do carvão que seu pai fornecia às freiras.

Primeiramente vamos dizer, antes de começar a entrevista, agradecer muito aos meus pais. Minha mãe, meu pai... que, com pouco recurso, com uma carrocinha vendendo carvão e fazendo carroto fizeram um grande investimento em mim, apenas com oito anos de idade.

Suas impressões a respeito de uma conversa que seria gravada, transcrita e que seria elemento constitutivo de uma dissertação não foram as melhores mas, ao mesmo tempo, iniciou solenemente a entrevista, aparentemente lisonjeada com o convite. Assim como as outras ex-alunas, Therezinha logo se entusiasmou em saber que eu estava realizando uma pesquisa sobre o *Puríssimo* e começou logo a contar fatos diversos. Tendo que trabalhar desde cedo para o auxílio financeiro na casa, precisou deixar os estudos ainda muito jovem. Durante a conversa, meu interesse em saber mais sobre sua vida venceu sua resistência de maneira natural e não agressiva. Ela trouxe, logo neste primeiro encontro, diplomas, lembranças e fotos, apresentando-os segundo a importância que delegava a cada um deles. Sua entrevista foi extremamente interessante e fortemente centrada no ambiente familiar: *eu fiz a barba do meu pai, eu sei muita história*. O Colégio *Puríssimo* ficou, durante toda a

¹⁷ BOURDIEU, Pierre (1997), *op.cit.*, p. 700.

¹⁸ *Ibid*, p. 704.

conversa, como um segundo plano em sua fala. Apesar de tê-lo em alto conceito, parece-lhe algo inatingível, pelo qual ela passou, mas do qual não fez parte.

Minha mãe colocou a gente num ambiente que a gente teve que se adaptar. Ambiente de gente rica. A maioria eram meninas filhas de fazendeiros, internas.

A última entrevista apresentada neste trabalho traz o relato da professora Ivanira Bohn Prado. Alguém sobre quem eu já tinha ouvido falar quando trabalhei no *Puríssimo*. Não me lembro mais quem falou e nem mesmo o que me disse a seu respeito, mas sei que fiquei com a impressão de que esta mulher foi um exemplo daquilo que o Colégio *Puríssimo* pretendia como professora. Desenhei-a em minha memória como alguém de grande cultura e muito austera. De todas as alunas com as quais conversei recebia a indicação: você precisa conversar com a professora Ivanira! Quando o assunto era professores do *Puríssimo*, parecia que a imagem da professora Ivanira Bohn Prado estava colada à imagem da escola. Além disso, seu nome se projetava também pela publicação de livros de poesias e por colaborar ocasionalmente com o jornal da cidade, onde publicava, principalmente, comentários sobre livros diversos. Como estudar a história do *Puríssimo* sem conversar com alguém tão lembrada? Foi difícil o percurso. As indicações foram muitas; no entanto, quando buscava ajuda para me colocarem em contato com ela, diziam para procurar outra pessoa mais próxima. Comecei a me questionar porque essa mulher era tão admirada e, ao mesmo tempo, todos eram tão distantes dela. Nem mesmo o professor Chagas, amigo pessoal, conseguiu fazer com que ela me recebesse. Ao telefone, falando com ela, o professor retirou o fone do ouvido e repetiu para mim a pergunta feita pela professora: *de que família você é?* Respondi e ele retornou ao telefone para informá-la. Em seguida me explicou que a professora estava muito atarefada e seria melhor que eu entregasse as perguntas por escrito. Levei a dificuldade para os integrantes do FOCUS, grupo de pesquisa do qual faço parte na Faculdade, e elaboramos a estratégia de abordagem: enviar uma carta à professora, explicando melhor a natureza da pesquisa e insistindo em um encontro pessoalmente. Redigi a carta, enviei e recebi um telefonema da professora Ivanira numa terça-feira, às oito horas da manhã. Disse que me devia uma resposta, perguntou mais sobre o trabalho e sugeriu outras pessoas com as quais eu poderia conversar. Então disse a ela que ouvira falar muito em seu nome, ao que ela respondeu: *Ouviu falar mal, não é?* Confesso

que não fui para esta entrevista com a melhor das impressões. Procurei conhecer melhor a professora, antes de nossa conversa. Já tinha contato com seus comentários nos jornais da cidade. Encontrei livros de poesia no Arquivo Histórico e seu último livro: uma coletânea dos textos publicados no jornal. Impressionava-me a quantidade de livros comentados. De sua vida eu sabia pouco. Somente que era solteira e morava sozinha em um bairro de “classe média-alta”. Tinha uma irmã que também vivia só. Em seus livros pouco encontrei sobre sua vida. Algumas vezes comentava um encontro com algum escritor. Resolvi retornar ao arquivo antes da entrevista. Encontrei, também, uma foto sua no álbum de formatura de uma das entrevistadas. Seu sorriso contrastava com a imagem que eu havia construído. Através de seus livros e de uma revisão dos autores que eu conhecia, preparei meu ingresso no universo cultural da professora Ivanira.

Após apresentar-me, procurei construir pontes que nos aproximassem: falei de Fernando Pessoa, Gabriel García Márquez e Umberto Eco. A professora fez também alguns comentários e completou: *Veja você! Quem lê esses livros hoje em dia?* Consegui atravessar a ponte. Já podíamos começar a entrevista e pedi para gravar a conversa. Ela recusou-se categoricamente. Então comecei a anotar tudo e isto também a aborreceu. Disse a ela que uma das duas coisas era preciso fazer, e então ela cedeu à gravação. Depois de ligar o gravador, a conversa sobre literatura continuou por alguns minutos, o que permitiu um diálogo mais “solto” e aberto. Ivanira forneceu-me, naquele mesmo dia, fotos e anotações sobre apresentações que promovia com as alunas. Enfim, a conversa foi tão proveitosa que ficou combinado um novo encontro para que me passasse mais material.

Diante da riqueza das entrevistas, optei pela análise dos relatos separados, deixando para o leitor as singularidades das memórias pessoais. Elas viveram no *Puríssimo* entre 1930 e 1950. Busco suas lembranças pessoais, mas encontro também uma memória social, familiar e grupal. O Colégio abrigou estas mulheres tão diferentes entre si. Veremos como elas viveram a escola, quais eram suas amigas, suas aflições e alegrias. Veremos quantos irmãos tinham, onde passeavam, onde namoravam, estudavam e trabalhavam. Elas contam, aqui, sua história do *Puríssimo*. Pretendo encontrar as imagens do Colégio que *emergem na consciência como produto do coração*¹⁹.

¹⁹ BACHELARD, Gaston (1984). *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural. p.342.

Quanto à transcrição destas conversas/entrevistas, sabemos que a fidelidade encontra como obstáculos os reduzidos recursos da pontuação e a impossibilidade de transcrição da entonação, ritmo, linguagem de gestos, da mímica e de toda postura corporal. Assim, as transcrições foram textualizadas e expostas de modo a não interromper os devaneios e lembranças, a fim de evitar a distorção do conteúdo e em respeito ao que cada ex-aluna ressaltou em sua vivência no Colégio.

Assim, transcrever é necessariamente escrever, no sentido de reescrever: como a passagem do escrito para o oral que o teatro faz, a passagem do oral ao escrito impõe, com a mudança de base, infidelidades que são sem dúvida a condição de uma verdadeira fidelidade²⁰.

O que sugere Bourdieu é que o discurso seja desembaralhado, tornando-o legível para quem não o ouviu. Esta foi a minha tentativa ao transcrever as entrevistas.

Com estas primeiras aproximações, tenho como objetivo entender as relações das famílias e instituições com o Colégio *Puríssimo*, procurando delimitar as relações de força e interesse que determinaram a instalação desse Colégio em Rio Claro e sua “construção” e representação no campo simbólico. Portanto, uma análise do espaço material e simbólico da instituição. Procurei, nestas fontes, as imagens do Colégio, acreditando que as cerimônias aí realizadas revelam uma parte de seu programa cultural, onde está contida a idéia de escola de qualidade e os meios utilizados para a transmissão dessa idéia.

O primeiro capítulo procura discutir os motivos da instalação, em Rio Claro, de um Colégio pertencente a uma Congregação situada no Sul do País, focalizando o ano de 1909. O capítulo dois continua essa discussão, buscando compreender os interesses das famílias e da Congregação nessa fundação. Apresenta, ao mesmo tempo, aquilo que a *Chronica* relata como projetos bem sucedidos do Colégio e a construção de sua imagem. Para este capítulo, fiz a opção por olhar dois momentos diferentes - o início do século XX e o período que se inicia na década de 30 - que trouxeram mudanças significativas para o País e, conseqüentemente, para famílias, Igreja e campo educacional. No terceiro capítulo, apresento o relato de Dolores Gimenez, entrelaçado com as questões desta pesquisa.

²⁰ BOURDIEU, Pierre (1997), *op. cit.*, p. 710.

O quarto capítulo discute as cerimônias que mais ganharam destaque na história do Colégio; ali analiso a hipótese de sua contribuição para a imagem que a escola desejava transmitir. Novamente, no quinto, um relato: Therezinha Sitolin apresenta sua história. O capítulo seis apresenta algumas ligações possíveis entre o eterno feminino, a imagem do Colégio e a *pedagogia do exemplo* aí desenvolvida. Finalmente, o capítulo sete traz o relato de Ivanira Bohn Prado.

Espero que esta pesquisa contribua para se pensar o estado atual do Colégio *Puríssimo* e da educação católica de um modo geral.

*A exigência de rememoração do passado não implica simplesmente a restauração do passado, mas também uma transformação do presente tal que, se o passado perdido aí for encontrado, ele não fique o mesmo, mas seja, ele também retomado e transformado*²¹.

²¹ GAGNEBIN, Jeanne-Marie (1994), *op.cit.*, p.19

Capítulo 1

A herança da inspiração divina

Querendo Nosso Senhor que a singela cidade de Rio Claro prosperasse espiritualmente como prosperava materialmente, inspirou ao Revmo Cônego Francisco Botti, Vigário da mesma, que abrisse um collegio de religiosas, para o ajudarem nessa santa empresa.

Não foi muito difficil porque em 1909 o Revmo Vigário, indo a Santos teve conhecimento das Irmans do Puríssimo Coração de Maria ahi estabelecidas. Dirigindo-se a ellas com a respectiva licença de S. Exa D. João Baptista Nery, então Bispo de Campinas, convidou-as a se estabelecerem nesta cidade, e fundarem um collegio para a educação e instrução da mocidade rioclarense.

Estando o primeiro passo dado, o Revmo Vigário foi a Campinas levar a nova ao Exmo Revmo Snr. Bispo. Este, dirigiu-se ao Exmo Revmo Snr Bispo de Porto Alegre o qual attendeu logo o pedido. Em seguida veio ordem em carta expressa para a Superiora do Asylo de Orphams da cidade de Santos, Madre Maria Clementina dos Anjos, vir com outra Irmã, informar-se se seria conveniente fundar nesta cidade o mencionado collegio.

Aos 25 de Março do mesmo anno vieram as Irmans. Depois de bem informadas e muito satisfeitas, não encontrando inconvenientes, acceitaram¹.

Em meio a um emaranhado de ordens, pedidos, cartas e viagens, a inspiração divina ressalta no primeiro impulso de instalação de um colégio católico em Rio Claro. Este capítulo focaliza o ano de 1909, ano da instalação do Colégio *Puríssimo Coração de Maria* nessa cidade. Ali, assim como em todo o País, vivia-se um período de reestruturação e crise. Reestruturação política em um novo regime que pretendia resolver a crise econômica. A Igreja Católica também passava por transformações, com o fim do padroado, após a

¹ *Livro de Chronica*, manuscrito, p. 2.

proclamação da República. Foi então que o padre Francisco Botti resolveu fundar uma escola no interior do Estado, onde exercia seu sacerdócio. Observemos mais de perto o quadro.

Monsenhor Botti nasceu na Itália, na província de Salerno, em 1865. Ingressou no Seminário da Abadia de *Cava dei Terreni* ainda menino, aos dez anos. Foi ordenado sacerdote em 1887 pela Ordem dos Redentoristas. Desempenhou suas funções na Itália até os 26 anos de idade, sendo professor e vice-diretor do Seminário da Abadia. Veio para o Brasil em 1891. Sua sucinta biografia² não nos informa o motivo, mas podemos fazer suposições, olhando ao redor deste personagem.

Em âmbito geral, enfraquecida devido às conseqüências da Revolução Francesa e com o avanço do liberalismo, a Igreja Católica passava, desde meados do século XIX, por um período de reordenação de sua filosofia, procurando, com novos empreendimentos, formas outras de garantia de seu capital simbólico e econômico que não a aliança institucionalizada com o Estado. O chamado ultramontanismo ou romanização consistia num processo de expansão do Catolicismo de Roma sob a influência direta do papado. Através da encíclica *Quanta cura* e o *Syllabus errorum*, a Igreja condenava os “erros modernos”, a saber: o racionalismo, o liberalismo, o socialismo, o protestantismo, o espiritismo e a maçonaria. Proclamada a infalibilidade papal pelo Concílio Vaticano II, procurava-se centralizar a obediência a Roma. Diante da perda de territórios na Europa, a Igreja reforçou sua presença em diversos países, dentre eles o Brasil. Dessa forma a autoridade romana seria resgatada para além da Europa.

No Brasil, a Igreja Católica reestruturava-se, procurando estender igrejas e seminários por todo o território nacional, atingindo grandes e pequenas cidades. Sua construção institucional e federalização³ iniciaram-se no início do século XX, logo após o fim do padroado e a mudança de regime. O rompimento dos laços institucionalizados com o Estado gerou a necessidade de uma organização interna e de uma expansão por todo o território nacional. A urgência da expansão das instituições católicas revelava-se, diante da expansão de outras religiões no País, com a liberdade de credo que acompanhava a República:

² FERRAZ, *op.cit.*

³ MICELI, Sérgio (1988). *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil.

A partir da segunda metade do século XIX, protestantes americanos das mais diferentes confissões, quer tenham sido elas metodista, batista, presbiteriana, congregacionista etc, entendiam que, por ser o Brasil uma nação marcada pelo catolicismo romano, carecia ela da iniciativa deles em levar a sua versão da mensagem evangélica missionária⁴.

Além da propagação de outras religiões no País, a Igreja Católica enfrentou também a Maçonaria, que alcançou grande crescimento no início do século XX no Brasil todo, principalmente no oeste paulista, passando por um processo de “federalização” semelhante àquele que ocorria com a Igreja Católica⁵. Assumindo, em geral, uma postura liberal e optando pelo ensino laico, a Maçonaria encarou sérios embates com a Igreja Católica antes da Proclamação da República. A chamada “Questão Religiosa” (1872) foi o mais importante e impulsionou os maçons para uma ação, no Parlamento e na imprensa, contra a Igreja. Esta, ao condenar os erros modernos (Encíclica *Quanta Cura*), colocava entre eles a liberdade de consciência e, portanto, a liberdade de religião e a ação secreta dos maçons. A fim de resolver a Questão, as Lojas Maçônicas, cindidas em duas Obediências diferentes, uniram-se temporariamente. É fato, também, que muitos maçons uniam-se a protestantes e republicanos contra o ultramontanismo da Igreja nas primeiras décadas da República, pois a Encíclica atingia a todos. A Maçonaria esteve ligada também a projetos abolicionistas e propagou ideais republicanos; procurou também ocupar o vazio do Estado com relação à

⁴ Já em 1859 foi fundada a primeira Escola Dominical Presbiteriana no Rio de Janeiro. Após a segunda guerra, com a imigração de grupos do sul dos Estados Unidos para o Brasil, a Presbyterian Church in the United States enviou missionários para manutenção da fé dos imigrantes e ampliação do número de adeptos. Grande parte desses missionários foi encaminhada principalmente para o interior de São Paulo, especialmente para a atual cidade de Americana. Em 1869 os reverendos Morton e Lane iniciaram os projetos para a instalação de um colégio para meninos em Campinas. A iniciativa contava com o apoio da elite campineira que, para Bencosta, buscava identificar-se, através da educação, com as sociedades européias. Os reverendos contaram com o apoio de republicanos que atacavam a educação promovida pelo Império e o ultramontanismo da Igreja Católica. O *Collegio Internacional* (1873) tinha como proposta formar alunos aptos para os exames nas academias de ensino do Império, como também para as universidades européias e norte-americanas, propagando a tradição protestante americana e recrutando ministros. BENCOSTA, Marcus Levy Albino (1996). *Ide por todo mundo: a província de São Paulo como campo de missão presbiteriana, 1869-1892*. Fapesp, Centro de Memória da Unicamp: Campinas, p. 39

⁵ A história da maçonaria no Brasil apresenta diversas rupturas. A primeira delas aconteceu em 1830, quando Nicolau Vergueiro desligou-se do Grande Oriente do Brasil, fundando a Grande Oriente da Rua do Passeio. A separação aconteceu por divergências ideológicas entre Vergueiro e José Bonifácio, Grão-Mestre da Grande Oriente, sendo o primeiro contrário ao absolutismo e defensor da República e o segundo assumindo posição oposta. Havia, portanto, Lojas que apresentavam características mais ou menos liberais. In: BARATA, Alexandre Mansur (1999). *Luzes e sombras: a ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória Unicamp.

educação, mantendo escolas laicas. Em certos momentos aliadas, em outros, inimigas, nos primeiros anos da República Maçonaria e Igreja colocavam-se em posições opostas.

Diante das novas dificuldades que a Igreja necessitava enfrentar, ainda havia divergências internas e oposição de dois grupos, especificamente em São Paulo, frente às necessidades de mudanças⁶: um deles a favor do reformismo liberal-regalista e outro pela revitalização ultramontana. O primeiro deles colocava-se a favor do controle da Igreja pelo Estado, defendia uma Igreja societária e a manutenção de uma relação de coordenação com Roma. Esse grupo propunha, ainda, o presbitério como função acessória junto ao governo da diocese e a abolição do celibato clerical. O segundo grupo tinha como objetivo a “espiritualização” do clero e o desligamento dos problemas sociais e políticos, combatendo, ao mesmo tempo, os princípios do liberalismo radical e as “idéias modernas”, buscando a revitalização da Igreja na rigidez das normas fixadas pela Igreja de Roma. Destaca-se, neste período, o ataque dos ultramontanos contra o artigo da constituição que definia o ensino leigo nas escolas. Para Lustosa, *as circunstâncias da infiltração oficial do 'laicismo' na coisa pública precipitaram os anseios, os interesses e as motivações de muito padre e de muito leigo para a militância política*⁷.

Parece que este não foi o caso de Monsenhor Botti, que desembarcou no Brasil em 1891, um ano após os primeiros movimentos da Igreja em direção à reestruturação e expansão, o que se estenderia por volta da década de 30 do século XX. Ao chegar ao Brasil, foi-lhe confiada a Paróquia de Piquete, no Estado de São Paulo. Em 1893 foi enviado para a Paróquia do Carmo, no sul de Minas Gerais. Dois anos depois foi nomeado vigário de Itapetininga, onde remodelou e ampliou o prédio da Igreja. Após essa reforma, muitas outras se seguiram nas cidades por onde padre Botti passou. Em 1901, em Santa Cruz do Rio Pardo; em 1903, em Cravinhos e, finalmente, em 1907, em Rio Claro. As reformas acompanhavam outras obras, principalmente a fundação de associações. Segundo Romeu Ferraz,

⁶ MESCHIATTI, José Eduardo (2000). *Sonho de Moral: presença salesiana em Campinas*. Unicamp: Campinas, dissertação de mestrado.

⁷ LUSTOSA, Oscar Figueiredo (1990). *A Igreja Católica no Brasil e o Regime Republicano*. São Paulo: Ed. Loyola-CEPEHIB., p.24.

O seu incansável apostolado nesta cidade (Rio Claro) é verdadeiramente miraculoso. Organiza mais de trinta associações religiosas e se dedica, com toda a alma, à caridosa tarefa da construção do Asilo de São Vicente, uma das mais fulgurantes realizações⁸.

Segundo o jornal *O Alpha*, nas reuniões para a construção do Asilo, padre Botti contou com a presença da elite da cidade dedicada à filantropia. Para a construção da Igreja Matriz na cidade recebeu o auxílio dessa mesma elite. Sua atitude indicava muito mais conciliação do que impulso para discussões políticas.

Em 1909, monsenhor Botti convidou as Irmãs do Imaculado Coração de Maria a instalarem uma escola em Rio Claro. Certamente, Francisco Botti estava envolvido com as estratégias para expansão do ultramontanismo aqui no Brasil. Dentre elas estava a escolha de bispos que estivessem impregnados pela romanização. Em São Paulo, a suplantação do catolicismo iluminista regalista pelo ultramontano ficou a cargo de D. Antonio Joaquim de Melo⁹. O Seminário Episcopal de São Paulo era o foco irradiador dos bispos que seguiam a orientação ultramontana de D. Antonio: fundavam seminários episcopais dirigidos por padres estrangeiros e ultramontanos, faziam prolongadas visitas pastorais e promoviam a vinda de freiras européias para a educação da juventude feminina. Assim, as Irmãs de São José de Chambéry foram convidadas por D. Antonio a assumir um colégio feminino em Itu, interior de São Paulo.

Sujeitando-se pouco a pouco às medidas centralizadoras tomadas por Roma, o catolicismo brasileiro passava de colonial para um catolicismo universalista, onde se buscava a rigidez moral e doutrinária na formação de um clero obediente¹⁰. Para Miceli, a política expansionista da Igreja Católica no Brasil voltava-se para duas direções: reconquistar os espaços ameaçados com a ruptura com o Estado e recrutar novos grupos para constituírem a elite eclesiástica. Assim, no Brasil, a Igreja Católica procurou assumir uma postura expansionista e patrimonialista, sem abrir mão da romanização exigida pelo clero romano, através de alianças político-doutrinárias com grupos dirigentes. Havia a necessidade de

⁸ FERRAZ, *op.cit.*

⁹ WERNET, Augustin (1987). *A Igreja Paulista no Século XIX*. São Paulo: Editora Ática.

¹⁰ Em Campinas, segundo Meschiatti (*op.cit.*), o processo de romanização do clero começou com a reforma da Irmandade do Santíssimo Sacramento, no século XIX. Romeu Ferraz (*op.cit.*) relata que irmandade de mesmo nome foi criada em Rio Claro, no ano de 1847, com o Padre Manoel Rosa de Carvalho, provavelmente um impulso para a romanização também nesta cidade.

acúmulo de patrimônio, de combate a outros movimentos religiosos e de recrutamento de pessoas. Mas,

*como a definição social de sua contribuição às relações de força entre as classes acaba impedindo-as de se lançarem de 'corpo inteiro' (no duplo sentido da expressão) no processo de reprodução de seu pessoal, tendem a operar nessa área através de "biombos institucionais" (obras vocacionais, escolas profissionais, internatos e orfanatos, etc) e de agentes especiais de recrutamento (...)*¹¹.

Reconquistar espaços significava também encontrar novas formas de manutenção da instituição. Diversos textos escritos no período retratam a angústia pela qual passavam muitos religiosos. Entre esses textos está a carta pastoral de D. Silvério Gomes Pimenta, bispo auxiliar de Mariana, intitulada *Sem o auxílio do Estado como se manterá a Igreja?* Assim ele expressa suas aflições:

*O Governo do Brasil não terá mais nenhuma relação com a Igreja Católica; e oxalá a indiferença pare aí! Nossa Igreja fica dora em diante privada do minguado subsídio que a custo lhe prestava o regime passado, e com o qual mal se podia manter*¹².

E, em seguida, exorta os católicos a manterem viva a Igreja:

*Portanto, meus amigos, sustentem todos a Religião. Trabalhem todos para que no Brasil o Estado e a Igreja se entrelacem, como podem e devem fazê-lo, no interesse do povo e para salvação da pátria. O Estado dando à Igreja todo o prestígio, toda a força moral, e procurando também infundir nos seus códigos, nas suas leis, nas suas instituições, o sentimento cristão que fortalece as almas, enobrece os corações e retempera as raças; a Igreja, por seu turno, dando ao Estado, como deve, em testemunhos de civismo, a prova de que não tem a sua fé escravizada às cadeias do passado*¹³.

A carta de D. Silvério é exemplar quanto à angústia que assaltava uma parte dos eclesiásticos a respeito de quem sustentaria a Religião e, ao mesmo tempo, profética, ao definir como deveriam se desenvolver as relações entre Igreja e Estado, sob o novo regime. O prestígio mútuo entre as duas instituições serviria, mais tarde, para formar uma rede de

¹¹ MICELI, Sérgio (1988). *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, p.107.

¹² PIMENTA, D. Silvério Gomes. *Sem o auxílio do Estado como se manterá a Igreja?* Carta Pastoral, 11/02/1891. In: LUSTOSA, *op.cit.*, p.82

¹³ *Ibid*, p. 100.

ampliação de poder onde ambas se fortaleceriam e se apoiariam. No entanto, cabe ressaltar que nem todos os setores ou grupos da Igreja assumiram postura contrária à Proclamação da República e muitos, descontentes com o Império, aplaudiram o novo regime.

O cenário onde monsenhor Botti atuou e onde a inspiração divina lhe chegou sob a forma de uma ordem, segundo a *Chronica*, apresentava ainda algumas particularidades. Em Rio Claro surgiam conflitos em torno das diferentes religiões que a cidade passou a abrigar. No ano de 1908 encontram-se alguns artigos no Jornal *O Alpha*¹⁴ que indicam que a hegemonia da Igreja Católica era questionada na cidade. Este jornal se autodefinia como um *hebdomadário literário, científico, noticioso e industrial* que tinha como programa *afastar-se das discussões políticas e religiosas, resumindo sua missão política em difundir a luz*¹⁵. É necessário esclarecer que o jornal publicava notícias políticas dedicadas ao coronel Joaquim Sales, destacando seu caráter, o que apontava a ligação desse veículo ao PRP (Partido Republicano Paulista) da cidade.

Desde a edição do dia 01 de julho de 1908, os senhores Faustino Ribeiro Júnior (evidentemente católico) e Cairbar (que nestes artigos defendia a doutrina espírita) discutiram, através da publicação alternada de crônicas, diversos temas abordados sob os dogmas e doutrinas de cada uma dessas religiões, ao mesmo tempo apontando as supostas falhas da religião do adversário. Também nos dias 03 e 04, aproximadamente um ano antes da chegada das irmãs na cidade, um certo Dr. Ford assinou, na sessão *Chronica*, um texto cujo tema aborda o que ele considerava os *abusos da Igreja Católica* no campo religioso. Para Dr. Ford, esses abusos eram conseqüências do romanismo. Para ele, a Igreja não podia considerar-se única por dois motivos: *1. porque os pastores succederam-se em 3 igrejas principaes; 2. porque a actual igreja de Roma não é a verdadeira primitiva*. Continua: *Perguntar-nos-ão: Quem guardou a Bíblia e quem canonizou-a? Perguntamos nós: A Bíblia por ventura precisa de canonização? Esta aumenta ou diminui alguma cousa?*¹⁶ E ainda criticava: a Igreja Católica instituiu a Inquisição, as Cruzadas, a tirania e publicava a Bíblia a preços exorbitantes ao invés de difundi-la. Ainda no mesmo jornal do dia 14/07/1908, à página 1, há a crônica de Leon Martin contra um certo jesuíta de São Bento: *a terra dos*

¹⁴ O jornal *O Alpha* passou a circular na cidade e região a partir de 1878 e pertencia a Augusto Cintra.

¹⁵ FITTIPALDI, Fernando C. (1986). *A imprensa em Rio-Clarense no século XIX*. Rio Claro: Arquivo do Município, p.4.

¹⁶ *O Alpha*, p.1

bandeirantes jamais será dominada pelo elemento ultramontano, jamais esse elemento firmará aqui o seu domínio. Inúmeros textos aparecem no jornal criticando os jesuítas, a Igreja e utilizando frases de efeito. Os colaboradores do *Alpha* avisavam: *a pátria está em perigo*¹⁷, e quem a ameaçava era a romanização da Igreja Católica¹⁸.

Podemos imaginar as angústias de monsenhor Botti. Seis meses antes da vinda, para Rio Claro, de uma escola pertencente a uma Congregação Católica, as discussões em torno da validade de suas doutrinas estavam acaloradas na cidade. Além disso, o luteranismo, presbiterianismo e espiritismo ali se faziam presentes com suas instituições e também fundando escolas¹⁹. Rio Claro foi, também, região de grandes fazendas e com numerosa população de escravos, o que nos faz supor que, apesar da ausência do tema na historiografia local, religiões africanas também marcavam presença significativa. Em 1860, muitos imigrantes suíços e alemães de confissão luterana estavam presentes na região e data dessa época notícia de missionário americano pregando em casa de alemães. Como na Antiguidade, a educação cristã precisava, mais do que nunca, ser durável na unidade do ser, para que fosse possível mantê-la e reproduzi-la, criando no indivíduo *uma disposição geral do espírito e da vontade que lhe faça ver as coisas em geral sob uma luz determinada*²⁰. A escola, sendo uma instituição moral, pode e cria esse efeito durável.

Mas o catolicismo ainda contava com o maior número de adeptos em uma cidade onde poder temporal e espiritual estiveram juntos desde sua formação, desenvolvendo-se simultaneamente em torno da ferrovia e da igreja matriz de São João Batista. Nas terras do Morro Azul (região de Rio Claro), antes da divisão em sesmarias, certamente existia algum tipo de expressão de religiosidade. Um catolicismo não oficial, mas popular, nômade e errante, porque dessa forma viviam as famílias nessa região. Mas esses primeiros habitantes não conseguiram manter a posse de suas terras e, tampouco, de sua religiosidade. Em sua grande maioria foram expulsos por estranhos que conseguiam títulos das terras. Junto com

¹⁷ *O Alpha*, 04/08/1908, p.1.

¹⁸ Outros artigos ainda indicam a provocação do jornal ao catolicismo ultramontano. Os títulos fornecem uma idéia do desenrolar das discussões: *A mentira católica* (04/07/1911), *Pelo divórcio* (05/07/1911), *Jesus, Budha e Confúcio* (09/07/1911). Do mesmo modo há também artigos que apoiavam a política ultramontana e digladiavam com os outros nas páginas do *Alpha*.

¹⁹ Em 15/7/1908 o jornal *O Alpha*, noticia a chegada de um pastor evangélico à cidade. O espiritismo já estava presente na cidade desde 1865 e em 1907 funda o Centro Espirita Fé e Caridade.

²⁰ C'est créer chez lui une disposition générale de l'esprit et de la volonté qui lui fasse voir les choses en général sous un jour déterminé. DURKHEIM, Émile (1969). *L'évolution pédagogique em France*. Presses Universitaires de France: Paris. p.37.

os grandes fazendeiros chegou a religião oficial que servia à legitimação de seu poder. Por longo período o catolicismo esteve intimamente ligado ao poder temporal dos fazendeiros em Rio Claro, assim como ao Império. Em 1827 chegou à cidade Padre Delphino da Silva Barbosa, junto com o capitão Francisco da Costa Alves, um dos fazendeiros locais. Quando a cidade recebeu autorização para elevação à capela curada, houve discussão entre os Pereiras e os Costa Alves, cada qual desejando que a capela fosse construída em suas terras. Conta a historiografia local que Antonio Paes de Barros foi nomeado (não se menciona quem o nomeou) para resolver a questão.²¹ Decidiu que a capela seria construída em terras que faziam limites com três grandes fazendas: da família Pereira, de Manoel Afonso Taborda e de Manoel Paes de Barros (sogro de Antonio, o responsável por tal decisão). Na capela foi colocada a imagem de São João Batista, que padre Delphino trouxera consigo. A cidade adotou o nome de São João Batista do Ribeirão Claro e, assim como a linha férrea cortava enormes propriedades rurais, a capela, também situada nos limites de três grandes fazendas, como centro de poder espiritual, determinou o crescimento da cidade em torno de si. O processo de urbanização em Rio Claro, assim como em outras cidades²², está intimamente ligado ao processo de revitalização da Igreja Católica.

Provavelmente durante certo tempo a população sentiu efeitos drásticos da religião oficial. A Irmandade de São Benedito foi dissolvida pelo vigário em 1884. Os protestantes da cidade tinham ministros, mas a evangelização não era legalmente permitida. Segundo Dean²³, Vergueiro coagia os escravos a participarem de festas, procissões e missas em suas fazendas. Uniam-se a dominação burocrática, carismática e simbólica²⁴. Igreja e elite nunca se distanciaram, a não ser oficialmente, após a Proclamação da República, o que não impedia que uma continuasse a legitimar o poder da outra e que utilizassem símbolos comuns.

Para Miceli,

²¹ FERRAZ, *op.cit.*

²² LUSTOSA, *op.cit.*

²³ DEAN, Warren (1997). *Rio Claro – Um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

²⁴ WEBER, Max. (1999). “Sociologia da dominação”. *Economia e Sociedade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. Vol 2.

*a separação (entre Igreja e Estado) não significou uma ruptura com os grupos dirigentes locais nem suscitou um redirecionamento das políticas e dos investimentos da Igreja com vistas a ampliar seu público fora do espaço da classe dirigente ou a estabelecer alguma forma de atendimento às demandas de setores sociais subalternos*²⁵.

A política de estadualização da Igreja era implementada via estratégias diferenciadas, conforme o peso político e a contribuição econômica para manutenção do pacto oligárquico. A estadualização do clero *converteu a Igreja em espaço de encenação das solenidades de legitimação e ostentação do poder oligárquico, quer por ocasião das festividades (...), quer através de rituais de serviço com o timbre eclesiástico*²⁶. Ao mesmo tempo, a oligarquia entregava à Igreja a responsabilidade pelo ainda incipiente setor educacional.

Assim, a romanização no Brasil assumiu um estilo de mando episcopal europeizado: pastorais como instrumento de difusão das palavras de ordem eclesiásticas, retiros e sínodos anuais, viagens a Roma para prestação de contas, novos padrões litúrgicos para as solenidades de culto, divisão do trabalho diocesano ajustada a essas mudanças. Entre o programa básico de itens a serem implantados nas dioceses (frentes de atuação) estava a fundação de estabelecimento de ensino e de jornais ou periódicos, edificação do palácio episcopal, criação do Seminário Diocesano e construção ou reforma da catedral. Os colégios e escolas podiam significar aproximação com as elites e fonte estável de renda para financiar obras diocesanas. Para Miceli, a chamada República Velha foi a fase áurea de expansão dos colégios em quase todas as cidades-sede das novas circunscrições eclesiásticas.

*A Igreja contribuiu amplamente para a unificação do sistema político republicano e para manutenção da ordem social vigente através de seu envolvimento intenso nos diversos domínios de atividade onde logrou alcançar uma posição de virtual monopólio. A criação e gestão dos estabelecimentos de ensino primário, secundário, agrícola e profissional converteram a organização eclesiástica no maior e mais importante empresário da rede de ensino privada, exercendo o controle sobre 70% das instituições em funcionamento no final dos anos 20*²⁷.

²⁵ MICELI, *op.cit.*, p. 21.

²⁶ MICELI, *op.cit.*, p.22.

²⁷ *Ibid.*, p. 149.

A preocupação da Igreja com a conquista de novos espaços, o recrutamento e a manutenção financeira tinha, portanto, como uma das principais vias de solução a fundação de escolas católicas, o que ia ao encontro dos interesses da elite.

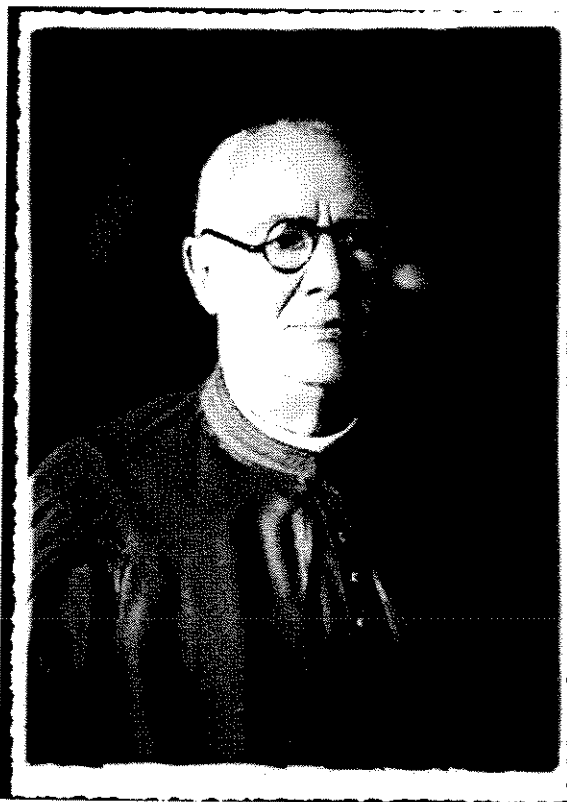
*A educação fora laicizada, a religião fora eliminada dos currículos, e os governos, federal e estaduais, estavam proibidos de subvencionar escolas religiosas. Nada disso, entretanto, impediu que a prestação de serviços educacionais para as elites passasse a constituir a diretriz-mor da política expansionista seguida pela organização eclesiástica*²⁸.

A igreja brasileira, neste período, trabalhou com duas grandes forças: os benfeitores abastados e o Vaticano.

Retomemos, mais uma vez, as mudanças em Rio Claro. Em 1907, ao assumir a paróquia, Monsenhor Botti empreendeu uma reforma interna na igreja matriz. Logo em 1912, outra reforma foi iniciada. Desta vez de grandes proporções: a reforma durou 14 anos e contou com o auxílio financeiro do povo e do conde Matarazzo, *de quem o cônego era particular amigo*²⁹. Ainda sob sua responsabilidade, foram instituídas diversas associações, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário; trouxe para Rio Claro, em 1910, os padres carlistas e, em 1915, os padres estigmatinos. Estes últimos fundaram, em 1921, a *Associação dos Estigmatinos para Educação e Instrução Popular*, ou *Seminário Estigmatino*, no bairro da Santa Cruz. Em 1929, fundou-se o *Escholasticado Claret* como instituto de estudos superiores dos alunos professos. Dentro dos diversos impulsos em direção à revitalização da Igreja empreendidos por monsenhor Botti, aqueles dedicados à formação de eclesiásticos voltaram-se, em sua maioria, para o sexo masculino. O Colégio *Puríssimo Coração de Maria* foi fundado em 1909, dois anos após sua chegada a esta cidade. Até 1940, monsenhor Botti participou freqüentemente dos acontecimentos do *Puríssimo* e foi, por muitas vezes, homenageado por esta escola, tendo sua foto nos álbuns de formaturas das alunas do Curso Normal.

²⁸ MICELI, *op.cit.*, p. 23.

²⁹ PEREIRA, *op.cit.*, p.45



Monsenhor Francisco Botti. Fonte: álbum de formatura
de aluna do Curso Normal, s/d.

Podemos supor, portanto, que a iniciativa de monsenhor Botti se deveu a estes três fatores: a política de reestruturação e expansão da Igreja Católica em duas direções (reconquista de espaços e recrutamento), a situação específica do campo religioso na cidade de Rio Claro e uma demanda da elite para educar seus filhos. O Brasil apresentava-se como território favorável para a expansão do ultramontanismo no início do século XX por apresentar níveis de ensino praticamente inexplorados, o que poderia constituir bons negócios para confissões religiosas. Ao mesmo tempo, o ensino também serviria como espaço de recrutamento de pessoal, à época bastante escasso.

Até a data da fundação do Colégio *Puríssimo* havia somente quatro escolas católicas na região: em Araras, Campinas, São Carlos e Sorocaba. Já nos dez anos seguintes (de 1909 a 1919), o número de fundações de colégios, escolas ou obras sociais católicas praticamente dobrou e esse crescimento continuou se acentuando nos próximos dez anos, chegando a 12

fundações³⁰. De 1849 a 1889, a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria havia fundado ou dirigido 8 escolas (ver anexos I e III). Após a Proclamação da República, somente no período de 1900 a 1910, esse número cresceu para quatorze³¹. Essa década e a década de 30 representam os períodos de maior expansão em número de escolas da Congregação. De 1930 a 1940 registraram-se 16 fundações.

Monsenhor Botti, enviado da política ultramontana e servo da vontade divina que se acredita expressa nessa política, pode ter sido o impulso para a fundação do *Puríssimo*. Do outro lado do desejo de expansão de escolas empreendido pela Igreja estava a Congregação do Imaculado Coração de Maria.

À época da fundação do *Puríssimo*, a superiora da Congregação era Madre Maria Margarida de São José, cujo nome secular era Bárbara Landerl. Madre Margarida foi a terceira superiora, mantendo-se no cargo de 1889 a 1913. Nasceu em Waldnerkirchen, subúrbio de Viena, na Áustria, em 1833 e ingressou na Congregação com 13 anos. Madre Margarida presenciou todas as dificuldades iniciais das irmãs. Vejamos um pouco da história dessa Congregação³² da qual o *Colégio Puríssimo* faz parte:

A Congregação foi fundada pela jovem Bárbara Maix em Viena, na Áustria, em 1843. Bárbara conviveu com a pobreza desde muito cedo. Órfã de pai e mãe, aos quinze anos deixou sua casa e passou a viver em uma casa para educação de moças, aprendendo lá o ofício de modista. Junto com outras amigas de profissão alugaram um prédio e criaram uma pensão onde empregadas pudessem se hospedar em períodos de desemprego. Essa pensão tornou-se, mais tarde, um instituto onde se ensinavam diversos trabalhos manuais. Paralela à criação do instituto fundaram, com o auxílio do Padre Pöckl, a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Para as irmãs vienenses, o menino Jesus aparecia a Bárbara e certa vez teria lhe dito: “Fundar a Congregação de minha mãe”³³. A mística em torno de Bárbara³⁴, seu dom e suas visões, promoveu o crescimento do número de irmãs e muitas daquelas empregadas que lá se hospedavam ingressaram para a Congregação. Em 1848, a Congregação se viu obrigada a deixar seu país de origem. As revoluções de inspiração liberal e/ou democrática que se espalhavam pela Europa demonstraram, também na Áustria, uma forte

³⁰ MOURA, Pe. Laércio Dias (2000). *A educação católica no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.

³¹ Relatório de Obras. Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Sociedade Educação e Caridade.

³² Os textos menores presentes neste trabalho referem-se a rápidos resumos da história, seja da Congregação ou da cidade, e os textos menores em itálico são citações.

³³ BORTOLUZZI, Pe. Octávio Cirillo (1996). *Documentário*. 2a ed. Porto Alegre-RS, Gráfica Dom Bosco, p.43.

³⁴ Atualmente o processo de beatificação de Bárbara Maix está em andamento.

perseguição às Ordens Religiosas, o que levou as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, juntamente com a fundadora, a partirem³⁵. Não se sabe ao certo porque vieram para o Brasil. A comunidade de Bárbara foi acolhida no Rio de Janeiro pelas Irmãs Concepcionistas do Convento da Ajuda. Obtida a aprovação eclesiástica, Bárbara fundou aqui a Congregação do Imaculado Coração de Maria.

Em suas cartas, já no Brasil, Bárbara Maix deixa clara sua posição de que o auxílio aos mais pobres e excluídos deve ser a prioridade da Congregação³⁶. Mas, em solo brasileiro, sem saberem o idioma e sem terem para onde ir, as irmãs assumiram diversos trabalhos propostos por particulares, pela maçonaria e pela própria Igreja Católica. Em 1849 assumiram a direção do Colégio dos Passos, em contrato assinado com a Irmandade de Nossa Senhora do Terço. Logo diversas dificuldades surgiram. Algumas famílias consideravam a educação ministrada pelas irmãs extremamente grosseira, já que as próprias pensionistas deveriam limpar e cuidar de seus pertences e de seu espaço³⁷. Essas atitudes contrastavam com o modelo francês de educação, então em voga entre grupos de elite. Com medo da perda de muitas alunas, a Irmandade encerrou o contrato com as irmãs. Naquele mesmo ano, as irmãs vienenses tentaram em vão manter um colégio próprio. Com número reduzido de alunas, foram obrigadas a fechar o colégio e mudaram-se para a Ilha do Bom Jesus, que lhes foi cedida em empréstimo pelos Padres Franciscanos. Ali também abriram um colégio, que logo foi fechado. As dificuldades para se fixarem e manterem um colégio próprio continuaram e as irmãs assumiram trabalhos diversos como o Asilo Santa Leopoldina, em Niterói, que pertencia à Irmandade de São Vicente de Paulo, o Asilo e Pensionato Nossa Senhora da Conceição, instalados em Pelotas (RS) e fundados pela Loja Maçônica União e Concorrência e o Pensionato e Asilo Nossa Senhora da Conceição, também em Pelotas. Importa notar que, nestes três casos, as irmãs atendiam a pensionistas e, geralmente em prédio anexo, atendiam a crianças carentes. Alguns dos trabalhos em asilos, creches e escolas foram bem sucedidos e por muitos anos administrados pela Congregação; outros foram fechados ou tiveram a administração assumida por outras congregações. Em 1860, Bárbara transferiu definitivamente a Congregação para o sul do país e neste mesmo ano, organizaram-se as obras para a fundação do primeiro colégio pertencente à Congregação. Outros colégios foram fundados a partir de então e hoje somam dezenove obras educacionais no Brasil.

A chegada a um país que não escolheram para viver, o trabalho na direção de colégios, a

³⁵ Trata-se de um conjunto de revoluções de inspiração liberal ou democrática que explodiram em vários países da Europa em 1848. O início das revoluções foi em janeiro daquele ano, em Palermo. Os reis de Nápoles, Piemonte e Toscana concederam constituições. Em Paris, Luís Felipe I abdicou, abrindo espaço para a Segunda República. Metternich teve de deixar a Áustria quando a revolução estourou no seu país. Carlos Augusto declarou guerra à Áustria e Viena teve de reconhecer o estatuto húngaro.

³⁶ Cartas de Bárbara Maix às irmãs de Pelotas (A.H.RS Cxa. 356).

³⁷ BORTOLUZZI, *op.cit.*

educação de crianças e jovens e um idioma estranho certamente foram grandes desafios e períodos de incertezas para aquelas mulheres. As dificuldades multiplicavam-se quando hábitos diferentes se contrapunham, como é o caso da direção do colégio de Passos. Habitadas a serem servidas por mucamas, as alunas não se adaptaram à organização das irmãs austríacas, que previa que cada qual fizesse sua parte na limpeza de seu espaço no colégio.

Tendo assumido a direção de uma escola logo que chegaram ao País, freqüentemente eram confundidas com irmãs francesas que se dedicavam à educação. Sem terem muita escolha, assumiam o que lhes propunham como trabalho. Para Bárbara, a ação divina guiava seus caminhos:

*A SS. Trindade iniciou a Obra da Fundação e há de completá-la. E porque é de Deus e não minha, não importa nada se Ele deixa que tudo seja, aparentemente aniquilado, porque em sua onipotência, com um só aceno, a reerguerá*³⁸.



Bárbara Maix. Fonte: Agenda da Congregação para 1999, p.5.

³⁸ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA (1999). *Múrmurios da Fonte*. Porto Alegre: Gráfica Dom Bosco, p.07.

Outras congregações femininas chegaram ao Brasil em período próximo, mas em condições diferentes. É o caso das irmãs de São José de Chambéry, que vieram para o Brasil em 1859, a convite do então bispo de São Paulo, D. Antonio Joaquim de Melo, um dos responsáveis pela expansão do ultramontanismo no País, para assumirem a direção de um colégio já construído em terreno doado pelo próprio bispo³⁹. Para as irmãs do Imaculado Coração de Maria, doze anos se passaram até que Bárbara e suas companheiras pudessem fundar sua própria escola no sul do país e iniciar um período de maior estabilidade da comunidade.



Mapa da atuação da Congregação no Brasil e no mundo.

Fonte: Agenda da Congregação para 1999, p.7.

³⁹ MANOEL, *op.cit.*

Durante 153 anos de história, a Congregação fundou hospitais, creches e escolas em quinze Estados brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Tocantins, Bahia, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba) e no Distrito Federal, totalizando 19 escolas e 23 obras sociais (hospitais, creches, educandários)⁴⁰. As irmãs do Imaculado Coração de Maria estão presentes, também, com seus trabalhos, na Itália, Moçambique, Haiti, Paraguai, Venezuela e Bolívia. No entanto, destaca-se, na Congregação, o chamado setor educativo. Diversas escolas foram fundadas pelas irmãs do Imaculado Coração de Maria. Essas escolas organizaram-se de diferentes formas no decorrer da história, algumas com fins sociais, voltadas para o atendimento de crianças carentes ou mesmo órfãs e outras se tornaram colégios pagos.

Além dos interesses da Igreja, representados nesta história por monsenhor Botti e pela Congregação, havia ainda o envolvimento das famílias, o que será examinado no capítulo seguinte.

⁴⁰ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA (1999). *Celebrar a vida prosseguindo em missão*. Revista comemorativa dos 150 anos da Congregação.

Capítulo 2

Glorificando a Deus, honrando a Congregação e a Pátria

Aos 15 de Maio de 1909, chegaram as Irmãs a esta cidade. Foram solennemente recebidas pelo Revmo Snr Vigário, Cônego Francisco Botti, que já as esperava, pelas associações católicas e grande numero de povo. Eram duas Irmãs e uma postulante.

Madre Maria Juliana do Santíssimo Sacramento, Superiora; Irmã Emerenciana da Conceição e a postulante Maria Judith Tomaselli como professoras. Foram acompanhadas até o collegio que estava instalado provisoriamente à Avenida 7 nº 10, sendo pouco depois mudado para a rua 7 nº 15.

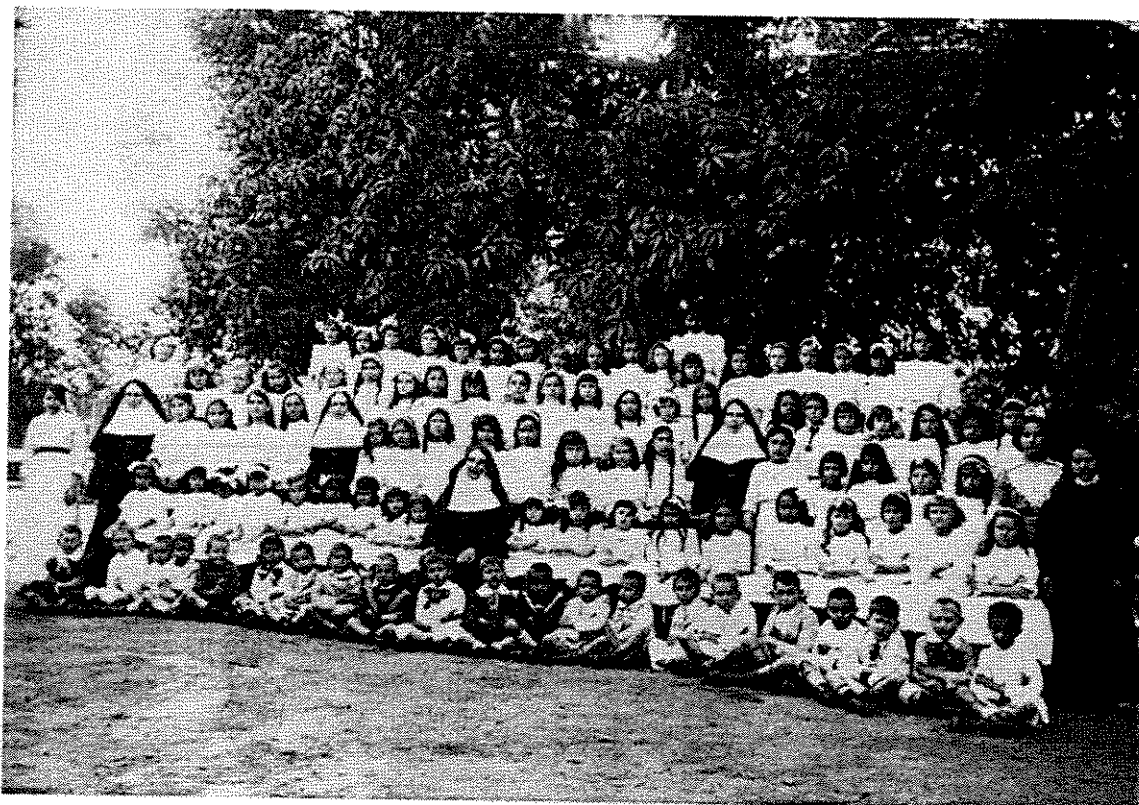
No mesmo dia o Exmo Revmo Snr Bispo de Campinas mandou em telegrama, a benção para as Irmãs e o novo collegio.

Algumas semanas após a chegada das Irmãs, o Revmo Bispo veio pessoalmente visitá-las e abençoar o nascente collegio¹.

Na foto seguinte, todos estavam vestidos para a ocasião: a foto do progresso do Colégio *Puríssimo Coração de Maria*, que foi enviada para a Congregação. Em 1909, as aulas começaram com 45 alunos. Em 1911 (data provável da foto), o número de alunos já havia aumentado consideravelmente. O cenário escolhido foi o pátio da escola. Em meio ao branco do vestido das meninas, o preto do hábito das irmãs se destacava. Vemos ali as primeiras irmãs que chegaram à escola. Madre Maria Juliana está ao centro e dirige seus olhos para o céu sorridente. Irmã Emerenciana está à sua esquerda e Judith, à direita. As outras irmãs eram, provavelmente, Petronilla e Carlota, professoras que chegaram a Rio Claro em 1911, segundo o *Livro de Chronica*. A disparidade entre o número de meninas e meninos seria algo

¹ *Livro de Chronica, op.cit., p.3.*

comum nos primeiros quarenta anos dessa escola que foi tratada, desde o início, como uma escola feminina².



Alunos da Escola *Puríssimo Coração de Maria*. Entre eles estão as irmãs: Madre Juliana (então superiora do Colégio), Irmã Emerenciana, Irmã Laurentina e a postulante Judith, s/d. Fonte: arquivos da Congregação, cedida ao Colégio Puríssimo em 2001.

A respeito das irmãs pouco se sabe. Os dados sobre suas vidas restringem-se, nos documentos encontrados, às atividades ligadas à Congregação. Só se pode vislumbrar em alguns momentos um desabafo, como fez Irmã Emerenciana, em 1920, ao assumir a direção do Colégio *Puríssimo* e redigir o *Livro de Chronica* durante os anos que ocupou esse cargo.

Eu, irmã Maria Emerenciana da Conceição fui nomeada Superiora do Collegio Puríssimo Coração de Maria, aos 14 de Fevereiro de 1920.

² Em 1909, o número de meninos era bastante reduzido. Até meados da década de 40, o maior número de meninos matriculados pertencia à faixa etária inferior a 11 anos. Aqueles matriculados no Ginásio, de 1933 até 1950, não ultrapassavam a média de 4 meninos matriculados para cada 23 meninas. No Curso Normal, iniciado em 1928, o número de meninos é bastante escasso, chegando a ser nulo da década de 1950 em diante. Ver anexos II, IV e V. Fonte: *Livros de Matrículas*.

Conhecendo a minha fraca saude e insufficiencia para occupar tal cargo, resolvi manifestar a Revma Madre Ignez de S. Luiz, então Priora Geral, a qual me respondeu que acceitasse o cargo pois era esta a vontade de Deus, e que o Conselho me escreveria. Tive de acceitar. Enfrentando a divida deixada por minha antecessora, Me Clementina dos Anjos, resolvi sair para angariar donativos. Como garantia levei um documento do Exmo Revmo Snr Bispo D. Francisco de Campos Barreto, e como companheira a Ir Camilla das Dôres. Tendo de ficar muitos dias fora de casa, governou provisoriamente a Madre Ma Rita do Coração de Maria.

O nosso trabalho, graças a Deus, não foi baldado, pois, angariamos a importância de 3:230#000 (três contos duzentos e trinta mil reis) livres de despesas e passagens. Serviu a referida quantia para saldar as contas nos armazéns, lojas, padaria, açougue, etc, que estavam em atraso devido ter ficado o collegio fechado pelo espaço de três mezes.

Por este tempo chegou do sul a carta do Conselho Geral da Congregação, nestes termos: Por ordem da nossa respeitável Madre Geral e pelo Conselho Administrativo da Congregação, a Irmã Maria Emerenciana da Conceição foi confirmada Superiora desse Collegio. 24 de Março de 1920.

Conformando-me com a vontade Divina e pedindo auxilio ao Sacratíssimo Coração de Jesus e de Maria, assumi o cargo³.

Desejos pessoais contrapunham-se às determinações do Conselho da Congregação. Mas as vozes discordantes que podem ter existido calaram-se em toda a *Chronica*. As subjetividades desapareceram e o que restou nos *documentos/monumentos* foi o projeto da Congregação para o Colégio.

Esse capítulo apresenta aquilo que aparece no *Livro de Chronica* como projetos bem sucedidos do *Puríssimo* e o que este se tornou para a população de Rio Claro e para as famílias que nele matriculavam suas filhas. Interessa-me, portanto, a imagem que o Colégio retransmitiu de si. Serviu-me como fonte a *Chronica*, em razão de ter sido esta narrativa o meio mais seguro de conservar uma memória *selecionada* sobre o *Puríssimo* - aquela que se transformou em sua história oficial. Procuro, ao trazer outros elementos e fontes para a discussão, fazer emergir os conflitos, dificuldades e contradições que as pessoas ligadas ao *Puríssimo* possam ter vivido. Dessa forma, discuto também quem eram as famílias dos alunos, como colaboraram para a construção desse Colégio e o que esperavam dele. Para isso, focalizo dois momentos de mudanças significativas para o País, para a educação e, enfim, para as escolas: o início do século XX, aproximando-me da data

³ *Livro de Chronica, op.cit., p.13.*

de fundação do Colégio, 1909, e o período após a Revolução de 1930, quando o Curso Normal do Colégio ganha *status* em Rio Claro.

Procuro ligar a imagem do Colégio contida na *Chronica* a esses dois momentos, em um esforço para compreender a quais interesses e objetivos - de diferentes grupos (Igreja, Estado e famílias) - atendia essa imagem. A Proclamação da República envolveu um embate de símbolos e representações que perduraram por todo o período que compreende este estudo, lutas que se renovaram e se acentuaram com o Estado Novo. Para dialogar com a *Chronica*, apresento o *Puríssimo* em um campo educacional mais amplo, que foi constituído em partes, na ânsia de criação de símbolos e representações desses dois momentos.

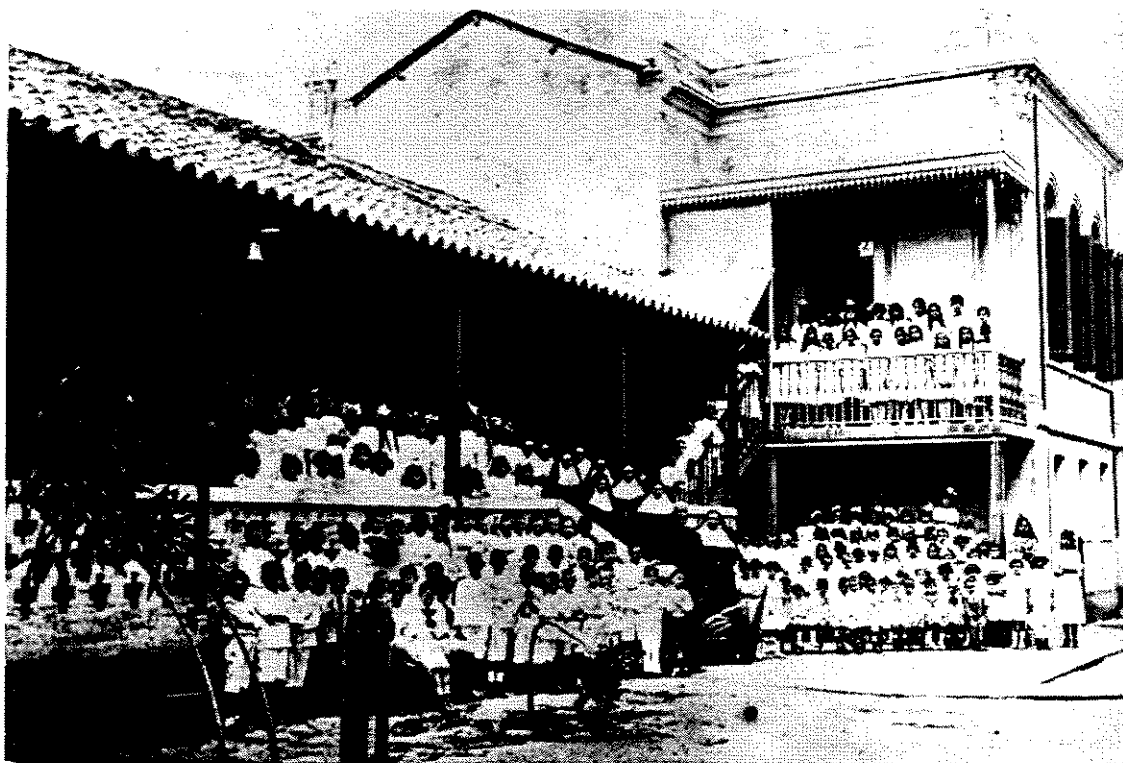
Ao chegarem a Rio Claro, em 1909, as irmãs foram auxiliadas pelo Apostolado de Oração⁴.

*O Snr Vigário convocou as Snras Zeladoras do Apostolado e com ellas facilitou a fundação do collegio, fazendo um favorabillissimo contracto provisório, que foi, por todos assignado. O Apostolado comprometteu-se a preparar uma casa pagando o aluguel; fornecer mantimentos enquanto a receita do collegio não fosse sufficiente para cobrir a despesa; pagar as despesas da viagem e outrossim receber um resumido numero de meninas pobres*⁵.

A manutenção do colégio, durante os quatro primeiros anos de seu funcionamento (de 1909 a 1913), foi provida pelo Apostolado de Oração. Em 1913, as irmãs assumiram o aluguel e, neste mesmo ano, compraram o prédio onde o Colégio estava instalado. O funcionamento do *Puríssimo* sob a proteção do Apostolado, sem gastos com aluguel e manutenção, possibilitou essa compra e o início de reformas para ampliação do espaço da escola. Em 1917, foi construído novo prédio anexo ao primeiro.

⁴ O Apostolado de Oração acompanhava diversas outras medidas tomadas pela Igreja Católica no início do século XX, por conta da romanização do clero. Trata-se de uma obra diocesana voltada ao culto do Sagrado Coração de Jesus, estimulado como uma espécie de alternativa às festas populares, em especial aquelas dos padroeiros. MICELI, *op.cit.*, p.131.

⁵ Livro de *Chronica*, *op.cit.*, p.3.



Primeiro prédio do Colégio *Puríssimo Coração de Maria* (1910). Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

Não foi sem dificuldade que tantas reformas foram feitas. Em 1918, registra-se na *Chronica*:

Recebemos ordem de S Exa. Revma D. João Nery, para fecharmos o collegio, isto é, as aulas, afim de impedir que a gripe se propagasse pela cidade.

Todas as Irmans, em numero de 11 ficaram com gripe.

A doença grassou no collegio pelo espaço de dous mezes e meio.

O prejuízo foi enorme, por ter-se encerrado as aulas. Não entrava dinheiro e as despesas faziam crescer dívidas, pois, era necessário comprar alimentação e remédios

As alumnas retiraram-se todas sem satisfazerem as suas contas, e com isto, alem do prejuízo, teve-se perdas consideráveis.

Havia no collegio 204 alumnas. As aulas estiveram fechadas três meses e meio⁶.

A dívida contraída nesse período estendeu-se pelos cinco anos seguintes. Entretanto, em 1926, nova série de reformas foi reiniciada: nesse mesmo ano foi derrubado o prédio antigo e

⁶ Livro de *Chronica*, op.cit.,p.14.

construído um novo e mais amplo; em 1930, foi construído o salão; em 1933, foram feitas a demolição e a reconstrução da parte “velha” da escola, além da compra de prédio para instalação da escola de aplicação do Curso Normal; em 1937, houve restauração da pintura do prédio e inauguração de outras salas. A expansão das dependências era constante e as obras duravam longos períodos⁷. Construía-se o prédio que seria um símbolo na cidade, em meados do século XX. Um símbolo do progresso da cidade e do Colégio.

Desde a Proclamação da República, a educação ganhou lugar de destaque no espaço político e símbolos e cerimônias foram utilizados com mais ênfase, à medida que se desenvolvia o capitalismo no Brasil. Entre esses símbolos estavam as próprias escolas e seus prédios.

Na vida da cidade, as escolas se estabelecem hierarquicamente como centros de divulgação e irradiação de cultura. Isso pode ser percebido na arquitetura dos prédios escolares, no tratamento prestigioso dado aos diretores e professores, nas festas, nas solenidades e atividades culturais promovidas pelas escolas; enfim, na visibilidade pública do universo escolar⁸.

As escolas da República, tanto públicas quanto privadas, faziam parte de um conjunto de símbolos que representavam antigas tradições e, ao mesmo tempo, novas necessidades de uma elite que havia sido moldada pelas relações sociais e econômicas do período áureo do café, porém encontrava-se diante da necessidade de mudanças. A passagem da Monarquia para a República foi o resultado do descontentamento dos grandes produtores de café, mas também de profissionais liberais e intelectuais com o antigo regime. Era necessário ajustar-se às idéias de modernidade do novo século, livrando-se do centralismo vigente. Para os grandes proprietários que aderiram à causa republicana, tratava-se de inovar para não perder espaços econômicos e políticos. Mas havia um limite para a aceitação dos ideais de modernidade. Pairava, nos discursos, a abertura à modernidade econômica do *laissez-faire*, *laissez-passez*, mas controlava-se essa mesma abertura quanto aos aspectos morais, aspectos que esbarravam, entre outros temas, na questão da profissionalização da mulher. A criação e

⁷ Livro de *Chronica*, op.cit.

⁸SOUZA, Rosa Fátima de (1998). *O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas*. Campinas: Editora da Unicamp, p.191.

recriação de símbolos fazia parte desse ajustamento aos novos tempos. Um ajustamento conflituoso que travou lutas em diversos campos e estampou os resultados nas cidades.

A história oficial de Rio Claro descreve a cidade como uma tela onde as figuras do *pater famílias*⁹, do fazendeiro, do coronel e do pioneiro desbravador, tornadas uma só por meio das virtudes que se acredita que compartilhavam, desenharam os símbolos de seu poder desde as primeiras povoações. Para a elite rio-clarense da Primeira República, era preciso demonstrar ter uma visão modernizadora da sociedade, ser incentivadora da cultura em seus aspectos mais visíveis, livrando a população do atraso, mesmo que aparentemente, e até mesmo criando um espaço digno de si mesma. A historiografia local encarregou-se de criar *uma série de representações em torno desses fatos, que passaram para a memória da população apenas como exemplos do espírito de iniciativa dessa elite*¹⁰, louvada em diversas passagens e em diferentes livros:

*Terra de heróis; que os nomes na arrancada,
Gravaram e impuseram vitorioso,
Que a história, registrando, entusiasmada,
Os lembra, com orgulho, em tom vaidoso*¹¹.

Ao chegar à cidade, no início do século XX, um viajante se depararia com a ordem no traçado simétrico das ruas e dos quarteirões, acompanhando os pontos cardeais, *com um desvio de pelo menos onze graus, para que o sol batesse por todos os lados das casas*¹².

Também notaria, sem muito esforço, que o centro da cidade desenvolvia-se em torno de dois pontos fundamentais e inseparáveis: a igreja e a ferrovia. Ao caminhar pelo centro da

⁹ Holanda explica que, ao tornar-se a cidade o centro das atividades sociais, os indivíduos para lá foram transportados carregando consigo uma herança rural: o espírito de facção, a organização da família como uma pequena república onde o *pater-famílias* baseava sua *administração* no direito canônico romano e, em decorrência desses fatores, o espaço público era invadido pelo privado. HOLANDA, Sérgio Buarque (1984). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olimpio. Para preservar e estender sua administração, os fazendeiros criavam em torno de si uma imagem de benfeitores que proviam as necessidades da cidade. A Sociedade do Bem Comum, por exemplo, tornou-se responsável por ações relacionadas à venda de terras doadas para o patrimônio da capela da cidade, *o que sem dúvida permitiu aos fazendeiros tomar decisões que visavam garantir a divisão e a posse do espaço reservado para a construção da futura cidade*. BAPTISTA, Maria Rosa B. (1994). *Rio Claro: as pedras da cidade*. São Paulo, Dissertação de mestrado: USP, p.32.

¹⁰ BAPTISTA, *op.cit.*, p.42.

¹¹ CALIL, Celeste (1957). *E assim viveu Rio Claro*. Rio Claro, SP, Gráfica Rio Claro Ltda, p.21.

cidade seria impossível não reparar nos grandes casarões senhoriais, no Gabinete de Leitura, no Teatro Phoenix e na presença de Olavo Bilac para uma conferência literária neste teatro¹³.

O discurso que descreve Rio Claro conta que

Foram de Francisco Pereira de Carvalho as primeiras 3 léguas de terras conseguidas com título na região. As primeiras décadas do século XIX foram as de maior concessão de sesmarias, onde os beneficiados na região foram: Manoel Ferraz de Campos, Joaquim Galvão de França, Alexandre de Goes Maciel, os irmãos Pereira, Manoel Paes de Arruda. Foram as sesmarias de Morro Azul e aquelas localizadas mais ao norte que deram origem às principais fazendas do local, à medida que o povoamento se tornava mais intenso. No início, a cultura na região era variada, passando mais tarde a ser um centro produtor de cana e, depois, logo na primeira metade do século XIX, de café. Em meio século (1850-1900), as fazendas passaram por transformações profundas devido à alteração no produto de cultivo, o que levou, conseqüentemente a alterações no tamanho das propriedades e no tipo de mão-de-obra utilizada.

Em 1830, foi criada na cidade a Sociedade do Bem Comum¹⁴, que se definia como uma organização política nacionalista e defensora da liberdade e da Constituição. Sob a influência dos proprietários rurais, que participavam ativamente da política em âmbito local e regional, também foi criada, em 1865, uma sede do Partido Republicano¹⁵.

Desde seus primórdios, São João Batista do Ribeirão Claro tornou-se, no campo econômico, uma “frente pioneira”, fazendo parte da economia costeira capitalista voltada para a exportação. Em 1886, a cidade classificava-se em quarto lugar entre os municípios produtores de café de São Paulo, antecedida por Indaiatuba, Amparo e Campinas e sua população era a nona maior do Estado. Apesar da crise da lavoura cafeeira que principiava em diversas cidades, em 1897, Rio Claro era o segundo colocado quanto ao valor da produção agrícola do Estado. Na última década do século XIX, a cidade se colocava em quarto lugar quanto ao recebimento de imigrantes, contando 2089 colonos¹⁶. Foi a necessidade de expansão dessa economia que levou os fazendeiros da região a assumirem os custos de estender a linha férrea da Companhia Paulista até Rio Claro em 1876 e, cinco anos depois, o conde de Pinhal a

¹² *Ibid.*, p.34.

¹³ *O Alpha*, 07/08/1908.

¹⁴ Segundo a tradição, foram fundadores da Sociedade: Antonio Paes de Barros, Estevam Cardoso de Negreiros, Francisco Teixeira das Neves, José da Silveira Franco, Antonio Ferraz de Campos, Manoel Paes de Arruda, Antonio de Góes Maciel, Innocencio José de Andrade, Francisco Costa Alves, padre Delphino da Silva Barbosa, Mariano Aranha e Francisco José de Goes Maciel. FERRAZ, *op.cit.*

¹⁵ Influenciaram na criação do Partido Republicano Histórico de Rio Claro: Joaquim Teixeira das Neves, Joaquim Henrique de Araújo Cintra, Cerqueira Cezar, Diogo Salles, Alfredo Ellis, Geraldo Martins, Bento de Almeida Prado, Nicolau Vergueiro. *Ibid.*

¹⁶ DINIZ, Diana M. F. L. (1973). *Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise, 1850-1900*. Rio Claro: FFLC, Tese de doutorado, p.13.

organizar uma Companhia própria, com participação do Visconde de Rio Claro e outros fazendeiros, criando assim, a Companhia Rio Claro¹⁷. Como terminal ferroviário, a cidade assumiu diversas funções comerciais, que mais tarde cresceram com a influência dos imigrantes.

Com a nova onda de imigração no final do século XIX e início do século XX, dessa vez através de contrato direto com o governo, Rio Claro recebeu novos imigrantes, em sua maioria italianos. Muitos deles dedicavam-se a atividades artesanais, contribuindo para o desenvolvimento do comércio de serviços diversos na cidade.

O viajante atento, mesmo diante do discurso do progresso econômico da cidade, também veria e ouviria uma outra Rio Claro escondida atrás da fumaça e ruídos das locomotivas e do sino da Igreja. Veria os primeiros habitantes do Morro Azul, obrigados a deixar as terras onde habitavam quando foram divididas em sesmarias; aqueles que ficaram ou que chegaram depois, com seus hábitos e suas religiões, foram confrontados com a chegada de Padre Delphino e a religião oficial, trazidos pelas mãos de um fazendeiro; o desenvolvimento da propaganda republicana convivendo com o elevado número de escravos que permaneciam em algumas fazendas; os imigrantes esperançosos, que acabavam enredados em um “sistema de parceria”¹⁸; carroceiros com dificuldades de atravessar ruas esburacadas, mas iluminadas pela luz elétrica¹⁹. Um progresso aparente envolvia a cidade como um nevoeiro e escondia seus contrastes em sua história oficial. Qual foi o papel da elite rio-clarense e do *Puríssimo* na construção da imagem de progresso da cidade?

Em 1875, o Brasil exerceu a liderança mundial na produção de café. Nas décadas seguintes, os fazendeiros de Rio Claro projetaram-se politicamente para fora dos limites da cidade, atingindo o primeiro plano da política nacional em alianças e luta a favor da monarquia, ou defendendo a implantação do regime republicano, postura mais comum no período. Delineava-se o perfil do coronel como “padrão” de elite política dominante na

¹⁷ *A Companhia Rio Claro* (de Estradas de Ferro) foi, fora de dúvida o maior empreendimento jamais tentado pelos fazendeiros de Rio Claro. Mais tarde, foi vendida para uma empresa britânica que, dois anos depois, vendeu-a para a Companhia Paulista com um lucro fabuloso. In: DEAN, *op.cit.*, p.54.

¹⁸ Em 1845, o senador Vergueiro trouxe trabalhadores europeus para o trabalho em sua fazenda. Logo na década de 50 daquele ano, a Vergueiro e Cia também iria trazer colonos para outras fazendas da região. É necessário ressaltar que, mesmo sendo considerado trabalho livre, os colonos viviam em situação muito semelhante à dos escravos. Tal exploração culminou com a Revolta de Ibicaba, liderada pelo mestre-escola Thomas Davatz, em 1856. A Revolta teve repercussão nacional e acabou por conseguir a modificação nos contratos de trabalho, substituindo-se o sistema de parceria pela locação de serviços. DEAN, *op.cit.*, e DINIZ, *op.cit.*

¹⁹ DEAN e BAPTISTA demonstraram como o progresso era algo aparente na cidade, ou melhor, só acontecia nas grandes fazendas. Para a maioria da população, escravos e imigrantes, ele não era real.

cidade, especialmente durante a República Velha²⁰. O poder do coronel estendia-se para outras esferas sociais, integrando-se em instituições beneficentes, clubes e associações religiosas, ampliando a rede de laços de dependência pessoal.

Na segunda metade do século XIX, as idéias positivistas da Terceira República Francesa penetraram no País e dividiram-se em duas grandes facções: os ortodoxos e aqueles que seguiam os ensinamentos de Littré (discípulo de Comte)²¹. Esses últimos eram favoráveis ao parlamentarismo e comprometiam-se com questões importantes como a relação entre Igreja e Estado. Eram os chamados oportunistas. Os primeiros declaravam-se contra o parlamentarismo e a favor da separação entre Igreja e Estado²².

Os fazendeiros sentiam-se asfixiados com a centralização monárquica, que não lhes permitia uma expansão maior, com o café em franco desenvolvimento. Para eles, a República ideal era a do modelo americano, já que diversos fatores lhes convinham nesse modelo: a definição individualista do pacto social, evitando a ampla participação popular; a ênfase na organização do poder, para garantir a ordem social e política e o federalismo, garantindo relativa autonomia para as províncias mais importantes²³. O principal ideólogo desse grupo foi Alberto Sales. Um segundo grupo era formado por proprietários, profissionais liberais, jornalistas, professores e estudantes, para os quais a monarquia aparecia como limitadora de seu desenvolvimento. Pregavam a mudança de regime através da revolução. Havia, ainda, um terceiro grupo contrário à monarquia, mas não contra o Estado. Era formado por positivistas e militares que propunham a ditadura militar e a separação entre Igreja e Estado.

²⁰ BILAC, Maria Beatriz B. (2001). *As elites políticas de Rio Claro*. Recrutamento e trajetória. Piracicaba/Campinas: Editora Unimep/Editora da Unicamp. Para os proprietários rurais, as Guardas Municipais e Nacional eram um canal de participação no governo. *Títulos de major, tenente e coronel, eram alvos bastante cobiçados. A patente de coronel, das mais valorizadas, paulatinamente deixou de ser exclusivamente entendida como o exercício de uma função militar ou policial e passou a ser utilizada popularmente para designar os chefes políticos*. p.51.

²¹ Como ambas as posições eram influenciadas, direta ou indiretamente, por Comte, resta-nos esboçar rapidamente, a partir do estudo de José Murilo de Carvalho, em que consistia seu pensamento de República. A República, para Comte, deveria ser uma forma de vivência comunitária, uma extensão da família. A noção de pátria ocupa lugar especial em seu pensamento. *A pátria é a mediação necessária entre a família e a humanidade, é a mediação necessária para o desenvolvimento do instinto social. (...) A pátria perfeita deveria ter como características os dons femininos do sentimento e do amor. A boa pátria será mátria*. CARVALHO, José M. (1990). *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, p.22.

²² *Ibid.*

²³ CARVALHO, *op.cit.*

Os proprietários de grandes fazendas de Rio Claro apareciam, neste campo de discussão, definindo suas posições, como na ocasião do golpe de 3 de novembro de 1891, quando constituíram um batalhão, denominado “Alfredo Ellis”, como instrumento de pressão contra o golpe²⁴. No início do século XX, dois coronéis mediam forças no cenário político rio-clarense: coronel Joaquim Sales (diretor do Partido Republicano Paulista) e coronel Marcelo Schmidt (do Partido Republicano Histórico). Nesse embate, as posições conciliatórias e personalistas eram freqüentemente adotadas e não se constituíam oposições de fato, na medida em que não eram discrepantes das propostas dos dois partidos.

As idéias positivistas se expandiam e ganhavam força, principalmente aquelas de natureza conservadora e que apelavam para a tradição, como, por exemplo, as referências ao papel da mulher e da família na formação de cidadãos úteis à pátria. No entanto, faltava ao modelo de República a identidade nacional.

A busca de uma identidade coletiva para o país, de uma base para a construção da nação, seria tarefa que iria perseguir a geração intelectual da Primeira República (1889-1930). Tratava-se, na realidade, de uma busca das bases para a redefinição da República, para o estabelecimento de um governo republicano que não fosse uma caricatura de si mesmo. Porque foi geral o desencanto com a obra de 1889²⁵.

Exemplo disso é que se assistiu, nos dias e anos seguintes à Proclamação da República, uma verdadeira disputa por definições de papéis, na luta pela construção do mito fundador, pela versão oficial dos fatos. A República foi feita por poucos. O povo em nada participou do movimento e criar símbolos e heróis tornava-se uma tarefa difícil, já que não existia uma comunidade de sentido ou imaginação. Como afirma Carvalho, *substituir um governo e construir uma nação, esta era a tarefa que os republicanos tinham de enfrentar*²⁶.

Na busca de símbolos, os brasileiros apropriaram-se das representações francesas da República, baseadas na figura da mulher. Os símbolos eram ridicularizados ou contrapostos a outros. Surgiram caricaturas diversas, representando a República brasileira como uma

²⁴ Marechal Deodoro da Fonseca foi eleito presidente pelo Congresso, em 1891, tendo como vice o marechal Floriano Peixoto. Deodoro desentendeu-se com o Congresso, dissolvendo a Câmara e o Senado e convocando eleições para o mesmo ano. Houve reação pela Marinha e diversos outros grupos. Deodoro renunciou em novembro de 1891.

²⁵ CARVALHO, *op.cit.*.

²⁶ *Ibid.*, p.24.

prostituta. Antes da Proclamação, a Igreja já havia tentado combater ideais republicanos com outro símbolo:

(...) assim como na França do Segundo Império, também no Brasil da Primeira República, Maria foi utilizada como arma anti-republicana. Houve um esforço deliberado dos bispos para incentivar o culto mariano, sobretudo por meio de Nossa Senhora Aparecida. A partir do início do século começaram as romarias oficiais. Em 8 de setembro de 1904, Nossa Senhora Aparecida foi coroada rainha do Brasil. Observem-se a data e o título: 1 dia após a comemoração da independência, uma designação monárquica²⁷.

Para Galzerani²⁸, a guerra entre os símbolos em torno do cívico e religioso acabou por fortalecer a ambos no interior da lógica capitalista. Em Campinas, gazeteiros, colaboradores dos almanaques dessa cidade, eram maçons, mas também podiam ser vistos com frequência em atos e cerimônias religiosas. Os poderes temporais e espirituais iniciavam uma separação burocrática, ao passo que construíam uma união simbólica, apoiando-se mutuamente e cada vez mais. A década de 30 foi o ápice desse processo. Todos esses embates e lutas por representações e símbolos influenciaram fortemente as escolas no período.

O início da República foi o período de esforço para difundir a instrução elementar para crianças e adultos, pregando a universalização do mínimo, o ensino primário, e construindo-se um ideário liberal democrático em torno da educação popular. O novo regime instituiu a necessidade de escolas, a educação popular ganhou centralidade política e a escola passou a ser vista como meio para equalização social. Intelectuais, jornalistas e políticos difundiam a idéia de que a escola era solução para disciplinar, organizar e capacitar a força de trabalho. Era também espaço privilegiado para a difusão de um sentimento de pátria e nacionalidade. Foi nesse período que a escola institucionalizou-se como instrumento de seleção, determinando relações específicas dos sujeitos com o mundo do trabalho e seu universo sociocultural²⁹.

A República começou determinada a implantar um sistema de ensino que se adequasse à nova ordem social. Ao definir o ensino leigo, público, integral, obrigatório e científico, a

²⁷ CARVALHO, *op.cit.*, p.93.

²⁸ GALZERANI, Maria Carolina B. (1998). *O almanaque*, a locomotiva da cidade moderna, décadas de 1870 e 1880. Tese de doutorado: UNICAMP, Campinas, SP.

²⁹ SOUZA, *op.cit.*

Primeira Reforma da Instrução Pública (1890-1896) trouxe inovações para o campo educacional³⁰. Também na Primeira República foram fundados diversos Grupos Escolares, o que, então, significava a excelência em ensino público. A Constituição de 1891 apresentava forte tendência à laicização e, já em 1890, a Reforma Benjamin Constant havia introduzido a laicidade no ensino público. As escolas particulares procuravam alcançar o *status* e prestígio das escolas públicas, revendo e modificando seus programas de ensino, já que o fim do processo escolar, o ensino superior, ainda estava nas mãos do Estado³¹. É o caso do Colégio *Progresso*, fundado por iniciativa de republicanos. O *Progresso* atendia a um grupo seletivo de alunos e administrava, ao mesmo tempo, sua aproximação e distanciamento das escolas oficiais: incorporou em seu programa as disciplinas daquelas escolas, mas, por meio da inclusão de diversos cursos extra-curriculares, atingiu um outro patamar. A escolarização era um projeto de classe, uma estratégia de distinção.

Na cidade de Rio Claro, até o início do século XX, havia somente escolas destinadas a grupos muito específicos. Na segunda metade do século XIX, os presbiterianos criaram a Escola Americana e também o Colégio *Santa Cruz*, destinado a seminaristas. Ainda neste século, em 1883 foi fundada a Escola Alemã, futuro Colégio *Koelle*. Com a Proclamação da República, no início do século XX, proliferaram os Grupos Escolares. O Grupo Escolar *Coronel Joaquim Salles*³², o primeiro de Rio Claro, foi instalado em 1900 durante o período de supremacia da família Salles no espaço político municipal e nacional. Foi construído em terreno doado pelo município e as obras foram financiadas pelo Estado. Nos anos que se seguiram, outros Grupos foram fundados: Grupo Escolar *Marcello Schmidt* (1910), Grupo Escolar *Barão de Piracicaba* (1908), Grupo Escolar *Professor Irineu Penteado* (1925).

O Colégio *Puríssimo* insere-se neste espaço em 1909, entre a Proclamação da República e a Primeira Guerra Mundial, financiado pela elite rio-clarense, através do Apostolado de Oração. A fundação dessa escola foi mais um dos símbolos que construíram as

³⁰ REIS FILHO, Casemiro (1981). *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

³¹ UHLE, Águeda B. Bittencourt (1998). "Orosimbo Maia : cultura e política no final do século XIX. In: *Pró-posições*. V. 9, nº1 (25) março.

³² O campineiro Joaquim Augusto Salles, irmão de Diogo Salles e Emanuel Ferraz de Campos Salles casou-se com a filha do fazendeiro José de Campos Negreiros, que também possuía terras em Rio Claro. De 1898 a 1910, foi representante de Rio Claro como deputado estadual. Entre 1902 e 1904, acumulou as funções de intendente (prefeito) da Câmara Municipal. Nas eleições de 1904, seu partido foi derrotado pelos Republicanos Históricos do Cel Marcelo Schmidt (que também emprestou seu nome a outro Grupo Escolar da

representações³³ do progresso da cidade e, especialmente, das famílias de elite. O *Puríssimo*, ao lado dos casarões, do Gabinete de Leitura e da ferrovia, seria um dos cartões de apresentação da cidade. Como escreveu Elias, *nenhum ser humano normalmente constituído aceita a opinião que tem de si próprio e dos valores que preza se não a vê confirmada na forma como é tratada pelos outros*³⁴. A elite rio-clarense precisava ser vista e reconhecida como estimuladora da cultura, empreendedora e defensora do progresso. O que estava em jogo era a ordenação da estrutura social da cidade.

Apesar de receber meninos, o *Puríssimo* era considerado uma escola feminina e, na região, existiam poucas escolas para meninas. Ainda durante o Império foram criados alguns internatos femininos em Sorocaba, Itu, Guaratinguetá, Campinas e Taubaté³⁵. Os mais próximos de Rio Claro eram o Colégio *Florence* e Colégio *Salesiano N. Senhora Aparecida*, ambos em Campinas; o Colégio *Nossa Senhora do Patrocínio*, das Irmãs de S. José de Chambéry, em Itu; Instituto *Nossa Senhora Auxiliadora* em Araras; Colégio *São Carlos* e Instituto de Educação *Santa Escolástica* em Sorocaba³⁶.

Antes que os discursos pela educação se expandissem com a República, a mulher era vista como um ser ignorante que não necessitava de mais do que uma educação voltada para o polimento social. No almanaque de Campinas de 1878, a proposta de J. Góes é de que a mulher adentre o campo das ciências, o que para Comte era a condição para se adquirir a

cidade). Em 1910, perdeu as eleições para Dr. José Vasconcellos de Almeida Prado Júnior, eleito pelos Históricos. BILAC, *op.cit.*

³³ O conceito de representação será usado nesse trabalho no sentido de apresentação pública de algo ou alguém, conforme Chartier. Para o autor, a noção de representação permite *articular três modalidades de relação com o mundo social: em 1º lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos, seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social. Exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns "representantes" (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade*. CHARTIER, Roger (1990). *História cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil, p.23. Bachelard escreve ainda que *a representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens*. BACHELARD, *op.cit.*, p.453. Utilizarei os termos *imagens* e *representações* com base nessas idéias.

³⁴ ELIAS, Norbert (1987). *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa, p.50.

³⁵ REIS FILHO, *op.cit.*

³⁶ MOURA, *op.cit.*

verdade³⁷. Foi no início do período republicano, quando se tentou reverter a herança portuguesa da ausência do orgulho de raça³⁸, que se fundou o maior número de escolas e as idéias sobre a educação feminina começaram a ganhar importância. Mas, ao mesmo tempo, o *locus* da mulher continuava a ser o espaço privado do lar. A menina deveria adquirir conhecimento mas, ainda, deveria ser algo que a tornasse mais “polida”, pois o fim último dessa escolarização era que ela soubesse educar bem seus filhos para a pátria. No ‘Catecismo Positivista’, de Comte, a mulher aparece como o ‘sexo afetivo’, o ‘anjo tutelar doméstico’ e era nesta perspectiva que os ideais republicanos pregavam que a educação feminina deveria ser pautada. Essa educação não se destinava a todos os grupos sociais. Para a maior parte da população, o ensino feminino era inexistente ou se restringia à alfabetização. Aspiração de grupos elitizados, a educação da mulher voltada para o polimento cultural e social, restringia-se, em grande parte, às escolas católicas. Para Manoel, as ligações entre o catolicismo conservador e segmentos aristocratizados da oligarquia

foram possíveis porque a oligarquia não pretendeu, de fato, a modernização - pretendeu, sim, avanços naquilo que pudesse significar aumento de produtividade (máquinas, ferrovias, bancos, trabalho assalariado) ou reordenações no âmbito político, mas não via com bons olhos as novas idéias de liberdade, igualdade, profissionalização feminina. O aliado dessa oligarquia conservadora só poderia ser o catolicismo conservador³⁹.

Somente um grupo muito restrito tinha acesso ao ensino no Colégio *Puríssimo Coração de Maria*. Conforme relata a *Chronica*, as crianças *pobres* seriam recebidas somente em *número reduzido*, o que definia imediatamente a quem essa escola deveria atender.

Em 1911, registram-se, no livro de matrículas dessa escola, 32 alunos, enquanto que o Grupo Escolar *Joaquim Salles* atendia 571 crianças. Pode-se dizer que os alunos do *Puríssimo* eram filhos de grandes fazendeiros do café? Talvez. Não foi possível identificar qual a profissão dos pais dos primeiros alunos. Somente por volta da década de 40 essa

³⁷ GALZERANI, Maria Carolina B. (1998). *O almanaque*, a locomotiva da cidade moderna, décadas de 1870 e 1880. Tese de doutorado: UNICAMP, Campinas, SP.

³⁸ HOLANDA, *op.cit.*

³⁹ MANOEL, *op.cit.*, p.15.

informação passa a fazer parte dos livros de matrícula, e ainda esporadicamente, aparecendo durante alguns anos, cessando e depois constando novamente das anotações desses livros. A diversidade de profissões se espalha pelas folhas: são fazendeiros, profissionais liberais, industriais, comerciantes, proprietários (sem especificação maior), funcionários da Companhia Paulista. No entanto, trata-se de uma elite, se levarmos em conta o número de alunos em relação ao Grupo Escolar.

Quando a crise do café já estava instaurada e as grandes fazendas foram arrematadas, algumas famílias da elite cafeeira permaneceram em Rio Claro, outras se mudaram da capital para o interior do Estado e, como foi o caso de Ivanira Bohn Prado, algumas dessas famílias puderam optar por matricular seus filhos no Colégio *Puríssimo*. A elite cafeeira, em 1930, já havia visto ruir seu império e sua cidade de representações sentia os efeitos das constantes instabilidades financeiras. Alguns casarões foram abandonados, outros vendidos, imponentes teatros de diversas cidades foram demolidos e davam origem a novos prédios. O cenário se modificava. Era preciso reestruturá-lo, mais uma vez, dentro dos padrões da modernidade. O mesmo dilema do início da República se apresentava novamente diante dos grandes proprietários: a necessidade de inovar, para não perder espaços econômicos e políticos, mas mantendo uma moral conservadora.

Dando um salto e focalizando, agora, um outro período, vejamos como os aspectos acima destacados se entrelaçaram a partir da década de 30. Após a Revolução de 30, a intervenção nos Estados e municípios começou a trabalhar, a fim de desarticular os poderes regionais.

*Todavia, sem alterar a estrutura agrária, os comandos locais permaneceram intactos. A demolição da velha ordem processou-se, conseqüentemente, sem reformulação essencial da estrutura socioeconômica anterior, e a modernização conservadora realizou-se tanto pela substituição das elites, sem que os setores emergentes na cena política se constituíssem em contra-elites, como pela justaposição das novas elites às antigas.*⁴⁰

⁴⁰ BILAC, *op.cit.*, p.86.

Ao mesmo tempo, constituía-se um outro grupo elitizado, formado por imigrantes recém-enriquecidos, profissionais liberais, industriais e os antigos proprietários de grandes fazendas, que procuravam inserir-se nesse espaço que se configurava. Em Rio Claro,

*Herdeira do município foi a classe média urbana, constituída de uns poucos antigos colonos mas, na maioria, de imigrantes que na Europa tinham vivido em cidades, e tinham chegado com uma ocupação, um capital e relações familiares*⁴¹.

O poder político, no entanto, continuou nas mãos dos coronéis, cujo título não estava mais ligado à grande propriedade rural que detinham e ao grande número de empregados a eles subordinados. Os profissionais liberais que assumiram os cargos políticos do município pertenciam à parentela ou clientela do antigo coronel, exercendo a função de trazer o coronel para o presente e dele necessitando para garantir seus votos. Alguns imigrantes que também se tornaram *coronéis* encontraram espaços na política regida pelos fazendeiros que os cooptaram antes que pudessem se tornar oposição efetiva⁴².

Para Baptista, o ideário do apogeu e do progresso foi reproduzido na cidade pelos que ficaram e pelos que chegavam, os imigrantes *coronéis*, procurando obter a sua inserção na cidade. Os símbolos da elite rio-clarense do período do café foram alicerçados sobre uma base aparentemente contraditória: a tradição e o progresso. E foi a partir daí que esses símbolos se desenvolveram e foram reutilizados nas mãos de uma *nova/velha elite*⁴³.

Após a Primeira Guerra Mundial, nova onda de nacionalismo tomou conta dos discursos intelectualizados, os quais pregavam a necessidade de civilizar, acionar práticas de ordenação, de disciplina e de controle da força de trabalho, tendo a educação como estratégia fundamental para a construção dessa identidade. Já em 1908, o jornal *O Alpha* publicava o seguinte artigo sobre a importação de modas e costumes franceses e “yankees”:

⁴¹ DEAN, *op.cit.*, p.182.

⁴² Somente no final da década de 40, os trabalhadores operários começaram a ocupar cargos políticos no município, ao mesmo tempo que os laços de parentesco com os primeiros coronéis tornaram-se cada vez menos frequentes. BILAC, *op.cit.*

⁴³ De acordo com a tabela I anexa, o número de filhas de imigrantes aumentou entre as décadas de 40 e 60, declinando novamente em meados de 60. Os dados coletados são parciais, visto que os livros de matrículas nem sempre fornecem dados com continuidade em anos diferentes. No entanto, é possível observar uma movimentação maior de imigrantes na escola.

*Gostamos muito de imitar costumes. Andasse o francez com o colete por cima do casaco e nós aqui também andávamos. Puzesse o francês em vez de gravata de seda um pedaço de estopa e nós andávamos ahi todo estopado...*⁴⁴

Com a crise da economia cafeeira no Brasil, instalou-se também a crítica ao liberalismo como causador dos males sociais do período. O País passava por uma crise de legitimação dos modelos institucionais vigentes; emergiam novos atores políticos e sociais e projetos ideológicos antiliberais eram formulados. A partir da década de 20, surge um novo nacionalismo radical de direita, cujas principais propostas para a substituição da ordem liberal são: restauração de valores afirmativos de autoridade, hierarquia, ordem e obediência, em detrimento da noção de igualdade e de liberdade, hipertrofia do aparelho do Estado e do Poder Executivo⁴⁵.

*A superação do atraso exigia mudanças institucionais, ou seja, a presença de um governo forte, autoritário, capaz de integrar o trabalhador nacional na sociedade, solucionar o problema das raças e organizar as massas inorgânicas, formando, através da educação e da disciplinarização do trabalho, a consciência nacional. Este era o 'leitmotiv' dos nacionalistas brasileiros que, a partir dos anos 20, empenharam-se na luta para salvação do país do atraso, da desordem e da corrupção, males provocados, segundo eles, pela experiência republicana.*⁴⁶

Getúlio Vargas assumiu o governo em meio a idéias nacionalistas e antiliberais e em meio à grave crise da economia cafeeira. A ação da Aliança Nacional Libertadora não contou com massas populares, como o nazismo e fascismo na Europa e, além disso, gerou inquietação das classes dominantes. O movimento foi o resultado de uma coalizão de forças entre dois grupos que nada tinham em comum, a não ser a necessidade de substituir a estrutura do poder político que, para eles, havia contribuído para criar e manter a crise

⁴⁴ *O Alpha*, 2/7/1908. Capelato chama a atenção para as críticas contidas na *Revista do Brasil* que, em 1916, também já traziam esse mesmo assunto em pauta. Reproduzo o trecho do texto da *Revista* destacado pela autora: *Vivemos desde que existimos como nação, quer no Império, quer na República, sob a tutela direta ou indireta, senão política ao menos moral, do estrangeiro. Pensamos pela cabeça do estrangeiro, comemos pela cozinha estrangeira e, para coroar essa obra de servilismo coletivo, calamos, em nossa pátria, muitas vezes dentro de nossos lares, a língua materna para falar a língua do estrangeiro!* CAPELATO, Maria Helena R. (1998). *Multidões em cena*. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus.

⁴⁵ *Ibid.*

⁴⁶ *Ibid.*, p. 216.

econômica⁴⁷. Com a instalação do governo provisório, radicalizaram-se as posições e a instabilidade do governo perdurou durante quinze anos, culminando em um regime autoritário, o Estado Novo (1937-1945).

O governo provisório, para minar as bases políticas da oligarquia, precisava assegurar estabilidade econômica, combinada com legitimidade ideológica⁴⁸. Desprovido de ação popular, o golpe procurava apoio no uso de imagens do bom relacionamento do chefe da nação com o povo. Nacionalismo econômico e bem-estar social eram os principais objetivos que seriam perseguidos pelas medidas do governo e difundidos em sua propaganda. O varguismo aparecia como novo tempo ligando o Estado Novo à idéia de revolução, o triunfo das luzes sobre a sombra, numa tentativa de legitimar a nova ordem, efetuando um registro de corte que marcasse a diferença entre o *velho* e o *novo*. Os aspectos de maior destaque propagados pelos ideólogos do novo regime enfatizavam a governabilidade e a centralização do poder como condições para um desenvolvimento efetivo da nação. Somente grupos católicos orientados pela Encíclica *Rerum Novarum* enfatizavam a questão da “justiça social” que o novo regime deveria promover no País.

Os direitos civis e políticos foram substituídos, na ideologia do Estado Novo, por direitos sociais. Substituindo o *eu* pelo *nós*, as grandes obrigações do cidadão eram com a nação que lhe doava *benesses*. A gratidão e a retribuição eram seus grandes compromissos. Seus principais direitos: atividade criadora e direito ao trabalho. Para a formação da identidade nacional, era necessário elaborar uma releitura do passado, recuperar as origens do povo, definir heróis e datas cívicas, aliados e inimigos, significar nação e pátria e configurar novos valores. Todas essas idéias eram difundidas através dos discursos de Getúlio, textos didáticos, cine-jornais, manuais escolares, festas, fotografias, cartazes e ilustrações.⁴⁹ Os intelectuais

⁴⁷ ROMANELLI, Otaíza de Oliveira (1996). *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 18a ed. Petrópolis-RJ: Vozes. O primeiro grupo compunha-se de militares superiores, uma parcela de fazendeiros de café e políticos da oposição. No segundo grupo havia duas correntes: a primeira buscava mudanças constitucionais e, com o apoio da classe média, reivindicava eleições livres e honestas, maior garantia de liberdades civis e um governo constitucional; a outra, que propunha uma luta pela regeneração nacional e modernização em caráter mais amplo, era liderada pelos tenentes.

⁴⁸ CAPELATO, *op.cit.*

⁴⁹ *Ibid.*

eram chamados à elaboração dessas idéias e para desenvolver os instrumentos necessários a sua difusão. As escolas eram, mais uma vez, veículos privilegiados de divulgação.

O então governador do Estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira, foi o principal responsável pela reunificação das forças oligárquicas, criando diversos institutos de ensino superior de onde recrutaria os quadros especializados para o trabalho político e cultural do novo governo. Dessa forma, os intelectuais passaram a ser cooptados por três frentes: o governo provisório, a oposição oligárquica e a Igreja Católica. Essa última desenvolvia os movimentos leigos nesse período, especialmente a Ação Católica⁵⁰, procurando retomar sua popularidade e também difundir idéias exercendo papel fundamental no novo regime:

Assim como as autoridades eclesiásticas se dispuseram a apoiar o poder oligárquico na década de 20 com vistas a recuperar o status de sócios privilegiados do poder político de que haviam desfrutado até a queda do Império, preferem adotar atitude semelhante em relação ao regime Vargas, antes do golpe de 37, em troca da caução oficial à criação de novas instituições no campo da educação e da cultura (sobretudo, a Universidade Católica do Rio de Janeiro sob a direção dos jesuítas)⁵¹

A Constituição de 1934 determinava o ensino religioso como facultativo nas escolas oficiais. As alianças do novo governo com a Igreja Católica serviriam também para a legitimação de ambos no espaço simbólico, o que será discutido em capítulo posterior. O que cabe ressaltar, quanto à expansão do sistema educacional, é que, como afirma Romanelli,

O tipo de escola que passou a expandir-se foi o mesmo que até então educara as elites e essa expansão, obedecendo, como já se disse, às pressões da demanda e controlada pelas elites, jamais ocorreu de forma que tornasse universal e gratuita a escola elementar e adequado e suficiente o ensino médio superior. Assumindo a forma de uma luta de classes, a expansão da educação no Brasil, mormente a contar de 1930, obedeceu às normas da instabilidade própria de uma sociedade heterogênea profundamente marcada por uma herança cultural academicista e aristocrática⁵².

⁵⁰ No Colégio *Puríssimo* diversas associações foram fundadas: Pia União das Filhas de Maria em 1921; em 1929, a Liga de Santa; em 1938, a Ação Católica e a Cruzada Eucarística e, em 1939, o Apostolado de Oração. *Livro de Chronica, op.cit.*

⁵¹ MICELI, Sérgio (1979). *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, p.55.

⁵² ROMANELLI, *op.cit.*, p.61.

A ampliação da educação não aconteceu, segundo a autora, devido a um impulso do progresso, mas sim pela pressão da demanda educacional numa luta por ascensão social. A expansão do ensino, a partir de 30, oscilou entre o atendimento da demanda de camadas populares e os interesses de grupos dominantes. Esse foi o modelo de desenvolvimento desse período, sendo mais acentuada a expansão de escolas no Estado de São Paulo.

A Era Vargas também ampliou as vagas em cargos públicos em quase todas as áreas do serviço público, apontando o domínio da cultura como um negócio oficial e proporcionando a formação de uma *intelligentzia* vinculada aos figurões da elite burocrática e que, portanto, sentia-se credora do poder central. A expansão da máquina do governo em ministérios, departamentos, etc, ocorreu ligada aos diversos grupos de interesse que o circundavam. Aos ramos empobrecidos, o serviço público proporcionava uma forma de resgate social e, a outros grupos, trazia benefícios ligados à reprodução das condições materiais e de *status*. O trabalho em cargos públicos colocava os intelectuais a salvo das oscilações de prestígio, imunes às sanções do mercado. No entanto, para justificarem sua posição, utilizavam argumentos idealistas, se autodefinindo como porta-vozes do conjunto da sociedade, difundindo certa concepção da cultura brasileira. Para o Estado, era necessário que todos fossem pinçados: militantes em organizações de esquerda, quadros de cúpula integralista, porta-vozes da reação católica, figuras pertencentes à intelectualidade tradicional e praticantes das novas especialidades. Esses intelectuais trabalhavam para criação de uma unidade ideológica para o novo governo e utilizavam a educação como instrumento, apresentando-a como solução para todos os males sociais.

O Movimento da Escola Nova crescia no País, mas, como ressalta Romanelli, apresentou, a princípio, uma dualidade de correntes e, em seguida, uma pluralidade e confusão de doutrinas que se refletiam nas reformas do período. Sud Mennucci declarava que a educação popular deveria preparar para o trabalho e o ensino secundário deveria ser o espaço para a cultura geral destinado somente às elites, já que *incapacidades fisiológicas* impediam os grupos subalternos de alcançar este tipo de estudo⁵³. Para Lourenço Filho, era preciso ajustar os interesses dos indivíduos aos interesses do Estado, utilizando uma *pedagogia de fundo*

⁵³ REIS FILHO, *op.cit.*

social, com o desenvolvimento do ensino técnico e o culto à pátria. Nas idéias de Fernando de Azevedo apareciam os elogios ao nacionalismo exacerbado para a formação de um temperamento coletivo, principalmente através da Escola Primária, que deveria realizar uma obra de coesão, união e assimilação dos indivíduos. Os adeptos da *Escola Nova* tentavam conciliar em seus discursos a necessidade de modernidade, a questão social e os novos padrões culturais emergentes. A visibilidade pública do universo escolar ganhava destaque que jamais tivera.

Nas medidas educacionais do período⁵⁴, apresentava-se, com clareza, a influência do nazismo e do fascismo, bem como uma oscilação entre reivindicações de grupos opostos: os reformadores e os católicos. Questões a respeito da laicidade do ensino, da co-educação e da obrigatoriedade do Estado em relação à educação eram as polêmicas entre os dois grupos. A Reforma Francisco Campos, a primeira depois que Vargas assumiu o governo, estruturou o ensino secundário em um vasto currículo enciclopédico e enrijecido por uma série de exames e provas que o tornavam extremamente seletivo e, de antemão, o destinavam à elite. Quanto aos cursos profissionais, que não tinham qualquer ligação com o secundário e não garantiam acesso ao ensino superior, a reforma limitou-se ao ensino comercial. O ensino primário e o normal ficaram marginalizados. A Reforma Capanema, cujos decretos iniciaram-se em 1942, enquadrava ainda mais a educação na ideologia do Estado Novo: favoreceu o processo de industrialização, com a criação do SENAI e SENAC, implantou a instrução militar no ensino secundário e o ensino pré-militar para menores de 16 anos, determinou o uso das aulas de História e Geografia para difundir valores cívicos, criou o serviço cívico através da Juventude Brasileira, o canto orfeônico patriótico tornou-se obrigatório em todos os ginásios e colégios, a co-educação foi proibida, implementou as aulas de Economia Doméstica no ensino secundário, seguindo a tradição germânica das *Arbeitschule*. As medidas da Reforma Capanema só seriam realmente revistas com a LDB de 1962.

Com o Estado Novo, valores ligados à família e à posição da mulher frente à sociedade carregavam o peso da tradição que contentava a muitos. Os colégios católicos continuavam a

⁵⁴ SILVA, Marinete dos Santos (1980). *A educação brasileira no Estado Novo*. São Paulo: Editorial Livramento. O ensino cívico e trabalhos manuais foram inseridos no currículo pela Constituição de 1937 e a Juventude Brasileira, juntamente com os centros cívicos, pela Constituição de 1940.

oferecer a solução mais viável para a formação das moças pertencentes a famílias elitizadas. A expansão do prédio e de cursos do *Puríssimo* acompanhava o impulso que a educação, de um modo geral, e a feminina, em particular, ganhavam em meados do século XX. Em 1928, foi fundado o Curso Normal anexo ao Colégio. O *Livro de Chronica* relata que

*Para o bem da mocidade, abrimos no dia 13 de Fevereiro, anexa ao Collegio, uma Escola Normal Livre. Prestaram exame de admissão, a mesma, 80 alumnos. Esta Escola foi inaugurada alguns meses depois, com a assistência do Revmo Monsenhor Moura, Vigário Geral da cidade de Campinas, que veio representar S. Excia Revma D. Francisco de Campos Barreto*⁵⁵.

O Curso Normal do *Puríssimo* convinha à Igreja, às famílias de Rio Claro e era, como muitos outros, utilizado para a construção ideológica da Era Vargas. É por esse motivo que, a partir deste ponto, esse curso passa a ser foco principal deste estudo, compreendendo o período dos anos 30 a 45. O impulso dado pelo governo a essas escolas e sua importância política revelava-se, em certa medida, nas festas e comemorações em torno do Curso Normal. Para o novo governo, a Escola Normal de Rio Claro, assim como todas as outras, serviu para a construção de sua imagem.

21 e 22 de setembro (1946)

Para colaborar no programa dos festejos pró 1º Centenário do Ensino Normal em S. Paulo, a nossa Escola que mantém também, há 18 anos, esse curso e que tem, com a graça de Deus, obtido acentuados encômios do Departamento de Educação, a ponto de ser considerada – como há bem pouco afirmou a palavra autorizada do Sr. Homero Fortes, inspetor enviado por aquele Departamento – a Escola “padrão” das Escolas Normais Livres, promoveu um movimento comemorativo em que, mais uma vez, a bondade divina se dignou abençoar-nos com um feliz êxito. Foram convocados os ex-alunos normalistas que acorreram em considerável número, desenvolvendo-se, então, o programa organizado para esse fim. Entre as realizações do mesmo, constou a inauguração e benção de um grande crucifixo erguido em nossa Capela e adquirido por óbolos ofertados por alunos e ex-alunos. Para estimular-los à piedosa oferta e testemunhar-lhes gratidão, os nomes dos ofertantes foram, numa lista, encaixados na cruz. Outra coisa importante foi a manifestação póstuma, prestada a Mns Botti, diante de seu monumento assinalando, assim, um ato de gratíssima memória àquele que tanto se empenhou pela fundação desta Escola e que agora, certamente, lá do céu, está obtendo graças e bênçãos para os nossos empreendimentos. Marcou

⁵⁵ *Livro de Chronica, op.cit., p.28.*

nota brilhante a conferência realizada pela ilustre educadora brasileira e paulista, D. Carolina Ribeiro, que, acedendo ao convite da Madre Superiora; Madre M. Domingas de Sta Terezinha, aqui compareceu e, durante a sua permanência, soube dar lições exemplares de verdadeira mulher e educadora cristã.

Para maior brilhantismo desta festa, compareceram: a Rvdma Madre M. Lúcia do Perpétuo Socorro, superiora do Asilo S. José de S. Paulo, acompanhada da Irmã M. Lucy do menino Jesus; a Rvdama Madre M. Alice do S. Coração de Jesus, superiora do hospital de Sta Rita do Passa Quatro; as Rvds Irs M. Carmela de São José e M. Diomira do SS Sacramento, ex-alunas formadas nesta Escola. Causou pesar a ausência das Rvds Madres Efigênia, Terezinha e Lília, respectivamente 1ª, 2ª e 3ª diretoras desta Escola Normal que, por motivo de força maior não puderam atender ao insistente convite que lhes foi feito pela Madre Domingas e os ex-alunos.

Para consagrar tão fausto acontecimento, foi publicada uma revista comemorativa dessas homenagens e festejos a qual foi muito apreciada por todos.

Depois deste relato, só nos resta erguermos nossos olhares e nossas mãos ao céu, pronunciando um agradecido e sincero "Louvado seja Deus" por todos os benefícios que nos concedeu e pelas bênçãos que derramou sobre todos os trabalhos organizados nessa ocasião; ao mesmo tempo formulamos ardentes preces para que o fruto de tudo isso seja duradouro e eficaz⁵⁶.

A Escola Normal do *Puríssimo* enquadrava-se nos padrões do Estado Novo, tornando-se, segundo a narradora da *Chronica*, um modelo para as escolas normais livres. A festa era o momento de relembrar personagens que se fizeram importantes para a história oficial da escola, como monsenhor Botti. A ocasião também propiciava a reunião de pessoas que haviam passado pelo *Puríssimo*. A revista trazia textos diversos sobre a profissão de professor e será objeto de outro capítulo.

Cabe, agora, entender como o Curso Normal do *Puríssimo* estava inserido no campo educacional mais amplo. Durante os primeiros anos da República, a formação de professores no Estado de São Paulo restringiu-se à Escola Normal de São Paulo, como centro modelar para outras que foram criadas durante o Império. A segunda escola normal data de 1875 e era anexa à Faculdade de Direito, passando a funcionar, no ano seguinte, junto ao Seminário da Glória e sendo fechada em 1878, por falta de verba. Em 1880, fundou-se a terceira escola normal do país, que depois viria a ser denominada *Instituto Caetano de Campos*.

⁵⁶ Livro de *Chronica*, op.cit., p. 95s.

Com classes mistas, desempenhou papel de relativa importância na inovação dos processos de ensino. Em 1899, foram instaladas mais três escolas: em Itapetininga, Piracicaba e outra em São Paulo. Especialmente a partir de 1903, escolas complementares convertidas em Curso Normal Primário espalharam-se pelo interior, a fim de formar professores primários em número suficiente para a expansão escolar que se pretendia. O plano de estudos caracterizava-se por ser enciclopédico, deixando transparecer a influência de Comte e Spencer. Os primeiros anos da República não trouxeram grandes transformações em questões educacionais para o Normal.

A Igreja Católica, por seu turno, preocupava-se com o ensino feminino desde a Proclamação da República. Essa prioridade era explícita nas ações de D. Antonio Joaquim de Melo, bispo de São Paulo, responsável pela vinda das Irmãs de São José de Chambéry para o interior do Estado, a fim de fundarem colégio dedicado à educação de meninas. As Irmãs de São José de Chambéry, assim como a Congregação do Imaculado Coração de Maria, foram dispersadas pela Revolução Francesa, no século XIX. Estas irmãs responsabilizaram-se pela direção de um colégio fundado em Itu, interior de São Paulo, em 1859. Mas, diferentemente das irmãs do Imaculado Coração de Maria, vieram para o Brasil a convite de D. Antonio, conforme mencionei em capítulo anterior. A fundação do Colégio *Nossa Senhora do Patrocínio*, na cidade de Itu, demonstra o intento da Igreja em ampliar-se, utilizando como instrumento a fundação de escolas.

As diferenças em relação à situação dos dois colégios (*Puríssimo* e *Nossa Senhora do Patrocínio*) são significativas. As irmãs de São José iniciaram as aulas com o prédio já concluído e atendendo à formação de uma elite emergente, a elite cafeeira. Seu objetivo era *formar jovens cultas, polidas, sociáveis, acima de tudo cristãs, católicas convictas, que difundissem, na família e na sociedade, os valores do catolicismo romanizado*⁵⁷. No colégio das freiras francesas, em Itu, a profissionalização da mulher ainda não era bem-vinda. O *Puríssimo*, em Rio Claro, foi amparado por uma elite e trabalhou a seu lado para a construção de seu prédio e de seu *status* na cidade.

⁵⁷ CUNHA, Maria Izah G. (1999). "Formar damas cristãs, cultas, virtuosas, polidas, sociáveis: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio". In: NASCIMENTO, Terezinha Ap. Quaiotti R. *Memórias da educação*. Campinas (1850-1960). Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória, p.174.

Olhando para o Colégio *Puríssimo*, após 1930, podemos observar como se desenvolvia e se enquadrava dentro da ideologia da Era Vargas direcionando, inclusive, a profissionalização feminina exigida pelo Estado e conveniente para a Igreja. No entanto, não foi sem dificuldades que a aliança entre Estado e Igreja aconteceu. No *Livro de Chronica* podemos encontrar narrativas onde estão presentes os símbolos, nas fotos vemos o ufanismo nos desfiles cívicos, mas também encontramos angústias e a tentativa de conciliar ideais da escola e ideais da cultura do período, buscando outros significados e sentidos para os acontecimentos. Em 1935, registra-se na *Chronica*:

Em nome de Jesus começo a escrever os acontecimentos desse anno. Graças e mil graças vos damos ó Jesus por nos terdes sempre assistido com vossas bencams, ainda que tenhamos, algumas vezes, recebido decepções e mesmo contrariedades da parte dos homens.

É bem verdade que daes “cento por um” a quem vos segue.

Desde o anno de 1926 estamos luctando para que esta casa chegue ao fim destinado e jamais nos faltastes com vossa graça. Cheias de confiança em vossa misericórdia infinita, iremos sempre avante! O nosso único anelo é educar a mocidade dentro dos dogmas da religião católica, o que seria difficil se este Gymnasio passasse a pertencer ao Estado (ameaça que ouvimos constantemente.)

Se um dia, Vós permittirdes que isto aconteça, curvaremos a nossa fronte com um sincero “Fiat” pois tudo que fazeis, sabemos, ser de vossa vontade e para o nosso bem⁵⁸.

No entanto, na maior parte dos relatos, os conflitos foram silenciados e restam somente os registros dos projetos bem sucedidos:

Para maior gloria de Deus e honra do Puríssimo Coração de Maria, em prol da juventude operaria, no dia 13 de maio, estabeleceu-se, aqui, um Curso Primário, gratuito, noturno, no qual as operarias aprendem a ler, escrever, corte, flores e tricot. A inauguração desse curso foi solene. Compareceram à cerimônia diversas autoridades do ensino e 60 operarias⁵⁹.

Abria-se um espaço na escola para os grupos que não pertenciam à elite. Mas um espaço muito bem delimitado: curso noturno, onde se aprendiam habilidades manuais e a ler e

⁵⁸ *Livro de Chronica, op.cit., p.49.*

⁵⁹ *Ibid., p.58, ano de 1937.*

escrever. Em 5 de abril de 1940, foi publicado o seguinte comunicado no jornal *Diário do Rio Claro*.

Curso noturno de alfabetização

Um apêlo das normalistas locais

De uma comissão das normalistas locais recebemos o seguinte comunicado:

“Todos devemos concorrer para educar as classes menos protegidas, afim de minorar-lhes as dificuldades da própria existência. Alfabetizá-las e dar-lhes conhecimentos práticos são problemas vitais para a Pátria.

O Colégio Puríssimo Coração de Maria visando esse fim patriótico e, ao mesmo tempo, buscando oferecer a necessária prática de ensino às professoras que se vão formando anualmente naquele estabelecimento, fundou um Curso Noturno absolutamente ‘gratuito’ cujo objetivo altamente educativo é o de alfabetizar as moças que não puderam freqüentar os bancos escolares durante a meninice e, também, ministrar-lhes conhecimentos de trabalhos manuais, como corte e costura, crochê, tricô, etc, adaptando-as melhor para a vida prática. A parte espiritual dessas moças pobres também não foi descurada: as dedicadas irmãs do Puríssimo Coração de Maria, carinhosamente, inculcam-lhes a fé em Deus, com aulas adequadas de religião. Tal curso, que tem 2 horas de trabalhos diários, vem funcionando com regularidade e eficiência, desde princípios do ano findo.

Para a realização de tão nobre empreendimento que tem como lema a elevação do nível cultural da classe operária, sério obstáculo, todavia, se vem registrando, desde sua fundação.

As aulas do curso iniciam-se às 19 horas, instante em que, geralmente, as empregadas se acham ainda em suas ocupações. E é isso que impossibilita ou dificulta a boa freqüência às aulas, embaraçando também a ação de seus dirigentes.

Em face de finalidade tão patriótica, seria mister que as senhoras donas de casa facilitassem a saída de suas empregadas um pouco antes das 19 horas e lhes incutissem no espírito o amor à escola e as vantagens do aprendizado benéfico, concorrendo assim para o engrandecimento cada vez maior do Brasil.

E aqui fica o justo apêlo das normalistas de Rio Claro.”

O curso era favorável, em todos os aspectos, segundo o texto: serviria como curso de aplicação para as normalistas e contribuiria para o engrandecimento do Brasil. Aplicava-se o assistencialismo, procurando minorar as dificuldades das *classes menos favorecidas* capacitando-as ao trabalho; este era o fim patriótico. A elite de alunas e a escola religiosa, benfeitoras e altruístas, ofereciam a essas moças um pouco de sua boa cultura e educação, mas apenas uma parte delas, o suficiente para capacitá-las para o trabalho. O que ficava

destinado para essas moças era a adaptação à vida prática. No *pacote* do curso noturno incluía-se também a religião oficial, porque, fora dessa, parecia não existir religiosidade. Não seria preciso mencionar o quanto a educação religiosa católica, no caso do *Puríssimo* ministrada também às operárias, favoreceu o regime autoritário de Vargas, já que sua doutrina da aceitação da vontade divina e a espera de uma nova vida em um outro mundo convinha perfeitamente à manutenção das posições sociais que cada grupo ocupava.

Mas, afinal, quem eram as alunas do Curso Normal do *Puríssimo*, curso tão valorizado na Era Vargas? Na classe de Dolores Gimenez, encontramos, em 1950: seis filhas de comerciantes, duas filhas de industriais, e ainda, filhas de técnico, marceneiro, lavrador, ferroviário, viajante, contador, chefe de turma e professor. Entre os profissionais liberais e aqueles comumente considerados de elite (industriais e fazendeiros), há outras profissões atribuídas pelo senso comum à chamada *classe média-baixa* (marceneiros, lavradores, viajantes). É possível que o Colégio estivesse atendendo a grupos que se convencionou chamar *classe média*. Conforme a tabela II anexa, o número de pais envolvidos com atividades não manuais destaca-se. Os comerciantes aparecem em maior número em 1944, 1950 e 1964. Industriais, fazendeiros e proprietários, se agrupados em uma categoria, formam o segundo maior número.

Mas, o que é objeto de interesse desta pesquisa é a manutenção da idéia de colégio de elite que, assim como no início do século XX, também foi mantida após a Revolução de 30. Em um diário de 1949, pertencente a uma normalista da Escola *Joaquim Ribeiro*, Grupo Escolar de Rio Claro, há um indício a esse respeito: *No Puríssimo ficavam as alunas, Deus me perdoe, as 'chics' e meio antipáticas, perto de nós que éramos quase todas sem muito dinheiro e humildes*. Fosse um colégio destinado à elite ou à *classe média*, o *Puríssimo* formava para uma profissão bastante valorizada e vista como diretamente ligada a características biológicas da mulher: mãe e primeira educadora. Dessa forma, a *nova elite* rio-clarense adequava-se às novas exigências sociais sem desviar suas filhas dos valores tradicionais nos quais acreditavam.

As elites e o Estado se beneficiavam do Curso Normal; resta, ainda, examinar como a Igreja beneficiava-se disso. Para a Congregação, o curso trazia a possibilidade da formação de seus quadros, freiras professoras que lecionariam nas diversas escolas das Irmãs do

Imaculado Coração de Maria. Muitas delas foram enviadas para o *Puríssimo* nos anos seguintes à criação do Curso Normal:

O primeiro acontecimento desse anno foi a vinda de duas Irmãs à essa Comunidade. Irmã Carmela de S. José e Ir. Theodolinda.

A primeira começou a cursar o 3º anno Complementar e a segunda ficou Prefeita.

(...) Em princípios de Dezembro, por ocasião dos exames de admissão à Escola Normal, prestou exames uma boa turma de moças, inclusive a Irmã Carmela que foi aprovada com excellentes notas⁶⁰.

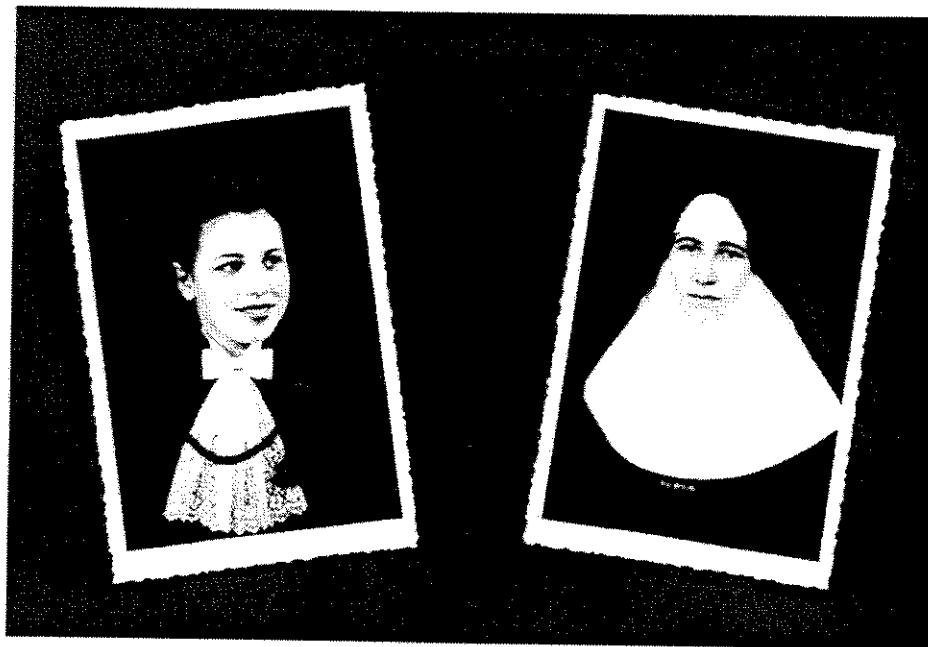
Acompanhando ainda a passagem de Irmã Carmela no *Puríssimo*, já em 1935 ela parte para outra cidade:

A festa de formatura, este anno, foi um acontecimento cheio de estímulos para a juventude estudantina; tal o brilho com que foi promovida. 15 jovens receberam o seu diploma de professoras e com elle irão na vanguarda das fileiras do seu magistério, exercer a função de mestras não só de sciencias, como também ensinando a lei de Deus às creancinhas, que lhes forem confiadas, nos diversos bairros onde forem espalhadas. Nesta turma formou-se também a Irmã Carmela de S. José, sendo em seguida removida para o Asylo de Orphans em Santos⁶¹

Logo após a formatura, essas irmãs eram encaminhadas para trabalhar em outras escolas. Também foi o caso de Irmã Maria Lisete do Coração de Maria, que foi enviada para a Escola Normal *Madre Bárbara* em Lageado, após ter concluído o curso em Rio Claro.

⁶⁰ *Livro de Chronica, op.cit.*, p.36-7, ano de 1931.

⁶¹ *Ibid*, p.62.



Formandas do Curso Normal: Alda Leite de Aguiar e Ana Bonfanti, Irmã Diomira, 1939.

Fonte: álbum de formatura de aluna do Curso Normal.

A seriedade do rosto de Ana, Irmã Diomira, contrasta com o sorriso da colega. Olhar que perscruta, mas resigna-se. Para onde iria após sua formatura? Foi possível identificar oito irmãs que se formaram no Curso Normal do *Colégio Puríssimo* entre 1931 e 1947⁶².

A preocupação da Congregação com agentes de formação não se restringia ao diploma do Curso Normal. Em 1935

*Foi decretado que de dois em dois annos as Irmans professoras, de todas as casas se reunissem para uma série de estudos, afim de lhes ser proporcionado maior conhecimento e enthusiasmo pelo ensino*⁶³

Irmãs professoras significavam agentes de formação familiarizadas à doutrina católica, aptas a reproduzir seus ensinamentos. Além da formação que as irmãs recebiam, o Colégio também propiciava o contato de irmãs com alunas externas e internas, o que favorecia a troca de informações e a familiarização com o *habitus* de uma religiosa, sua *subjetividade socializada*⁶⁴, abrindo espaço também para o interesse em seu modo de ser e de pensar,

⁶² Fonte: *Relatório de cursos realizados entre 1920 e 2001*. Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria. Sociedade Educação e Caridade.

⁶³ *Livro de Chronica, op.cit.*, p.53.

⁶⁴ BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Lóic J. D.(1995). *Respuestas: por una antropologia reflexiva*. México: Editorial Grijalbo. p.89. Bourdieu descreve o conceito de *habitus* como um sistema de disposições

condição primeira para que as alunas se interessassem em seguir o caminho religioso e ingressassem na Congregação. A preocupação com o recrutamento remonta ao início do século XX, conforme analisado no capítulo anterior. Encontrei nos arquivos da Congregação a seguinte carta que ilustra o movimento em torno do recrutamento:

10, 11, 1910.

Revma Sra Madre Margarida

Venho propor a V. Exa um negocio que é de sua alçada e que pode trazer a uma alma grande felicidade. Esta, como sabe, no Rio Claro, no collegio das suas Irmãs, uma moça, Ayda de Souza, antiga orphã de Pelotas, que deseja ardentemente entrar na Ordem.

A Superiora, Madre Juliana, que me declara que esta muito contente com a menina e gostaria de recebê-la, e pediu-me que propuzesse a V. Exa a única dificuldade que há. É que Ayda não é filha legítima. Sei, que em geral se faz questão de legitimidade nas Ordens religiosas, mas também sei, que não é impedimento insuperável e permite exceções.

Ainda este anno obtive tal exceção para outra asylada de Pelotas, que entrou aqui na Congregação das Irmãs de São Vicente da Bélgica.

A licença da Madre Superiora geral do Brasil e o consentimento do Sr Arcebispo era sufficiente. Sem querer cercear de qualquer modo a sua liberdade, peço a V. Exa que considere o caso, é desconhecido o impedimento de todos os outros aqui. Não será também sufficiente, que V. Exa decida por si só e que em caso affirmativo o Sr Arcebispo daqui dê o seu consentimento.

Que Nosso Senhor lhe dê bastante luz para fazer o que for para maior gloria d'Elle e o bem daquella alma.

Pedindo desculpa pelo incomodo, recomendo-me às orações de V. Exa Revma

Servo em V

Pe G. Locher –SS

São Paulo – igreja de S Gonçalo

10.11.10⁶⁵

Muitas candidatas passaram a ser recebidas no *Puríssimo*, especialmente após 1928⁶⁶.

estruturadas e estruturantes adquirido pela prática e orientado para ela. É produto da história e, nas palavras de Bourdieu, é *uma subjetividade socializada*. As disposições, que tendem a ser interiorizadas por um mesmo grupo, vivendo as mesmas condições de vida, tornam-se uma segunda natureza. Dessa forma, o *habitus* de uma religiosa foi construído e determinado por sua posição em determinado campo e em relação a diferentes grupos, assim como por sua disposição, tendência ou inclinação no interior desse grupo.

⁶⁵ Pasta 05, cx 1. Correspondência recebida de Bispos, sacerdotes, e religiosos/as. 1906-1910.

⁶⁶ A tabela III anexa indica a importância das escolas no recrutamento.

Neste ano de 1939 foram recebidas diversas candidatas nesta comunidade das quais uma seguiu no mês de julho para o Noviciado; em dezembro uma delas depois de ter completado o curso ginásial seguiu também para o Noviciado, ficando ainda cinco sendo algumas estudantes. Como preparação à vida religiosa elas tem como diretor espiritual o Revmo Padre Geraldo Queiroz C. M. F. que semanalmente vem confessá-las e duas vezes por mês faz uma conferência às mesmas⁶⁷

Em 1948, o número de *juvenistas* no Colégio era quatorze, ano em que se alcançou o ápice dentro dos parâmetros desse estudo⁶⁸. Dona Rosa Zaine, ex-aluna do *Puríssimo* relatou que conviveu durante toda sua vida escolar com a Irmã Diomira. A presença das irmãs era tanto na condição de professoras, carregando consigo toda a autoridade que esta posição lhes conferia, quanto como noviças, colegas que se sentavam ao lado das alunas e com elas conviviam.

O número de juvenistas nesta casa é atualmente de quatro. As duas últimas que ainda não estão registradas neste livro são: Sebastiana Lopes e Terezinha Ana dos Santos. (...) Possam essas tenras alminhas que aqui se acham contentes, atrair muitas outras jovens para a nobre causa de Cristo na Congregação do Imaculado Coração de Maria⁶⁹.

Ao findar-se o ano 1952, esta Casa contava com 16 juvenistas: duas que completaram o Curso Ginásial; duas que passaram para a 4ª série; duas para a 3ª; duas para a 2ª e duas que fizeram exame de admissão e ingressaram na 1ª série. Os seis restantes estão cursando o Primário. Rendemos graças por esta proteção visível de nossa Mãe – o Imaculado Coração de Maria – em fazer sua dileta Congregação enviando-lhe novos membros⁷⁰

No período de solidificação da Congregação no Brasil, a Igreja Católica passava, desde meados do século XIX, por uma fase de reordenação de sua filosofia, relatada em capítulo anterior.

Ao chegarem da Áustria, as Irmãs tentaram fazer parte de uma outra sociedade até então desconhecida, procurando estratégias e mecanismos de inserção nesse campo. Para que isso fosse possível, aceitaram diversos trabalhos e acordaram com os grupos com os quais

⁶⁷ Livro de *Chronica*, op.cit. , p.37.

⁶⁸ *Ibid.*

⁶⁹ Livro de *Chronica II*, manuscrito, p.4.

⁷⁰ *Ibid.*, p.24.

puderam entrar em contato, assumindo a postura eclesiástica presente no Brasil. Não cabe, aqui, e tampouco é objeto desta pesquisa delimitar esse campo.

Mas é preciso esclarecer que, em um dado momento, detendo diferentes capitais (simbólico, social e cultural), a Congregação passou a determinar seus caminhos, construindo e fundando seus próprios colégios e escolas, e não mais assumindo projetos de outrem, sem, no entanto, ir contra os projetos da Santa Sé. Certamente, condições econômicas e sociais das regiões e dos vários momentos históricos são fatores determinantes das diferenças entre escolas voltadas para famílias pertencentes aos diversos grupos sociais.

No início do século XX, os recursos dos colégios confessionais deixaram de ser subvencionados pelo Estado. Não havia investimento do Estado e a educação foi financiada, nas primeiras décadas do século, pela própria Igreja Católica. É necessário levar em consideração também a necessidade de construção do patrimônio da Congregação. Foi somente duas décadas após a instalação do Colégio *Puríssimo* em Rio Claro que o Estado passou a investir na construção de escolas. A busca de construção de um patrimônio, aumento de seus quadros, difusão de idéias e doutrinas em uma instituição pautada em determinadas virtudes que pudessem, de uma só vez, atingir todos esses objetivos, aí estava a posição do Colégio *Puríssimo*.

De 1909 a 1930, o *Puríssimo* cresceu significativamente. Alguns obstáculos foram registrados na *Chronica*. No entanto, com o aumento do número de alunos e com a ação das ideologias difundidas pelo novo governo, após 30, o Colégio inicia uma série de rituais e espetáculos que tratarão de sua representação e da representação da feminilidade que suas alunas carregavam em seus corpos, baseados em virtudes católicas e deveres cívicos. Para ilustrar os novos objetivos propostos para as ações do Colégio, dois trechos da *Chronica* são significativos. Em 1931, a narradora exaltava as formandas do Normal e registrava sua esperança:

*Si Deus quiser, no fim dos quatro annos teremos mais uma Irmã diplomada para trabalhar, glorificando a Deus e honrando a Congregação*⁷¹.

Já, em 1944, o comentário a respeito da formatura era assim registrado:

⁷¹ Livro de *Chronica*, op.cit., p.37.

Os alunos do Curso Normal realizaram sua festa de formatura em 16 de dezembro. Foi belíssima a colação de grau das professorandas! Em número de 47 receberam o seu diploma. Pela manhã, em nossa capela, foi celebrada a missa em ação de graças. O olhar materno do PP Coração de Maria com certeza pairou carinhosamente sobre as alunas que deixaram a escola e sob o influxo daquele olhar divino, elas cumprirão exatamente, por Deus e pela Pátria, os deveres do magistério⁷².

Glorificar a Deus, a Congregação e a Pátria. São esses os elementos que estarão presentes nos rituais que serão discutidos no capítulo quatro. No entanto, apresento, antes desse capítulo, as lembranças de Dolores Gimenez sobre sua passagem pelo *Puríssimo*. Lembranças significativas que auxiliarão nas discussões.

⁷² Livro de *Chronica*, op.cit., p.90.

Capítulo 3

Família e escola unidas: O Puríssimo por Dolores Gimenez

*Quando damos ao objeto a amizade que convém,
não abrimos mais um armário sem estremecer um pouco.
Sob sua madeira roxa, o armário é uma amêndoa branca.
Abri-lo é viver um acontecimento da brancura.*

(Bachelard, A poética do espaço)

Neste capítulo convido a ex-aluna Dolores Dirce Gimenez para contar como foi sua experiência da passagem pelo Colégio *Puríssimo*, na década de 50. Para ela, vivia-se Paris naquela época. Os padrões de comportamento europeus, especialmente francês, estavam em voga no Brasil. O Colégio já havia iniciado, há algumas décadas, um processo de exposição pública e difusão de sua imagem com as conferências, desfiles e procissões. O relato de Dolores é carregado de emoções e do *glamour* que envolvia essas atividades.

Dolores é a primeira filha de três meninas, cujos pais, imigrantes espanhóis, se conheceram no Brasil, herdaram e ajudaram a aumentar o patrimônio de seus avós. Apenas dois anos após sua chegada ao País, ambas as famílias compraram terras. Esse sucesso é atribuído, em parte, à instrução via leitura de jornais e ao dinamismo das famílias. Residindo as duas famílias em Corumbataí, São Paulo, seus pais se conheceram dentro do círculo restrito de amigos dos imigrantes *bem sucedidos*. Do cultivo de batatas, a primeira atividade lucrativa da família, resultou uma grande frota de caminhões e uma empresa de transportes. Ficam silenciados os diversos movimentos que podem ter levado sua família ao

enriquecimento em tão pouco tempo. No entanto, é possível entrever em seu discurso os preconceitos de cor e de cultura do imigrante em relação ao brasileiro. O pai de Dolores, diretor de clube da cidade, possivelmente deve ter tido alguma influência política.

A Primeira República foi o período em que se ampliou a participação política dos *coronéis* filhos de imigrantes¹. Dolores não menciona tendências políticas de sua família, mas os indícios de seu forte poder econômico e a presença de seu pai nos clubes da cidade abrem espaço para algumas considerações em torno do poder político do período.

É importante notar que o fenômeno do *imigrante coronel* não se verifica, segundo Bilac, em outras cidades do interior paulista. Conforme expus no capítulo anterior, a *nova elite* que se constituiu na cidade, após a década de 30, e que assumiria os cargos públicos na cidade era formada, em grande parte, por profissionais liberais e filhos de imigrantes. No entanto, Bilac esclarece que essas pessoas eram ligadas aos antigos coronéis, fosse por parentesco ou por laços de amizade, e exerciam a função de modernizar economicamente a cidade e trazer o coronel para o presente. Nesse espetáculo da *modernização conservadora*² apresentavam-se alguns aspectos da educação com um invólucro progressista àqueles aos quais tais aspectos se aplicariam. Desse modo, Dolores vê a disciplina Economia Doméstica como um grande avanço na educação da mulher.

É preciso olhar para a narrativa procurando compreender o deslocamento das alunas e das famílias entre o *Puríssimo* e a cidade. O *glamour* a que se refere Dolores estendia-se por toda a sua vida, dentro e fora da escola. As imagens do Colégio transitavam em bailes e festas familiares, levadas pelas alunas. A grande conformidade entre o que a escola oferecia e o que as famílias esperavam perpassa toda sua narrativa. No entanto, coloca-se em evidência uma transformação no *status* da aluna do *Puríssimo* frente às escolas públicas, que ganhavam destaque e prestígio cada vez maiores. Descortinam-se novas possibilidades de formação profissional para mulheres de famílias elitizadas. Assim, a irmã de Dolores optou pelo Curso Científico, ao invés do Normal, a fim de ingressar em uma universidade. Dolores também passou pela universidade, mas deixa transparecer, em sua narrativa, um certo desdém da irmã pelo Curso Normal. No âmago desta diferenciação está a questão do

¹ BILAC, *op.cit.*

² *Ibid.*

papel da mulher na sociedade e a conciliação da profissionalização com as atividades domésticas tomadas, sem qualquer questionamento, como obrigação da mulher.

O depoimento de Dolores traz uma visão a respeito de quem era a elite do *Puríssimo* e como essa elite via a si mesma e a escola. Resta-me, antes de tecer maiores considerações, convidar o leitor a lê-lo, assim como os outros relatos que aparecerão neste trabalho, com o olhar do estranhamento, como um *antídoto contra um risco a que todos nós estamos expostos: o de banalizar a realidade (inclusive a nós mesmos)*³.

Uma das coisas memoráveis e deliciosas foi eu ter vindo para o Puríssimo

Eu fiz o primário no Ginásio Koelle e... era uma escola muito boa. Mas eles priorizavam muito a parte de esporte... natação, basquete, enfim, jogos. E eu nunca tive muita habilidade física pra esse assunto. Eu sempre voltava da piscina resfriada, voltava ralada da quadra, essas coisas. Então minha mãe pensou: “Vou colocá-la no Puríssimo”, que era o ideal dela. Como ela não estudou, o ideal dela era que a filha aprendesse... bordado, piano, pintura, embora no Koelle eu já tivesse aprendido piano também. Mas, enfim, naquela ocasião, começo de 50, era a diferença entre uma escola e outra. Para a menina era vista assim na sociedade (pelo menos na sociedade da qual a gente compartilhava, minha mãe com as amigas, etc). As meninas, as moçoilas, casadoiras, as mocinhas finas, elas teriam que passar pelo Puríssimo por essa parte bem feminina. Coisa que ela não estava percebendo em mim, com aquela educação, co-educação. Havia meninos na classe, que eram os internos, as internas, os externos e as externas.

No Puríssimo eu era externa. E o Puríssimo era escola feminina. Quando eu entrei não havia menino. Tinha havido há décadas. Mas na minha época, jamais! Menino eram só professores e... (risos) havia um, quando inaugurou o sistema de cantina que ele ia entregar o sorvete. E ele vinha entregar na cantina pras alunas comprarem, na hora do

³ GINZBURG, Carlo (2001). *Olhos de madeira*. São Paulo: Companhia das Letras, p.41.

intervalo. Isso quando se iniciou a história de poder comprar lá. Até então você trazia o lanche de casa. Então a gente sempre dizia que o único menino que entrava ali era o Hélio (risos) e os professores. Então era assim, era um acontecimento, entre aspas.

Essa parte que a minha mãe priorizava... realmente foi cumprida mesmo. Porque eu me senti bem quanto a isto de aprender pintura, bordado. Eu fiz, olha... foram tantos cursos bons: etiqueta, boas maneiras! Nós temos um caderno de economia doméstica que é uma coisa assim!... Outro dia eu estava olhando aquele caderno e pensei: "Como isto fez falta pra geração inclusive da minha irmã caçula!" Que são duas gerações. Ela entrou aí no Puríssimo mais ou menos em 60, final da década de 50. Porque essa disciplina ensinava o seu procedimento quando você recebia um convite para um batizado. Mas isso tudo num caderno escrito, com cartãozinho... Então você tinha que levar o cartãozinho, responder, colar o envelope. Até hoje eu tenho aquilo ali! Detalhadíssimo. Orçamento doméstico! O quanto você pode gastar, em relação à empregada, ao mantimento. Mas tudo! Eu olho aquilo eu penso mais... o colégio estava na frente? A escola estava anos na frente para a economia doméstica. Assim: a mulher ela vai trabalhar fora, mas ela vai ter que administrar o lar.

Bom, outra coisa muito interessante era quanto à etiqueta, bons modos, cortesia, etc, é como uma senhorita se senta (mostra na cadeira). Então até hoje isso é muito claro na minha cabeça, eu não tenho como sentar de qualquer maneira. Ah! Isso no sentar... e no posicionamento das mãos? (coloca as mãos no colo). Bom, e para tudo isso, nós tínhamos uma professora, ela era freira e professora. Chamava-se Irmã Léia. Ela nos ensinava a desfilar na passarela. Como você colocava um pé na frente do outro. Isto ela fazia com a gente no pátio. No pátio eram tijolos, então o seu passo não pode ser um pé aqui e outro aqui (mostra com os dedos na mesa), tem que ser um à frente do outro pra ser um andar elegante. E nós fazíamos desfiles de modas com os tecidos que angariávamos dos comerciantes da cidade e aí cada uma confeccionava sua roupa. O salão nobre, onde era o desfile, ficava repleto de mocinhos e famílias. A renda era pra nossa formatura. Isso foi feito na quarta série do ginásio e foi feito no segundo ano Normal. Então, essa mesma freira falava no microfone descrevendo as roupas: "Essa lese cor de rosa"...

Eram professoras diferentes para essas aulas, mas a coisa se somava. Eram todas freiras. Eu devo ter o visto no caderno. Porque este caderno ele começava num ano e... é

um caderno grande assim, capa dura, bem grande e... ele ia de um ano para o outro. Porque você ficava com aquela formação e aquela informação total. A decoração da casa, o que você deve ter numa sala de estar, no dormitório da criança, no dormitório do casal, no dormitório do hóspede... na cozinha!! A hora que você olhar este meu caderno! Outro dia, a minha irmã levou numa reunião. Minha irmã é bem mais nova que eu e também estudou aí, mas já não teve este caderno, portanto ela não teve essas disciplinas. Então ela levou este caderno pra fazer brincadeira com as amigas, que são todas casadas e cujas filhas estudavam lá, e que nem elas e as próprias filhas sabem a organização contida no caderno. Então ele foi dado pra uma delas, mas com a condição de devolver, pra brincar com a moça porque ela não tem idéia... de como se organiza uma reunião. Enfim... Mas isso tudo a gente aprendia aqui e era reforçado em casa ou reforçava em casa e também complementava aí. Porque a freira na primeira aula ela perguntava assim: "Na sua casa como é servido o almoço?" Então, se você apresentasse falhas, a escola supria. "Como é colocada a toalha de banho no banheiro? Como se coloca a de rosto? Todos usam a mesma?" Então, a partir das respostas... ela queria captar como era na casa de cada uma pra poder preencher a lacuna. Ou, a partir daquele exemplo, dar a aula. Foi uma das coisas muito boas. Eu me sinto muito privilegiada, enfim, por tudo que já me aconteceu na minha vida e me acontece ainda. E uma das coisas memoráveis, deliciosas e maravilhosas foi eu ter vindo pro Puríssimo.

Eu fiz Preparatório, era no tempo que Preparatório valia pelo quinto ano. Eram quatro anos de Primário, então quatro anos de Primário no Koelle, depois quinto ano aqui. Fazia-se um exame que era exame de admissão, que aí a pessoa até podia terminar o quarto ano e já prestar o exame. Mas, como eu troquei de escola, de uma pra outra, minha mãe preferiu que eu fizesse um ano inteiro de Preparatório no Puríssimo. Então eu fiquei o Preparatório, quatro de Ginásio e três de Normal. Na totalidade, oito anos. De dez anos a quase dezoito anos de idade. É aquela hora da formação mesmo. Aquela hora de você registrar tudo de... importante afetivamente....

A capela era refúgio em todos os sentidos

A fase que eu vivi o Puríssimo é um período muito sensível. A sensibilidade era uma coisa à toda prova porque... a capela! A capela!! É um capítulo à parte. Um capítulo à parte porque a gente sabia assim, o olho de cada santinho, o olho de cada imagem da capela... Dia de prova difícil, no meu caso matemática, a gente falava: "Ah! São Luís Gonzaga, pelo amor de Deus!" Dia de prova de trabalhos manuais, as meninas que não tinham facilidade elas iam rezar pra Santa Terezinha do Menino Jesus. Pra cada matéria tinha um santo. Muito interessante! Fora que na capela também a gente ficava pensando muito. E isso era comum porque depois a gente trocava confidências... Como seria o quarto das freiras? Isso era uma interrogação. Principalmente durante o Ginásio. Depois, no Normal, isso já não era tão importante. E... como seria o cabelo delas? Então, quando uma, por algum motivo, já viu aqui embaixo daquela parte branca já corria contar pra outra: é cabelo curtinho. Outra grande coisa da gente fazer: conversar, sonhar que estava entrando na clausura da freira. Aquela curiosidade: o que será que tem lá dentro?

Ah! E a capela também tem aquela parte muito importante porque havia... a primeira sexta-feira do mês. Se você comungasse nove primeiras sextas-feiras seguidas, sem falhar nenhuma, você alcançava indulgência plenária que seria... uma absolvição antecipada de alguns pecados, traduzindo pra hoje. Então a gente não queria perder nenhuma das nove primeiras sextas-feiras. Aí você se tornava zeladora do coração de Jesus e ganhava uma fita vermelha. E era importante... tinha uma hierarquia você ser zeladora, até na procissão, que é outro aspecto magnífico. Então, na última quinta, na quinta que antecedia a primeira sexta, o padre que atendia a capela do Puríssimo, que era dos Estigmatinos, ele vinha fazer confissão. Então era uma delícia se a confissão caísse naquela aula chata. No meu caso, matemática e inglês. Então vinha a freira da confissão: "Descem cinco". Desciam cinco. Quando subiam aquelas, desciam mais. Então, era confissão a partir do intervalo, nas últimas aulas. Era uma delícia, só pra você fugir da aula. Daí você ficava com o padre três dias, falando, falando, até tocar o sinal pra você voltar e já ter passado a aula chata. E também havia aquela história da gente se esconder atrás de uma imagem pra ficar até o sinal tocar. A capela era refúgio em todos os sentidos, em todos os aspectos

mesmo! Então era lá que você percebia se uma tinha brigado com o namorado que era lá que ela estava. É triste porque na minha época a gente ainda ia pra capela antes de subir pra classe, hoje você não vê mais nada disso. Fazíamos determinada oração, depois subia pra classe e... no Normal já não ia mais. Porém você rezava antes de começar a aula. Outro dia nós estávamos tentando lembrar, a freira entrava: "Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo", e nós: "Para sempre seja louvado". Sentava. Então ainda era uma época que o professor chegava na sala de aula os alunos levantavam. E só sentava depois que o professor fizesse, desse o sinal. Mas tinha aquela coisa linda de... nesta esteira capela, que eram as procissões.

A procissão era uma apoteose

Procissão de Corpus Christi era uma comemoração! Uniforme de gala, que era a blusa de seda com as preguinhas na frente, a meia comprida de seda. Foi uma época que começou meia de nylon. Então a gente colocava aquilo e ficava no sol olhando, achando.... não, se sentindo mulher. Se sentindo adulta! Eu estou com meia, meia de mãe! Mas um uniforme muito lindo, muito bonito. E as que tinham a fita do coração de Jesus, a fita vermelha?! Havia também as que eram da Cruzadinha que eram crianças e tinham a fita amarela, enfim, cada uma na sua. Eu pertencia ao Apostolado de Oração. Pra pertencer ao Apostolado, ser zeladora do Coração de Jesus, você já tinha que estar no Ginásio. E tinha também as que eram do Menino Jesus que a fita era azul. E acho que eram menores ainda, do Jardim da Infância.

E as bandeiras na procissão? A bandeira do papa, a bandeira da escola (pausa). Eram três bandeiras, será que era a do Brasil? Era da Santa Sé e da escola... então era uma honra quem fosse carregar esta bandeira. A procissão era uma apoteose! Porque, além do uniforme de gala você se embonecava, se emperiquitava toda e tinha que botar mantilha

branca. E as meninas ficavam: “A minha é da Espanha, a minha é da França”. E aquele ar contrito, aquela coisa de virginal mesmo!

Era uma delícia. Porque a procissão saía daqui do Colégio, subia a Avenida Três, passava pelos pontos principais. O centro da cidade se resumia da Avenida Três até Avenida Dois com a principal, Avenida Um, no meio. Então você virava Rua Três na Avenida Um. O jardim era separado do outro. A Avenida Um não era interrompida, porque agora interrompe. E descia a Avenida Um, vinha até a Rua Seis e virava, terminava na Matriz. Ora, e os mocinhos, onde ficavam? E nesta época havia a Toca na Avenida Três. A “famosérrima”! Os meninos lindos, que a gente chamava assim: eles são cafifas. O que que era cafifa na época? Era o “boy” de hoje, os que já tinham carro, os que já iam, ficavam fazendo noitadas, que já iam pra baile, os ditos filhinhos de papai. Então eles ficavam na esquina da Toca e a gente subindo a Avenida três. Aí eles iam pra Avenida Um na Rua Quatro. Pra eles era fácil porque era uma quadra só que eles andavam e a gente se via de novo. Agora se eles estivessem de novo na Rua Seis com a Avenida Um ou aqui na Avenida Três com a Rua Seis, bom, aí a coisa era séria. Se ele esteve em três pontos flertando com você já era um flerte sério. E isso tinha assim prova, mil gentes de prova. Porque: “Fulana de tal, tô flertando com fulano. Então, você viu o fulano?” Todas já ficavam de olho nele, vendo se ele realmente só olhava pra aquela sua amiga, sua colega. Porque tomava conta. Ô tempo maravilhoso! Ô coisa deliciosa! E a gente, nas procissões da Páscoa, não me lembro em qual... Bom, a semana toda da Páscoa havia procissão, porque um dia levava-se a Virgem Maria, eu não me lembro se estava na Matriz levava pra Santa Cruz... Em um dos dias da semana, uma vez levava Nossa Senhora de uma Igreja pra outra: o Puríssimo ia. No outro dia não era obrigado, mas claro que a gente ia. Era à noitinha, era uma festa. Porque a gente não saía à noite e não era bem sair toda noite, de jeito nenhum. E nem todo final de semana também. Você dava um tempo assim pra não ficar como se dizia na época “arroz de festa” e nem uma menina oferecida.

Voltando à Páscoa: aí, no outro dia, Nossa Senhora encontrava com o filho dela e era outra procissão. E esse encontro, se eu não me engano, era na Avenida Um com Rua Oito, alguma coisa assim. Depois devolvia o santo não sei pra onde. Enfim, havia pelo menos umas três procissões, culminando com a da Sexta-feira da Paixão. Essa então era soleníssima! O Jesus Morto, a Irmandade do Santíssimo da Matriz, e o Puríssimo vinha

logo depois do Tiro de Guerra. O Tiro de Guerra participava. Aí a festa, então, era total. Porque os moçoilos... Principalmente porque na minha época se... o moço, o mocinho favorito entre aspas, fizesse Ribeiro⁴... Fazer a escola pública naquele tempo era coisa mais assim, era... o melhor que podia acontecer. E os moços eles achavam assim: dançar com as meninas do Puríssimo nos bailes, elas não têm muito assunto. Então a gente ficava disputando os meninos do Ribeiro com as próprias alunas do Ribeiro, pra mostrar que a gente fazia Puríssimo mas também era inteligente tanto quanto elas. Que não era só de procissão, não era só de capela... E, às vezes, o próprio mocinho do Ribeiro fazia o Tiro também. Então... Bom, enfim, a procissão do Jesus Morto: tiro de guerra, Puríssimo, a gente com uniforme de gala, supergala. Normalmente já estava esfriando porque era no tempo que as estações eram definidas. Então já estava meio friozinho e a mãe da gente sempre preocupada, porque a camisa do uniforme era de seda, e a freira não deixava botar nada por baixo.

A de Corpus Christi também era uma procissão soleníssima. Na hora que levantava o ostensório, a fanfarra do tiro de guerra tocava o hino nacional. Então era assim: todo mundo ajoelhado aqui na Praça da Liberdade, sempre as alunas do Puríssimo na frente, carregando bandeira, fazendo, acontecendo. Então, realmente, procissão sem aluna de Puríssimo, não era procissão. E os mocinhos gostavam, e a gente também. Porque nossa... Um dia nós estávamos olhando o namorado de uma... Tinha terminado o lado de lá da procissão e veio paquerar uma outra. E nós três, nós ficamos olhando na nossa fila de procissão, só pra depois contar pra outra. Nós estávamos com a vela acesa aqui e pegou fogo no véu da outra. Claro que não foi suspensão, a freira não deu suspensão. Ela deu pra nós três rezar no Jesus Crucificado ali na Capela, eu não lembro a quantidade de Pai Nosso, e de braço aberto. É porque nós rezávamos de braços abertos: “Quero ir bem na prova de matemática”. Então eu rezava de braço aberto até... a circulação parar... E era um tipo de penitência. As freiras também faziam isso com a gente. Coisas maravilhosas. Então capela, procissão, divino!

⁴ Trata-se do Instituto de Educação Joaquim Ribeiro.

A gente viveu Paris nesta época

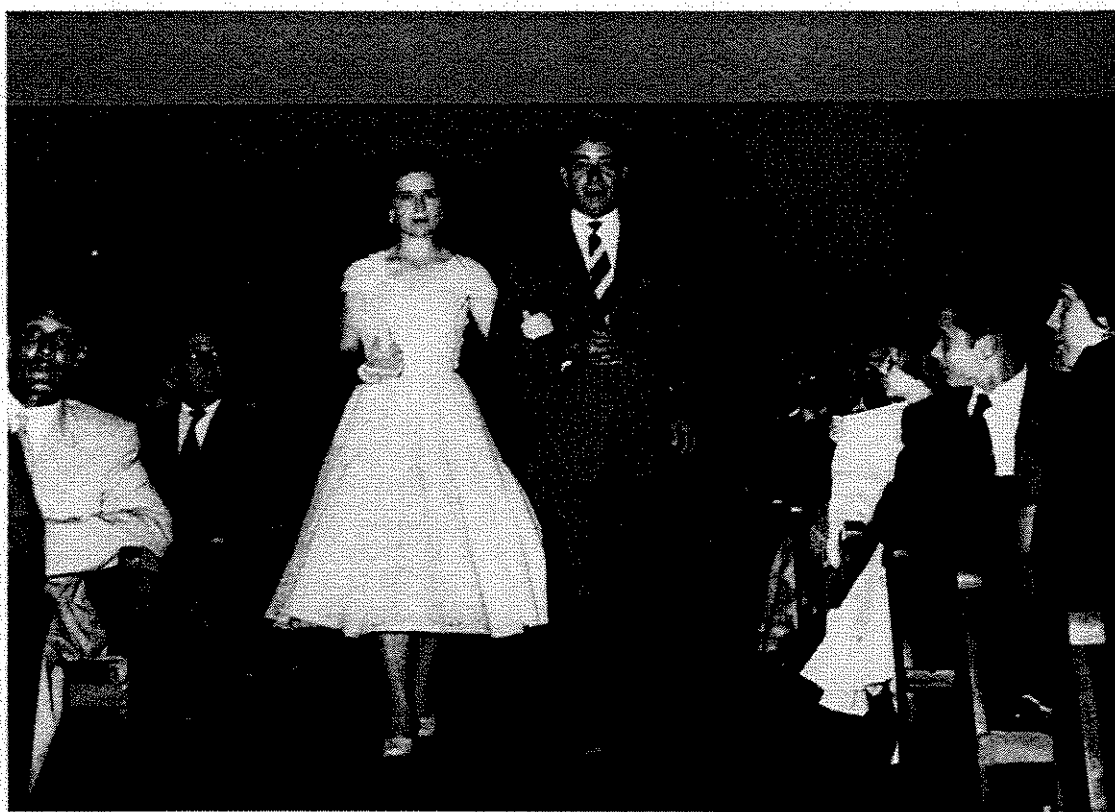
Agora, à parte, eram as conferências! Hoje ditas palestras. A conferência era outra festa. A gente viveu Paris nesta época. Estudar no Puríssimo! Porque dia de conferência no Puríssimo os meninos vinham de terno, claro! Porque era o que se usava. E nós tínhamos o nosso lugar. As alunas tinham que ficar em determinado lugar porque normalmente a gente ia cantar. A irmã Hermínia já estava aí, já tinha uma apresentação, além do hino que todos cantavam. Subir e descer aquelas escadas pro salão nobre era a glória. E roupa era uniforme de gala. Não era o da aula. E aquilo era uma gostosura.

E o pessoal que vinha fazer conferências: Silveira Sampaio, Silveira Bueno, tudo quanto fosse autor, esse tal desse Plínio (Salgado) também vinha (risos). Ulisses Guimarães vinha, era assim uma enormidade. Padre Charboneau! Eram personalidades que vinham falar e o local escolhido era o Puríssimo. Porque, afinal, havia coisa mais séria? Mas assim, séria no sentido de apresentar uma festa bonita? Porque as freiras sabem organizar uma festa bonita. Então era tudo aí mesmo. Isso na conferência. E a gente, imagina que prestava atenção! Ficava vendo, sabendo que mocinho que foi, que não foi. E eles estavam em pé lá atrás assim. Então aquelas rabadas de olho: “Fulano acabou de chegar”. Tinha que falar isso pra décima quarta lá na outra fileira. Tinha sinais... maravilha, ô coisa boa! Porque tudo foi vivido na hora certa. Então não ficou ninguém recalcado. Como eu digo: hoje não dá pra fazer besteira nenhuma como namorar mais jovem porque se namorou jovem na juventude. Então não tem que... é tudo bem normalzinho. Embora de perto ninguém seja.

Tudo isso dava um certo status pra menina do Puríssimo

O quarto das internas a gente conhecia. Era... (risos). Muito limpo, a limpeza era sempre um traço predominante, constante. A gente conhecia porque quando você tinha cólica menstrual era chá. Então você ficava pálida, não é... Eu não agüento aquele chá, não me

fale naquele chá! E a aluna, a externa no meu caso, ia repousar no quarto das internas. Então dava muito pra ver. Eram camas muito limpas, muito bonitinhas, muito arrumadinhas e seguidas. Tipo o quê? Comum, nada de extraordinário. Os banheiros, também. Agora, o que eu achava muito bonito era os uniformes das internas. Pra elas ficarem o tempo todo, sem ser durante a aula, era o uniforme xadrez. Um xadrez muito lindo, bem pequenininho. Um ano, acho que foi mais no final, era meio pro rosa com um azul. Mas de um bom gosto no tecido, um algodão... E era uma saia de suspensório, uma camisa branca diferente da camisa da aula.



Formatura do Curso Técnico de Comércio. Dolores é acompanhada pelo pai ao entrar no salão da escola, janeiro de 1957. Fonte: acervo particular.

E elas saíam, se eu não me engano, duas vezes por semana, ou uma durante a semana e uma no sábado e iam para o Zoéga⁵ fazer lanche, comer doce, tal, essas coisas... Iam com um monte de freiras. (risos) Não, um monte, não. Iam de duas em duas. A freira no começo

⁵ Lanchonete da cidade.

da fila e outra freira no fim da fila e as juvenistas, que são as candidatas a freira. Tinha a juvenista que era da minha classe. Por sinal, ela se tornou madre, ela foi diretora aqui. A madre Carla. Elas ajudavam a tomar conta das internas (risos). Nem por isso elas deixavam de arrumar os namorados e muitas casaram e estão aí até hoje. E era assim: guardadas as devidas proporções da época, os mocinhos a passarem de carro, de bicicleta, de moto, de não sei o quê... Então o horário das internas irem para o Zoéga era uma festa!

Era uma relação muito bonita. Porque também havia internas daqui mesmo. Da minha turma tinha duas, três, que moravam aqui. A família era daqui e eram internas. Os motivos eram os mais variados possíveis. Que eticamente nem sei se convém... Mas, acho que, pelos pais serem ocupados, então botavam as duas filhas ali. Claro que também me ocorreu a vontade de ser interna, só pra saber... aquela coisa. Naquela pré-adolescência, aquela adolescência, porque é toda essa parte que você vive hoje na escola. Você sai com quase dezoito, eu entrei com dez. É uma coisa maravilhosa.

Tem também um outro detalhe sobre as internas. A Madre Inacinha, ela baixou um regulamento que você não podia namorar de uniforme até cem metros do Colégio (risos). Ou seja, neste pedaço aqui da praça, não. Você podia ficar com o namorado lá, aqui não podia. Mas era uma delícia porque a gente ficava naquela parte do jardim que era maravilhoso, cada arbusto! Arbusto artístico. Cada um fazendo um desenho. Aquela conversinha de cinco minutos com o mocinho antes de tocar o sino. Porque a freira vinha no portão, a irmã Palmira, e badalava o sino uma vez. Dali dez minutos vinha outra vez. Então de lá a gente ouvia, ou alguém que estivesse aqui já dava para ouvir. E o relógio da Matriz lá em cima, então você ficava atrás daquele arbusto do jardim. Eu passo por esse jardim e me vêm isso na cabeça: “Meu Deus do céu! Tais e tais e tais mocinhos, a gente já conversou aqui atrás.” Outra coisa: mocinha aluna do Puríssimo vestida de uniforme não podia subir em carro nenhum, a não ser que fosse do pai. Então, havia umas meninas, uma ou duas na minha classe, uma família que veio de fora. O irmão vinha trazer e vinha buscar, porque eram várias que estudavam aí. Então os irmãos tiveram que falar com a Madre: “Olha, eu sou irmão”. Então havia tudo isso que dava um certo... “status” pra menina do Puríssimo. Em contrapartida, tinha também esse lado que menina inteligente fazia Ribeiro...

Eu senti na pele isso! Porque a minha irmã terminou o ginásio no Puríssimo e ela queria fazer medicina, ela foi fazer científico no Ribeiro. Então eu sofria com isso, tanto que eu fui fazer Bilac⁶ de noite junto com o Puríssimo pra, assim: “Olha eu não estou numa escola pública, mas estou em duas particulares”, pra ver se...

Mas isso era assim... A menina do Puríssimo está sendo formada para ser professora. No Ribeiro elas estão sendo formadas pra engenharia, pra medicina, pra arquitetura... Puríssimo, a formação é pra professora e fim. E nós não aceitávamos isso, porque não era assim, a gente sabia que não era assim. E isso acontecia muito em bailes da cidade, baile de aniversário da cidade, baile de aniversário dos clubes, da Phila, do Ginástico⁷, mas do Ginástico só um pouco porque não era muito fino. O fino naquela época era a Phila. A gente só ia na Phila. No Ginástico, a gente começou a freqüentar já durante o Curso Normal. Porque o Ginástico não era bem. Nós começamos a fazer brincadeiras dançantes lá aos domingos das quatro às seis horas cobrando a entrada, pagando o conjunto, pagando o aluguel do salão. O restante ficava pra nossa formatura. Mas o baile nosso, nós fazíamos na Phila. Bom, é muito interessante. E quanto ao intelectualmente, essa diferença era também uma coisa que, eu não diria uma lenda, qualquer coisa assim, ela existia. Mas o mesmo professor que dava biologia no Ribeiro dava biologia aqui, que era o seu Celso. O mesmo professor que dava desenho no Ribeiro, dava desenho aqui, também. Então havia essa troca, mesmo porque havia pouco professor (risos) na cidade. Então eram os mesmos, praticamente os mesmos. Eu tinha professor que dava aula pra mim aqui e dava no Bilac também. Então, era aquela coisa: está fazendo clássico, está fazendo científico.

No entanto, pra ir pra Faculdade, eu entrei direto na PUC. Terminando Puríssimo e Bilac no mesmo ano e já prestei PUC e entrei. Fiz Direito. Advoguei vinte e seis anos, vinte e quatro anos, vinte e seis no caso da carteira. E com minha formação, é uma formação que o Puríssimo deu. O Puríssimo dá uma formação... dá uma noção de civilidade, dá uma noção de cidadania, quer dizer, que é uma coisa inigualável.

Eu ainda tenho contato com as minhas amigas de turma do Puríssimo até hoje. Nós tínhamos uma turminha entre a turma toda que era mais próxima. A gente apelidou de turminha do “Arranca Toco”. Nós tínhamos diário. Cada dia uma fazia o diário de todas

⁶ Colégio Arthur Bilac.

⁷ Philharmonica Rioclarense e Grupo Ginástico Rioclarense: dois clubes da cidade.

aquelas. Deixa me ver, era: Beti Beltrati, Esmeralda Schlitler, a Osni Machado (a Osni tem uma carreira acadêmica brilhantíssima em São Paulo). Será que eu estou esquecendo alguma? Eu sei que nós nos tratávamos por apelidos pra que ninguém descobrisse quem era (risos). Não bastasse a caligrafia, tinha a foto. Então eu era “Rata Branca” a outra era “Escabrosa” porque ela só falava coisas assim bem... atabalhoadas, coisas escabrosas. Muito interessante. Porque era uma turma dentro da turma. A gente seguiu desde o preparatório. Viúvas já tem uma porção (risos). Avós um monte, claro... A gente se encontra, se vê. Houve, eu acho, uma projeção profissional, projeção intelectual, que foi mediana, poderia ter sido mais, pelo número de meninas. Eu achei que muitas se acomodaram com o casamento.

Casaram e aí houve uma certa acomodação. Embora outras, depois, com os filhos crescidos, é que foram fazer uma Faculdade... Mas aí já não há aquela disposição de você... É uma carreira assim... Agora... Eu acredito, eu posso estar errando nessa medida e nesse peso, dizendo que foi mediana. Porque eu comparo, eu estou fazendo uma má comparação. Eu estou comparando com a turma da Faculdade, com a minha turma. Aí já é outro assunto.

A minha turma de Campinas vinha dos mais diversos lugares, vinha de outros Estados também. Vira e mexe eu vejo um da minha turma na televisão, no jornal, porque... é Orestes Quércia... Eles se desenvolveram muito na política. Mas, a maioria deles depois da Faculdade. Porque o Quércia fala que ele fez carreira acadêmica, que ele começou a política na Faculdade e não começou, não. Imagina! Bom, mas então, e aí o que que eu fazia? Eu trazia a turma de Campinas pra festas em Rio Claro, a minha turma de pensionato. E aí eu colocava o meu pensionato com as minhas colegas daqui. Porque a gente ia pro baile na Phila.

Então o meu pai, como ele sempre foi da diretoria dos clubes aqui, ele ligava e me falava: “Filha, vai ter o baile de tal, quantas mesas eu reservo, quantas você vai trazer?” Então trazia o pessoal do pensionato e as mesas ele já colocava perto das minhas colegas daqui. Inclusive, eu também convidava os meninos da Faculdade. Então eles vinham com a condução de um deles e voltavam. E uma das meninas da minha turma de Puríssimo casou com um dos meninos de lá. (risos) Então é um negócio, Paula, que dá pra ficar falando

muito. É uma gostosura, eu digo que cada pedrinha portuguesa dessa praça tem uma história, da nossa turma, da minha vida, da minha vivência de Puríssimo, de Fórum.

Sempre contando com o comportamento correto das alunas

Fora conferência havia as quermesses. É um capítulo à parte. Porque era desde você confeccionar o correio elegante, que era na aula de trabalhos manuais, na aula de não sei mais quê, aula afim. Desenhar uma florzinha tal, pintar isso, pintar aquilo, vender o correio elegante, entregar o correio elegante. Então as mais novas, do Ginásio, faziam isso para as do Curso Normal. Então nós sabíamos que mocinho que estava querendo namorar qual mocinha porque já era criança do Ginásio. Aí, quando chegava a nossa vez no Curso Normal, acontecia o contrário. Mesma coisa... Então era assim: havia a prisão, a cadeia. Prendia-se uma das moças bonitas e aí via quanto cada mocinho dava pra soltar a moça. Era uma coisa tão bonita, tão sem aquela conotação... E a dinheirama era toda pra formatura.

Agora, nos bailes de formatura do Puríssimo, as orquestras que tocavam eram as orquestras que tocavam na Rádio Nacional. Na minha formatura, foi Chiquinho e sua orquestra, que era a orquestra mais cara. Tabajara. Orquestras assim, muito caras, mas nós tínhamos o suficiente, tal... Então, o Puríssimo era muito festeiro, muito festeiro e muita atividade extra-classe: excursões, visitas. E sempre contando com o comportamento, com o procedimento correto das moças, das alunas.

Nós fazíamos umas festas juninas na chácara dos pais. Sempre os pais participando de tudo, de tudo, de tudo. Então, a chácara era fora da cidade. Alguns pais se reuniam cotizavam, pagavam o ônibus e já saía no jornal: “Vai sair o ônibus em frente do Excelsior tal hora, tal hora, tal hora, pra levar”. E o pai, dono da chácara, imagina, deixava fazer a festa sem cobrar coisíssima nenhuma. E assim nós fazíamos várias juninas. O pai de uma dava metade do boi, o outro dava outra metade do boi. Os pais participando, não só provendo, não só financeiramente, mas participavam mesmo. Nós íamos pedir prenda nas lojas, o pai ia junto... Mas aquela participação efetiva, tanto da festa, como do preparo da festa. Então era uma coisa que era família. A festa era na chácara de fulana de tal. Tudo

bem. Qualquer mãe deixava, porque o pai iria estar lá. Não era festa como hoje que o mocinho da festa bota pai e mãe pra fora, não.



Formatura do Curso Normal, dezembro de 1956. Dolores e Osni Machado entram no salão nobre do Colégio *Puríssimo*. Fonte: acervo particular.

No Puríssimo tinha também a festa junina, mas já era para o próprio Colégio. Se era pras vocações sacerdotais, tinha uma outra... Mesmo porque nós fazíamos churrasco, fazíamos umas comidas. Cada mãe... ora mãe! A empregada da mãe, fazia canjica, ficava lá no fogão fazendo canjica, fazendo não sei o quê. E aqui a coisa era limitada. Não dava pra fazer isso. A festa aqui não era para angariar para a formatura. A festa aqui era pra angariar pra escola mesmo.

Fora da escola tinha também as brincadeiras dançantes. Era toda uma preparação. Nós tínhamos aulas no sábado. Então, depois da aula, sábado já começava aquela

preparação porque no domingo tinha brincadeira dançante das quatro às seis. Então, era muito gostoso, porque a missa das nove na Matriz era a missa que as alunas do Puríssimo freqüentavam no domingo. E era a que os mocinhos também freqüentavam. Então era uma roupinha pra missa e uma roupinha pra brincadeira dançante. Claro! Então, aí é que estava um pouco de dor de cotovelo de outras escolas, de outras alunas. Agora, (risos) era muito bom porque você sempre sentia, você sempre percebia a família junto. A mãe de uma ia pro baile levava assim, mais cinco, mais seis meninas. Porque a mãe ficava ali no baile. O meu pai, por exemplo, era um que ia buscar e que ia levar porque sempre teve veículo.

Com dois anos de Brasil eles já compravam terras

Minha família veio da Europa, são imigrantes espanhóis, mas se fixaram aqui. Eu sou a primeira geração aqui. Então eu não tenho antepassados aqui no Brasil. A história da minha família é muito interessante. A família do meu pai veio de uma parte da Espanha, de uma parte litorânea, de Cadis. E a família da minha mãe já é mais do interior. Porém meus avós já vieram casados e já com filhos. Meu pai chegou aqui com nove anos ou dez anos, por aí. Eles vieram porque lá já estava havendo aquela história da Primeira Guerra, já estava em efervescência a Europa e já estava na pobreza, passando fome mesmo. E eles vieram em épocas diferentes. O objetivo era o mesmo: fugindo da pobreza da Europa. Mas fugindo mesmo. A família da minha mãe entrou pelo Rio de Janeiro. E a do meu pai entrou por Santos. No Rio, eles foram pra casa dos imigrantes lá. Depois, de lá do Rio de Janeiro vieram em mais um naviozinho pra Santos, também pra São Paulo... Bom, enfim, as duas famílias foram se encontrar em Corumbataí. É, não tem aquela história que cada um acha sua tampa? Acha mesmo! Agora, do lado do meu pai só tem uma irmã viva dele, que está com noventa e quatro anos, lúcida completamente. Está acamada, mas muito lúcida. E da minha mãe acredito que não tenha mais ninguém vivo dos irmãos. E aí a família, os

primos, os filhos dos irmãos se espalharam. Estão muitos por São Paulo. Não é uma família grande de lado nenhum. Não era assim de muitos filhos.

Quando eles chegaram, eles trabalharam na lavoura. Eles foram comprados como escravos brancos no porto de Santos. É a maneira como meu pai sempre contava e o pai da minha mãe... foi dessa maneira. Agora, o que eu admiro é que ambos os lados, com dois anos de Brasil, eles já compravam terras. Eles foram proprietários de terra. O meu avô era José Pantoja. E aí a família do meu pai imediatamente também já foi plantar. Começava-se como terceiro. Terceiro significa: eu planto na sua terra, uma terceira parte é a minha. Na década de trinta e... fim de trinta, começo de quarenta, onde estava aquela coisa devastada porque tinha acabado o ciclo do café... Então e agora que lavoura vai-se começar? Os nativos - eu estou dizendo nativos os brasileiros, os que já viviam aqui - eles ficaram meio sem saber o que fazer no lugar do café. Os europeus chegaram e falaram: "Pelo amor de Deus, espera um pouco, isso aqui é preciosíssimo!" Ainda mais numa terra que não estava, no caso aqui em Rio Claro e região, que não estava devastada por guerra nenhuma (risos). Porque a Europa estava devastadíssima, porque o brigueiro de lá é constante.

E, quando eles viram tanta terra boa na frente deles, foi aquela lavoura que eles fizeram. E criação de gado! O pai da minha mãe foi grande produtor de leite. Ele tinha gado que vendia muito leite. Havia dias, eu me lembro muito bem nas férias, que havia duas carrocinhas no sítio dele para a estação de Corumbataí pra colocar os latões de leite que levavam de Corumbataí pra Analândia no trenzinho. Porque em Analândia havia uma Nestlé ou uma Vigor. E do lado do pai do meu pai, eles começaram a fazer lavoura múltipla, várias plantações. Não a monocultura. Plantavam milho, feijão, etc. E perceberam que a batata dava muito bem naquela região. E o que resolveu muito pra todos eles é que eles sempre leram muito jornal. Ambos eram assinantes do "Estadão". Eu aprendi, eu cultivei o hábito de ler jornal com os dois, tanto o avô paterno quanto materno, imigrantes. É como eu digo, eu devo muito à imigração, porque eu aprendi a amar o hino nacional, a bandeira, a República e a Independência no Ginásio Koelle. Numa escola alemã é que eu aprendi todos eles e a letra de todos eles. Sei até hoje e aprendi a olhar a bandeira com... um outro olhar, um outro significado. E o hino, não sei ouvir sentada. Mesmo eu comigo, sozinha. Mas isso eu devo à imigração alemã. E a leitura de jornal e o noticiário internacional eu aprendi com os meus avós, imigrantes espanhóis.

E tem mais um detalhe: o jornal chegava amanhã (risos). Porque ele vinha de São Paulo pra Rio Claro, e beija o chão que horas ele chegava em Rio Claro! De Rio Claro ele ia pra Corumbataí amanhã. Aí em Corumbataí tinha que ter um funcionário, um empregado, alguém do sítio pra ir buscar. Era esse que levava os latões com leite... Meu avô ficava desesperado no jardim, um jardim lindo na casa dele. Ele ficava na janela já esperando o “Estadão”, porque ele queria ler. E ele se interessava pelas notícias da Europa. Então, a coisa mais feliz da vida dele, que foi uma das coisas que, hoje, com um certo distanciamento, eu vejo que foi um carinho muito grande, uma manifestação de carinho muito grande que eu recebi dele. Ele lia jornal sentado assim e apoiava aqui o jornal. E eu estava começando a ser alfabetizada, juntando as sílabas. Eu comecei a querer ler a letra maior e falei assim: o ka-i-ser. Que eu sabia a letra K por causa de Koelle. Ele achou a coisa mais linda a netinha dele que ele me abraçou aqui, ele me beijou tanto que aí esse dia ele falou assim pra mim: “Só porque você leu hoje bonitinho, tem uma roseira que vai te fazer uma surpresa”. Alguma coisa assim. Eu cheguei na roseira do jardim, ele tinha amarrado balas nela. Existe? Isso daí é como eu falo, gente, é a coisa mais linda do mundo! Eu morro de pena dos meus sobrinhos (tenho só dois) que não viveram isso de avô.

E ele era assim também, ele gostava muito que eu andasse a cavalo, ele me exibia, ele achava lindo a neta dele andando a cavalo. E não só eu, mas ele era carinhoso com todos. Ele achava lindo que a neta dele estudasse no Colégio das freiras. Quando havia a audição de piano que eu ia tocar, ele vinha de Corumbataí para cá. Ele vinha pra ver a neta tocar piano. Então, era assim, era uma coisa bonita, ele falava assim: “É bom que já aprendeu bastante, já aprendeu a ler lá com os alemães”, você percebia uma... uma quizila qualquer... de europeu. E a primeira telinha que eu pinteí, então?

Voltando. Depois quando eles fizeram as lavouras, de várias, que o meu pai percebeu que a batata era um bom negócio. Lendo no “Estadão”, ele foi pra São Paulo, ele com o irmão mais velho dele, e trouxeram um agrônomo que ficou uns quatro, cinco meses aí no sítio com eles e lhes ensinou a plantação da batata. Então eles conseguiram, assim, uma colheita de batata formidável, maior que todo mundo. Aí eles compraram várias propriedades. Foram comprando em Ipeúna, perto de São Carlos, perto de Leme. Quer dizer, nessa região e continuaram plantando batata. Aí precisava o quê? Precisava vender a batata em São Paulo. Precisava o transporte da batata. Eles compraram o caminhão

para transportarem o que eles plantavam. Mas o caminhão levava batata e voltava vazio, não era legal. Então ele trazia encomendas de outras pessoas. Enfim, da batata resultou numa empresa de transporte. Que, quando ele morreu, eram sessenta e quatro veículos e faz vinte anos que ele morreu. Você imagina pra época!

De onde eu nasci me lembro muito pouco, porque com dois anos meu pai já veio pra Rio Claro. E eu voltava pra lá final de semana e férias. Então, férias assim, maravilhosas! Porque os outros primos que moravam em São Paulo e outras cidades também iam pro sítio passar férias. Então, minha vó tinha um quarto que a gente chamava de quartão. Pra você ter uma idéia, o quartão, eram duas camas de casal, bem toscas. Elas estão vivas na minha cabeça, que eu vi alguma coisa parecida na Muralha, guardadas as devidas proporções. E duas camas ela unia de tal maneira as camas que você dormia assim: Ao invés de ser ao longo da cama era na largura da cama. Era uma delícia porque não tinha luz elétrica. Era lamparina. E a gente sorteava quem ia apagar a lamparina (risos) toda noite. “E hoje é dia de quem apagar? Hoje é meu dia, hoje é não sei quem.” E, dependendo das brincadeiras durante o dia: “Ah, olha, então eu deixo você apagar a lamparina de noite, você deixa agora eu andar no seu cavalo?” Era... moeda de troca apagar a lamparina. Porque eram todos da cidade. Então era uma festa, era...

Mas antes de apagar a lamparina tinha a prosa, no terreiro, mas era uma parte do terreiro coberta, porque já não era mais de café. Então era uma cobertura e o meu avô ficava conversando até as tantas e tal, e ele não admitia... que a gente gostava de conversar com os empregados. E empregado contava história... E o meu avô, ele devia ter um... um certo preconceito que eu acho que é o domínio árabe na Península Ibérica, o resultado de seiscentos anos de domínio, ele tinha muito problema com cor de pele. Então era empregado sempre mais clarinho e tal... e quando eram daqui que ele chamava de caboclinho, esses é que contavam histórias gostosas. É. Mas ele dava muito pito nos empregados pra eles não contarem história de medo pra nós. Mas tinha um, (risos) seu Sebastião, que a gente amava que o vô fosse dormir e a gente ficava com o seu Sebastião e ele contava que tinha duas assombrações que abriam uma determinada porteira e ele falava qual porteira e que daí passava uma e passava outra e não sei que, não sei que...

Outra coisa que era muito gostoso era ir com as mulheres dos empregados que cuidavam do gado e que cuidavam da roça. Elas lavavam a roupa no rio, a roupa da casa

e tal. Era uma delícia ir com elas lavar a roupa. Porque era uma aventura pra gente. Porque elas iam de manhã e a minha avó mandava a comida por um outro empregado. E era um... o recipiente onde ia a comida... era de alumínio bem areadinho. Então, aquele ovo frito deste tamanho com o torresmo, com a lingüiça, com o não sei o quê, aquilo até hoje dá água na boca. Pra mim é festa quando é uma comida dessa maneira. Porque eu amava ir com elas. Por causa da folia de ficar o dia todo. Eu achava a coisa mais linda sentar na grama, encostar numa árvore gorda, com um tronco assim. Acho que três ou quatro pessoas se encostavam no tronco. Era uma gostosura, porque era vida de férias.

Agora, a nossa turma de primos se dividia em duas, os que gostavam mais de coisas em torno da casa, e os que gostavam, inclusive meninas também, essa minha irmã, que gostavam da parte fora da casa. Ir pra roça com o arado, com o trator, com o não sei o quê, e fazer, dá o trato pro gado, colocar a comida do gado nos cochos, ir buscar o gado não sei onde. Então a coisa era muito bem delineada e muito natural, de uma forma muito natural. Eu ficava mais por ali, porque as mulheres no dia que não iam lavar roupa faziam doce. Então ia colher a pêra, descascar a pêra, ia colher a goiaba. Toda essa lida. Essa lida que era a minha predileta. E mais, elas bordavam também. Terminou de fazer o serviço da cozinha, tinha o tempo até a hora de preparar o jantar, bordava-se um pouco, fazia toalhinha de papel pra pôr na prateleira.

Foi um tempo muito bom, mas durou muito pouco, porque, antes de terminar o ginásio, o avô morreu. Aí o sítio já foi dividido. Os que ficaram com aquele sítio venderam. Então nem sei mais. Agora, na casa do meu avô paterno, já não tinha tanto... Tem até aquele ditado espanhol: filhos de filha netos são, filhos de filhos netos serão? Era uma interrogação. Que eu ouvia muito essa prosa nas duas avós. Mas eu só fui entender muito depois. E é claro, porque eu convivi muito mais com os meus avós maternos. Mas os meus avós paternos também tinham mais ou menos o mesmo estilo de vida.

Então foi um privilégio ter nascido na época que eu nasci, na família que eu nasci, ter vivido tudo isso. E o privilégio maior é poder estar contando tudo isso. Minha irmã diz: “Ah, eu poderia ter morado em São Paulo, porque lá eu teria feito uma escola melhor, teria feito uma Faculdade de Medicina em São Paulo”. E tenho duas irmãs: uma logo abaixo de mim, essa que fez Medicina, e tem uma que é a raspa do tacho, que é a menopausa da minha mãe. É a caçula, que é a professora de História. Que também fez aí

no Puríssimo do Primário ao Ginásio. Aí ela foi pro Batista Leme fazer Clássico, porque ela queria fazer História. Então ela não completou. Quem completou o Puríssimo fui eu. A minha irmã fez, na Universidade Federal do Paraná, Medicina. E a Hélia, História na PUC também. Então a PUC, pra mim, não foi dificuldade nenhuma, porque eu saí do Puríssimo e fui pra PUC. Então sempre me dei muito bem com o monsenhor. Continuei indo às missas da juventude lá. Lá eu fui pra JUC, Juventude Universitária Católica em Campinas. Então, era assim: pensionato, não tive dificuldade... me sentia como as internas aqui. Morar em pensionato, com horário, com tudo.

Mas eu não tenho esse tipo de coisa que a minha irmã fala. Porque eu achei uma delícia fazer Direito na PUC. Eu não queria fazer em São Paulo, nem que eu pudesse. Então, não é uma acomodação é uma... como se diz... tal pessoa é conformada, não! É que o meu sonho é... desse tamanho. E é desse tamanho que eu estou vivendo muito feliz, e muito... Vendo e fazendo esse trabalho que eu estou fazendo. Agora, claro, evidentemente, o Puríssimo tem a ver com tudo isso. Porque foi no Puríssimo que eu aprendi a ir à festa sem mãe e sem pai e me comportar. Porque eu estava com a mãe e com o pai da outra, da minha amiga. Então a minha mãe me dizia: “Você tem que se comportar duplamente, porque, se eu estou e você fizer coisa errada, sou eu que vou, agora você não pode fazer isso por você e pela mãe que está te acompanhando”. Então, a escola e a família (faz um gesto de união com as mãos), muito bom, muito bom. É muito gostoso isso...

A união entre o sagrado e o profano

Dolores transitava entre o espaço *sagrado* da escola e o *profano* do mundo exterior ao Colégio. No entanto, notamos em sua narrativa um entrelaçamento dos dois espaços. O comportamento de boa menina, educada e moralmente correta estendia-se para todos os outros espaços de sua vida. Dolores estava absorvida pelo romantismo de sua época e vivia na sociedade feliz desenvolvida nas mensagens de propaganda do Estado Novo. Como

eram absorvidos em sua vida os acontecimentos de sua época, através da escola e da família?

Quando lhe pedi que falasse do *Puríssimo*, imediatamente surgiram boas recordações que se estendiam para toda a sua vida. Dolores sentia-se pertencente ao Colégio. Conhecia seus cantos e corredores e, por isso, suas lembranças têm refúgios. Assim como a casa natal, o *Puríssimo* estava fisicamente inscrito em seu corpo, transformado em hábitos orgânicos⁸. Emocionalmente estava ligada à escola e isso aparece especialmente quando se refere à capela. Suas amigas e as outras famílias freqüentavam os mesmos espaços, tinham uma concepção de educação comum. As férias na fazenda do avô, as obrigações escolares e a convivência com a família e os amigos não são invadidas por qualquer acontecimento político ou econômico. *O imaginário da unidade mascara as divisões e conflitos existentes na sociedade*⁹. Era este o imaginário que se vivia, ainda em 50. O Estado enfatizava, através da propaganda política, a busca da harmonia social e a construção de uma sociedade fraterna, criando a imagem de uma *sociedade em festa*¹⁰.

O ideal de escola para a mãe de Dolores era o *Puríssimo*. Lá ela teria uma educação feminina que o Colégio *Koelle* não lhe proporcionava. Onde residia a diferença, se o *Koelle* também era um colégio para a elite e muito prestigiado? Ela aponta a ênfase em atividades esportivas no *Koelle* como um dos problemas. O *Puríssimo* também oferecia mais cursos de trabalhos manuais e acredito que a grande diferença estava em *quem* educava e quais exemplos se ofereciam: freiras castas, puras, ou alemães, luteranos, carregados de todo o imaginário de rudeza direcionado a esse povo. A delicadeza da mulher aparece como algo fundamental para Dolores e sua mãe.

Dolores ingressa no *Puríssimo* em um período onde os meninos não eram admitidos, ou seja, a partir de 1948¹¹, o que perdurou até a década de 70. Esse aspecto provavelmente foi muito valorizado por sua mãe e, Dolores ressalta, pelo círculo social ao qual pertencia. É provável que esse período tenha contribuído significativamente para a idéia de que o Colégio tenha sido, sempre, feminino. Tal idéia perdurou em sua história oficial - tanto naquela que circula dentro da escola como fora dela - e no imaginário da população.

⁸ BACHELARD, *op.cit.*

⁹ CAPELATO, *op.cit.*, p.57.

¹⁰ *Ibid.*, p.58.

¹¹ Fonte: Livros de matrículas do Ginásio e Normal.

Para Dolores, o *Puríssimo* cumpriu seu papel educando as moças dentro de um ideal de feminilidade e proporcionando-lhes o acesso a uma profissão aceitável para a mulher. As *moçoilas* precisavam passar por essa escola para aprender essa parte *bem feminina*. E ser professora era aceitável, já que ia ao encontro dos ideais em voga, que viam essa profissão como uma extensão das atividades femininas consideradas biológicas e naturais: ser mãe e educadora. Convinha ao Estado Novo a difusão desses ideais, já que a necessidade de mais professores se colocava. Mas o termo **profissão** não se adequava bem ao período, já que se supunha que ser educadora era uma vocação inata da mulher.

A tristeza, para ela, acompanha as mudanças em seu mundo. Seu discurso é repleto de pontuações, onde se pode sentir a interrupção da tradição: na educação dos sobrinhos, que não conheceram o avô e não puderam viver o que ela viveu; na venda da fazenda; na dispersão da família por outras cidades; na sensação de que a família pode não deixar descendentes; no fim das aulas de economia doméstica.

Ao falar de sensibilidade, ela se recorda da capela. No conhecimento do olhar de cada santo buscava o refúgio, a ajuda para cumprir as atividades escolares. Ao mesmo tempo, o controle das confissões nas últimas sextas-feiras hierarquizavam e disciplinavam, mas também serviam como uma forma de escapar de outra forma de disciplina: a aula. As procissões também eram motivos para paquera. Na descrição dos rituais revelam-se as diferentes funções por eles exercidas: sociabilidade, convivência entre iguais, aprendizado de práticas sociais de um grupo.

Dolores vê a utilidade da disciplina de economia doméstica de modo singular. Para ela, não está ligada a uma ideologia da volta da mulher para o lar, pregada pelo Estado Novo e ainda em voga quando ela fez o Curso Normal, mas revela-se um grande instrumento a ser utilizado na abertura do mercado de trabalho para a mulher: conhecendo melhor como cuidar da casa, a mulher poderia conciliar seu trabalho fora e dentro do lar. Por estar impregnada pelo meio social em que vive, por suas idéias e *habitus*, Dolores encanta-se com os padrões estéticos transmitidos por meio dessa disciplina: a forma de arrumar a casa, como decorar o quarto, que objetos devem estar presentes em cada cômodo. As prescrições da disciplina calaram profundamente em Dolores.

Nela incorporou-se o capital cultural transmitido pelo Colégio durante as aulas de boas maneiras: *até hoje isso é muito claro na minha cabeça*, ela diz. Mas tal acúmulo de capital, ouso dizer, aparece como uma imagem no meio que ela freqüentava¹².

As contradições inerentes a esta *sociedade do espetáculo* surgem em meio à pureza e ordem dos ambientes que se misturam, casa/escola. Educar adequadamente a mulher significava muito mais no *Puríssimo* e isso aparece em temas aparentemente opostos, mas que se fundiam nessa escola. Bordado, costura, piano, pintura, etiqueta, boas maneiras estavam direcionados para o polimento cultural e, em seguida, todas essas técnicas se uniam para a demonstração na passarela. O sagrado aprendizado da moça unia-se à sensualidade profana dos desfiles. Também na procissão, o *ar contrito e virginal* podia fazer parte da voluptuosidade da paquera. Os corpos jovens ora aparecem castos, ora sensuais, no andar aprendido para o desfile. Em casa, a primeira meia de seda, os vestidos novos para o baile e os ensinamentos de como se portar na rua. O mundano santificava-se por meio da passagem pelo ambiente puro.

A cisão entre imagem e realidade está consumada na narrativa, mas não é percebida, nem evidente. Ela mostra-se pelo viver no mundo ilusório do espetáculo, que abriga em si o *paraíso ilusório*¹³.

Tanto em um ambiente quanto em outro as informações carregavam os mesmos valores, os mesmos padrões. Para ela, a passagem pelo *Puríssimo* foi *memorável, deliciosa*, sem contradições. A família, segundo Dolores, participava de tudo e seu sonho *era desse tamanho*.

O *status* da menina aluna do *Puríssimo* era colocado em questão no período em que Dolores estudou nessa escola. Os Grupos Escolares, especialmente o *Joaquim Ribeiro*, gozavam de grande prestígio e, no mercado matrimonial, a menina do *Puríssimo* estava em desvantagem em relação ao capital cultural¹⁴ voltado para conhecimentos gerais, adquirido pelas alunas do *Ribeiro*. Dolores afirma que a diferença de *status* entre as meninas de um e outro estabelecimento existia, era real. Mas a civilidade e a cidadania que estavam presentes na formação recebida no *Puríssimo* são *inigualáveis*. Esta era a principal imagem

¹² DEBORD, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ Ver BORDIEU, Pierre (1998). "Os três estados do capital cultural". In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs) (1999). *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

que as alunas do Colégio *Puríssimo* carregavam. Poder ou não utilizar vestidos diferentes no mesmo dia, um para ir à missa e outro para ir ao baile, também estabelecia diferenças.

Quando Dolores foi para a Faculdade, a escolha da instituição encaixou-se novamente nos padrões da família. As amizades feitas em Campinas misturaram-se com aquelas de Rio Claro, proporcionaram casamentos restritos a um grupo social.

Dolores parecia viver em um sonho onde imagens dançam: a escola pura¹⁵, as meninas castas e bem educadas, os *cafifas*, a família feliz e em perfeita consonância com os valores da escola, tudo isso em uma sociedade feliz. Seu sonho era *desse tamanho*. Eram imagens que transitavam nas procissões, nos desfiles, nas conferências, espaços privilegiados para serem expostas. *A realidade surge no espetáculo e o espetáculo é real*¹⁶. Essa alienação, para Debord, é a base da sociedade existente. *É a representação diplomática da sociedade hierárquica diante de si mesma, na qual toda outra fala é banida. No caso, o mais moderno também é o mais arcaico*¹⁷. As relações sociais, nessa sociedade, são mediadas por essas imagens.

O *Puríssimo* estava *anos à frente*, era pioneiro ao inserir economia doméstica em seu currículo, observando que a mulher teria que dominar dois espaços: o do lar e o do trabalho fora de casa. Aqui também a história deixa entrever a história oficial da cidade, onde a imagem do pioneiro é marca registrada. Aí está o *glamour* do *Puríssimo* : ser (ou parecer?) inovador sem perder a classe.

¹⁵ A idéia de pureza ligada ao Colégio será discutida em capítulo posterior.

¹⁶ DEBORD, *op.cit.*, p.15.

¹⁷ *Ibid.*, p.20.

Capítulo 4

Representações da escola de qualidade: da procissão ao desfile

Em 1999, quando o Colégio *Puríssimo* completou noventa anos, preparou-se uma festa que durou alguns dias, entre almoços, exposições de fotos, cadernos e objetos diversos e apresentações no salão nobre da escola. Muitos ex-alunos compareceram. O salão estava repleto: pais, alunos, freiras, funcionários, professores. No palco, homenagens se multiplicavam. Um clima nostálgico instalou-se quando o conjunto Melo-Rítmico, grupo musical formado em 1960 por alunas do Curso Normal e dirigido por Irmã Hermínia Maria do Amor Divino, subiu ao palco. Durante semanas aquelas mulheres, ex-alunas, reencontraram-se e ensaiaram para, finalmente, se apresentar. Uma breve história da escola foi contada em palestra proferida pela professora doutora Marilena Camargo, também ex-aluna, que ressaltou o *sentimento de domínio e projeção* da escola sobre a cidade¹. Na noite da apresentação foi declamada a poesia *Aos Noventa*, de autoria de Ivanira Bonh Prado, que foi aluna e professora do Colégio. Um dos jornais da cidade a publicou e reproduziu a seguir:

Aos noventa

*O casarão da Rua Sete,
A torre esguia da Capela,
Apontando para o alto,
É como uma árvore*

¹ Palestra proferida pela professora Marilene J. G. de Camargo por ocasião da comemoração dos noventa anos do Colégio *Puríssimo Coração de Maria*, em fita VHS.

- o mais antigo flamboyant da Praça,
integrado na paisagem.
O tempo preservou a sua fronde.

À sua sombra se escreveu a história
E a geografia
Sentimental
De muitas vidas.
Bandos inquietos,
Em gerações sucessivas,
Nele, pelas mãos das Irmãs,
Ensaíaram os primeiros vôos.

Até o impulso
Definitivo
Ao encontro da vida.
(e suas armadilhas).
Dentro dele
(era bom sentir)
havia segurança,
uma clara e cristã alegria.

Os exemplos de Fé,
as lições da Ciência,
Os padrões da cultura,
mais do que nos cadernos bem feitos,
se escreveram nas almas.
E foram a força positiva
Que formou amorável corrente.
Hoje, ex-alunos,
corações e mentes
ligados
ao casarão da Praça,
festejam
(como o poeta Quintana)
Na lira dos noventa anos,
uma idade que se renova.

Puríssimo
"É como se abrisse
o mesmo livro
numa página nova
A cada dia.

Lá estava a vitrine. Seu vidro totalmente transparente e limpo deixava ver tudo o que ali se apresentava nostalgicamente alegre. Música, aconchego, o pátio protegido pela árvore, o sorriso das irmãs, carinho, flores, varanda, saber. Tudo belo e bom. Os elementos que constituíam as representações do desenvolvimento da cidade também estavam presentes: o casarão, a torre da capela, conhecimento, cultura e moral. E nós, espectadores, contemplávamos as imagens. O mundo sensível era ali apresentado em *estado coagulado*, substituindo por imagens tudo o que existiu em *estado fluido* nas atividades do *Puríssimo*². Mas, como se formou esse *sentimento de domínio* do qual fala a professora Marilena? Esse *domínio*, acredito, refere-se a uma imagem inabalável e inquestionável de escola, transmitida em situações específicas. No texto de Ivanira, a escola aparece como aquela que propicia segurança, que cultiva a alegria cristã, que fornece bons exemplos, ciência e cultura. Tudo isso foi inscrito nas almas! Expunha-se esta imagem na vitrine no salão nobre, em 1999. Uma imagem reafirmada e reconstruída durante todo o ano em diversas outras atividades, como as chamadas *apresentações de palco*, realizadas anualmente, onde todas as classes se apresentam às famílias presentes. Atividades que emocionam e possuem uma função comunicativa.

Assim como uma imagem de escola se apresenta nessas atividades, procuro esta ou outras imagens também no passado em outras comemorações: nas procissões, nas conferências e nos desfiles, a *pré-história*³ das atuais *atividades de palco*.

Início por aquilo que há de menos contestado e observado: seu nome, Colégio *Puríssimo Coração de Maria*. Hoje chamado apenas de *Puríssimo* pela população da cidade, seu nome evoca significados e carrega mensagens. *Limpo, sereno, claro, límpido. Imaculado, casto,*

² DEBORD, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, p.27.

³ BENJAMIN, Walter (1991). Pequena história da fotografia. IN: *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática.

*virginal, cândido, inocente, virtuoso. Incontestável, verdadeiro, fiel, exato, inteiro, completo. Singelo, sincero. Simples, mero, só, único. Correto, irrepreensível, perfeito, castiço. Suave, mavioso. Tranquilo*⁴. O colégio carrega estas idéias no próprio nome, mas também na sobriedade do prédio e suavidade das cores, no uniforme discreto das alunas e também em seus corpos e comportamentos. Procuro olhar para as cerimônias que mais se destacaram no *Colégio* e descrevê-las de um modo geral: seus objetivos apresentados na *Chronica* ou no jornal e a posição dos alunos e professores dentro dessas atividades.

A *pureza*, no Velho Testamento, relaciona-se com a idéia de energia vital. Qualquer impureza corresponderia a uma diminuição dessa energia. Na linguagem hebraica, no entanto, a palavra *puro* carrega um simbolismo: *'thator'* (*puro*) *significa, originalmente, 'abrindo-se para a luz, brilhante como a luz'; 'thame' (impuro) é, inicialmente, 'barrento, sujo'*⁵. A associação da idéia de *pureza* à *pureza espiritual* remonta a Hesíodo, mas, no cristianismo, a dimensão espiritual e moral da *pureza* está totalmente presente no Novo Testamento, onde *os antigos preceitos de pureza são declarados inúteis se não forem expressão da pureza de coração*⁶.

No nome do Colégio, a idéia de *puro* se liga, inicialmente, ao substantivo *coração*, sede da alma, do sentimento e da coragem, como em Homero, e da consciência, como no budismo⁷. Para os egípcios, o coração estava ligado à continuação da vida. No embalsamamento todos os órgãos eram retirados, menos o coração. Para o cristianismo, a verdadeira essência está no coração:

*Mas o Senhor disse-lhe: 'Não te deixes impressionar pelo seu belo aspecto, nem pela sua alta estatura, porque eu o rejeitei. O que o homem vê não é o que importa; o homem vê a face, mas o Senhor olha o coração'*⁸.

⁴ FERNANDES, Francisco (1990). Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa. São Paulo: Globo.

⁵ LURKER, Manfred (1997). *Diccionario de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, p.578.

⁶ *Ibid.*, p.578.

⁷ *Ibid.*

⁸ *A Bíblia Sagrada*, I Sam 16, 7.

Para Santo Agostinho, o coração era recipiente do amor divino. Algumas passagens bíblicas colocam a necessidade de se ter um coração puro e simples como condição para alcançar a sabedoria, para o encontro com Deus.

*Amai a justiça, vós que governais a terra,
tende para com o Senhor sentimentos perfeitos,
e procurai-o na simplicidade do coração,
porque ele é encontrado pelos que o não tentam,
e se revela aos que não lhe recusam sua confiança;
com efeito, os pensamentos tortuosos se afastam de Deus
e o seu poder, posto à prova, triunfa dos insensatos.
A sabedoria não entrará na alma perversa,
nem habitará no corpo sujeito ao pecado⁹.*

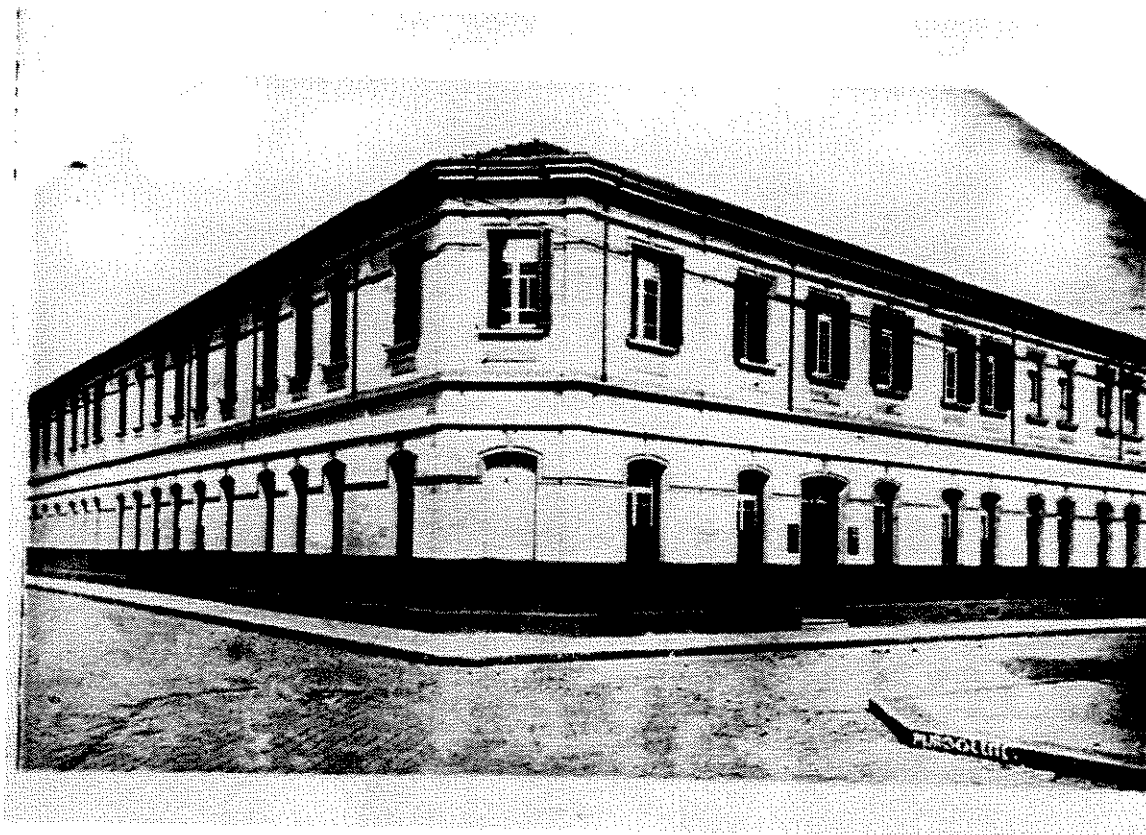
Foi durante a Idade Média que o coração como símbolo de amor tornou-se cada vez mais difundido, tanto em sentido profano quanto religioso. O símbolo é também atributo de diversos santos¹⁰. Símbolo do Colégio e da Congregação, o *Puríssimo Coração de Maria* está diretamente ligado à virgindade e à pureza. Maria foi declarada *Aei Parthenos*, sempre virgem, pelo Sínodo Lateranense, 649. Diversas imagens e símbolos lhe são atribuídos na tradição da Igreja. Ela é também o *Typus Ecclesiae*, modelo e imagem da Igreja, serva, mãe, esposa, rainha do céu e intercessora¹¹.

Na cidade de Rio Claro, o Colégio passou a ser chamado pela população de *Puríssimo*. A idéia de *puro* desligou-se do *coração de Maria* para ligar-se à instituição, ao substantivo Colégio, direcionando a ele o adjetivo e compondo uma imagem: a do *Colégio Puríssimo*. Na cidade, diz-se freqüentemente *o Puríssimo*. Talvez esse seja o primeiro indício da imagem inabalável e inquestionável da qual busco as origens.

⁹ *A Bíblia Sagrada*, Sam 1, 1-4. Outras referências: Mat 15, 19; Pro 15, 28; Pro 6, 18; Gen 8, 21; Ato 8, 21.

¹⁰ Catarina de Siena (coração com cruz), Francisco Xavier (coração com lírio), Teresa d'Ávila (trespassado por flecha), Agostinho e Antonio de Pádua (coração em chamas). In: LURKER, *op.cit.*, p.578.

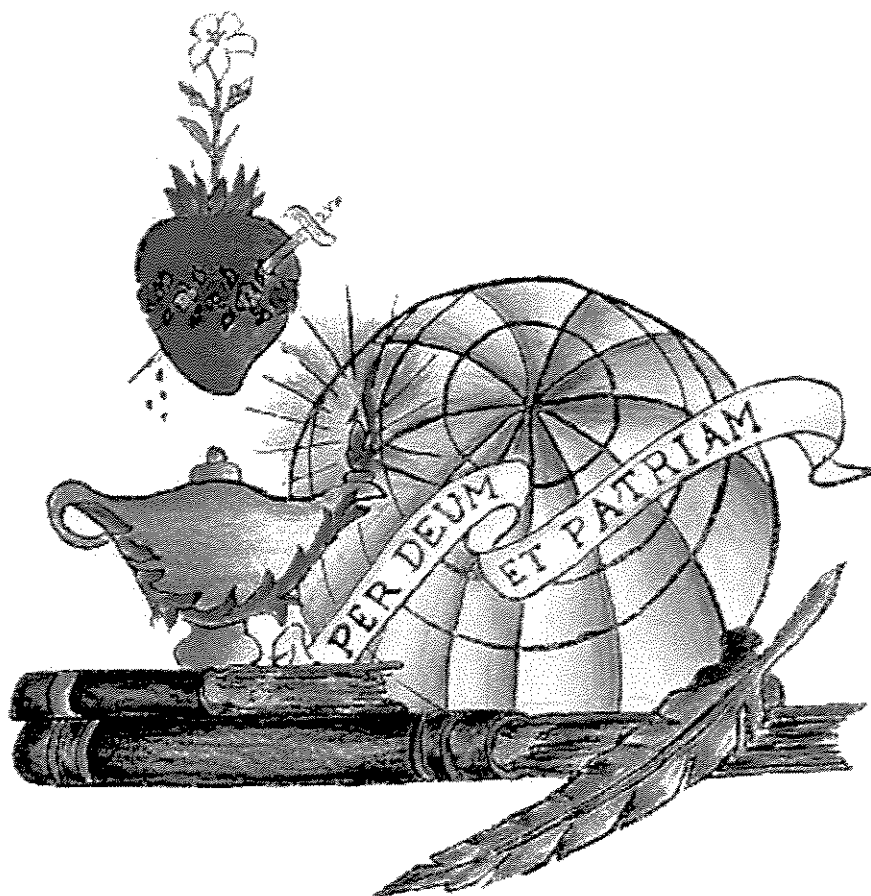
¹¹ GÖSSMANN, Elisabeth & outros (orgs) (1997). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes.



Prédio do Colégio *Puríssimo Coração de Maria*, s/d. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

A pureza também está presente em seu prédio. Ao entrar em um colégio chamado *Puríssimo*, tem-se a sensação da necessidade de despojar-se de si próprio, de tornar-se casto imediatamente. Pois a pureza é implacável e não me toleraria de outra forma. Ela se espalha pelas paredes e sombras das salas, personificando-se na virgindade e serenidade daquelas que dirigem o Colégio. Santos, imagens, quadros e cartazes com frases bíblicas lembram insistentemente ao recém-chegado como ele deve se portar. As salas de aula são simples, singelas. Móveis necessários, claridade e limpeza. A tranquilidade paira no ipê e na mangueira do pátio e só é interrompida pela inocência que irrompe das salas, brincando e gritando na hora do intervalo. Assim, todos os elementos que compõem o prédio ou nele habitam, como que por uma fusão mágica, parecem, aos olhos que o vêem pela primeira vez, carregar a pureza em si. Paredes, alunos, móveis, freiras, árvores, luzes e sombras, tudo comunga o puro.

O símbolo da escola, talvez onde a evidência da ligação da idéia de pureza ao Colégio seja maior, foi desenhado pelo professor Roberto Leonardo, titular da cadeira de Desenho, por volta de 1940. O símbolo evoca o coração de Maria, mas liga-o ao conhecimento.



Símbolo do Colégio. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio

O livro, a pena e a tinta representam o conhecimento. Os livros sustentam a lâmpada com a luz que ilumina o mundo. A lâmpada apresenta ainda um sentido dúbio: a luz pode advir da religião e/ou do conhecimento. O coração de Maria está presente, trespassado por uma espada, mas, ao mesmo tempo, dele brota uma flor. Os dizeres *Per Deum et Patriam* remetem ao ideário do período em que foi criado este símbolo, quando as escolas eram projetadas para fora de seus muros, colaborando com a construção simbólica e o espetáculo do Estado Novo no culto à pátria e, ao mesmo tempo, construindo suas próprias representações.

Após a Revolução de 30, quando Getúlio Vargas assumiu o poder, o espetáculo tornou-se um dos veículos de unificação e transmissão das ideologias desse período. Conforme observa Capelato, *o poder utiliza meios espetaculares para marcar sua entrada na história*¹². Assim, os desfiles cívicos, a idolatria aos símbolos da pátria e a construção de monumentos espalharam-se pelo País, difundindo ideais patrióticos. Na escola, o uso da bandeira nacional, do hino e das armas passou a ser obrigatório a partir de 1940¹³. Os símbolos, como unidade do ser e da palavra¹⁴, conferiam eficácia ao definir significados, idéias e conceitos, excluindo quaisquer possibilidades de contestação. Desenvolvia-se uma política de massas que comunicasse mensagens e construísse comportamentos. As escolas eram imprescindíveis na difusão dessas idéias e na consolidação do novo regime.

No início da República, a escola já se apresentava, nos discursos de intelectuais, políticos e jornalistas, como fundamental para o desenvolvimento social e unificação do País. Em 1890, Rangel Pestana, redator do capítulo da instrução pública do programa da propaganda republicana, ressaltou, no jornal *O Estado de São Paulo*, a necessidade de

*incutir no ânimo popular o sentimento da pátria moderna, com a afirmação de suas grandezas, da energia de sentir e pensar, com a verdadeira solidariedade dos que trabalham em uma obra comum, sem antigos preconceitos e sem o avigoreamento dos condenáveis privilégios. (...) ora, não serão os velhos mestres, formados na escola de abusos, de patronato, de cortesianismo oficial, que hão de desempenhar a nova missão... É fora de dúvida que a República precisa formar novos mestres*¹⁵

As escolas católicas eram atingidas também pelo engajamento da Igreja dentro da lógica espetacular que se desenvolvia. O exacerbado nacionalismo, ligado ao militarismo - elementos característicos do regime político - provavelmente não teve empecilhos para penetrar nessas escolas, já que os movimentos leigos cresciam e eram estimulados pela Igreja, nesse mesmo período. Esses movimentos resultavam na fundação de Associações que utilizavam em suas cerimônias elementos militares e nacionalistas. As diversas fundações

¹² CAPELATO, *op.cit.*, p.37.

¹³ O uso obrigatório foi instituído pela Reforma Capanema em 1942.

¹⁴ ALMEIDA, Milton José de (1999). *Cinema arte da memória*. Campinas, SP: Autores Associados.

¹⁵ Apud REIS FILHO, *op.cit.*, p.27

religiosas, resultantes desse crescimento, que estavam sediadas no *Puríssimo*¹⁶, não escapavam à regra e também utilizavam símbolos comuns àqueles do novo regime. A miscelânea de símbolos cívicos e religiosos nunca foi desembaraçada. Para McLaren,

*A cultura é uma construção que permanece como uma realidade consistente e significativa através da organização abrangente de rituais e sistemas simbólicos. (...) A cultura da escola é informada por determinantes específicos de classe social, ideologias e estruturas da sociedade maior*¹⁷.

No início do século XX, a política da romanização empenhou-se em difundir o culto ao sagrado coração de Jesus e de Maria¹⁸ através do Apostolado de Oração. O culto a Maria, especificamente, passou a ser estimulado com o fim da monarquia e o rompimento legal entre Igreja e Estado. Disputavam-se, no início da República, representações diversas para a pátria. De um lado da disputa estavam os republicanos e, do outro, a Igreja¹⁹. Assim como na França, alguns pintores brasileiros procuraram retratar a república por meio da figura feminina. Naquele país, as mulheres foram personagens reais nas lutas para implantação do novo regime: a figura de Marianne, nome popular, espalhou-se por todo o país, após a Terceira República, como representação do regime implantado. No Brasil, as poucas figuras femininas que representavam a República, em poucos quadros ou jornais, não surtiram efeito e tampouco se difundiram pelo País. A República no Brasil não conseguiu construir uma estética própria. Uma das possíveis explicações para o fato, como ressalta Carvalho, seria a falta de uma comunidade de sentido: a República não teve a participação popular e tampouco de mulheres. Logo a figura feminina passou a ser caricaturada como *res publica*, mulher pública, prostituta.

A mariolatria já estava consolidada no Brasil e poderia ter sido uma via de utilização nas tentativas de representação da pátria. No jornal *O Malho*, a figura feminina da pátria assume aspecto belicoso, esmagando a revolta que eclodiu no Rio de Janeiro, representada por uma

¹⁶ Foram fundadas as seguintes associações no Colégio: Pia União das Filhas de Maria, 1921; Liga de Santa Therezinha, 1929; Ação Católica, 1938; Cruzada Eucarística, 1938; Apostolado de Oração, 1939. *Livro de Chronica, op.cit.*

¹⁷ McLAREN, Peter (1992). *Rituais na Escola*. Em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, p.33.

¹⁸ MICELI, Sérgio (1988). *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil.

¹⁹ CARVALHO, *op.cit.*

serpente a seus pés²⁰. É inevitável a lembrança da imagem descrita no Apocalipse da mulher que esmaga a cabeça da serpente e que deu origem a diversos quadros onde Maria é representada nessa cena. No entanto, a Igreja Católica também se esforçava em difundir suas representações da pátria.

*De fato, assim como na França do Segundo Império, também no Brasil da Primeira República Maria foi utilizada como arma anti-republicana. Houve um esforço deliberado dos bispos para incentivar o culto mariano, sobretudo por meio de Nossa Senhora Aparecida*²¹.

No início do século iniciaram-se as romarias oficiais e, em 8 de setembro de 1904, Nossa Senhora Aparecida foi coroada rainha do Brasil. Carvalho chama atenção ainda para a data e a designação monárquica. Para ele *não havia como ocultar a competição entre a Igreja e o novo regime para a representação da nação*²². O processo estendeu-se durante anos, culminando em 1930 com a declaração de Pio IX: Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. Ainda que possa parecer problemática a representação da nação através da figura de Aparecida, Carvalho ressalta que, além de possuir raízes na profunda tradição católica e mariana, ela é brasileira e negra, o que a coloca a grande distância da francesa branca representada pelos pintores brasileiros. No entanto, a figura de Maria não foi incorporada pelos artistas da República, já que a separação Igreja-Estado havia gerado animosidade entre os dois poderes, e a utilização de um símbolo católico poderia aparecer como profanação. No entanto, a representação do jornal *O Malho* e a utilização de outros símbolos em comum podem denotar uma interpenetração de símbolos e significados, e não uma derrota do cívico pelo religioso, como conclui Carvalho.

Os movimentos leigos desenvolviam-se, para expandir uma Igreja até então restrita devido ao padroado. Mas, ao mesmo tempo, os dois poderes, temporal e espiritual,

²⁰ CARVALHO, *op.cit.*, p.100.

²¹ *Ibid.*, p.93.

²² *Ibid.*, p.94.

apoiavam-se mutuamente em suas construções simbólicas e ritualísticas, a fim de se fortalecerem.

No Colégio *Puríssimo* o Apostolado de Oração foi fundado em 1939.



Fundação do Apostolado de Oração no *Puríssimo* em 1939. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio

Nesse ano, muitas jovens tornaram-se *zeladoras do Coração de Jesus*. Todos circundavam a imagem de Cristo, os corpos disciplinados e homogêneos olhavam para a câmera. A hierarquia dentro da associação tinha também um fim disciplinar: uns vigiavam outros e Deus vigiava a todos. A comunhão nas últimas sextas do mês, a fim de alcançar a indulgência, como relatou Dolores, era também um meio de controle.

As outras associações fundadas no Colégio também tomavam parte em festas internas e externas. As cerimônias em honra a Maria ocupam grande espaço no *Livro de Chonica* e

aconteciam nos meses de maio e agosto. A primeira data foi instituída pela Igreja como o Mês de Maria e é o mês em que se comemora a aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastores; a segunda data refere-se às comemorações da assunção da Virgem Maria e é quando também se realiza a festa da Congregação. Em 1925, já havia sido fundada a Pia União das Filhas de Maria e todos os anos, no dia 15 de agosto, o relato da festa ao Imaculado Coração de Maria ganhava destaque na *Chronica*. As festas religiosas tinham um papel fundamental na escola; no entanto, parecem restringir-se aos alunos e professores, estendendo-se, algumas vezes aos familiares²³. Em 1940, descreve-se a comemoração do mês de Maria:

*A novena de nossa Mãe, o Puríssimo Coração de Maria, foi como nos anos anteriores, solenemente realizada, com prática e benção do Santíssimo, com numerosa assistência dos alunos e professores, sendo encerrado no dia 15 com solene missa e acompanhada de harmonium e violinos e cânticos por um grupo de alunas. Após a missa foi servido café e doces a todas as alunas e uma bonita mesa separadamente aos professores*²⁴.

A capela a meia-luz, a música suave e a dramatização da coroação de Maria (que ocorria no mês de maio) impeliavam à devoção. Realizadas anualmente, essas cerimônias integravam-se ao andamento das atividades do Colégio como parte do currículo, renovando e mantendo o clima de *religiosa piedade*, termo freqüentemente utilizado pelas escritoras da *Chronica*, com o propósito de definir o objetivo de tais atividades. O elemento sagrado era evidente na pureza e majestade de Maria. A emoção suscitada sugeria a união em um sentir comum. Criava-se, assim, para retomar o termo utilizado por Segalen, uma *adesão mental*²⁵ à cerimônia e às idéias e mensagens ali transmitidas. No entanto, a comunhão experimentada

²³ Os relatos contidos na *Chronica* não deixam entrever a presença de pessoas da cidade nas comemorações do Imaculado Coração de Maria. No entanto, em 1941 foi publicado, no jornal *Diário do Rio Claro*, um convite à população para participar das novenas e procissão. O convite foi assinado pela Confraria do Coração de Maria, não mencionando nenhuma ligação com o Colégio *Puríssimo*. Também em 7 de maio de 1949 foi publicado convite para as solenidades comemorativas do 1º Centenário da Congregação do Imaculado Coração de Maria. No entanto, a extensão do convite à população restringiu-se a esse ano, certamente devido à excepcionalidade da data.

²⁴ *Livro de Chronica, op.cit.*, p. 58.

²⁵ SEGALEN, Martine (1998). *Rites e rituels contemporains*. Paris: Éditions Nathan, p.21.

durante a cerimônia transformava-se em hierarquização no momento do café: professores e alunos separavam-se em mesas diferentes.

No mês de maio também se realizavam comemorações internas:

Durante todo o mês de Maio, para honrar a Virgem Imaculada, armamos um altar, no palco, e com todo o fervor as creanças do Curso Primário, ofereciam à Virgem, flores, cânticos e orações.

Os alunos do Ginásio e Escola, assistiam ao mês de Maio, na Capela, havendo benção com o Santíssimo, todos os dias, às 4 horas da tarde.

Muito solene foi a coroação de Nossa Senhora no fim do mês.

De manhã houve Missa e Comunhão Geral dos alunos que cantavam durante a cerimônia.

Às três horas da tarde realizou-se a coroação. Armamos na própria Capela, um altar provisório para este fim. Todo o colégio assistiu; sendo muito comovente o ato²⁶.

Nesse mês, além das comemorações internas, aconteciam também as festas fora da escola, promovidas pela Igreja ou mesmo organizadas pela Pia União das Filhas de Maria²⁷. Certamente as alunas do *Puríssimo* estavam presentes. Em um dos jornais da cidade o acontecimento ganhava destaque:

Brilhantíssima e imponente a Concentração Mariana na nossa cidade

Abrindo essa columna do velho 'Diário' que há mais de meio século acompanha com interesse e entusiasmo a vida social de Rio Claro em todas as suas manifestações, fazemos questão de patentear as felicitações e louvores de que é merecedora a Pia União das Filhas de Maria de Rio Claro diante do esplendor religioso e do grandioso brilhantismo que atingiu a imponente Concentração Mariana realizada domingo nesta cidade²⁸.

As Filhas de Maria das cidades vizinhas, Campinas, Piracicaba, Limeira, Pirassununga, Leme, Descalvado, Araras, São Pedro, Rio das Pedras, Jaguari, Rebouças, etc, passaram o dia na cidade, participando da missa e da assembléia. Noticiava o jornal que aproximadamente mil e quinhentas pessoas estavam presentes.

²⁶ *Livro de Chronica, op.cit.*, p. 60-1.

²⁷ Havia a Pia União das Filhas de Maria, fundada anteriormente na cidade. A organização das festas promovidas por essa associação figuram no jornal *Diário* antes da data da fundação das Filhas de Maria no Colégio, em 1925. Em 1940, podemos supor que a associação do Colégio estivesse envolvida com as atividades da associação externa a ele.

²⁸ *Diário do Rio Claro*, 12 de julho de 1940.

Na narração das atividades realizadas pelas outras associações, abrigadas também pelo Colégio, encontram-se maiores elementos simbólicos de ligação entre o novo regime e a Igreja.

No dia 20 de Novembro (1938), Jesus Eucarístico foi mimoseado com mais uma jóia espiritual, pois, fundou-se aqui a piedosa Cruzada Eucarística. Foram recebidas 15 meninas. A cerimônia foi comovente; as crianças, vestidas de branco, alegres e piedosas, entraram na Capela, ostentando, bem alta a bandeira da Cruzada, cantavam muito entusiasmadas o hino apropriado. Procedeu-se, em seguida, a benção solene da bandeira e a imposição das fitas às cruzadas. Durante a recepção dos distintivos as cruzadinhas cantavam o hino à Bandeira. Terminou esta solenidade com a Benção do Santíssimo Sacramento²⁹.

As obrigações da Cruzada Eucarística eram expressas em termos militares:

Cruzada Eucarística

Esta milícia também desenvolveu este ano, graças à proteção do céu e grandes esforços da Irmã dirigente. Grandes obstáculos tem encontrado para seu desenvolvimento gigantesco, como se desejaria, mas, não obstante isso, são 60 cruzadinhas, amiguinhas de Jesus que, quais verdadeiros soldadinhos da Eucaristia, sempre tem cumprido as prescrições dos estatutos, fazendo mensalmente sua comunhão geral e reuniões³⁰.

Milícia, estatutos, cumprimento dos deveres, soldadinhos da Eucaristia são palavras que aparecem com frequência. O momento político vivido no Brasil facilitava a difusão da cultura militar e milenar católica. Cabe lembrar que a mescla de elementos, no que tange a aspectos bélicos, não é privilégio da modernidade, mas remonta às origens do cristianismo e do Estado moderno, com guerras e cruzadas. Concomitante ao início dos desfiles cívicos, o espaço desses símbolos ultrapassa as paredes da escola.

A bandeira do Apostolado de Oração circulava pelas ruas da cidade durante as procissões. Ela foi doada à associação pelos pais de uma das alunas que, como benfeitores, amparam o padre diretor do Apostolado. Duas crianças da Cruzadinha, tais como anjinhos, ornaram o

²⁹ *Livro de Chronica, op.cit.*, p. 61-2

³⁰ *Ibid.*, p. 87-8.

quadro abençoando. As meninas armam o sorriso para a foto. Em 1947, ao descrever o crescimento do Apostolado de Oração e da Cruzada Eucarística, a *Chronica* conclui:

*Essas mesmas associações têm sabido também apresentar-se e unir-se aos movimentos promovidos na Paróquia como procissões, comunhões pascais, etc*³¹.



Dolores Gimenez e suas colegas zeladoras do *Coração de Jesus*, s/d. Fonte: acervo particular.

O Apostolado de Oração era também custeado pelas próprias zeladoras. O apelo à participação era forte, mas seletivo, já que exigia da zeladora a disponibilidade de fazer doações. Participar da procissão como zeladora tinha o significado de pertencimento a um grupo seletivo. Segurar a bandeira era uma honra que cabia a uma zeladora que já ocupasse posto superior na escala hierárquica. O mesmo acontecia com a bandeira da escola durante os desfiles cívicos. Assim como nas festas internas, aqui os símbolos expostos referiam-se diretamente àquilo que se entende como sagrado no cristianismo: a lembrança de santos evocada através das imagens e a instituição e a associação representadas por suas bandeiras. Mas o espaço por onde esses símbolos circulavam já não se restringia ao espaço escolar.

³¹ *Livro de Chronica II*, op.cit., p.3.

Festas religiosas internas, retiros, missas, primeiras comunhões, fundações e visitas de autoridades religiosas, ocupam quase todo o espaço da *Chronica* até por volta de 1940. Uma modificação gradativa se processa na narração nos anos que se seguem. Outros elementos foram acrescentados e a descrição de acontecimentos que ultrapassam o universo escolar ganha maior espaço. Ao lado das quermesses, festas das missões e as tradicionais festas da padroeira da Congregação, desenrolavam-se solenidades de inaugurações, festa do centenário do Ensino Normal, procissões, festas cívicas e conferências que preenchem grande parte do volume dois do *Livro de Chronica*. Ao mesmo tempo em que o Colégio se abria, fosse para receber familiares ou outros cidadãos em suas festas, também ultrapassava seus muros e colocava-se nas ruas da cidade.

A visibilidade dada às escolas pela mídia é patente. Diariamente apresentavam-se notícias publicadas no jornal *Diário do Rio Claro* a respeito de festas nas escolas da cidade: a tradicional festa popular do Colégio *Koelle*, a comemoração do dia de Tiradentes no salão do então Ginásio do Estado *Joaquim Ribeiro*, exposições de trabalhos dos Grupos Escolares. Pequenas notas a respeito das conquistas do Ginásio ou do Colégio *Koelle* em campeonatos de Educação Física. Professores e diretores ganhavam posições de destaque, especialmente aqueles dos estabelecimentos públicos, como é o caso da notícia do aniversário de Joaquim Ribeiro:

A data de hoje assignala a passagem natalícia do coronel Joaquim Ribeiro dos Santos, respeitável cidadão, merecidamente estimado pelos seus dotes moraes e como fundador do imponente estabelecimento de ensino, Gymnasio do Estado "Joaquim Ribeiro" de nossa cidade.

O "Diário" noticiando a grata ephemeride protesta-lhe mais uma vez sua admiração e estima enviando-lhe sinceras felicitações³².

As publicações de textos escritos pelos professores de algumas escolas, especialmente do Ginásio *Joaquim Ribeiro*, ou do Colégio *Puríssimo*, também são comuns após 1940. A projeção pública deste último ganha importância, tanto na *Chronica* como nos jornais da cidade, com a descrição dos concursos dos quais as alunas participavam e saíam vitoriosas, com as solenes conferências realizadas no salão nobre da escola, ou ainda com a presença do

³² *Diário do Rio Claro*, 19 de maio de 1940.

Puríssimo nos desfiles, sempre descrita como exuberante e singular. Já o Colégio *Koelle* e o Ginásio *Joaquim Ribeiro* destacavam-se, também, pelas conquistas esportivas.

Nos jornais da cidade, especialmente na década de 40, as contínuas notícias a respeito da agitação política na Europa dividem o espaço com o anúncio da reforma do ensino, com notícias sobre as exposições de trabalhos, organizadas pelos grupos escolares, com longo artigo sobre a quem cabe a educação do cidadão ou sobre o papel da mulher frente à pátria.

O Curso Normal do *Puríssimo*, inaugurado em 1928, contribuía fundamentalmente com a imagem que a escola começava a transportar para o espaço público. Desde sua fundação, eram oferecidos o Curso Primário e depois o Complementar. Foi acompanhando os impulsos de expansão do ensino nesse período que foi fundada a Escola Normal Livre anexa ao Colégio, posteriormente, em 1953, equiparada às escolas normais do Estado. Nada se comparava ao prestígio desse curso, naquela época. Era necessário formar professores para suprir os quadros dos novos grupos escolares e demais escolas que se espalhavam pelo País. Juntando-se à idéia da escola como meio para solucionar os problemas sociais, criou-se um imaginário em torno da figura do professor, da escola e da normalista.

Além dos símbolos, procissões, conferências e desfiles, as apresentações públicas das alunas, professores e freiras do *Puríssimo* carregavam uma imagem da escola em seus modos de vestirem e se comportarem e eram, eles mesmos, representações do Colégio. Nas procissões estavam as alunas do Colégio com suas fitas azuis, vermelhas ou amarelas, hierarquicamente dispostas em suas associações e estas, por sua vez, colocadas na ordem determinada pelo padre. Estavam também os *anjinhos* - como Therezinha Sitolin, cuidadosamente enfeitada por sua mãe - que, após o término da cerimônia recebiam saquinhos com bombons para recompensar sua participação na festa³³.

*E as bandeiras na procissão? A bandeira do papa, a bandeira da escola (pausa). Eram três bandeiras, será que era a do Brasil? Era da Santa Sé e da escola... então era uma honra quem fosse carregar esta bandeira. A procissão era uma apoteose! Porque, além do uniforme de gala, você se embonecava, se emperiquitava toda e tinha que botar mantilha branca. E as meninas ficavam: "a minha é da Espanha, a minha é da França". E aquele ar contrito, aquela coisa de virginal mesmo!*³⁴

³³ No programa das festividades de *Corpus Christi*, publicado no jornal *Diário de Rio Claro* de 9 de junho de 1941, pedia-se a presença de *anjinhos* e *virgens* aos quais *serão ofertados lindos saquinhos com bombons*.

³⁴ Entrevista de Dolores Dirce Gimenez.

As alunas do *Puríssimo* se destacavam, ordenadas e disciplinadas, com suas mantilhas, uniformes de gala e meias de seda. As freiras cuidavam para que nada atrapalhasse a boa apresentação de suas alunas, não permitindo que vestissem outra blusa além daquela do uniforme. O *ar contrito* dava o toque final ao quadro onde elas se apresentavam tal como anjos: belas e puras. As alunas se diferenciavam dos outros participantes, formando um grupo coeso, mas também se diferenciavam entre si pelo pertencimento ao Apostolado, pelo merecimento em carregar a bandeira e até mesmo pelas meias e mantilhas. O *glamour* das procissões, presente nas lembranças da juventude de Dolores, não é compartilhado por Therezinha. Como em um sonho, ela transita, olha, mas parece ver tudo à distância. Ela não pertence àquele mundo. O que ficou para Therezinha foi a fé, como veremos no capítulo seguinte. As roupas, o modo de se portar, a fita e a bandeira eram os símbolos mais evidentes que demarcavam o espaço, estabelecendo, como afirma Debord, uma relação social entre pessoas, mediada por imagens³⁵. Imagens daquilo que eram as alunas ou daquilo que pareciam ser. Não era somente um espaço de representar e de apresentar uma imagem, mas também de construir relações entre grupos, onde as pessoas deveriam tomar ou não distância de uns e outros³⁶.

Antes de tudo, participar das procissões significava adesão a um conjunto de crenças e conhecimento comum de signos católicos.

*A (procissão) de Corpus Christi também era uma procissão soleníssima. Na hora que levantava o ostensório, a fanfarra do tiro de guerra tocava o hino nacional. Então era assim: todo mundo ajoelhado aqui na Praça da Liberdade, sempre as alunas do Puríssimo na frente, carregando bandeira, fazendo, acontecendo. Então, realmente, procissão sem aluna de Puríssimo, não era procissão. E os mocinhos gostavam, e a gente também*³⁷.

Símbolos da pátria e da Igreja estavam intimamente unidos, fortalecendo ambos os poderes. Essa imbricação entre Igreja e Estado estendia-se também para as escolas: pela Constituição de 1934, o ensino religioso tornou-se facultativo nas escolas públicas. Até

³⁵ DEBORD, *op.cit.*

³⁶ ELIAS, *op.cit.*

³⁷ Entrevista de Dolores Dirce Gimenez.

então, ele deveria ser estritamente laico. O Estado Novo era católico³⁸. Virtudes e símbolos católicos eram comumente utilizados na propaganda política do regime e, mais que isso, os ideais do catolicismo foram incorporados pelo novo regime, conforme explica Capelato, apoiada na tese de Romano:

As doutrinas autoritárias (como positivismo, organicismo, corporativismo), que ajudaram na configuração da estrutura do novo regime, guardam entre si diferenças significativas, mas elas se unem num ponto comum: a concepção da sociedade organizada pelo alto, dirigida por uma autoridade capaz de manter a ordem e a hierarquia social. Por essa razão, o catolicismo, que se identificava com essa perspectiva, pôde ser integrado no discurso estadonovista³⁹.

Capelato ressalta que grande parte dos autores que escreveram sobre o Estado Novo procuraram diferenciá-lo do nazifascismo, utilizando o argumento da aproximação e inspiração na doutrina social da Igreja. Os ideólogos católicos brasileiros baseavam-se na doutrina de Charles Maurras, onde a noção de pátria estava vinculada à de tradição, comunidade e família, opondo-se frontalmente ao individualismo pregado pelo liberalismo. Não se pode esquecer que o Estado Novo nasceu opondo-se à doutrina liberal. O apelo ao sentimento era evidente nas mensagens que divulgavam tais idéias. No *Catecismo Cívico do Brasil*, o País ingressava numa nova fase porque Getúlio Vargas *outorgou ao povo brasileiro uma nova Constituição, criando nesse dia predestinado, o Estado Novo*. O povo, ao ouvir as palavras do presidente neste dia *não teve senão uma exclamação de júbilo e regozijo*⁴⁰. As expressões exaltadas foram comuns, durante o Estado Novo, tanto nos jornais da cidade quanto na *Chronica*, ao narrar as principais festas do Colégio.

Voltemos à procissão. A despeito do controle e ordenamento contidos nesse ritual, desenvolviam-se apropriações diferenciadas pelos participantes. Para Dolores, a procissão favorecia a paquera e era motivo para sair de casa, já que para *moças de família* não era

³⁸ Quando a encíclica *Rerum Novarum* completou 50 anos, o governo mandou fazer medalhas que seriam presentes enviados ao Papa. Numa delas estava o Palácio do Catete e o Palácio do Trabalho e em outra a figura de Leão XIII e Getúlio Vargas. Conforme reitera Capelato, o ministro Marcondes Filho considerava que a política trabalhista de Vargas estava em consonância 'com a civilização cristã do grande e nobre povo a que se destina e soube resolver esse agitado capítulo da discórdia humana, estabelecendo entre os homens, a paz e a harmonia que a Encíclica propugnava'. CAPELATO, *op.cit.*, p.188.

³⁹ CAPELATO, *op.cit.*, p.184.

⁴⁰ *Catecismo cívico do Brasil*, pp. 83-6, apud CAPELATO, *op.cit.*, p.244.

adequado sair com frequência à noite. Nessa cerimônia, o Colégio ocupava posição de destaque, conforme registrava-se em 1950:

*A 11 de junho a Escola tomou parte na solene procissão de Corpus Christi. Como todos os anos, foi armado o altar à frente de nossa Capela, para uma das bênçãos do SS Sacramento*⁴¹.

No programa das festividades de *Corpus Christi*, publicado no *Diário de Rio Claro* em 9 de junho de 1941, a organização da procissão estava assim estabelecida:

As 15.30. Solene procissão do CORPO DE DEUS com a pompa e respeito devidos à Magestade(Majestade) Divina que, na Sagrada Hóstia, irá conduzida pelo Sacerdote. Assim, em triunfo passará pelas principais ruas da cidade, espargindo suas preciosas bençãos. (...) Serão distribuídas três bençãos: 1ª no Colégio Coração de Maria; 2ª na residência da Exma Sra D. Rosa Castelano e 3ª na Matriz. Nesta procissão tomarão parte o Rvmo. Clero e todas as Associações Religiosas da Paróquia, que deverão obedecer a ordem estabelecida nos ofícios que lhes foram dirigidos.

A passagem e bênçãos estavam definidas somente para três privilegiados lugares: a Matriz, o *Puríssimo* e a casa de d. Rosa Castelano⁴². Distinguia-se o Colégio com semelhante ato que era retomado anualmente e, dez anos depois, ainda era relatado na *Chronica*.

Depois de estender-se pelas ruas da cidade, o *Puríssimo* recolhia-se de novo para dentro de seus muros. Alunas, alunos, famílias e pessoas da cidade freqüentavam as conferências apresentadas no salão nobre do Colégio. O jornal *Diário do Rio Claro*, em 21 de agosto de 1940, assim se referia às conferências realizadas no *Puríssimo*:

“A Escola Normal é, em sua cidade, um centro de irradiação que pode beneficiar também a população local. Por suas festas, pelas conferências de seus professores, por suas associações, por sua bibliotheca aberta a todos, dará a escola o que estiver ao seu alcance em favor do desenvolvimento cultural da localidade”.

Assim se expressou o mais alto órgão da administração escolar paulista. (...) Fiel a essas directrizes, a Escola Normal ‘Puríssimo Coração de Maria’, superiormente dirigida e com um

⁴¹ *Livro de Chronica II, op.cit., p.17.*

⁴² D. Rosa Castelano, casada com José Castelano, fazendeiro na cidade, trabalhava em obras da Igreja Católica. Sua casa era local de acolhida para mães e crianças que necessitassem de qualquer assistência material. Esteve envolvida com diversas atividades da Igreja, como o Dispensário e creche da Igreja da Boa Morte.

corpo docente escolhido, de idéias novas acerca dos problemas educativos, vem realizando trabalho apreciável, firmando sempre o conceito em que sempre foi tido de estabelecimento effectivo de suas finalidades.

Amostras desse trabalho são fornecidas pelas reuniões festivas que se realizam freqüentemente naquele educandário. Educadores notáveis como os professores Sud Mennucci e João de Souza Ferraz, além daquelles que mourejam no estabelecimento, ali se fizeram ouvir, em memoráveis serões de cultura e brasilidade, com crescente interesse por parte de quantos prezam as coisas do espírito.

O jornalista reproduzia as palavras do Departamento de Educação e apontava o *Puríssimo* como ponto de irradiação cultural na cidade. O estímulo às atividades mencionadas, evidentemente realizadas em profusão no Colégio, a partir da década 40, era imprescindível para a sustentação do novo regime. Apoiava-se o Estado em propaganda que alardeava o desenvolvimento de um estado de bem-estar social, com educação e trabalho para todos. Assim, no campo escolar, era preciso desenvolver as escolas, mas, mais que isso, utilizá-las para *mostrar* os resultados desse desenvolvimento. A idéia de modernidade estava sempre presente nas propagandas do Estado Novo, assim como nos diversos campos da sociedade. Nos discursos de Getúlio, era comum o avanço cultural ser apontado como condição para a modernidade⁴³, idéia que atingia todos os campos da sociedade. O *Puríssimo* aparece no texto como uma escola atenta à modernidade e cônica de suas funções. Mas quais funções? A pergunta fica suspensa, para ser discutida no capítulo 6.

A foto seguinte foi montada repleta de símbolos. A disposição é simétrica, correta: homens de um lado, mulheres de outro. Exceto pela presença do professor José Cardoso à direita da conferencista, tutelando-a. Dentre os homens que estão à esquerda, só foi possível reconhecer a presença de Rui Marcucci, ex-aluno. Entre as mulheres, estão Irmã Lea, Madre Maria Imaculada (diretora), Maria de Lourdes Saleme Pedro (inspetora) e a aluna Maria

⁴³ Comparações entre gerações eram comuns nos discursos de Getúlio Vargas, a fim de determinar os avanços de seu governo em direção a uma modernidade. Ao mesmo tempo em que o novo regime regulamentou a situação dos artistas de diversas áreas, a censura atuou fortemente, no cinema e na música, através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Além disso, obrigava-se a exposição de alguns documentários e estimulava-se a criação de filmes que reproduziam os valores apregoados pelo regime. O teatro, o cinema e o rádio só eram permitidos se ligados a uma função educadora. A cultura para as massas deveria ter um fim prático único: a educação nos valores do Estado Novo. Tal identificação de cultura e educação se fazia evidente na denominação dada ao prédio do Ministério da Educação, então chamado Palácio da Cultura, prédio que inicialmente deveria ser projetado por um arquiteto modernista francês. CAPELATO, *op.cit.*

Helena Milani, presidente do Clube Educacional Rui Barbosa. As flores emolduram o rosto da conferencista. O símbolo da escola aparece na mesa. Fixado no alto do palco, o número 50 indica a comemoração do 50º aniversário do Colégio. Irmã Lea desvia o olhar para as alunas. Estaria verificando se tudo estava em plena ordem? Na platéia dos penteados iguais, as cabeças estão voltadas para a conferencista, atentas.



Conferência proferida pela escritora Maria Helena Silveira no salão nobre do Colégio *Puríssimo*, 1959.

Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

Conferências eram um dos meios privilegiados do novo regime para propagar suas idéias⁴⁴. Após 1940, grande parte das conferências realizadas no *Puríssimo* eram providenciadas pelo Clube Educacional. Os centros cívicos foram estimulados pelo Estado Novo, assim como a Juventude Brasileira, baseados em experiência nazista e fascista⁴⁵. A

⁴⁴ CAPELATO, *op.cit.*

⁴⁵ A criação da Juventude Brasileira nas escolas (associação cujas características estavam ainda mais próximas das associações de jovens criada na Alemanha nazista) já estava prescrita na Constituição de 1940. Essa associação diferenciava-se dos Centros Cívicos por ter como finalidade o desenvolvimento e disciplinamento do corpo através de ginásticas militares. Visava, assim, a uma espécie de formação militar

denominação utilizada no *Puríssimo*, Clube Educacional, provavelmente procurava dar ênfase aos aspectos pedagógicos desenvolvidos pela entidade, já que essa estava ligada ao Curso Normal do Colégio. Veremos, adiante, como os ideais patrióticos e educacionais eram tratados nas conferências. Desde 1940, o Clube Educacional “Humberto de Campos”, do Colégio *Puríssimo*, aparece no jornal *Diário do Rio Claro* como o grande promotor de cultura na cidade:

Organizada pelo Clube Educacional ‘Humberto de Campos’, aggremação de nossa Escola Normal Livre e que está sob orientação do sr chefe da seção, professor José Cardoso, realiza-se hoje na nossa cidade mais uma das magnificas reuniões de caráter cultural e literário que o Clube Educacional vem promovendo, sempre com absoluto êxito.

(...) Para a reunião de hoje foram convidadas as autoridades locais, bem como os srs prefeitos municipais de São Carlos e Limeira. Desta última cidade também virão representantes do professorado e dos estudantes. O sr professor Licínio Carpinelli, delegado regional do ensino em São Carlos, convidado também, deverá comparecer.

É indiscutível o interesse e o grande entusiasmo que a noite educativa e cultural de hoje despertou na classe estudantina local e no professorado⁴⁶.

O conferencista da noite era o professor Jorge Leme, chefe de educação da Escola Normal do *Collegio Progresso Campineiro*. No extenso programa estavam duas homenagens aos professores convidados: Jorge Leme e Adrelino Vieira (regente do orfeão da *Escola Normal de São Carlos*). As homenagens acompanhavam a tendência propagada pelo governo de devotar grande prestígio aos professores e aos estabelecimentos de ensino.

Programma

- 1. Abertura da sessão – Professoranda Adelina Ferraz, presidente do Clube Educacional*
- 2. Hymno Nacional – Orpheão Infantil de São Carlos*
- 3. Finalidades da sessão – Oração do professor José Cardoso*
- 4. O marinheiro – Orpheão Infantil*
- 5. Pirulito – Orpheão Infantil*
- 6. Entrega do mimo ao professor Adelino Vieira – normalista Augusto Blumer*

básica para o jovem. Já os centros cívicos encarregavam-se de difundir os ideais estadonovistas, através de programações culturais e festas cívicas. SILVA, *op.cit.*

⁴⁶ *Diário do Rio Claro*, 12/10/1940.

7. *Maninha – Orpheão Infantil*
8. *Rodinha – Orpheão Infantil*
9. *Princesa d. Isabel – Orpheão Infantil*
10. *Entrega de uma lembrança ao professor Jorge Leme*
11. *Doce recordação – Orpheão Infantil*
12. *São horas – Orpheão Infantil*
13. *Sinhaninha – Orpheão Infantil*
14. *Oração do professor Jorge Leme*
15. *Velho sino – Orpheão Infantil*
16. *Encerramento da sessão*⁴⁷.

Nas conferências mesclavam-se palestras e recitais. O *marketing* do Estado Novo era também o *marketing* das escolas. O romantismo estava presente na escolha das músicas. O Estado vendia a imagem de um progresso/modernidade educacional e cultural e a imagem do País como uma grande família feliz. As escolas vendiam a imagem de escola de qualidade (como era o caso do Ginásio Estadual *Joaquim Ribeiro*, Colégio *Koelle e Puríssimo*) ou de escola acolhedora dos carentes, protetora e benfeitora das classes *desfavorecidas*, como gostava de escrever o jornal *Diário*, enquadrando o Grupo Escolar *Irineu Penteado* nesse caso. A respeito das três primeiras escolas, as notícias sempre se referiam a acontecimentos culturais considerados de alto interesse intelectual pelos jornalistas. Também era comum o destaque das três primeiras no esporte, como se vê na notícia de 14 de agosto de 1943:

*A Escola Normal sofreu anteontem, a sua primeira derrota enquanto que o Colégio Estadual continua vencendo invictivamente, com suas turmas masculinas em todas as modalidades. (...) Como vemos a Escola Normal que vinha se conservando invicta em cestobol e voleibol, sofreu na última rodada o seu primeiro revés, perdendo em voleibol para o Instituto Comercial por 2 a 1 numa partida de geral equilíbrio*⁴⁸.

No campo escolar, todos ganhavam destaque no jornal, mas as luzes dos holofotes dirigiam-se para aspectos diversos em cada caso:

⁴⁷ *Diário do Rio Claro*, 12/10/1940.

⁴⁸ *Diário do Rio Claro*.

O Grupo Escolar “Irineu Penteado” vem se destacando em nossa cidade, não só pela eficiência do seu ensino, pela dedicação sem limites de seu luzido corpo docente, senão pela obra assistencial admirável, proporcionada aos alunos pobres que ali buscam educação.

(...) Vimos ali a distribuição da “sopa escolar” e a maneira como aqueles pequerruchos e sadios e corados disputam os pratos e sorvem gostosamente a substanciosa mistura prodigamente preparada (...).

Dias atrás teve lugar a “festinha do agasalho”.

Os pequenos esfomeados do Grupo Escolar contrastam com os físicos atléticos dos alunos do *Puríssimo, Koelle e Ribeiro*. Os professores do Grupo são apresentados com a exatidão da eficiência, que não excede e não falta. Esta escola não aparece emanando as luzes do saber, mas suprimindo carências, assumindo um papel assistencialista para formar trabalhadores bem nutridos. Em sua maior parte, as notícias que não se referem a essas práticas nos grupos escolares são bastante sucintas e convidam para *exposições de trabalhos* realizados nos pátios das escolas.



Orfeão formado pelas alunas do Normal apresenta-se no salão nobre do Colégio *Puríssimo*, 1959. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

Voltemos à vitrine. Apresenta-se o orfeão da escola regido pela madre que, à frente das alunas, desenha delicados movimentos com as mãos leves. As meninas estavam militarmente posicionadas: corpo ereto, braços para trás e pernas juntas. Uniformes impecáveis. Homogeneidade, ordem e disciplina dos corpos saltam da foto. Impossível não recordar um batalhão de soldados. Hábitos corporais e subjetividades eram construídas e mostradas. Sendo a *hexis corporal* um dos suportes principais para o julgamento, essas apresentações forneciam o sistema de índices através dos quais era reconhecida-irreconhecida uma origem de classe⁴⁹. Aprendia-se a olhar e a ser visto. Nas paredes do salão, quadros estão pendurados na *Galeria de homens ilustres*⁵⁰ do Colégio: figuram entre eles Sud Menucci, Francisco Manoel da Silva e Fernando de Azevedo. Muitos deles estiveram presentes no Colégio em noites de conferências, ou mesmo por ocasião da inauguração de seu retrato, como foi o caso de Fernando de Azevedo, em 1953. Entre os conferencistas estavam poetas, juristas, políticos e diretores de escolas: Carolina Ribeiro (diretora da *Escola Normal da Capital*), Guilherme de Almeida (poeta), Miguel Reale (jurista, filósofo e sociólogo, professor da *Faculdade de Direito de São Paulo*, adepto do integralismo), Plínio Salgado (escritor, político, fundador da AIB, Ação Integralista Brasileira), Silveira Bueno, Jorge Leme (chefe de Educação da Escola Normal do Colégio *Progresso Campineiro*), entre outros. Alguns retornavam ao Colégio para novas conferências durante vários anos.

Vejam os o que diz a *Chronica* a respeito das finalidades das conferências:

*A direção da Escola tem-se interessado para que conferencistas notáveis venham aqui realizar substanciosas palestras que despertem sempre mais nos jovens estudantes o amor e a admiração pela pátria e seus gloriosos antepassados. Os mais recentes oradores que nos honraram com sua palavra eloqüente foram: o grande e admirável escritor moderno Agrippino Grieco, Marcondes Verçosa e Moacir Campos*⁵¹.

⁴⁹ NOG UEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs) (1999). *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

⁵⁰ *Livro de Chronica II, op.cit.*

⁵¹ *Ibid.*, p.2, 1947.

O aprendizado do amor pátrio registra-se como uma das grandes finalidades das conferências, ao lado da reverência aos *gloriosos antepassados*⁵², heróis criados pelo regime. Assim como as procissões eram obrigações com a Igreja, as conferências e desfiles eram atividades que compunham o rol de cerimônias de comemoração de datas cívicas, obrigações com o Estado. Algumas vezes, torna-se impossível não vislumbrar na *Chronica* o tédio na repetição das mesmas atividades:

*Foram comemoradas, como de costume, as festas de Tiradentes, Panamericanismo , Caxias, 7 de Setembro, Rui Barbosa, 15 e 19 de Novembro*⁵³.

A expressão *como de costume* substitui toda a cansativa repetição das mesmas atividades realizadas nas mesmas datas e da mesma forma. As inovações introduzidas nas cerimônias, como, por exemplo, dramatizações, rapidamente inserem-se na rotina e também se tornam repetitivas. Atinentes aos objetivos das conferências expressos na *Chronica*, os temas versavam sobre educação moral, homens exemplos das virtudes contidas nessa moral, sobre a pátria e o papel da mulher frente a ela.

*A 20 de Maio (1950) realizou-se uma notável conferência no Salão de nossa Escola pelo Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo, Dr Miguel Reale. O assunto versou sobre a figura inconfundível de Rui Barbosa, de quem a mocidade tem sempre o que aprender e que, com a inflamada eloquência e sabedoria do ilustre conferencista, apresentou-se-nos sob um prisma novo de profundas e aproveitáveis lições morais. Entre as inúmeras qualidades de Rui, comentadas nessa ocasião, o Dr Miguel Reale ressaltou uma que toca mais de perto a mocidade estudantina feminina: Rui compreendia o alto valor da educação moral da mulher. Daí a célebre frase do grande brasileiro: “Educar um homem é educar um homem, educar u’a mulher é educar uma geração”. Esta conferência despertou geral agrado em todos os assistentes que folgaram com a feliz oportunidade de ouvir tão insigne orador.*⁵⁴

Podemos imaginar o desenrolar da frase nas palavras do conferencista. O Estado Novo, assim como governos europeus baseados nos mesmos preceitos, havia divulgado uma volta

⁵² Livro de *Chronica II*, op.cit., p.2, 1947.

⁵³ *Ibid.*, p.6, ano de 1948.

⁵⁴ *Ibid.*, p.17.

da mulher para o lar, do qual, aliás, sequer tinha efetivamente saído ainda em 1950, ano em que foi proferida a conferência. O movimento feminista no Brasil desenvolveu-se com maior força a partir da segunda metade do século XX. Somente operárias, mulheres pobres, trabalhavam fora de casa. Nas classes elitizadas, o trabalho fora do lar era essencialmente masculino. Apesar de modesto, no início da década de 30, o movimento feminista trazia idéias inovadoras. Para se contrapor a elas, o Estado Novo erguia a bandeira da grande tarefa da mulher frente à pátria: a educação dos filhos. Esta idéia seria estendida também para a professora, a mãe simbólica, assunto de que tratarei no capítulo 6. As *lições morais* contidas nas conferências referiam-se às qualidades morais e virtudes então valorizadas, evocando imagens espetaculares da mãe e da professora. Imagens/mercadorias à venda na escola.

As tentativas malogradas de produção de símbolos para a República, no fim do século XIX, reiniciaram com o Estado Novo e, dessa vez, plenas de êxito, já que as escolas eram obrigadas a difundir-las em datas e comemorações específicas. Rui Barbosa foi um dos grandes heróis criados pelo regime e tomado como exemplo de virtudes, homem de quem emanavam bons ensinamentos. A figura emblemática de Rui era lembrada anualmente e, por ocasião das eleições do Clube Educacional, em 1943, seu nome foi escolhido como patrono do Clube⁵⁵. O CERB (Clube Educacional Rui Barbosa), como passou a ser chamado, desempenhava papel fundamental no Colégio, nesse período. A cada ano a diretoria renovava-se e um convidado ilustre visitava a escola para participar da posse da nova diretoria e proferir uma palestra.

*A 6 de Abril (1951) deu-se a tomada de posse da diretoria do Clube Educacional Rui Barbosa, desta Escola, sendo convidado para presidir a Sessão o ilustre deputado Dr Ulisses Guimarães, o qual, destemidamente, declarou sua fé católica, unindo muito bem, em suas palavras, o ideal cristão e o da Pátria*⁵⁶.

Nunca Igreja e Estado estiveram tão ligados e empenhados em difundir símbolos e idéias comuns numa sociedade onde o vivido já não mais importava, onde paulatinamente o *ser*

⁵⁵ *Diário do Rio Claro*, 12/05/1943.

⁵⁶ *Livro de Chronica II, op.cit.*, p.21.

transformou-se em *ter*, e o *ter* deixou lugar, na sociedade do espetáculo, para o *parecer*⁵⁷. A despeito da imposição das datas cívicas pelo Estado, os valores aí difundidos eram valores cristãos. Os poderes - separados no mundo do espetáculo, mas unidos na realidade - emergiam todos em um discurso onde era impossível distinguir idéias pessoais de ideologia do poder.

Plínio Salgado, em 18 de novembro de 1952, proferiu no Colégio a conferência *O valor da mulher*. A *Chronica* descreveu da seguinte maneira o êxito do evento:

*O salão de festas estava repleto, permanecendo os assistentes, imóveis, pelo espaço de quase três horas, para ouvir a palavra fluente, sadia, cheia de experiência e puramente cristã deste grande brasileiro que cativou a todos!*⁵⁸

Tudo o que é sadio e puro interessa ao cristianismo, mas também estava presente nos ideais fascistas do corpo são e da raça pura, sabidamente ideais nos quais se baseava o Estado Novo. Os próprios conferencistas eram transformados em exemplos de virtude, o que também se explicita na narrativa da conferência proferida por Carolina Ribeiro, como parte das comemorações do Centenário do Ensino Normal no Estado de São Paulo:

*Marcou nota brilhante a conferência realizada pela ilustre educadora brasileira e paulista, D Carolina Ribeiro, que, acedendo ao convite da Madre Superiora, Madre M Domingas de Santa Terezinha, aqui compareceu e, durante a sua permanência, soube dar lições exemplares de verdadeira mulher educadora cristã.*⁵⁹

As luzes e a disposição estratégica dos objetos cativam e prendem o olhar. A vitrine expõe seus fetiches, as mercadorias impregnam a vida do espectador e elas são o próprio espectador no mundo espetacular. Aqueles que olham, vêem e desejam. Sonham estarem adornados, vestidos, cobertos por aquilo que ali se expõe. Outros sonham, passeiam, exibindo sua aquisição, bem casados com moças bem educadas. A aquisição não se confunde com eles. No entanto, revela o gosto. Mercadorias-gente.

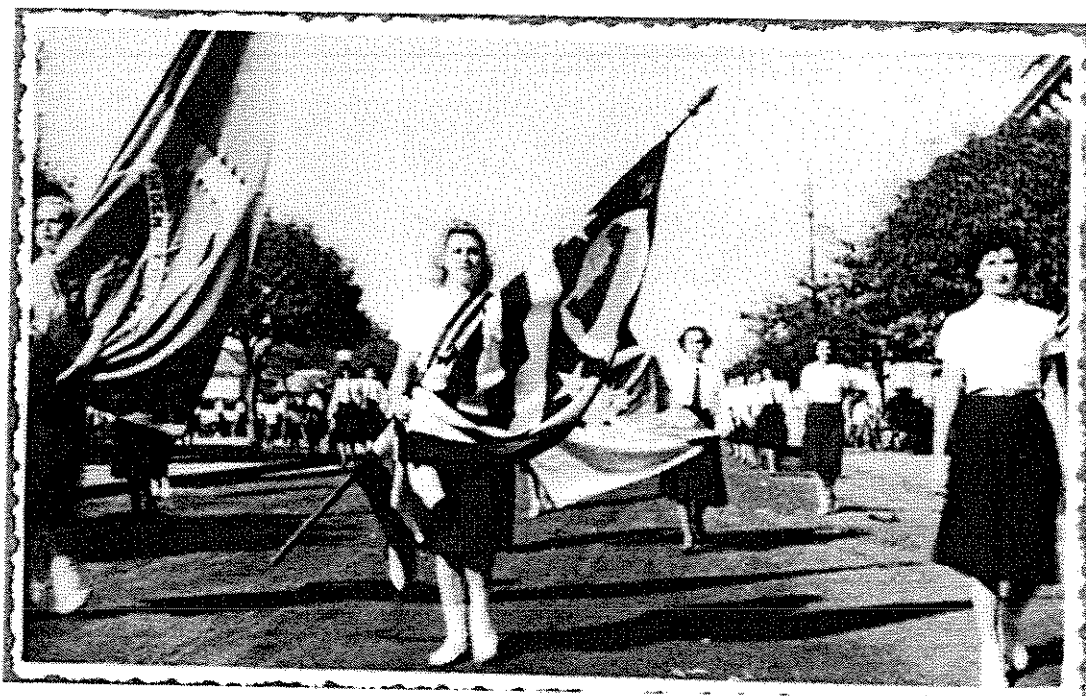
⁵⁷ DEBORD, *op.cit.*

⁵⁸ *Livro de Chronica II, op.cit.*, p.30.

⁵⁹ *Ibid.*, p. 95, 1946.

As conferências constituíam-se em forças que compunham as estratégias para disciplinar e administrar⁶⁰, ao passo que divulgavam valores tratados como únicos, naturais e ideais. Valores comuns e vocábulos comuns entre Igreja e Estado: o salão estava sempre *repleto*, a palavra dos conferencistas era *sadia, fluente, experiente, cativante*, a plateia saudava o conferencista com *manifestações de regozijo*⁶¹.

Os desfiles das escolas em datas cívicas também se revelavam como ocasiões espetaculares, onde os participantes e espectadores, receptores das imagens ideais aprendiam as noções de civismo do regime: participar de um desfile, como espectador ou participante ativo, apoiar e louvar o governo e o regime incontestado.



Desfile do Colégio *Puríssimo*, 1953. Grupo de ginástica à frente usando ténis. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

No dia 9 de julho de 1940, publicava-se no jornal *Diário do Rio Claro* a notícia sobre as cerimônias realizadas na cidade, em homenagem ao prefeito Francisco Penteado Júnior:

⁶⁰ *Examinados no contexto da ação simbólica, os rituais podem ser percebidos como transmissores de códigos culturais (informação cognitiva e gestual) que moldam as percepções e maneiras de compreensão dos estudantes; os rituais inscrevem tanto a "estrutura superficial" quanto a "gramática profunda" da cultura escolar.* McLAREN, op.cit.,p30.

⁶¹ CAPELATO, op.cit.

O desfile escolar constituiu um dos fatores que muito contribuíram para o brilho das homenagens. Estão de parabéns os distintos professores Waldomiro Silveira, Delegado Regional do Ensino local, que o organizou e Armando dos Santos, Inspector Escolar e demais professores José Augusto Fessel e Marino Pinto de Barros César, Inspectores de Limeira e Jahú, dirigentes da imponente passeata.

A narrativa é repleta de detalhes. O jornalista procurou apresentar os grupos escolares tal como na sequência do desfiles, descrevendo a apresentação dos alunos e ressaltando as mensagens escritas nos cartazes que carregavam. O Grupo Escolar *Coronel Joaquim Sales* assim se apresentou: *Em letras recortadas nas côres verde e amarelo, pregadas em artístico arco, lia-se o seguinte: 'Viva o nosso Prefeito'.* O Grupo Escolar *Marcelo Schmidt* apresentou ciclistas e as seguintes frases: *Ao dr Penteado homenagem das professoras; ao D.D Prefeito Municipal os Escolares do Marcelo S.: Salve dr. Getúlio Vargas! Viva dr Adhemar de Barros.* Diversas outras frases desfilaram pelas ruas exaltando o Estado Novo:

Rufar de seis tambores e o toque festivo de dois clarins anunciaram a passagem dos escolares do grupo 'Irineu Penteado'. Em seguida, e em frente à bandeira nacional desfraldada, dois alunos carregavam linda e artística corbelha de flores naturaes. Parando em frente à tribuna official, a corbelha foi entregue, sob salva de palmas, ao dr. Penteado. Dísticos: 'Salve o Estado Novo; Salve 7/7/1936. (...) Cinco meninas de branco, destacadas no centro, traziam letra enorme, recortada em azul e o conjunto formava a palavra SALVE. Atraz, em distancias lateraes, quatro outras meninas de cada lado traziam os números 1936 e 1940. De muito gosto e muito expressiva essa homenagem. Notamos ainda os dísticos: 'A gratidão dos escolares 'Irineu Penteado'; Ao grande amigo da Instrucção Publica; Salve dr Penteado Júnior; Salve o governo patriótico Penteado Júnior

Em seguida noticia-se a passagem do *Puríssimo*:

Desfilaram as alumnas da Escola Normal num conjunto garboso, uniforme, bello. À frente, entre duas guardas de honra, a porta bandeira trazendo desfraldado lindo pavilhão nacional. Trazem os dísticos: 'Homenagem da Escola Normal; Homenagem do Gymnasio Coração de Maria'. Em frente a tribuna uma das alumnas ergue um brado de saudação ao Prefeito, correspondido por todos os alumnos.

A narrativa enfatiza a passagem dos grupos escolares e apresenta, de maneira mais breve, a passagem do *Puríssimo*, do Colégio *Koelle* e do Ginásio do Estado *Joaquim Ribeiro*. Os grupos escolares aparecem como os mais fervorosos na exaltação do regime.



Fanfarra da escola em desfile pela Rua Um, 1956.

Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

Na foto, a fanfarra aparece na frente, acompanhada por Irmã Lea. O local do desfile foi a Rua Um, em frente à estação ferroviária. Atrás da fanfarra, um grupo de alunas volta-se para o palanque e ergue os braços em saudação.



Fanfarra do Colégio, 1956. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio *Puríssimo*.

A fanfarra do *Puríssimo* destacava-se nas apresentações. As meninas posaram no pátio da escola. O objetivo dessas cerimônias era assim explicitado no *Livro de Chronica*:

Festas Cívicas

Nossa escola tem-se esmerado em proporcionar aos nossos alunos ocasiões de aprender e pôr em prática o amor pátrio para o que muitos movimentos foram organizados. Na data magna da História Brasileira, principalmente, a Escola tem emprestado galharda colaboração, merecendo os primeiros lugares nos desfiles imponentes realizados nesta Cidade. Não menos majestosas foram também as festas internas, em presença das autoridades locais e de fora. As outras datas nacionais foram também festejadas procurando-se sempre emprestar o maior brilho às mesmas, concorrendo muito para isso a boa vontade e o entusiasmo de nossos bons professores⁶².

Alguns anos mais tarde, 1952, a *Chronica* ainda ressalta:

(...) Com estas manifestações (desfiles, comemorações cívicas), sempre tivemos em vista dar ao estudo um cunho prático, procurando incutir, no espírito das crianças, um espírito, digo, um patriotismo sadio⁶³.

⁶² *Livro de Chronica II, op.cit.*, p.2, 1947.

⁶³ *Ibid*, p.29.



Dolores Gimenez, à frente, em desfile cívico, 1956. Fonte: acervo particular.

Dolores e suas colegas desfilam. A foto capta a descontração, um certo desleixo na postura corporal, o olhar desviado para o chão ou a cabeça tombada em direção ao ombro. Somente os pés se alinham iguais. Mais uma função do desfile é revelada na disposição das alunas:

*(...) em 7 de setembro, o “dia da Pátria”, quando as alunas, em seus belos trajes de gala, desfilavam garbosamente pelas principais ruas da cidade, entusiasmando a todos pelo sentimento patriótico de que estavam tomados os seus jovens corações.*⁶⁴

Os objetivos da *Chronica* chocam-se com a postura das alunas captadas na foto.

As finalidades dos desfiles divergiam: para a cronista, o sentimento patriótico, seus grandes feitos e os homens por eles responsáveis eram louvados. Para Dolores, era o momento da paquera, o momento de se vestir como adulta. Mesmo no caso da paquera, a cerimônia proporcionava um momento de escolha e, normalmente, uma escolha entre iguais. Therezinha não conheceu seu marido no *Puríssimo*, por exemplo.

⁶⁴ Livro de *Chronica II*, op.cit., p.44, ano de 1956.

Da procissão que louvava Deus ou um santo, passando pela conferência onde as virtudes divinas eram transportadas aos mortais objetos das conferências, até os desfiles onde se louvava um exemplo dessas virtudes e seus feitos, essas cerimônias construíam um modelo a ser seguido e, ao mesmo tempo, apontavam o lugar onde ele poderia ser realizado: o Colégio *Puríssimo Coração de Maria*.

*No mês de novembro foram comemoradas as datas da 'Proclamação da República' e da 'Bandeira'. Como sempre, nossa Escola, baseada em que o futuro honroso da Pátria depende dos sentimentos de civismo que germinam nos corações dos jovens, não deixa de cultuar os grandes feitos históricos e de lembrar o exemplo dos homens que construíram nossos dias*⁶⁵.

Sacralizava-se o profano, deslocando-se a representação de sagrado de Deus para a pátria, dos santos para os homens. Três cerimônias públicas ou rituais, como ensaiei chamá-las neste capítulo, não *representavam*, somente, mas também *construíam* relações entre grupos, onde a posição cerimonial visível era identificada com a posição social real⁶⁶. Três cerimônias que participavam ou eram, elas mesmas, parte do espetáculo de uma sociedade que, em modernas condições de produção, acumula capital em tal quantidade que o transforma em imagens. A cisão entre imagem e realidade estava feita. E nessas cerimônias ofereciam-se mercadorias, vendiam-se essas imagens. *O espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório*⁶⁷.

O *Puríssimo* estava mergulhado na lógica do espetáculo (que talvez apresente sua forma mais evidente no Estado Novo) e, por isso, participou dessa lógica: primeiro porque a Igreja é um poder e o poder administra o espetáculo, segundo porque não poderia escapar dele, mesmo como espectador.

As imagens do emprego do tempo no *Puríssimo* eram aquelas do tempo consumido com atividades culturais, científicas ou religiosas. E o tempo de consumo das imagens era todo aquele que se passava na escola ou intensificado nas cerimônias/rituais das procissões, conferências e desfiles. As imagens/exemplos dos personagens forneciam a imagem desejável: virtudes e sociabilidade como higienização, polimento, convívio entre conhecidos

⁶⁵ *Livro de Chronica, op.cit.*, p.44, ano de 1946.

⁶⁶ CHARTIER, *op.cit.*

⁶⁷ DEBORD, *op.cit.*, p.20.

e estranhos, controle de sensibilidades e práticas sociais⁶⁸. *O que foi apresentado como real revela-se como a vida mais 'realmente espetacular'*.⁶⁹ Eram relações sociais mediadas por imagens. O espetáculo era o capital cultural em tal grau de acumulação que se tornou imagem.

Assim, retomando a poesia de Ivanira Bohn Prado reproduzida no início deste capítulo, a boa escola, a escola de qualidade, era aquela onde havia segurança, alegria cristã, exemplos de fé, ciência e cultura. Essas eram as imagens difundidas nas cerimônias. As procissões e as meninas castas e contritas seguindo e oferecendo exemplos de fé; a ciência e a cultura presentes no salão do Colégio em noites de conferências; a comunhão dos exemplos de fé e patriotismo na palestra de Ulisses Guimarães; o amor pátrio, a tradição da rememoração de homens ilustres e seus feitos nos desfiles. A escola de qualidade era aquela que expunha na vitrine os resultados da boa educação que transmitia: alunas plenas de virtudes.

⁶⁸ GALZERANI, *op.cit.*

⁶⁹ *Ibid.*, p.106.

Capítulo 5

A importância do diploma: O Puríssimo por Therezinha Sitolin

Therezinha Sitolin ingressou no primário do Colégio *Puríssimo* em 1938. Concluiu o Ginásio e, em seguida, começou a trabalhar. Anos depois, retomou seus estudos em uma escola pública da cidade, o Grupo Escolar *Joaquim Ribeiro*, cursando o Normal. Nunca exerceu a profissão, tão cara para ela e para sua mãe. Os motivos que a levaram a seguir esse percurso giram em torno do tema principal de sua narrativa: a família. Dela tudo se origina e para ela tudo converge. A mãe é a grande figura que se destaca em sua história. Therezinha faz a apresentação de sua família e de seu contato com o *Puríssimo* ao sabor das recordações que lhe afloram, sem preocupar-se com qualquer ordenação. Recordações onde o sofrimento se faz presente, acompanhado de amargura e esperança.

Neta de imigrantes, de uma família numerosa (sete filhos), Therezinha foi predestinada por sua mãe a tornar-se professora. Seus pais sempre trabalharam na lavoura. Quando se mudaram para a cidade, a esperança de progresso foi frustrada. Os filhos trabalhavam para ajudar nas despesas da casa, mas, ao mesmo tempo, a mãe esperava que a educação oferecesse melhores condições de vida para eles. Assim, todos foram matriculados no *Puríssimo*.

A respeito do turbilhão de suas palavras emocionadas só poderemos nos expressar após a leitura. Convido o leitor para um passeio por tortuosos caminhos que apresentam um *Puríssimo* distanciado do glamour e próximo da dor.

Eu fiz a barba do meu pai, eu sei muita história

Meus avós são todos italianos. Eles vieram todos como imigrantes, no fim do século dezenove. A vó Lúcia, o vó Jacinto, a vó Angela, o vó João Darros... Meu pai contava como foi a vinda dos meus avós. Eu fiz a barba do meu pai, eu sei muita história. Quando eles desceram do navio no porto de Santos, meu pai contava que meus avós vieram e se estabeleceram em uma fazenda, em Jundiaí, pra trabalhar na lavoura. Porque a Itália, segundo a história fala, ela estava super lotada de gente. E o povo pensava muito em guerra. Porque antes da guerra de 38 a 45 teve uma guerra anterior de 24, não sei quê. Então onde o domínio germânico, que é do Hitler, ele comandou a guerra. Já estavam preparando a Segunda Grande Guerra Mundial. Falava muito no rádio. Eu sei porque a que mais se interessava em estudar, ler, era eu. Então minha mãe comprava jornal e me obrigava a ler, que ela não sabia ler. Meu pai e minha mãe são analfabetos.

Minha mãe comprava o “Estadão” (jornal) com o dinheirinho que vendia carvão. “Veja o que está falando do Hitler, do Mussolini, olha!” Porque, perseguindo o Mussolini, perseguia eles aqui. Porque a minha mãe teve que ir pra São Paulo operar a tireóide da Cida. Pra minha mãe subir no trem, ela teve que tirar os documentos na delegacia de polícia que chamava “salvo conduto”. Era um documentinho azul. Então a minha mãe mandava a gente ler muito. Eu deitava no chão, eu lia. Eu ficava lendo pra ela e ela costurando.

Então foi pra Jundiaí a família da minha mãe. O João Batista Darros e a Angelina Darros (avós maternos), já vieram direto pra Santa Gertrudes. Vieram pra trabalhar tudo na lavoura. Porque aqui não tinha gente pra lavoura... A princesa Isabel já tinha terminado, então os escravos não trabalhavam mais. E como diz aquela novela “O rei do gado”, já não cabia mais gente na Itália. A Itália é uma bota, não é? Já não cabia mais. Então quem quisesse se aventurar no Brasil entrava no navio, no porão. E morria muita gente também. Então meus avós, espertinhos, eles vieram já com conhecimento. Eles já vieram com mais cultura, mesmo sendo da lavoura, eles estavam mais adiantados do que os brasileiros aqui. Meu avô, o João Batista, e a minha avó, eles perceberam que a Fazenda Santa Gertrudes dava mais benefício.

Aí o meu outro avô se transferiu de Jundiá pra fazenda Pindorama... Que é aí em Santa Gertrudes. Então ali é onde estava a família Sitolin e a família Braite. Meus pais eram crianças, cresceram juntos. E o meu pai órfão. O meu pai Francisco Sitolin ficou órfão... A minha vó, a Lucia Braite, tinha quinze anos quando ela casou e teve meu pai. E vinte e dois dias depois ela ficou viúva. Ficou com um menino de vinte e dois dias. Esse homem, o meu avô José Jacinto Sitolin, morreu com vinte e dois anos, de pneumonia, e deixou meu pai órfão com vinte e dois dias. Morreu muita gente com a... praga, a peste espanhola. O meu avô, pai da minha mãe, casado com dona Angelina Batista Darros, esse enterrou a família inteira. Ele contava uma história que pegava dois, três irmãos, enrolavam num lençol (naquela época lençol era de saco de farinha, juntava quatro sacos de farinha, costurava na mão e fazia o lençol). Então meu avô contava... ele ficou sozinho aqui no Brasil.

Daí o que aconteceu? A minha avó viúva começou a namorar o Vitório Schio... Foi por isso que nós viemos para cá (para Rio Claro). Meu pai, ele veio do sítio, foi morar com a tia. Arrumou emprego de entregar mercadoria na Casa Farani. Os irmãos dele já trabalhavam de operário na Companhia Paulista. Porque o melhor emprego na cidade no começo do século era a Companhia Paulista e Central Elétrica. Se você namorasse um moço que trabalhasse na Companhia Paulista, os pais apressavam o enxoval pra você casar logo. Uma filha a menos pra comer, pra ter preocupação se ia ficar grávida ou não ia.

Minha mãe começou a ter muita ligação com as freiras franciscanas

Então, minha mãe, quando chegou na cidade, todo dinheirinho que podia ela guardava. Ela já tinha a casa para morar, tinha o poço, fogão de lenha, tudo. Na medida em que eles compraram um terreno ali (existe a casa até hoje) onde a Celeste nasceu, ali na Rua Dois, vizinha da doutora psiquiatra. Ali que a Celeste nasceu, 1932, plena Revolução Constitucionalista de 1932. Eu nasci em 1930. A Júlia é de 1918 (irmã mais velha), a

Maria é de 1922. Aí veio a tia Cida, 1925. Aí foram quatro gravidezes perturbadas da minha mãe, porque uma menina morreu. Porque foram cinco mulheres, naquela época tinha que ter um filho homem. A tia Cida é a mais recalcada. Ela sofreu porque já na barriga da mãe: “Mais uma mulher que está chegando”! Eu fui a felizarda, porque aí no quinto filho foi o Neno e depois fui eu. Então nasceu o Neno, José Jacinto Sitolin, é o nome do meu avô, do pai do meu pai. Em honra a meu avô, minha mãe pôs o nome do pai do marido dela.

Minha mãe, meu pai ficaram felizes da vida. Aí, depois do Neno, sou eu: 1930. Therezinha do Menino Jesus Sitolin.. Por que Therezinha? Porque, no ano de 1930... A maioria das terezinhas tem a minha idade. Porque foi a canonização de Santa Terezinha. Porque a data dela é três de outubro. Em 32, nasceu a Celeste. Em 36, nasceu o Paulo. Então fechou a família.

Então eles venderam a casa pro irmão dele, o tio Angelim. E construiu a casa aqui na Rua Dois. Então nós viemos mais pra esse bairro. Aí onde a minha mãe começou a ficar mais espertinha, porque estava perto da Santa Casa e ela começou a ter amizade com as freiras franciscanas. Ela não sabia costurar. As freiras falaram: “Você aprende, Pina, você aprende. Você desmancha esse avental dos médicos e põe o avental inteirinho em cima de um pano que nós vamos dar pra você, você corta e costura.” Então minha mãe começou a ter muita ligação com as freiras franciscanas. Foi por isso que a minha mãe começou a colocar nós na Escola Normal Puríssimo Coração de Maria. Porque as próprias freiras influenciavam. Falavam com as outras freiras: “Não, ela é boa, família boa, pode pôr aí”. Então minha mãe colocou todo mundo.

Meu pai fazia a troca. Era o carreto, tirar todo o mato, entulhos em troca da gente estudar. Elas passavam roupa com ferro à brasa, que não existia ferro elétrico. Então elas falavam: “Precisa de carvão”. Meu pai levava dois sacos.

Meus pais fizeram um grande investimento em mim

Eu tenho que agradecer muito aos meus pais. Minha mãe, meu pai que, com pouco recurso, com uma carrocinha vendendo carvão e fazendo carreto, fizeram um grande investimento em mim, apenas com oito anos de idade: já colocaram na escola. Por quê? Porque a minha mãe ela veio da Cidade Nova pra cá e pegou muita amizade com as freiras franciscanas.

Então ela achava que, se desse colégio de freiras pras filhas, as filhas iam crescer mais do que ela... Iam ficar professora. Então minha mãe colocou todos: o Neno, a Celeste, o Paulo, a Cida e eu. A única que conseguiu diploma de ginásio fui eu. A Cida era mais para serviços que diminuíssem os da minha mãe. Quando a Júlia morreu, a Cida se dedicou mais à ajuda da mãe. Então largava a escola. A carrocinha do meu pai, o carvão do meu pai...

Só a Maria e a Júlia que não foram pro Puríssimo. A Júlia ela foi mais em corte e costura. Então ela foi fazer trabalhos manuais: corte e costura. Naquela época era muito importante a moça ser prendada e saber corte e costura. Então minha mãe inscreveu ela no corte e costura Singer, na Rua Três. Todo enxoval dela foi ela que fez. Ela ganhava dinheiro fazendo enxoval pras criancinhas. Naquela época não tinha enxoval pronto, você tinha que fazer na mão.

A Maria, essa, nunca quis saber de escola. Essa aí minha mãe comprava o caderno, o lápis, ela jogava no Córrego da Servidão, no rio. E chegava em casa falava que ela tinha perdido. Ela queria trabalhar. E ela foi trabalhar de doméstica. Ela ganhava o dinheirinho dela. Depois ela fuçou, fuçou, ela achou emprego no Matarazzo de tecelã.

Ela era melhor do que eu... a mãe dela tinha empregada

Bom, aqui eu terminei o Primário (mostra o diploma). Tanto é que você vê que aí eu não fiz o preparatório. Aí 43, 44, 45, 46 eu fiz o Ginásio. Aqui está o diploma de 1946. Meu nome está aqui. Essas aqui foram todas as minhas colegas. A minha madrinha de formatura foi a professora Lícia Capri Pignataro e ela deu uma fotografia pra cada uma. Olha aí: aqui eu estou no Ginásio (mostra outro diploma).

O mais difícil era que você tinha serviço em casa e tinha que estudar. As outras, não. Então as outras passavam na sua frente. Essa Shirlei Prado aqui, ela era sempre melhor do que eu. Porque a mãe dela tinha empregada, o pai dela trabalhava na Central Elétrica. E, no estudo de grupo, eu ia na casa dela, era na Rua Dois, Avenida Catorze, em frente a casa de Nossa Senhora. Ela liderava o grupo. Mas tinha empregada na casa dela. E a mãe dela estava sempre doente. Morreu com 94 anos. "Não faz muito barulho, nós vamos ali no quarto estudar, mas não faz muito barulho, porque a minha mãe está com muita dor de cabeça e está dormindo". E eu pensava: "Pomba! A minha mãe nunca fica doente! A mãe dessa moça está sempre doente." Na minha cabecinha de criança.... Então elas sabiam mais do que a gente. E a gente fazia um esforço pra chegar nelas.

Todos os grandes homens estudaram em colégio de padre

Existia uma certa divergência entre nós e meus primos da Cidade Nova, porque nós viemos pra cá e ficamos mais sociais. As minhas primas não foram estudar em colégio de freiras. Estudavam no Marcelo Schmidt. E eu no colégio de freiras. Existia uma certa rivalidade entre parentes nesse sentido. Minha vó chegava e falava: "Você gasta dinheiro com aquelas 'monega'". "Monega" era freira, em italiano. "E ela, a Cida, nem estuda.

Ela dorme em cima do livro". Um dia minha mãe pegou minha vó e levou embora. Porque ela estava dando palpite na educação das filhas dela.

Só o meu primo que ficou uns cinco anos no colégio dos padres na Santa Cruz. A minha mãe queria que o Neno fosse padre. Ou padre ou aprender cultura lá no Seminário da Santa Cruz.. Porque... minha mãe sabia que o Colégio Estigmatino preparava o moço. O Brochini foi criado no Colégio Estigmatino, virou promotor público. Então, naquela época, quando o filho dava muito trabalho, ou então era filho de gente rica, os pais punham em colégio que... A religião católica ela dominou, até hoje domina... desde que o Anchieta veio, não é? Desde que os portugueses chegaram e trouxeram toda essa religiosidade, a Igreja Católica começou a dominar a educação, não começou? Eu tenho impressão que nesse período que eles chegaram, eles ganharam uns terrenos.

Eles vinham com a finalidade da educação. Eles vinham com a finalidade de expandir a educação e trazer os conhecimentos. Mas está certo, não é? Eles ganhavam o terreno e construíam. Todos esses grandes homens, todos estudaram... então minha mãe queria que o Neno estudasse em colégio de padre. Ou pra ser padre ou pra receber cultura. Mas o Neno foi.

O Neno foi de carro de praça e meu tio que levou. Fez a malinha e foi. E aí? Não queria ficar. Meus pais podiam ir lá visitar todo domingo. Então minha mãe ia a pé lá pra visitar o Neno. E o Neno chorava que não queria ficar lá. O Neno já trabalhava na Martinez, engarrafando vinagre. Já estava aprendendo a ganhar o dinheirinho dele. Então o Neno chorava que não queria ficar lá, que ele podia até estudar no Bilac, mas não queria ficar lá. Então a gente estava almoçando e o meu pai falou assim: "Ele foi de carro de praça, mas ele volta de carroça. Já que não quer ficar lá, ele foi de carro de praça e nós gastamos, mas ele vai voltar de carroça". Aí nós fomos todos na carroça buscar ele...

Um ambiente que a gente teve que se adaptar

Eu comecei a estudar lá (no Colégio Puríssimo) em 1938. Eu fui até 46. São precisamente 9 anos. Primeiro ano primário. Eu devo ter repetido o primeiro ano, porque eu fiquei nove e é pra ficar oito. Mas eu sei porque eu repeti. Eu repeti porque eu tinha um defeito. Eu era vesga, caolha! Isso interferia, porque as meninas me xingavam, e eu batia nelas. E a professora reclamava muito de mim na escola. A professora... foi muitas vezes falar com a minha mãe que eu não fazia lição direito, que eu escrevia grande. Aí ela falou: "Dona Josefina, compra um caderno de caligrafia, ela é boa, ela vai pra frente, mas só que ela precisa fazer..." Ela reclamava que eu fazia caligrafia feia, porque eu usava um óculos desse tamanho. Agora que eu sei, depois de estudar, depois de fazer o curso do Mauro, com quarenta anos de idade, 1973, que eu consegui dominar o meu complexo de vesga. Apanhava e batia, ô! E é muito difícil você ser diferente. Eu já percebi agora que eu sou diferente. Eu sou. São coisas que eu nasci assim e vou morrer assim. É muito difícil você ser diferente. Isso aí você já leu em qualquer livro, não é?

Tanto é que teve o concurso de leitura (eu procurei o "santinho" e não achei). Então a professora falava assim: "Quem ler melhor que todas, vai ganhar presente". Mas a gente ensaiava leitura assim: você tinha que ir lá na frente, com a mãozinha direita pra trás, o livro de leitura na mão esquerda, com posição bonita. Tinha que ler corretamente. Aí eu ficava em frente o espelho da minha casa estudando.

Eu era vesga. Eu não sabia que eu fazia tudo aquilo ali por causa do complexo. Eu não sabia. Depois, com 43 anos que eu fui perceber... Todo defeito seu, você tem que fazer dele um incentivo pra vencer. Não é fracasso. Aí chegou a minha vez de ler. Uniforme limpinho, sempre limpinho, mas cheio de remendo. Tinha muita, muita roupa pra fazer, muito uniforme para os filhos e minha mãe não tinha muito dinheiro. Mas eu peguei a segunda colocada. Nossa, mostrei pras meninas que vesga sabe ler.

E, aqui em casa, a Cida ajudava minha mãe e vendia carvão por quilo. Meus irmãos logo começaram a trabalhar. Trabalhava muito cedo. Isso que eu digo pra você: eu encontrei dificuldade porque, com oito anos, quando eu estava na escola, eu já trabalhava. Eu entregava marmita na rua pra ajudar a família, porque era muita gente pra comer. Então, na minha casa, tinha sete filhos, pai e mãe. Minha mãe punha todo mundo pra trabalhar. Das dez às onze, eu entregava marmita... pra três famílias. Eu pegava a marmita

no antigo restaurante Excelsior. Aí eu tinha que almoçar e ir pra escola. Oito anos, está aqui (mostra o diploma), 1938.

Só a Cida que trabalhava em casa com minha mãe. Ela sempre trocou o papel pelo trabalho doméstico. E falava: “Eu sei que eu sou burra, mais fulana, fulana, fulana, ela falava o nome, não vou falar o nome, elas não sabiam nada - assim como eu - nas freiras, no colégio, e elas passavam e eu não”. A Cida falava, sim. (pausa) Por isso que eu estou dizendo pra você: a gente sentia. A mãe da gente, meio perto das freiras franciscanas, ficou mais espertinha, ficou mais religiosa. Colocou a gente num ambiente que a gente teve que se adaptar. Ambiente de gente rica. A maioria eram meninas filhas de fazendeiros, internas.

A gente não tinha dinheiro pra comprar o Diamante Negro

Então, além das meninas internas, as outras meninas que faziam parte do grupo de externas, elas tinham um poder aquisitivo melhor do que a gente. Porque a gente pra estudar era uma troca. Meus pais merecem todos os louvores nessa palestra aí, nessa entrevista, porque eles investiram. Mas a gente adquiriu muita coragem é da religião. Porque, a Laís, aqui, minha colega, também sentiu esse drama, porque nós íamos remendadas. A roupa não dava pra todo mundo. Então, minha mãe, na medida... Minha mãe não entendia isso daí, eu também não sabia. Eu não sabia que isso chamava preconceito, discriminação. Então, agora que a gente sabe.

Então, a gente não tinha dinheiro pra comprar o Diamante Negro da mulher que vinha vender todo dia lá, a dona Chiquinha. Que era uma mulher que vinha com o tabuleiro. Ela sentava embaixo daquela árvore e as meninas que tinham o poder aquisitivo melhor do que a gente, comprava groselha... até hoje eu vejo Diamante Negro e fico com água na boca. Nossa, é uma passagem que... você ficava com vontade e não podia comprar! Mas não é por causa disso que eu fiquei revoltada, que eu deixei de estudar, que eu cresci na vida,

não. Porque a Irmã Eustela ensinou muita religião, muito perdão, muito... O Puríssimo brilha pela religiosidade. Eles davam o aprendizado escolar, mas, ao mesmo tempo, você vê, a primeira coisa que eles fizeram comigo foi isso: primeira comunhão.

Eu tocava o bumbo na fanfarra... e de chapeuzinho

As freiras preparavam a gente para as fanfarras. Eu tocava bumbo na fanfarra... e de chapeuzinho! Eu lembro, era uma festa. Você tinha que ficar ensaiando. Então você falava pra mãe que não ia olhar criança. Minha mãe falava: “Vai na fanfarra, vai na fanfarra”. Não tinha sapato! Era um sapato só pra tudo. Então, você punha uniforme bonitinho, saíinha azul-marinho toda preguçada, meia, sapatinho, a roupinha branca. Parece que a gente tinha uma faixa aqui. Tinha uma faixa de patriota.

Então, o que é que acontecia? Tinha uma festa na cidade... “Ah, vai chegar o doutor Ulisses Guimarães. Vai chegar o doutor Ademar de Barros.” Os políticos da época, o governador...”... e vão falar de verdade.” Vamos fazer uma ressalva aqui: os políticos da época eles se interessavam muito pela gente. Pra você ver, eu saí do quarto ano, aqui, falando francês, latim, inglês. Eles se preocupavam com a gente. Mesmo escola particular, ou quem saía do Joaquim Salles...

Ah! Uma passagem muito importante da minha geração foi que nós vivemos um período mundialmente difícil. Então, colocava a nossa fanfarra e nós pra levar os pracinhas até a estação da Companhia Paulista. E a gente ia chorando, porque eram os moços que iam embora. A convocação deles era na prefeitura. A prefeitura na época era ali mesmo, só que era um predinho pequenininho. Então eles saíam tudo da prefeitura e nós com a fanfarra. Nós não queríamos mais ir pra fanfarra, não. Então a gente levava os moços, tudo moço novo, pra estação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, pra que eles fossem de trem até São Paulo. De São Paulo, aí eles iam até o Rio de Janeiro, onde

eles iam receber as ordens do exército pra ir num navio... pra ir defender o Brasil nos campos italianos.

A fanfarra era muito usada, também, quando tinha festa das nações, pra qualquer coisinha... Sete de Setembro... Maio, que era mês de Maria, o mês inteirinho tinha quermesse. Tinha festa no pátio. Elas faziam festa. Coisas de fanfarra era muito bom porque desinibia... Essas festas no pátio eram pra todo mundo, lógico! Era pros flertes da gente ir, lógico! Que você pensa? A gente saía do Puríssimo às 4 horas. Entre 4, 4 e meia. A gente não vinha direto pra casa, esse bando de menina, e eu ia junto, cortava a Praça da Liberdade, subia a Rua Seis e na esquina tinha o Bar Avenida e tinha os fãs. Aí a gente subia a Avenida Um e na esquina tinha o Café do Centro. Chegava na Rua Cinco, os paqueras estavam lá...

A procissão... eu ia de anjo. Tinha o cabelo cacheado. Tinha o cabelo bonito. Você pode ver aqui. Meu cabelo era bonito. Eu vou trazer pra você minha fotografia de criança. Meu cabelo era todo cacheado e, junto com isso, minha mãe fazia papelote. Não existia plástico, tudo era feito em saquinho de papel. Plástico vinha depois da guerra. Então, minha mãe pegava o saquinho de papel, aí ela enrolava, molhava bem o cabelo da gente, enrolava, enrolava assim. O cachinho ficava bonito. Pegava o papel de saquinho, pegava o cabelo, enrolava...

A minha mãe ficava na fila com as fitas de Coração de Maria e os anjos iam no meio. As meninas de anjo carregando... se era janeiro, era pra carregar São Sebastião, se era fevereiro, era outro santo. Tinha o santo grande e o santo pequenininho pras crianças e o estandarte.

Era muito importante a menina mais bonita ir à frente com o estandarte. Os homens carregavam São Sebastião em janeiro. Fevereiro era São Brás. Março era São José. Todo mês tinha procissão, todo mês tinha que sair de anjo. Aí, em maio, era a solenidade máxima! Era mês de Nossa Senhora, mês de Maria. Todo dia, terminava a aula, tinha novena e, terminando o mês de maio, como anjo, a gente fazia a coroação. Eles vestiam uma menina de Nossa Senhora. Era Nossa Senhora viva. Até outro dia tinha. A filha da Tuca virou Nossa Senhora. Hoje ela tem doze, treze anos. Ela está terminando a oitava série lá dentro. Então, no nosso tempo também tinha Nossa Senhora viva, tinha coroa, subia escada, jogava pétalas de rosa! A gente cultivava rosa em casa, o pé da roseira que

nem aquela branquinha que está ali agora. Nossa, era relíquia pra guardar, pra em maio a gente jogar na Nossa Senhora. Porque não tinha floricultura, você tinha que cultivar, você tinha que ter roseira no quintal e cuidar bem da rosa pras pétalas jogar na Nossa Senhora no dia da coroação. Então, junto com mês de maio, tinha quermesse.

O Joaquim Sales era para os pobres, pobres

Depois, do Primarinho, você vê que eu não precisei fazer vestibular do Preparatório. Eu terminei aqui, eu fiz, passei. Eu não precisei ficar um ano no Preparatório. Se você não passasse, era um ano de Preparatório. Então eu me esforcei pra passar e não ficar mais um ano lá e meu pai pagando. Ah, era caro, era... Escola, só existia ele e o Koelle, eram os principais. Mas quem conseguiu concluir mesmo o Ginásio, fui eu. Porque era Primário e Ginásio. Hoje é Fundamental e Médio.

E tinha também o Joaquim Sales, mas era do Estado. Era para pobre, pobre... O Joaquim e o Marcelo Schmidt... existiam na época. O Marcelo Schmidt, que era mais pra elite, era centro, filhos das professoras de lá, era o pessoal do centro. No Joaquim Sales eram os meninos do São Benedito, da Boa Morte, você vê... Então a gente até falava pras meninas: "Grupo velho, cemitério". Porque, segundo eles diziam que antes do governo pegar aquele terreno e passar pra fazer uma escola, um grupo escolar, que está bonito até hoje, ali era um cemitério. Aí o cemitério foi transferido lá pro fundão. Então eram as crianças do bairro do São Benedito, bairro da Boa Morte. E ali, um pouco mais no centro, eles freqüentavam o Marcelo Schmidt, ou Joaquim Sales. O pessoal do bairro da Aparecida freqüentava o Grupo Escolar Irineu Penteado. Eram essas três. Tinha também o Joaquim Ribeiro, Avenida Dois. Só tinha esses quatro.

Então você vê que nós vivemos a infância num período muito difícil, é o período da guerra. É um período mundialmente difícil. Por quê? Porque transmitiu muito pra gente, através de rádio. Minha mãe sempre teve rádio, desde a casa da Rua Dois que eu lembro,

eu tinha seis, sete, oito anos. E a gente ouvia... Quando eu comecei a aprender a ler e a escrever, a minha mãe comprava o jornal pra ler o que estava acontecendo. O jornal, a coisa falava muito mal do Mussolini e do Hitler. Tanto é que você escuta falar: “A Cidinha, o Roberto, a Nanci (filhos de sua irmã), são frutos de guerra.” São considerados frutos de guerra. Porque são pessoas que foram geradas num período muito difícil. A Júlia apressou o casamento. Ela casou quando começou a falar em guerra, dia 31 de dezembro de 1938. Por quê? Estava falando em guerra e aí ela ia perder o noivo. Porque o governo convocava os moços solteiros primeiro pra depois convocar os casados.

Pra conseguir esse diploma aqui eu estudei muito

No período que eu fiquei no Puríssimo, ao mesmo tempo, eu morava com a Júlia (irmã) pra ajudar a olhar as três crianças. Eu deixei de entregar marmita pra ficar com ela. Então eu competia com as meninas, as meninas tinham mais tempo que eu de estudar. Eu aproveitava muito sábado e domingo pra estudar, pra conseguir esse diploma aqui. Pra conseguir esse diploma aqui, eu estudei muito. Então aí o que aconteceu?

Eu conheci o rapaz lá, fui envolvendo... Estava num clima de namorar. A minha mãe percebeu... Falou: “Não, agora você vai fazer enxoval, então você precisa trabalhar”. Pra fazer enxoval, vai casar, quer casar, quer namorar? Eu fui trabalhar num cartório do terceiro ofício... na Avenida Um, onde hoje é em frente ao edifício Kraisler. Minha mãe arrumou emprego pra mim lá por causa do diploma. Eram poucas pessoas que tinham diploma do Ginásio na época. Poucas, pouquíssimas. Era filho de gente muito rica que conseguia um diploma desse na época. Nossa! Esse diploma, você fez Ginásio! 1940... Foi graças à minha mãe, meu pai e meu esforço próprio.

Viúva, sem emprego, sem qualificação profissional... mas, com muita religião que eu aprendi

Em 47, eu trabalhei no cartório. Meu namorado não queria que eu trabalhasse. Ele encheu o saco, saí. Depois, logo fiquei grávida e casei e tinha um filho pra criar. Isso aí em 47, eu já estava grávida. Em julho, outubro, setembro, eu sei até o dia. Setembro de 47 eu já estava com um filho na barriga. Então! Aí interrompeu tudo mesmo. Casei em quarenta e oito. Quer dizer, então elas continuaram estudando e eu não. Em 49 teve a separação. Eu tinha um filho pra criar, com 19 anos, sem emprego, sem qualificação profissional. Mas com muita religião que eu aprendi, pelo amor de Deus! Que as freiras ensinaram muito, principalmente a irmã Eustela, essa freira aqui ó! Essa freira aqui marcou muito a minha vida...

Ela era professora de Geografia. Maria Eustela. Mas, ao mesmo tempo que ela dava Geografia, ela dava Religião e preparava a gente pra primeira comunhão. Tinha o professor Mário Alem, aqui, tinha o Celso Rodrigues, tinha a professora Adelaide, que era de música, tinha a professora Ivanira Bonh Prado. Então elas continuaram e eu fui criar meu filho. Eu fiquei de 47 até 52 enfiada aí dentro de casa. Não saí de casa, a não ser pra ir em procissão com a minha mãe... e... ir à missa. Criança no colo. Sempre o Vicente junto comigo.

Quando foi em 1952, anunciava o dia inteiro que ia ter Curso Normal pra formar professora. Então minha mãe dizia assim pra mim: “Você vai voltar a estudar”. Minha mãe viu que eu ficava quietinha dentro de casa, não fiquei bagunçando. Meu pai e minha mãe dando comida pra mim e pro meu filho. Ela tinha treze pessoas pra fazer comida. Treze pessoas moraram naquela casa aí! Treze!

Então, minha mãe escutava no rádio falar que ia ter curso de professora no Ribeiro. “Você vai estudar, você vai continuar, porque se você não for estudar você vai limpar privada dos outros”. E eu chorava que eu não queria ir: “Não, não vou, e o Vicente? Naquela época não tinha televisão, o rádio desligava à Hora do Brasil. Sete e meia a criança estava na cama. O Vicente tinha... quatro anos. Era fácil: pôr o pijaminha, dar

sopa e pôr a criança na cama. Pronto. Ela dormia. Nessa época só tinha ele de nenê, porque o resto já estava pra lá, na outra casa.

Eu encontrei as meninas que eram da mesma classe econômica minha

Aí minha mãe me obrigou a estudar de novo. Ela me levava todo dia na escola. Em 52, com muito custo eu fui estudar. Eu ia chorando. Não tinha iluminação elétrica na rua. Tinha o Normal diurno e tinha o Normal noturno. Mas eu só podia ir de noite, porque durante o dia tinha muito serviço em casa. Durante o dia tinha o Vicente pra olhar, tinha serviço pra fazer, roupa pra lavar, comida pra fazer, casa pra limpar. Como hoje, só que era pior. Minha mãe ia me levar e me buscar porque eu era moça, não era feia... Ia com roupa aqui, roupa aqui. Tudo comprido e fechado. Muita religião. Então minha mãe tinha medo. Eu nunca falei no Ribeiro que eu tinha um filho, que eu era casada. Tinha medo. Hoje falam. Era medo que os homens... então nunca ninguém perguntou, eu também não falei.

Eu fiz três anos. 1952, 53, 54. Era pré, primeiro e segundo. Então, aí eu estudava bastante. Eu tinha que dar conta da casa e do Vicente criança. O Vicente ficava num caixote, chiqueiro que o meu pai trouxe, de caixa de cebola. Então ele falava assim no chiqueirinho: “Malia!!” Nesse período ela ajudava a olhar o Vicente. No Pré-Normal eu senti muita dificuldade. Por quê? Fazia seis anos que eu não ia mais pra escola! E aí eu tive que enfrentar matemática. No Pré-Normal tinha matemática, tinha português. Meu professor de português foi o Nelson Moura. Eu sempre gostei de ler, também. Eu era a primeira aluna do Mauro. Mas matemática eu tirava três zeros. Aí eu falei pro professor Vitorino Machado: “Professor, não é que eu não sei, é muito tempo que eu não vejo matemática, por isso que eu tirei essa nota”. Olha o professor! E ele ia de jaleco branco, de bicicleta. Aí ele falou: “Vamos fazer o seguinte, nas férias de julho você vai na minha

casa e eu recordo o que é de Ginásio e não vou cobrar nada pra você". Então, nas férias de julho eu ia uma vez, duas por semana, na casa dele. O Elpídio escutou e falou: "Terezinha, eu sei bastante matemática. Você nas férias, de noite, vem na minha casa". E ele dava aula de matemática na lousa pra mim. Ele não tinha medo que eu ultrapassasse, que eu crescesse, que eu ficasse mais do que ele. Isso aí me valeu muito quando cheguei na sociedade do trabalho: eu nunca escondi o que eu sabia. Eu passo. Hoje eu chego na Cesp, os que hoje são chefes e ganham 5, 7 mil por mês, eles falam assim: "Ela que ensinou". Nunca escondi. Você não esconde o que você sabe quando você tem segurança.

Aí então eu concluí e essa é a minha festa de formatura. E aqui então eu sou professora. Em 54, eu virei professora. Eu virei professora. O primeiro ano foi difícil, mas aqui eu já encontrei as meninas que estudavam à noite eram todas da mesma classe econômica minha. Eu não tenho o convite aqui. Mas eu devo ter o convite. Você vê, sobrou só foto...



Sessão solene de formatura dos alunos do curso normal do Joaquim Ribeiro, 1954.

Fonte: acervo particular.

No Ribeiro teve baile, teve o jantar e teve a festa. Essa aqui é a festa de formatura no Variedades (Teatro Variedades). Isso aqui que você está vendo foi no Teatro Variedades. O Ribeiro tinha o salão nobre, mas o salão nobre era só pra Ginásio e pra Primarinho. Então a coisa mais chique tinha que ser no Variedades, que era teatro... Olha minha roupa, que bonita que a minha mãe fez pra mim. Minha mãe ficou toda feliz e orgulhosa. "Filha professora", ela falava.

Se dependesse de mim, eu estava lecionando

Eu terminei o Normal e eu sabia de um conhecimento geral. Eu tive sorte. Fui trabalhar no Alem (Colégio Alem). Eu cheguei lá no Alem tinha a Georgina que já trabalhava lá. Um ambiente muito bom o Alem, muito, muito bom! E tinha até o Sálvio, que era o chefe. Eu tinha medo de atender o telefone. Eu tinha vinte e seis anos de idade. Por isso que eu sempre ajudei os outros. O telefone tocava. A primeira vez eu não atendi. A segunda vez o Adão falou: "Dona Teresinha!" Ele era tesoureiro e era professor. Tomava conta do dinheiro e era professor de contabilidade. "Atende o telefone!" Eu falei: "Ah, eu não sei". "Então vem aqui eu ensino a senhora. Esse aqui põe no ouvido, esse aqui põe na boca. Agora a senhora fala assim: Alô". Então eu não sabia nem atender telefone. Olha hoje, eu vendo na rua que nem louca.

Aí então, em 59, eu já sabia muito. Eu ia na Igreja, acompanhava Nossa Senhora pra arrumar emprego. Ia pro Santo pra arrumar emprego. Eu tinha um filho pra criar. Eu tinha que pagar INPS, eu tinha que ter carteira profissional, eu tinha um filho pra criar. Minha mãe já estava ficando velha, meu pai também. Meu pai já trabalhava de manhã e de noite como guarda. Começou a apertar na doença da Júlia. O meu casamento também atrapalhou, o casamento do Neno, forçaram o orçamento do meu pai e da minha mãe.

Quando eu saí do Alem eu já sabia muita coisa. Aí eu falei pra dona Vitória: "Dona Vitória, eu arrumei emprego na Central Elétrica, eles vão me pagar mais". Minha mãe

queria energia de graça. Porque ela arrumou emprego pro Neno. O Neno casou veio morar aqui e não deu muito certo. Ele foi embora pra Vila Indaiá e levou a energia. A minha mãe pôs o Paulo, a minha mãe pôs o César (genro). Tem a fotografia dela aí, com a chefaiada da Cesp, ela fazia média. Era uma boa vantagem você trabalhar na Central Elétrica. Você tinha fogão elétrico. Você tinha deixado ou lenha ou carvão. Você tinha progredido na vida. Você cresceu. Você deixar aquela sujeira de fogão de lenha, que era cinza, você deixar a sujeira do fogão de carvão pra limpar, aquilo sujava tudo a mão da gente.

Aí ela fez uma força tremenda pra eu entrar. Se dependesse de mim, eu estava lecionando, eu seria uma professora, eu ia pra zona rural. Mas quando eu arrumei lugar pra lecionar em Pereira Barreto, que o Toninho Genaro que era diretor de colégio... Quando eu me formei aqui, eu era pra ir lecionar em Pereira Barreto. No sítio tinha que ficar 5, 6 anos no sítio. Carroça, cavalo, charrete. Quando você mostrava pro governo do Estado que você tinha seis anos de zona rural automaticamente, sem concurso, você ingressava no governo do Estado como professora. Você ingressava como professora e você estava garantida pela lei.

Quem não enfrentou, porque não aproveitou

Isso aqui é santinho. Você vê como existia uma certa religiosidade. Olha: Páscoa das professoras. Bom... As freiras, que é o Colégio aí, o aprendizado escolar, o relacionamento humano, dava um bom preparo espiritual pra você. Elas preparavam, nesses oito anos, nove anos, elas preparavam a gente pra vida. Pros desafios da vida. Eu e outras tantas meninas da minha época, que eu sei, estão enfrentando problemas seríssimos. Uma delas não está aqui, mas foi colega... Eu acho que eu repeti e ela... saiu na minha frente. A Luzinda Povas. É professora, é educadora, e hoje ela enfrenta problema seríssimo. O filho dela sofreu um acidente de carro, está na cadeira de rodas. Ela é boa também pra essas

coisas, para a entrevista. As meninas do Puríssimo que estudaram comigo as freiras prepararam muito bem para os desafios da vida. Quem não enfrentou, porque não aproveitou. Eu aproveitei.

Na Semana Santa, na Quinta-feira Santa eles levavam muito a gente em chácara. Então as freiras faziam retiro, chamava de retiro. Não tinha aula, mas a gente ia purificar a alma. A gente ia fazer retiro a pé! A gente ia a pé. Tudo a pé. Então a gente saía da Rua Sete, as freiras também... Elas levavam a gente e falavam que era retiro. E era retiro mesmo. Mas aí a gente pagava um dinheirinho pra gente levar o lanche. A minha mãe ficava puta da vida. Porque, na Quinta-feira Santa, a minha mãe aprendeu através da mãe dela que na Semana Santa não podia comer carne. E as freiras davam pra nós lanche de pão com mortadela.

Então a gente passava o dia lá purificando a alma, rezando... E a gente era Cruzadinha, quem era Cruzadinha tinha mais missão, tinha mais serviço. Porque já tinha feito a primeira comunhão. Então, como cruzadinha, você tinha que ser catequista. Você já estava no Ginásio. Você já era Cruzada, já era Apóstolo da Cruzada. Porque, conforme você mudava, mudavam os graus na fita. Parecia a formatura do Denis (neto), os homens todos com medalha. Doutor, doutor, doutor. Cada medalha! Das três e meia às oito horas da noite, foi só pra apresentar a mesa. De tanta medalha que os homens tinham.

Elas levavam a sério o ensino. Não tinha moleza, não. Agora, a gente tinha que estudar, porque era difícil o ano inteiro. Você passava sábado e domingo estudando durante o Ginásio. Domingo a gente não tinha passeio. Tinha pra quem não estudava, só trabalhava no Matarazo que nem a Maria. Tinha ficha de leitura. Ivanira Bohn Prado obrigava você a fazer ficha de leitura, não sei se semanalmente ou se era por mês. Você tinha que ler o livro! Tinha que ler o livro da biblioteca delas.

Mas o que mais preocupava a gente, a gente tinha que estudar o ano inteiro por causa do exame oral. O exame oral começava em outubro. Janeiro e fevereiro eram férias, mas quem não passava, tinha Segunda Época em fevereiro. Eu fiquei de Segunda Época no Ginásio. A minha mãe arrumou uma professora na Rua Seis, a Pérola Rodrigues. Ela ia lá saber dessas coisas. Latim era muito difícil. Então a mãe da gente pegava aula particular pra gente melhorar. Quando chegava em novembro, o mês inteirinho era exame oral. Era difícil! Porque tinha banca examinadora. Você sentava ali. Você ficava sentada na sala de

aula. Todos sentados esperando: “Número um”. Tinha três professores geralmente. Cada dia era uma matéria. Então, no dia de português, era a Ivanira. Aí tinha um saquinho branco. Então você punha a mão no saquinho e tirava uma pedrinha. Você tinha que saber de cor e salteado o assunto do ano inteiro! O que se passava na matemática, de março até novembro. Você torcia pra sair coisa que... fazia promessa, você ia na igreja pedia pra Santo Antônio, pra Santa Terezinha, pra Nossa Senhora. Você rezava, rezava, rezava pra cair aquele ponto que mais você sabia.

Então era difícil, você passava mesmo porque você sabia. Elas preparavam o ano inteiro e, junto com isso daí, elas preparavam o terreno no campo espiritual. Eu era sempre a última. Então você ia na capela, você rezava, você tinha que estudar mesmo. Mas, quando começava a aula, nunca começava a aula sem chegar na sala, com uniforme, fazer nome do padre e, se era meio-dia: “Santo anjo do senhor meu zeloso guardador, me guarde, me governa, me estima, amém.” Tinha outra oração, também, oração das seis horas da tarde: Nossa Senhora. Fazia o nome do padre, era meio-dia. Porque a gente entrava meio-dia. Então a professora, seja matemática, seja francês, o que fosse: “O anjo do Senhor anunciou à Maria e ela concebeu do Espírito Santo, ave Maria, cheia de graça”. E eu: “O verbo se fez carne, ave Maria, e habitou entre nós”. Não é isso? Depois que começava a aula. Então a religiosidade ali era fundamental. Então você tinha que ir no Santo pra pedir que a pedrinha que você pegasse... Você tinha que saber tudo que aconteceu e não tinha perdão ali, não, viu? Era ali um negócio. Segundo umas comentam, tinha umas protegidas. Caiu aquilo, mas não sabe, mas...

Tinha professoras que eram freiras. Tinha a professora de francês, ela entrava na sala de aula, a gente tinha que aprender o hino nacional da França. Então a gente estava tudo sentadinho esperando. Ela abria aquela porta e a gente falava assim: “Allons enfants de la patrie, le jour de gloire est arrivé, tan, tan, tan.” E tinha que saber de cor o hino nacional da França. Se caísse no exame oral cantar o hino nacional, você levantava, punha-se na posição e cantava o hino nacional da França. Ela já preparava a gente. Então o exame oral obrigava você a estudar mesmo. Não, elas ensinavam sim!

Os melhores alunos, onde estavam?

Para o Vicente, já foi outra coisa. O primeiro ano do Vicente eu não consegui vaga aqui no Ribeiro. Então eu matriculei ele no Marcelo Schmidt (Grupo Escolar). Que era um dos melhores colégios. Marcelo Schmidt. E eu já trabalhava na secretaria do Alem (colégio particular da cidade) e sempre tive muita amizade com o professor Oscar de Almeida, inspetor de ensino. Então ele falou: “Não, Terezinha, leva o seu menino lá”. Nem no jardim o Vicente não foi. Já entrou direto. Em 56, ele ia fazer 8 anos. Ele foi pro Marcelo Schmidt. Mas eu queria vaga no Ribeiro (escola pública). Porque aqui era tido como... superava o Puríssimo, superava o Koelle. Os melhores alunos onde estavam? Aqui no Instituto de Educação Joaquim Ribeiro. Na época, o assunto era esse: o melhor mesmo pra você saber se a pessoa era inteligente era aqui no Ribeiro. Era aqui. Então naquela época, você estudava no Koelle, no Puríssimo, você não tinha muito prestígio. Você tinha prestígio se você estudasse no Instituto de Educação. Meu diploma é deste tamanho: Instituto de Educação Joaquim Ribeiro.

Pra arrumar vaga no Ribeiro, você tinha que entrar na fila. Então, eu e ele, num domingo de noite, nós sentamos ali pra esperar o dia seguinte. Não dava medo, porque tinha mais pais. Então nós ficamos ali, sentadinhos naqueles murinhos que tinha, pra ser uma das primeiras pra conseguir uma vaga pra ele no primeiro ano. Eu não consegui. No segundo ano, eu consegui transferência do Marcelo (Grupo Escolar Marcelo Schmidt) pro Ribeiro (Instituto de Educação Joaquim Ribeiro). Então ele fez segundo, terceiro e quarto ele fez no Instituto de Educação Joaquim Ribeiro. O histórico escolar dele é daí, do Ribeiro.

Ele se formou em químico industrial. Como eu já trabalhava no Alem, ele já começou com nove anos, dez anos a trabalhar. Porque minha mãe falava: “Terminou, aprendeu a ler e escrever, tem que trabalhar”. Assim foi o Roberto, assim foi o Neno, assim em seguida foi o Vicente e assim foi o Zé Luiz. Depois, quando chegou a geração da Marta e do Pedro Luiz, que começou a fazer cursinho. Porque aí começou o governo revolucionário, começaram a aparecer os cursinhos. Não tinha os cursinhos. A pessoa saía do Normal do Ribeiro e saía do Científico do Ribeiro, saía do Clássico do Ribeiro ela

enfrentava o vestibular e passava. Por isso que o Ribeiro era o melhor. Porque ele preparava a juventude pra quem quisesse, pra quem tinha dinheiro. Porque não tinha muita faculdade do governo. As meninas saíam daqui e a maioria ia tudo pra faculdade particular, que era a PUC.

O circo era a maior atração nossa

Nessa época, o que era bom de se fazer era ir pro Jardim Público. Ah, mas tinha os “footing”. Então, no Jardim Público a gente, de duas em duas, a gente ficava da Rua Quatro à Rua Seis, passeando. Isso nos finais de semana. As meninas que ficavam na calçada de cá eram meninas de família. As meninas que ficavam na calçada de lá...

Mas o que mais eu frequentava mesmo era circo. Porque meu pai vendia carvão pro homem do circo. O circo chegava e eles tinham que cozinhar. Então eles vinham aí e pediam pro meu pai levar carvão. Então a gente ia de carroça levar carvão. Aí meu pai levava todas as crianças e o homem dava ingresso. Ficava onde hoje é o Ginástico. O Ginástico era só lá na Avenida Três. Na Avenida Cinco não existia. Era um terrenão. E ali eles montavam o circo. E, como a gente ganhava o ingresso, a gente ia em todo lugar. O circo era a maior atração nossa. E vinha sempre circo, palhaço....

Na Igreja Batista, ali fazia festa e a gente ia também. Eles faziam festa, eu lembro que uma das festas ali foi de fim de ano. Eu fui escondido da minha mãe, porque falaram que o Plínio Salgado ia chegar e ia dar brinquedo. Mas a gente era muito católica, se eu entrasse lá eu apanhava da minha mãe. Mas eu fui. Eu ganhei um banheirinho. Todo de latinha.

E... as atrações eram na rua mesmo. Pular corda, brincar com as meninas vizinhas. A gente fazia um bom relacionamento com a vizinhança. Aí, depois de mocinha, a gente ia mais no circo.

Tinha o Variedades, que você está vendo hoje lá. Tinha a parte de baixo e tinha a galeria, tinha as frisas. Frisa eram divisórias com quatro cadeiras, tinha uma cortininha

de pano. A gente entrava ali e pagava mais caro pra assistir o filme... Pagava mais caro quando a gente queria namorar escondido. Mas tinha cortininha. A turma entrava a qualquer hora. O homem da lanterna fiscalizava.

Diploma e ascensão social

Na história que Therezinha nos conta, há uma tensão constante entre sentir-se privilegiada, ocupando uma posição distinta da maioria, e sentir-se discriminada, ocupando uma posição inferior. Há um sentimento de diferenciação entre os avós italianos (que para ela eram mais espertos) e os brasileiros. Tal sentimento também se revela em relação aos primos que moravam em um bairro afastado do centro e não freqüentaram colégio de freira ou padre (com exceção de um deles) e em relação a ela e as meninas que estudavam no Grupo Escolar *Joaquim Sales*. Mas há, também, o enorme esforço para se equiparar às meninas da classe, lendo bem e tirando boas notas para suprir uma diferença que não residia nesses aspectos, mas, sim, em sua origem social e em sua condição de ingresso e permanência no Colégio.

Poucas vezes, porém, esse Colégio é denominado. Therezinha refere-se ao *Puríssimo*, substituindo seu nome por outras expressões. A distância que mantém com relação a ele revela-se em toda sua narrativa. Therezinha não conhece seus cantos, nunca adentrou por suas portas. Ela não fez parte dele, embora acreditasse que sua passagem por ali poderia modificar seu destino social.

A crença na educação como instrumento de ascensão vinha de sua mãe, a matrona italiana que dirigia toda a família. Josephina, na medida de suas forças, direcionava o destino dos membros da família: havia predestinado Neno (seu quarto filho) para ser padre e Therezinha para ser professora. Cida deveria ajudar na casa. Maria era operária em uma empresa têxtil. Júlia ela matriculou no curso de corte e costura. Paulo e Celeste também

foram trabalhar cedo, para ajudar nas despesas da casa. Muitas vezes, os cargos eram conseguidos pela própria mãe.

A história de sua família é afetada por todos os acontecimentos mundiais daquele período. A guerra, a situação política e econômica entrelaçam-se aos casamentos, formaturas, à comida restrita e à sua gravidez. Ela estava inserida muito mais nesse mundo do que no mundo de sonhos do colégio e da sociedade em festa onde *as outras* meninas viviam. A frequência aos clubes da cidade não existia para a família de Therezinha. Seus passeios eram o circo e, quando moça, o *footing* na praça. A preocupação sobre como comportar-se em um ou outro ambiente ocupa um segundo plano. A primeira preocupação era alimentar a todos. Como alguém tão distante do *glamour* do *Puríssimo* pôde aí ingressar? A relação de sua mãe com as freiras da Santa Casa de Misericórdia foi condição para isso: *é gente boa*.

No entanto, tanto o destino de Neno, quanto o de Therezinha escaparam das mãos de Josephina. Neno não conseguiu permanecer por muito tempo no internato e, por isso, foi punido com a humilhação de voltar para casa na carroça do pai. Certamente esta foi uma punição dolorosa para o próprio pai, já que ele andava de carroça diariamente e a humilhação que o filho deveria sofrer fazia parte de seu trabalho cotidiano.

Quanto a Therezinha, sua passagem pelo *Puríssimo* não foi nada suave. Apesar de ser de *boa família*, sentia-se discriminada durante todo o seu percurso neste Colégio: fosse pelo fato de ser estrábica, por usar roupas remendadas, pelo fato de a mãe de sua amiga ter empregada, ou por estudar em troca do trabalho que o pai realizava para as irmãs. O uniforme *limpo, mas cheio de remendos* contrasta com as meias de seda e mantilhas importadas. A *hexis corporal* revelava sua força julgadora: a aparência diferenciava, excluía. Therezinha também passou por uma gravidez inesperada que interrompeu seus estudos: a mãe disse que ela precisava cuidar de seu enxoval e, para isso, precisava de dinheiro.

O trabalho intelectual ao qual Therezinha estava predestinada era altamente valorizado: um grande investimento. Para a entrevista, ela carregou todos os seus diplomas. A mãe até mesmo levou a avó embora, para que não opinasse na educação de seus filhos. A hesitação em confirmar uma reprovação demonstra o quanto se exigiu dela. Mas, em seguida, reverte

sua postura, decidindo mostrar as dificuldades pelas quais passou e como soube se desvencilhar delas.

Dentro do *Puríssimo* circulavam seus desejos aplacados pela religiosidade. Desejo de chocolate, desejo de ser uma aluna exemplar, desejo de ter uma profissão que a transportasse a outro nível social.

Foi no Instituto de Educação *Joaquim Ribeiro* que Therezinha sentiu-se mais próxima das colegas e parte da escola. A diferença entre o Curso Normal de uma e outra escola residia, principalmente na admissão de meninos no *Ribeiro*, o que àquela época não acontecia no *Puríssimo*. Mais uma vez ela ia em busca do diploma de professora que trouxe tanto orgulho à sua mãe, embora ela nunca tenha lecionado. Trabalhou na secretaria de uma escola, em um cartório e na CESP.

A religião foi, para ela, o único grande bem que adquiriu em sua passagem pelo Colégio: *quem não aproveitou foi por que não quis...* Ela aprendeu o perdão, virtude que hierarquiza e determina posições. Quem mais precisaria perdoar além dela?

O ambiente de gente rica ao qual ela precisou se adaptar não lhe trouxe grandes recompensas. Nas procissões, desfiles e conferências ela parece não ter compartilhado das mesmas sensações. Não se misturou às outras meninas. De suas lembranças restam desejos engolidos pela esperança do algum dia...

O *grande investimento* não trouxe o retorno esperado. Sua passagem pelo *Puríssimo* marca o fracasso da idéia de que a escola fornece os meios para galgar melhores posições. O que Therezinha conseguiu estava aquém de suas expectativas, embora significassem conquistas, não a levou onde ela esperava. Que escolhas ela teve?

Capítulo 6

“Mostremos com nosso exemplo aquilo que com palavras ensinamos”

Para Dolores, a boa educação recebida no *Puríssimo* revelava-se no comedimento dos gestos, na civilidade, no amor à pátria. Para Therezinha, a boa educação resultou em sua fé, em suas virtudes, embora sua mãe esperasse que o polimento cultural lhe oferecesse melhores chances de ascensão social. Acredito que a imagem de *escola de qualidade* e que *formava integralmente* se construía e se mostrava, em última instância, num *habitus* de classe que demonstrava o sucesso da escola e de seus professores. Quanto aos outros grupos acolhidos pela escola, alunas de famílias pobres ou as operárias do curso noturno de alfabetização, a atitude altruísta do Colégio e do corpo docente era a imagem que se transmitia. Este capítulo tentará examinar essa hipótese.

A máxima, título desse capítulo, escrita por Bárbara Maix¹ em 1872, pode ser aprendida, ainda hoje, em cursos para professores nas escolas da Congregação, nos cartazes espalhados pelos corredores ou na conversa na sala dos professores. Por esse motivo tomo-a como fio condutor, por onde procurarei compreender a idéia de escola de qualidade e de formação integral, na forma como professor e aluno eram vistos e na relação estabelecida entre ambos no Colégio. Quando escreveu a frase, Bárbara dirigia-se às irmãs. Mais tarde, os professores leigos passaram a fazer parte das escolas da Congregação e deveriam adotar também a mesma postura: seu próprio ser e seu modo de viver eram fontes de

¹ CONGREGAÇÃO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA (1999). *Murmúrios da Fonte*. Porto Alegre: Gráfica Dom Bosco, p.19.

ensinamentos. O que Bárbara esperava que se ensinasse com os exemplos? Em uma de suas cartas ela explica: *Nossa missão é grande e, por isso, temos necessidade de grandes virtudes, de um coração magnânimo, grande fé, esperança e amor, todas as virtudes no mais alto grau*². As virtudes apresentavam-se como algo a ser aprendido.

Bárbara, como superiora, encarnava o papel de mãe e exortava suas filhas a seguirem seus passos. Encontramos os ecos de suas cartas e prescrições na *Chronica*, nos jornais da cidade, em revistas comemorativas e nas conferências realizadas no Colégio. As virtudes e atitudes elencadas por Bárbara, baseadas nas características de Maria, estiveram ligadas com a visão da mulher, o que elas deveriam ser e o que poderiam fazer pela sociedade. Ora, as mulheres estavam presentes no *Puríssimo* na figura das freiras, das professoras leigas e das alunas. Em que medida as virtudes e a identidade mariana foram transpostas para essas mulheres? Em uma de suas cartas, Bárbara assim se expressava:

Cara Filha Maria Margarida e demais queridas filhas minhas:

Louvados sejam os SS. Corações de Jesus e de Maria!

Louvado seja Deus por teres recebido tudo o que te mandei como auxílio, e que Deus o abençoe e multiplique! Paciência, minha filha, em todas as cruzes e tribulações! Entreguemos tudo a Deus. Procuremos o Reino de Deus e sua justiça em nós mesmas e naqueles que nos foram confiados. Soframos com alegria, constância e ação de graças, e tudo o mais Deus fará, minha filha! Não há disposição mais gratificante do coração – o céu na terra – do que quando se aceita tudo, tudo, unicamente, da mão de Deus, com gratidão, e quando se entrega tudo aos seus cuidados, quer seja alegre, quer triste, na aparência. É isto que traz a verdadeira paz..

(...) A disposição de ânimo de minhas filhas, pelas quais estaria pronta a dar o meu sangue e minha vida, penetrou muito profundo em minha alma. (...) Ele (Deus) e não eu fundou a Congregação.

A mim tudo pode opor-se e me afligir – Deus seja bendito!

Tudo pode perseguir-me e oprimir-me – Deus seja bendito!

Posso ser compreendida ou não compreendida – Deus seja louvado!

Posso ser louvada e enaltecida – a honra seja dada a Deus Pai, Filho e Espírito Santo!

*Esta será sempre a minha resposta. Tudo contribui para a minha salvação*³.

² CONGREGAÇÃO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA, *op.cit.*, p.56.

³ Carta de Bárbara Maix à Madre Maria Margarida, 5 de setembro de 1871.

Como mãe, Bárbara dizia compreender e, mais que isso, sentir o que suas filhas sentiam. Seu conselho nessa carta era a aceitação e a humildade, o *fiat*⁴ de suas filhas diante das atribulações. O esquecimento de si em favor de um propósito maior também está presente. Como mãe zelosa pelo bem de suas filhas, Bárbara as instruía a somente seguir caminhos que ela própria conhecesse e que considerasse bom.

Parece-vos que estou longe, mas, dia e noite, estais na minha memória, no meu coração. Não penseis que uma mãe pode esquecer-se das suas filhas. As mães têm olhos de microscópio – tenho todas as minhas filhas sempre presentes; vejo-as até o fundo do coração, porque as conheço.

*Filhas, nunca vos aconselhei fazer alguma coisa que eu mesma, antes, não só tenha experimentado, mas também praticado, por isso podeis, confiadamente, experimentar e praticar o que eu aconselho. Encontrareis paz e consolação*⁵.

A serenidade do *fiat* fazia-se acompanhar pela autoridade e o controle da mãe que estava sempre presente, porque seus *olhos de microscópio*, mesmo distantes, tudo penetravam. Seu papel de mãe, amiga, conselheira e autoridade maior foi herdado pelas superiores que a sucederam. Conselhos, consolação, encorajamento e, principalmente, exemplos - tudo isso era o que a madre superiora trazia para a comunidade, reproduzindo o papel de mãe, de Maria e da fundadora da Congregação. Entre as obrigações das superiores, estavam as visitas periódicas aos colégios. Os rituais de recepção da priora foram relatados na *Chronica*, desde a fundação da escola, como cerimônias públicas. Em 1913, o Colégio recebeu a primeira visita de Madre Maria Ignez de São Luiz.

Foi recebida com grande alegria e entusiasmo pelas Irmãs da comunidade, pelo Revmo Snr Vigário que a saudou em nome do povo rioclarense e das alumnas do collegio que bem uniformisadas, alegremente a esperavam.

*Permaneceu pelo espaço de 7 dias entre suas filhas, dando a todas sábios conselhos e edificando-as com seu zelo e exemplo de sólidas virtudes. Retirou-se aos 16 do mesmo mês para São Paulo*⁶.

⁴ A expressão *fiat* aparece freqüentemente na *Chronica*. É utilizada no sentido de *faça-se, seja, consinto nisso*, segundo o *Dicionário Michaelis on line*, Editora Melhoramentos.

⁵ Carta de Bárbara Maix (compilação).

⁶ *Livro de Chronica, op.cit., p.7*

Em suas visitas, a superiora atendia às irmãs em particular, observava o andamento do colégio, dava ordens para novas obras (como em 1918, procurando adequar o prédio para receber pensionistas) e aconselhava. Em geral, a *Chronica* retrata da seguinte forma o objetivo da vinda da priora:

Alma cheia de zelo pela santificação de suas filhas, não poupou esforços e, com sua palavra santa e sábia, deixou-nos consoladas e entusiasmadas no prosseguimento das virtudes que, quais jóias preciosas, devem ornar as almas religiosas. O Puríssimo Coração de Maria, Mãe e Padroeira de nossa Congregação estremecida, conserve sempre assim a nossa querida madre Geral, pois, edificadas com seus exímios exemplos, seguiremos as suas pegadas e atingiremos a perfeição.⁷

As virtudes, *jóias preciosas*, encarnadas na figura da superiora, eram o caminho seguro para a perfeição e, assim, foram exaltadas com frequência na *Chronica* que descreve um movimento especial no Colégio em dia de recepção da priora:

Ao romper da manhã do dia 17 de Agosto (1931), já se notava no semblante das Irmãs um não sei que de diferente. Era a alegria que se manifestava em todas, por saberem que dahi há poucos instantes receberiam a benção d'Aquella que faz as vezes de Mãe na Congregação.

A Revma Mãe Geral chegou no trem das 3h e 40m trazendo como secretaria a Revma Madre Maria Imilda do Santíssimo Sacramento.

Quanta alegria e consolação nos trouxe esta visita. (...)

A nossa querida Mãe Geral permaneceu entre nós uns 12 dias, mais ou menos. Depois de nos ter animado muito a trabalhar para a gloria de Deus e proveito da Congregação, despediu-se deixando-nos embora consoladas, muito saudosas⁸.

O atividades das irmãs são marcadas pela disponibilidade e pela colocação do trabalho em segundo plano, em favor da glória de Deus e honra da Congregação. Por ocasião da posse de Madre Maria Domingas no cargo de superiora, em um pequeno discurso à comunidade a cronista registra que ela assim se expressou:

Dirigindo algumas palavras a suas novas filhas, disse-lhes que se sentia incapaz de bem desempenhar a espinhosa missão que lhe confiava a querida Congregação, (...) porquanto a

⁷ Livro de *Chronica II*, op.cit, ano de 1944, p.89.

⁸ Livro de *Chronica*, op.cit., p. 37.

*verdadeira Superiora seria o Puríssimo Coração de Maria e ela, Madre Maria Domingas, nas mãos divinas de Maria, um simples instrumento.*⁹

Superioras e irmãs, ao que indica a *Chronica*, orientavam suas vidas no modelo de mulher pautado na identidade de Maria, divulgada sobretudo nos séculos XIX e XX e revelada em sua *virgindade, maternidade, humildade* (“*fiat*”), *prestatividade* (*seu trabalho em segundo plano*) e *receptividade*¹⁰. Maria, como figura simbólica, aparece na Igreja como serva, mãe, esposa, rainha do céu, intercessora. A idéia de mãe, no entanto, concentra todos os outros aspectos já que, sem aceitar a missão de ser mãe de Deus, Maria não poderia tê-los alcançado. A chegada da priora ao Colégio era a chegada da mãe que trazia alegria, consolava, aconselhava, mas também se colocava atenta aos deslizes de suas filhas. Ela zelava pela edificação destas. Assim, esta idéia de mãe - que reúne outras características e evoca diversos símbolos perpetuados na *Chronica* do Colégio - é que vai estender-se, também, para a figura da professora.

Analisando a figura de Maria, relacionada à difusão do eterno feminino na França, Muel-Dreyfus percebe que seu culto foi estimulado no regime de Vichy, década de 40, como oportunidade para o estímulo do retorno à França cristã¹¹. Isto porque, em parte, o culto a Maria *fala, com evidência e simplicidade, a linguagem da eternidade das coisas*¹². A figura da virgem tornou-se símbolo de natureza eterna e seu grande privilégio foi ter seguido essa natureza. *O culto mariano celebra a ligação mulher/eternidade e o retorno a uma natureza dos corpos que não mente*¹³. O chamamento a essa natureza revela-se, no caso do *Puríssimo* e das mulheres envolvidas com sua história, nas cerimônias de recepção da priora, na *hexis corporal*, em textos publicados no jornal, na *Chronica* e na revista em

⁹ *Livro de Chronica II, op.cit.*, ano de 1944, p.89.

¹⁰ GÖSSMANN, *op.cit.*, p.276.

¹¹ O governo do Estado francês foi instalado em Vichy sob o comando do general Pétain, durante a ocupação alemã. O general, proclamando a instalação de uma “nova ordem” e a necessidade da “Revolução Nacional” fundamentada na noções de pátria, família e trabalho e apoiado na ideologia de Maurras, privilegiou o retorno às tradições nacionais. Ao hostilizar a democracia e o parlamentarismo, propagando uma concepção autoritária do Estado, aproximava-se do fascismo. O governo de Vichy restringiu as liberdades públicas, suprimiu sindicatos, impôs um estatuto discriminatório aos judeus, promoveu um sistema corporativo controlado pelo Estado e estimulou o retorno ao campo. O governo permaneceu instalado de 1940 a 1944. MUEL-DREYFUS, *op.cit.*

¹² *Ibid.*, p.61.

¹³ Le culte marial célèbre la liaison femme/eternité et le retour à un ordre des corps qui ‘ne ment pas’. *Ibid.*, p.61.

Homenagem ao Centenário do Ensino Normal no Estado de São Paulo, sobre a qual tratarei adiante.

Nos primeiros anos, a recepção da priora na estação consistia na presença de algumas irmãs e de alunas uniformizadas. Mas, cada vez mais, essas recepções se revestiam de novidades, sempre com título à parte no *Livro de Chronica* e com descrição cada vez mais detalhada. Normalmente, a festividade interna consistia na entrada solene na capela, com o coro entoando a *Ave Maria*. Em 1935,

A recepção foi muito solenne. O batalhão da Escola, em numero superior a 150, todo uniformizado seguiu caminho à estação. O trem das 3.40 horas devia trazer a querida visitante. Ao desembarcar a nossa querida Madre Geral, foi surpreendida pela saudação feita ao som dos tambores e cornetas do Batalhão, que, em boa ordem, abriu alas a sua passagem desfilando, em seguida pelas ruas da cidade, voltando outra vez à Escola.

Outra fileira de alumnos do Curso primário aguardava a chegada das Revmas Madres, no limiar da porta da escola. Acompanhadas de suas filhas (Irmãs) dirigiram-se, as recém-chegadas à Capella, artisticamente enfeitada, onde foi dada a Benção com o Santíssimo Sacramento¹⁴.

Comemorava-se a chegada da mãe. Louvavam-se suas virtudes. Podemos imaginar como seria o desfile do batalhão e da fanfarra pelas ruas da cidade. Mesmo não tendo encontrado nenhuma notícia da chegada da madre nos jornais, imagino que seria impossível ficar indiferente à música tocada pela fanfarra e ao desfile nas ruas que, certamente, era comunicado às autoridades locais, a fim de evitar qualquer empecilho no, ainda incipiente, trânsito da cidade.

¹⁴ *Livro de Chronica, op.cit., p. 51*



Visita da superiora. De baixo para cima e da esquerda para a direita: Madre Therezinha (diretora), Madre Amélia (superiora), Madre Imilda (secretária), Palmira (postulante) e as irmãs Júlia, Emerenciana, Ângela, Diomira, Eustela, Alba, Conceição, Mariana, Maria Berchmans, Inês, Lizete, Angélica, 1937. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

O olhar da superiora perscruta e ama. Pode-se notar a mãe superior entre as outras? As mãos escondidas, alguns olhares serenos, outros vagos, perdidos. A *Chronica* relata que, na visita feita em 1937, Madre Amélia e sua secretária *permaneceram entre nós 14 dias, cheios de bençãos e consolações, para suas filhas que só recebiam das distintas visitantes conselhos e provas de verdadeiro amor*¹⁵.

Por ocasião da comemoração do centenário do Ensino Normal no Estado de São Paulo, em 1946, o Colégio organizou uma grande festa com apresentações musicais, poesias, conferências. O programa do evento foi impresso em um livreto ou revista comemorativa intitulada *Homenagem ao Centenário do Ensino Normal no Estado de São Paulo*, onde se encontram diversos textos a respeito da data, da *missão* de professor e sobre o Colégio

¹⁵ Livro de *Chronica*, *op.cit.*, p.57.

Puríssimo, inserido na revista para elencar suas contribuições relativas ao Ensino Normal. Trata-se de um texto exemplar: a revista permite conhecer, a um só tempo, a imagem que o *Puríssimo* gostaria de transmitir de si e daqueles que ali se formavam. A revista apresenta textos de vários autores ligados ao Colégio: professores, inspetores de ensino, alunos e ex-alunos. Procuro nestes textos os ecos das prescrições de Bárbara: ensinar através de exemplos de virtudes. A recepção da priora era a cerimônia onde se celebravam suas virtudes e, por causa delas, seu posto hierárquico de mãe. No entanto, no *Puríssimo*, havia professores leigos. Diferentemente de outros colégios católicos, o corpo docente não era composto somente por freiras. Vejamos como as virtudes desse corpo docente eram reveladas nos textos publicados na revista *Homenagem*. Em um destes textos, intitulado *Em torno do homem moderno*, o autor escreve que as máquinas e a indústria aparecem trazendo conforto e comodidade ao homem moderno.

Rasgaram-se nuvens e mares e criaram-se meios de transporte ultrarápidos, com tais requintes de comodidade e luxo que, na cabine de um trimotor ou de um transatlântico, ele (o homem moderno) pode viajar, fumando tranqüilamente um havana, como se instalado na melhor poltrona de sua sala de estar, tendo à frente, a mesa portátil, com as iguarias mais extravagantes para satisfação do paladar exigente.

*E conceberam-se tantos divertimentos para desenfada-lo! São os cartazes luminosos da Cinelândia, os palcos com as revistas mais deslumbrantes, os cassinos com suas mil e uma atrações, as estações de rádio e os campos de futebol, os hipódromos e as praias, os “fins de semana” e as alegres temporadas nos balneários...*¹⁶

Após descrever a sociedade espetacular em que o homem moderno estava mergulhado, o autor explica que, no entanto, nunca o homem se sentiu tão infeliz. Em seguida cita os dissabores dessa vida: dissidências, queixas, desonestidade e displicência. E ataca com a solução:

É que vai faltando aquela força poderosa que atua de dentro para fora e que o impele sempre para o caminho da retidão, da honestidade e da justiça; aquilo que, muito embora lhe exija sacrifícios

¹⁶ “Em torno do homem moderno”. *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal*. Rio Claro, 1946. O autor assina I.B.P, trata-se da professora Ivanira Bohn Prado.

*penosos, lhe dá felicidade do dever cumprido. (...) É que vai faltando ao homem moderno a formação moral*¹⁷.

O autor conclui que a *força moral* deve ser dada ao homem moderno pelos pais, em primeiro lugar, e depois pela escola. Esta teria a função de preencher as lacunas deixadas pela família .

Compete ao mestre ensinar o Bem, primeiro pelo exemplo, depois pela palavra. De pouco valerá que ele viva a apregoar a virtude, se não a pratica, a ensinar correção se ele próprio é relapso nos seus deveres, a exigir mansidão e bondade se ele mesmo se irrita com frequência e trata com áspera rudeza os corações que lhe são confiados, a falar de Cristo se ele não procura seguir-lhe as divinas pegadas.

*(...) Viva o homem entre as maravilhas portentosas do mundo moderno, rodeado de comodidades e venturas fáceis, ouvindo as vozes tentadoras de sereias, entre o bulício e a agitação da vida hodierna: há sempre um instante em que ele se sente desamparado e só no universo, em que ele se acha infeliz e tem necessidade de Deus.*¹⁸

O texto aponta para aspectos importantes valorizados pelo Colégio: a educação deveria ser *iniciada* na família e *continuada* pela escola, a formação moral deveria ser o principal objetivo dessa educação que seria ensinada através de exemplos. Volto as observações para o primeiro aspecto: a educação na família. Conforme discutido em capítulos anteriores, no início da República, a elite brasileira deparou-se com dificuldades econômicas que a empurravam em direção a mudanças nos padrões de produção e em suas negociações. Essas mudanças foram tratadas como um avanço para a modernidade, mas uma modernidade que atingia somente os modos de produção, os transportes, a ampliação e construção de ferrovias, barcos a vapor, aperfeiçoamento no fabrico do açúcar e no beneficiamento do café. Sentia-se a República como uma futura idade do ouro¹⁹. Tratava-se da modernização da economia e conservação da moral, o que aparecia como extremamente necessário em um período de avanço do feminismo no País²⁰. Essa idéia fica explícita no texto *Em torno do homem*

¹⁷ “Em torno do homem moderno”, *op.cit*

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ CARVALHO, *op.cit.*

²⁰ O movimento feminista passou a desenvolver-se a partir da segunda metade do século XIX, mas ainda era brando no Brasil. Sua força maior começou a surgir em meados do século XX. MANOEL, *op.cit.*

moderno. A ênfase na educação familiar fazia parte dessa preocupação com a conservação da moral que se revela em toda a chamada Primeira República e alcança o Estado Novo.

A vida social era apresentada como uma projeção do lar, algo típico após a década de 30. Viviam-se um apagamento entre vida pública e privada, ou melhor, elas se misturavam. A mulher é chamada à sua vocação essencial de mãe e esposa, para, no lar, produzir, utilizando a metáfora orgânica escolhida pela autora, o bom funcionamento do organismo social. O chamado ao sacrifício, o doar a si mesmo em benefício de outros, também fica explícito. Há que se lembrar que essas características são atribuídas a Maria. É preciso ter em mente que o autor do texto participava de uma associação católica e é em nome dela que se manifesta. Quase se pode ler as oposições que perpassam este pensamento: interior/exterior, chefe/colaboradora, claro/escuro, ordem/desordem, etc. Muel-Dreyfus assinala que

*a Igreja joga com estes dois aspectos: de um lado, ela participa do empreendimento da revolução conservadora no domínio central da divisão sexual do mundo social; e de outro, ela apóia-se sobre as obras femininas católicas e sobre seus porta-vozes, mobilizando todos os quadros femininos do humanismo cristão para glorificar a respeitabilidade das mulheres que respeitam as regras, impostas, do jogo*²¹.

Na França, a defesa da função educadora da mulher no lar foi inseparável da contraposição entre educação e instrução, da defesa da livre escolha escolar, da supremacia da família sobre a Escola, encerrando-se em uma defesa do ensino privado, que, naquele país, era majoritariamente católico. O artigo de Madir enfatiza a importância da educação na família antes da educação escolar. Nesse encadeamento, não seria equivocado acreditar que famílias católicas, envolvidas nesse discurso, procurassem por uma escola católica que oferecesse continuidade à educação *integral* que aparecia como inerente a um lar harmonioso. As facetas do feminismo cristão mostravam-se nos apelos à função maternal da mulher, no chamamento para trabalhos em movimentos católicos em defesa da família e na livre escolha destas, no momento da opção por um colégio particular confessional ou

²¹ MUEL-DREYFUS, *op.cit.*, p.77. (...) *l'Eglise joue sur ces deux aspects: d'un côté, elle participe à cette entreprise de révolution conservatrice dans le domaine central du partage sexuel du monde social; d'un autre, elle prend appui sur les oeuvres féminines catholiques et sur leurs porte-parole, en mobilisant tous les*

público laico. Outro exemplo, aparentemente desvinculado de associações religiosas, ainda pode ser citado no que se refere ao papel da mulher na educação:

A mulher no após-guerra

Mara

(...) A missão da mulher aliada não terminará com a derrota do nazismo. Será após a conquista da causa defendida que a missão da mulher dos países unidos tornar-se-á mais sublime, mais eloquente, mais positiva, exaltando a beleza dos sentimentos femininos na realização de uma obra de sagrado patriotismo e cristandade. (...)

De grande projeção será o apoio da alma feminina no reerguimento moral da humanidade, tarefa difícil e nobre, dependendo em maior parte da sua abnegação e carinho. (...)

Em cada país aliado, a mulher compreende a necessidade de seu auxílio à formação de uma humanidade culta e civilizada, e, na expansão de sua alma patriota, ela será uma expressão de luz, de brilho, de fidalguia, porque cooperará de forma decidida e proeminente no após-guerra²².

A mulher estava em foco e sua abnegação era central para bem desempenhar seu papel em um momento difícil. As características do eterno feminino são ressaltadas e construídas nos mais diversos meios, ligados ou não à Igreja. O culto do sacrifício, que Bárbara exortava suas *filhas* a seguirem, dentro dessa perspectiva, se estenderia a todas as mulheres, até mesmo àquelas que desempenhavam um papel simbólico de mãe: as professoras. Sua beleza estava ligada ao interior, aos seus sentimentos, que se exteriorizavam, traduzindo-se em beleza física. Os valores familiares divulgados nestes dois artigos da década de 40 voltavam-se para as hierarquias *naturais*²³ que exerceriam também um controle *natural* e, portanto, inquestionável. Nada melhor que iniciar esse controle pela família, estendendo-o à *continuadora* da educação familiar, a escola. Assim, as idéias de família como célula primeira da sociedade, o homem como chefe do lar e a mulher, sua protetora e educadora das crianças, circulavam amplamente.

Nas escolas, as aulas de *Economia doméstica* cumpriam o papel de implantação dessas idéias, formando meninas para saberem bem educar seus filhos em casa. A educação escolar ensinava para a educação familiar. Na abertura do caderno de uma ex-aluna,

cadres féminins de l' "humanisme chrétien", pour glorifier la respectabilité des femmes qui respectent les règles, imposées, du jeu.

²² Diário do Rio Claro, 08/01/1944

²³ MUEL-DRYFUS, *op.cit.*

podemos ler: *Nada no mundo vale o meu lar*. Logo nas primeiras páginas explicita-se o objetivo da disciplina:

Preparar a mulher para ser boa dama de casa; mãe e esposa exemplar. O conhecimento da economia doméstica imprescindíveis às donas de casa.

Sem ela a mulher não poderá cumprir seus deveres de mãe de família e causará grandes males a si própria, aos seus e à sociedade. O trabalho da dona de casa para ser eficiente deve ser orientado e obedecer a uma técnica estabelecida em bases científicas, isto é, de acordo com os princípios da economia doméstica. Esta exige das donas de casa o espírito de previdência, de ordem, de método. O relaxamento, preguiça, o luxo, desordem, falta de método são fatores de empobrecimento e causas de males terríveis individuais, familiares e sociais. A dona de casa "deve saber para prever e prever para prover"

Seguem orientações sobre como arrumar a casa, como deve ser a iluminação, o arejamento, a higiene da habitação, descrevendo o procedimento correto para cuidar de cada cômodo. O caderno divide-se em partes: *Economia doméstica*, *Higiene da alimentação*, *Orçamento doméstico* e *A criança*. Frases como *A ordem é um tesouro*, *A felicidade é quase nada*, abrem ou encerram capítulos. Assuntos referentes ao tratamento da empregada ou do filho estão ali esmiuçados, fornecendo um padrão de comportamento. Desde a arrumação da casa até o cuidado com o jardim e como se vestir bem, as mensagens são um apelo ao enquadramento da mulher. O homem só aparece como aquele que deve estar a par do orçamento doméstico e ao qual todos devem estar submetidos: mãe e filhos.

É à mulher, a fada do lar, que cabe organizar e executar a contabilidade doméstica. Mesmo que a ela seja entregue todo o dinheiro ou que fique somente com o necessário para as despesas caseiras, o marido deve sempre estar a par de todo o movimento financeiro.

Para que o *lar* merecesse esse nome, era necessário que ali também vivesse uma criança. Um casal sem filhos não compunha um lar, segundo as orientações do caderno. E à mulher eram atribuídas as características naturais eternas de mãe: *Não há nada que dê mais decisão, mais ousadia e mais segurança a uma mulher do que sentir uma criança nos braços*. H. Greville - assim abria-se a lição *A criança*. Em seguida, em um texto extenso, ensinava-se à mãe como deveria cuidar de seus filhos para formar homens fortes e

inteligentes, para elevar cada vez mais o nome do Brasil. O grande papel social das mulheres estava ligado à sua capacidade reprodutiva e de bem educar seus filhos. Recortes diversos cobrem as páginas do caderno, ilustrando lições: pais, mães e filhos sempre sorrindo, transmitindo a idéia de harmonia.

Para que as famílias e a grande família dos brasileiros estivessem em harmonia, era necessário - retomando o texto *Em torno do homem moderno* exposto em página anterior - que a educação, na família e na escola, tivesse como objetivo maior a formação moral apropriada e ensinada, principalmente, através de exemplos. No lar, a mulher cumpria seu papel e, nas escolas, as qualidades da mãe abnegada estendiam-se também às professoras e professores formados no Colégio *Puríssimo*:

Êles tem cumprido, com zelo e dedicação, sua importante tarefa de formadores do Brasil. Fiéis aos sagrados compromissos que assumiram no juramento de graduação, êles se assimilaram à missão grandiosa de bandeirantes de nossa formação social.

(...) Louvo à idealistas, a verdadeiros patriotas, cuja vida tem sido um cristal de faces brilhantes e de duração eterna e cujos trabalhos de obscuros semeadores da instrução fazem lembrar as preciosas pérolas que, na valorização real de sua estrutura, se escondem modestamente no interior das pequeninas conchas, despindo-se das vaidades e das ostentações²⁴.

A pureza apresenta-se nos corpos, nas posturas, na posição das mãos, na disposição da foto, no espaço de linhas retas e limpas. Unem-se a mãe superiora e suas filhas: irmãs e alunas. Em 1937, registrava-se na *Chronica*:

Atendendo ao fim principal do nosso Instituto, que é a santificação de nossas alunas, a Madre Superiora zela muito para que nunca falte o espiritual nesta comunidade. Por isso os Revmos Padres são assíduos em tudo que diz respeito aos atos religiosos²⁵.

²⁴ “Minha homenagem”, texto escrito por Antonio Buschinelli. *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal*. Rio Claro, 1946.

²⁵ *Livro de Chronica*, op.cit., p.56.



Alunas internas e as irmãs (da esquerda para a direita): Madre Therezinha (diretora), Madre Amélia (superiora geral em visita ao Colégio) e Madre Imilda (vice-geral), 1939. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

Para que a santificação dessas almas fosse atingida, não bastava o zelo dos padres. Elas não poderiam ser entregues a qualquer educador. As imagens da freira educadora propugnadas por Bárbara e a imagem da mulher como rainha do lar, construída pelo Estado e pela Igreja, misturaram-se para compor a imagem da professora e do professor *bandeirantes da formação social*, que estariam empenhados em fornecer educação de qualidade e integral. Os rituais e cerimônias descritos e analisados no capítulo 4 eram o espaço privilegiado para reunir essas figuras exemplares, santificando-as. Retiros, missas diárias e primeiras comunhões também se prestavam a esse feito. Um trecho da *Chronica*, do ano de 1944, é ilustrativo a esse respeito:

Retiro das alunas

Desejosas pelo reinado de Jesus Cristo em todo o mundo e, muito mais pelas alunas que Deus nos confiou, para elas proporcionamos os dias de mais pensarem em suas almas, por meio do retiro espiritual, que todas fizeram com santo entusiasmo, algumas mesmo chegando a dizer que se sentiam felizes, que muito haviam aproveitado. Foram, pois, e justamente, dias de consolação também para nós.

(...) Nessa ocasião, dia 29 de setembro, encerramento do retiro das alunas normalistas, com toda a solenidade, foram bentas e postas à veneração dos fiéis, em nossa capela, as imagens de S. Luiz Gonzaga e de São João Bosco. Esta, doada pelas normalistas, aquela, pelos ginasianas. Foram padrinhos das imagens os dignos professores dessa casa²⁶.

Uniam-se, assim, professores, alunos e irmãs.

O texto de abertura do livreto *Homenagem* é de Madre Maria Domingas de Santa Teresinha, então diretora do Colégio, personagem que seria lembrada freqüentemente por alunos e professores e a quem, mesmo depois de sua partida, o jornal *Diário do Rio Claro*, faria referência, mencionando a saudade que ela deixou. Um exemplo é o texto do professor José Cardoso, que questiona: *Estes seus sete anos de evangelização em Rio Claro não constituíram a lição melhor e maior de religião e desprendimento?*²⁷ O primeiro exemplo era dado pela diretora do Colégio. Ao iniciar o texto *Apresentando estas páginas*, Madre Domingas lembra que

*Esta comemoração, porém, não deve produzir somente em nós, sentimentos de justo orgulho pela grandiosidade da empresa, e pelos serviços já prestados, por meio dela, à sociedade e, conseqüentemente, à nossa raça, à nossa Pátria. Ela, além de evocar o passado, com suas lutas e obstáculos, além de espelhar-se no presente que é a afirmação das vitórias alcançadas, deve ser, também, um motivo para maiores aspirações futuras, para dilatação de ideais puros e fecundos.*²⁸

Madre Domingas aponta na comemoração o intuito de unir presente, passado e futuro, deixando clara a necessidade de *lembrança como tarefa religiosa fundamental*. Le Goff lembra que

²⁶ *Livro de Chronica, op.cit, p.86.*

²⁷ Artigo intitulado *A mensagem de Madre Maria Domingas*, onde o professor José Cardoso expõe e comenta a última carta que a religiosa endereçou aos professores do Colégio *Puríssimo Coração de Maria*, após ter deixado a direção do Colégio. *Diário do Rio Claro*, 25/03/1951.

²⁸ *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal*. Rio Claro, 1946.

No Antigo Testamento é sobretudo o 'Deutoronômio' que apela para o dever da recordação e da memória constituinte. Memória que é antes de mais nada um reconhecimento de Yahweh, memória fundadora identidade judaica: 'Guarda-te de esqueceres Yahweh teu Deus negligenciando as suas ordens, os seus costumes e as suas leis...' (8, 11).²⁹

Assim, é necessário lembrar os atos do passado para bem proceder no presente e bem dirigir o futuro, tendo em vista ideais *puros e fecundos*. Lembrar os professores, suas ordens, seus costumes e seus bons exemplos para bem proceder é mensagem que aparece também em outros textos da mesma revista. Madre Domingas prossegue:

É uma plêiade de Diretoras, Inspetores e Professôres que, com as vistas em Deus e na Pátria, viram desfilar diante de si várias turmas de jovens ardorosos e, pelos seus bons exemplos, souberam inculcar-lhes sentimentos de abnegação, patriotismo, religiosidade e desinteresse pessoal. É outrossim, um considerável número de alunos que, vencendo as etapas de um estudo sério e apurado, são hoje a glória e o orgulho desta Escola, pois, entregues já, às lutas da espinhosa, mas nobilíssima missão do magistério, têm demonstrado quão sólidos e eficientes foram os ensinamentos aqui recebidos e puseram perfeitamente em prática a orientação que aqui lhes ministraram os saudosos e queridos mestres.

Seja, portanto, esta recordação, um meio de reafirmar a estima e a união entre o passado e o presente, união essa que desejamos seja o alicerce firme para que, no porvir, possa esta Escola com crescente entusiasmo, registrar, em acontecimentos semelhantes, os nomes e os feitos de seus professores e alunos, visando, sobretudo, a glória de Deus, a grandeza do Brasil, o bem da sociedade³⁰.

A Pátria sempre aparece ao lado de Deus como algo fundamental: ambos devem ser engrandecidos pela prática dessas virtudes e a educação é o meio ideal para transmiti-las, daí a grande missão do Ensino Normal. Deposita-se, na educação, a esperança da criação de uma sociedade sã, com justiça e paz. A oposição do claro e escuro aparece aqui por trás do texto e permeará todas as idéias de virtudes femininas e dos professores: abnegação e o desinteresse pessoal, o patriotismo e a religiosidade. Nesse texto fica explícito, mais uma vez, o que Bittencourt chama da *pedagogia do exemplo*³¹, trazendo o ideal de professores como

²⁹ LE GOFF, *op.cit.*, p.443.

³⁰ "Apresentando estas páginas", *op.cit.*

³¹ BITTENCOURT, Águeda B. Educação escolar, um compromisso da família com a Igreja. In: ALMEIDA, Ana Maria F. & NOGUEIRA, Maria Alice (orgs) (2002). *A escolarização das elites*. Um panorama internacional da pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes. A autora expõe nesse texto a *pedagogia do exemplo* presente

transmissores de bons exemplos, fontes de virtudes que devem ser observadas e sorvidas. A moral da obediência necessária à família feliz deve ser ensinada através do exemplo.

Para se apreender a dimensão da *pedagogia do exemplo*, divulgada amplamente e à exaustão na revista da *Homenagem*, insisto em mais uma citação:

É com pesar que ouvimos oradores brilhantes pregarem o amor, fraternidade, boa vontade, perseverança, luta à hipocrisia e falsidade, não passarem destas brilhantes e majestosas orações... (...)

Aqui (no Colégio Puríssimo), a Teologia, onde culmina a Filosofia, dirige todos os empreendimentos; tudo é para Deus. No entanto, ela admite o progresso, é escola ativa, caracterizada pela disciplina consentida, esta disciplina considerada pelos educadores como a verdadeira, em que a autoridade não elimina a liberdade, a única capaz de levar os espíritos à completa formação. Nesta escola, pensamento, palavra e ação, não se contradizem, antes, se completam³².

A imagem de escola de qualidade, construída nesse texto, une a tradição cristã ao progresso e à modernidade, necessitando de professores virtuosos que forneçam bons exemplos para se concretizar o ensino de qualidade. Acrescenta-se, ainda, a imagem de uma escola ativa, que permite uma liberdade vigiada.

Também constavam da revista *Homenagem* poesias que traziam uma imagem de educadora.

Oração da Mestra

Gabriela Mistral – Educadora e poetisa chilena

“Senhor! Tu que ensinaste perdoa que eu ensine e tenha o nome de mestre, que tiveste na terra.

Dá-me o amor exclusivo da minha escola, que mesmo a ânsia da beleza não seja capaz de roubar-me a ternura de todos os instantes.

Mestre, faz perdurável em mim o entusiasmo, e passageiro o desencanto. Arranca de minha alma o subalterno desejo de justiça que ainda me perturba, o mesquinho assomo de protesto, que sobe do coração quando me ferem. Não me doa a incompreensão nem me entristeça o olvido dos que ensinei.

também no Colégio *Progresso* de Campinas, um colégio laico, mas que caminhou progressivamente para uma orientação religiosa.

³² “Pensamento e ação”, texto escrito por Therezinha de Jesus Negreiros Penteado, professora de educação. *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal*. Rio Claro, 1946.

Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, como as mães, o que não é carne de minha carne.

Dá que eu alcance fazer de uma das minhas discípulas o meu verso perfeito e deixar gravada na sua alma a minha mais penetrante melodia que assim ainda há de cantar, quando meus lábios não cantarem mais.

(...) Faze-me forte no desvalimento de mulher e de mulher pobre; faze que eu despreze todo poder, que não seja puro, toda pressão que não seja a tua vontade ardente sobre a minha vida. Amigo, acompanha-me! Ampara-me! Muitas vezes só Te senti a Ti a meu lado. Quando minha doutrina for mais casta e mais candente a minha verdade, ficarei abandonada dos homens, mas Tu me apertarás então contra o Teu coração. (...)

Dá-me sensibilidade e dá-me profundidade, livra-me de ser confusa e banal no meu ensino quotidiano. Dá-me que eu possa levantar os olhos do meu peito ferido, ao entrar cada dia na minha escola. Que eu não leve à mesa de trabalho os meus desalentos materiais, as minhas mesquinhas dores de cada hora.

Torna-me leve a palavra no castigo e suavíssima na carícia; repreenda sofrendo para que saiba que corrige amando!"³³

A soberba e a ousadia de ser mestre, como o foi Jesus, desculpa-se com humildade. O entusiasmo também está acompanhado de momentos de fraqueza inevitáveis, mas passageiros. A mestra é humana, pede qualidades aos céus para ultrapassar suas fraquezas. Toda sua vida volta-se para a escola e para seus alunos, seus medos, virtudes ou fraquezas aí vivem e em nenhum outro lugar. Pela força que imprime em doar-se à educação, ela marca a discípula, ela a constrói e sobreviverá através dela. Ela não é só mestra, é a freira que se despede do mundo material e segue seu sacerdócio, sua vocação. Aqui misturam-se, novamente, a freira e a educadora que compõem a idéia de mãe simbólica.

A pedagogia do exemplo, desenvolvida no *Puríssimo*, e explicitada através desses textos, parece compreender que educar, como queria Durkheim, é inscrever o mestre nas almas de suas alunas³⁴. A função do professor, dentro dessa concepção, não seria avaliar valores sociais, mas, sim, servir como intermediador entre esses valores e a criança. A moral estava acima de ambos e era dada pela Igreja. Como afirma Fernandes, *a normalidade (felicidade, saúde) do adulto fica na dependência de sua submissão e gozo*

³³ *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal, op.cit.*

³⁴ FERNANDES, Heloísa Rodrigues (1992). *Sintoma social dominante e moralização infantil*. (Um estudo sobre a educação moral em Émile Durkheim). Tese de livre docência. USP.

*como e enquanto sujeito que declarou guerra ao seu corpo.*³⁵ Isso porque o homem só se torna ser moral quando incorpora o Outro, primeiro pela disciplina; em seguida se sacrifica, por amor ao Outro e às regras, e, em um terceiro momento, alcançaria a autonomia da vontade, o que significa concordar com conhecimento de causa, obedecer voluntariamente, querer ativamente e deliberadamente. Isto significa conseguir que a regra seja livremente desejada pelo educando. Ao alcançar esse objetivo, os educandos, futuros professores, estariam aptos a reproduzir este esquema. Mestres e alunos precisariam sentir prazer na comunhão e fusão de consciências, diluindo o *eu* no coletivo, em detrimento do individual. Algo muito próximo do que deseja qualquer ditadura, como, por exemplo, o varguismo.

*Diluir-se e fundir-se no nós é viver por procuração nos enunciados da identidade instituídos pelo Outro, onde o eu se exila e aliena para poder se reconhecer e ser reconhecido perpetuamente enquadrado*³⁶.

No mesmo livreto comemorativo há uma página dedicada aos alunos da Escola que mais se distinguiram em sua vida profissional. Após cada nome de aluno, consta o motivo de seu destaque: eram inspetores, diretores de colégios, educadores sanitários, universitários. Lá está também o nome de Ivanira Bohn Prado, destacada por sua aprovação em concurso para Inspetor Federal.

No jornal *Diário do Rio Claro*, alunos e ex-alunos do *Puríssimo* eram apresentados também como personagens exemplares. No dia 4 de novembro de 1944, foi publicado o convite para a palestra sobre Rui Barbosa proferida pelo ex-aluno Rui Marcucci. O texto o descreve como jovem *inteligente, espírito rico e brilhante*, acrescentando que é redator da revista católica *Lar*. Outros exemplos são fornecidos, como o curso de alfabetização gratuito - grande obra altruística organizada pelo professor de Educação e pelas alunas do Curso Normal - publicado no mesmo jornal, no dia 14 de março de 1947.

Para Durkheim, a base do altruísmo estava na necessidade de imitar alguém que se amasse. Aqui, misturam-se a moralidade laica de Durkheim e o sistema de educação jesuítico, também analisado por este sociólogo. É preciso chamar a atenção para o fato de que a Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria é submetida à regra jesuítica

³⁵ FERNANDES, *op.cit.*, p.55.

³⁶ *Ibid.*, p.134.

e essa herança não pode ser esquecida. O ensino jesuítico estava pautado em uma estreita aproximação entre aluno e mestre. *Para melhor se abrir os espíritos, deveria se abrir os corações se fazendo amar*³⁷. Seriam os laços de amizade que sustentariam esse aprendizado moral.

*O meio moral que circundava a criança o seguia por toda parte onde este estava; por toda parte ele escutava exprimir em torno dele, e com a mesma autoridade, as mesmas idéias e os mesmos sentimentos*³⁸.

A vivência no internato, as atividades comemorativas descritas em capítulo anterior (procissões, desfiles e conferências) e a convivência amigável, pautada em disciplina com liberdade controlada, favoreciam esse aprendizado. O internato era o espaço privilegiado para a realização da *educação integral* que o *Puríssimo* dizia oferecer.

*De resto, o internato integral não é o meio natural de realizar integralmente a noção cristã da educação? (...) em razão do objetivo que ele possui, que é formar o homem em sua integralidade, o cristianismo tende necessariamente a envolver a criança inteira em um sistema que a toma, em toda sua existência intelectual bem como física e moral, a fim de penetrar-lhe mais completamente e mais profundamente, a fim de não deixar escapar nenhuma parte de sua natureza*³⁹

No caso do internato e das obrigações a ele inerentes, o poder está relacionado à idéia de pastorado, como observou Foucault⁴⁰. A escola, assim como a madre superiora, aparece nessas imagens como o pastor que acolhe, apazigua, enfim, exerce poder sobre o rebanho, sempre buscando seu bem. A união do pastor ao rebanho é feita por laços morais. O pastor, portanto, necessita: estar informado das necessidades individuais; saber o que acontece com cada uma de suas ovelhas; entender o que se passa com sua alma. O exame de consciência e a direção dessa consciência propiciada pela vigilância constante e pela confissão são os instrumentos utilizados para alcançar esse controle.

³⁷ DURKHEIM, *op.cit.*, p.297.

³⁸ *Ibid.*, p.297.

³⁹ *Ibid.*, p.139.

⁴⁰ FOUCAULT, Michel (1990). "Omnes et singulatim": por uma crítica da razão política. *Novos Estudos. CEBRAP*, n. 26, março, pp. 77-99.

Além do internato, as filhas de Maria, por exemplo, envolviam-se em obras assistenciais e retiros anuais, além de participarem ativamente da Festa do Puríssimo Coração de Maria. A *Chronica* cita, ainda, as obrigações daquelas que participavam da Liga de Santa Terezinha. Havia, portanto, uma ordenação do tempo dessas alunas e de suas condutas, que se efetivava nestas atividades.



Professora Ivanira e alunas do grupo CESP (Centro de Estudos de Português) da 4ª série ginásial em excursão. Viracopos, 1963. Fonte: acervo particular.

As excursões também eram ocasiões favoráveis ao convívio entre professores e alunos. Na foto, a professora Ivanira acompanha um grupo seletivo: eram alunas escolhidas dentre toda a classe, aquelas *que mais se destacavam*, nas palavras da professora. A *Chronica* descreve da seguinte maneira uma das excursões realizadas em 1947:

Com o fim de praticar e conservar o espírito de cordialidade, adestrar os nossos educandos no exercício da vida social, como também para dar-lhes ocasião de ampliar os seus conhecimentos, várias excursões são realizadas, cada ano, pela nossa Escola, em visitas a outras cidades e a estabelecimentos importantes⁴¹.

No final da década de 30 e início de 1940, a abertura para excursões e passeios aparece cada vez com mais frequência na *Chronica*, que descreve especialmente as atividades do Curso Normal. O internato respirava um ar de descontração, marcando uma certa diferença com outras instituições do mesmo gênero. Em seu livro *Igreja e educação feminina*, Manoel reproduz um trecho de livro de memórias de uma ex-aluna do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, década de 30, dirigido pelas Irmãs de São José de Chambéry, onde a rigidez é contrastante com a descontração do *Puríssimo*.

Nos pequenos intervalos entre as aulas era permitido brincar ou caminhar pelos pátios e amplas galerias. Conversas discretas evitando risos excessivos. Quem preferisse se sentar à sombra das magnólias, precisava encontrar pelo menos duas interlocutoras. O que adolescentes em "tête-a-tête" seriam capazes de inventar? O sistema era militar, mas sempre se achava um jeito de falar escondido, de rir escondido. (...) Na relação do meu enxoval para o internato constava "camisola para banho". Meu pai não concordou com a exigência e foi falar com a superiora. (...) As irmãs abriram mão dessa exigência e também do banho na quarta-feira e sábado. Permitiram que tomasse banho diariamente e comentavam entre elas: Imaginez, elle change des pantalons tous le jour⁴².

Em outro depoimento lê-se o seguinte:

O Cajuru que eu não canto é o do padre inspetor desmanchando as escandalosas pernas cruzadas da mocinha com um pontapé; nem do esmalte de unhas raspado com gilete (com unhas pintadas você não assiste à aula) nem dos cabelos crespos e rebeldes, que era preciso alisar à força para poder responder o exame oral⁴³.

⁴¹ Livro de *Chronica II*, op.cit., p.1.

⁴² MANOEL, op.cit., p.79.

⁴³ MANOEL, op.cit., p.79.

No *Puríssimo*, as descrições de excursões são freqüentes e a *liberdade controlada* pode ser vista também em fotos.



Alunas do Curso Normal em excursão, provavelmente ao Horto Florestal, s/d.

Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

O riso e a brincadeira permitida diferenciavam os dois colégios. Fotos de brincadeiras entre alunas e freiras no pátio da escola também revelam o clima do internato do *Puríssimo*. Assim, essa forma de convivência deveria ser o melhor meio de ensinar através de exemplos. A esse respeito, monsenhor Botti aconselhou a primeira turma de professores:

Não vos deixeis iludir. Segui a orientação dos vossos queridos pais; procedei com reflexão baseadas sempre nos conselhos dos vossos mestres, nas doudas lições que recebestes em vossa querida Escola Normal, debaixo daquele teto amigo, naquele recinto sagrado, naquela casa que vos acolheu e vos deu a formação moral, espiritual e intelectual.

(...) Lembrai-vos sempre que a vossa formação intelectual a recebestes numa casa de religiosas, debaixo das luzes da fé, à sombra dos ensinamentos do Evangelho da Cruz.

(...) Agora que ides partir deixando a casa que vos preparou para as lides da vida, não vos esqueçais que lá ficam os vossos mestres e a vossa querida Diretora que vos amam. Procurai, portanto, sempre ser gratas e mostrai a vossa gratidão, "cumprindo fielmente os vossos deveres".⁴⁴

⁴⁴ "Discurso proferido pelo Rvmo. Monsenhor Francisco Botti, de saudosa memória, dirigindo-se, como paraninfo, à primeira turma de professorandos desta Escola". *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal*. Rio Claro, 1946.

Os exemplos que as alunas deveriam seguir destacavam-se em alguns personagens que se sobressaíram na história do Colégio, no período pós-30: professor José Cardoso e Madre Maria Domingas. Os mais antigos professores e freiras do *Puríssimo* apontam ambos como grandes impulsionadores das atividades do Colégio e responsáveis pelo seu bom nome.

O professor Cardoso, além de promover diversas excursões, encontros entre escolas e conferências, publicava freqüentemente seus textos no jornal *Diário*, discorrendo sobre os mais diversos assuntos. Encontram-se títulos como os que seguem: *Escolas Municipais, sugestões à prefeitura* (publicado em 11/01/41); *O problema da formação social (à visão superior de João B. Leme)* (05/05/43); *Salve D. Paulo* (20/05/43); *Registrando um acontecimento, aos colegas que hoje se diplomam* (18/12/43); *Um grave problema* (sobre a construção de um prédio para o Ginásio do Estado *Joaquim Ribeiro*, 12/01/44); *Pobreza envergonhada* (sobre uma parteira que encontra mães em condições de extrema pobreza, 12/05/47). Religião, educação e problemas sociais eram seus temas. Além de exemplo de dinamismo no tratamento e conhecimento de temas diversos, o professor Cardoso oferecia outras qualidades à apreciação pública, como no artigo onde narra a criação do grêmio do Curso Normal no Colégio *Puríssimo*:

Educando democraticamente

José Cardoso

Movimentam-se os normalistas locais para fundar o seu Grêmio.

(...) Como um dos orientadores do movimento, a mim me seria fácilimo indicar um nome ilustre, santo ou herói nacional ou estrangeiro, com credenciais para apadrinhar o grêmio dos normalistas. Assim procedendo seria aceita a indicação possivelmente, mas se perderia excelente oportunidade de conduzir os estudantes ao exercício da democracia. (...)

E com que sabedoria souberam se portar os normalistas rioclarenses! Que admirável conhecimento dos vultos nacionais! (...)

Educando assim, nessa escola verdadeiramente democrática, estamos preparando em Rio Claro professores que amanhã saberão pensar e agir livremente, combatendo quando preciso, com todas as forças de seu espírito, as imposições e os conciliábulos, estejam onde estiverem, venham de onde vierem. (...)

Sempre teve muita razão Claparède, quando afirmou: 'Não podemos realizar o milagre de preparar crianças para ser cidadãos livres, que obedeçam a móveis interiores, ensinando-as, durante vinte anos, a ser escravos de uma autoridade externa. A democracia exige, antes de tudo, no cidadão, o

*desenvolvimento harmônico de duas qualidades julgadas opostas: a 'individualidade' e o 'senso social'. Essas qualidades são ambas indispensáveis à vida e ao progresso de uma sociedade*⁴⁵.

Durante a ditadura do Estado Novo, professor Cardoso falava em democracia. Ao passo que demonstrava sua qualidade de educador democrático, provava como estavam bem orientadas as alunas do Colégio. O cultivo da memória de heróis, de gerações anteriores, ou mesmo o cultivo da memória dos mestres, cabe ressaltar, estabelecia laços que reforçavam a impotência dos sujeitos, efeito esperado pela moralização proposta por Durkheim e aqui identificada com aquela proposta pelo Colégio *Puríssimo*. Enfim, para ele, o *Puríssimo* era uma escola democrática e tinha exemplos onde os alunos pudessem se espelhar.

Para que fosse possível colocar em prática a *pedagogia do exemplo*, era necessário, antes de tudo, que o educador acreditasse na grandeza de sua tarefa, como explica Fernandes⁴⁶. Esse era o grande trunfo dos professores do *Puríssimo* e, no texto do professor Cardoso, assim como os textos da revista *Homenagem*, fica evidente sua crença nessa pedagogia.

Madre Maria Domingas chegou a Rio Claro em 6 de março de 1944, segundo a *Chronica*, para ocupar o cargo de superiora da comunidade e diretora do Colégio. Sua chegada trouxe novo impulso para o Colégio *Puríssimo Coração de Maria*, já que coincidia a sua personalidade ativa com o período de valorização das escolas como espaços de socialização e cultura dentro da estrutura e ideais estado-novistas. Diversas atividades culturais passaram a se realizar nos salões do *Puríssimo*; solenidades várias nas ruas da cidade, promovidas ou com a participação desta escola; maior liberdade às alunas internas que saíam em passeios e excursões: mudanças que se atribuíam freqüentemente à sua personalidade ativa e dinâmica. Ivanira Bonh Prado comenta:

Nós passamos por várias direções, mas houve a personalidade ímpar de uma diretora: Madre Domingas. Esta senhora era uma personalidade muito especial, muito cativante. E ela fez da Escola Puríssimo um centro social e cultural de grande importância. Madre Domingas realmente se integrou tanto à sociedade que a escola, nas suas grandes festas, tinha a presença maciça das autoridades. Prefeito, delegado, juiz de direito, advogado, a elite social freqüentava o Puríssimo. É preciso lembrar

⁴⁵ *Diário do Rio Claro*, 12/05/1943.

⁴⁶ FERNANDES, *op.cit.*

também do nome de um grande professor que foi por muitos anos o dinamo no Puríssimo: professor José Cardoso. Com o apoio dele também, é que se realizou muita coisa de produtiva, de grandiosa e bela.

Armando dos Santos, delegado de ensino em Santa Cruz do Rio Pardo, em seu texto *Dois Perfis*, publicado na revista *Homenagem*, conta que, ao questionar Madre Domingas sobre a liberdade que dava novos ares ao Colégio, ela responde que foi resultado de uma pequena evolução:

A disciplina de portas fechadas, nos internatos de moças, já pertence ao passado. é preciso que elas, as nossas discípulas, aprendam também a governar-se por si mesmas, a possuir personalidade e auto-direção, embora sofram a ação catalítica do mestre. Recorremos ao “estímulo interno” pregado pela escola dos nossos tempos. Somos, de fato, religiosas e, portanto, não desprezamos os elementos que possuem vocação para Esposas do Senhor. Entretanto, é preciso ter-se em mente, antes de tudo, que o educandário de freiras não forma mulheres para a vida dos Conventos e, sim, para a Sociedade. Ao contrário, estaríamos desvirtuando as finalidades da Escola, desmerecendo da confiança dos pais que nos procuram para dar à filha um diploma, educação de mulher aprimorada, e não as vestes talaras da religiosa.⁴⁷

Conclui o autor que, daí por diante, a escola adquiriu *novas roupagens, achando-se as alunas, na sua exuberância de seiva e de vida, como se estivessem em sua própria casa.*⁴⁸

O Colégio *Puríssimo* organizou-se, portanto, em torno da educação escolar complementar à familiar, a formação moral como objetivo maior sendo trabalhada através da *pedagogia do exemplo*, em que se lidava com a tensão entre modernidade e tradição.

Na foto do primeiro corpo docente da escola (abaixo), o número significativo de homens se destaca. Em um Colégio católico, sempre tratado como feminino pela *Chronica* (embora tenha apresentado meninos em seus livros de matrícula em diferentes períodos) e possuindo um internato para meninas, encontramos um corpo docente formado também por homens. A esse respeito, é possível tomar como exemplo, mais uma vez, o Colégio *Nossa Senhora do Patrocínio*, a respeito do qual tenho feito alguns comentários: as aulas eram ministradas

⁴⁷ *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal*. Rio Claro, 1946.

⁴⁸ *Ibid.*

pelas próprias freiras. As alunas do *Puríssimo*, no entanto, recebiam seus exemplos em fontes diversas: havia professores leigos, homens e mulheres. Em 1929, o corpo docente estava composto pelos seguintes professores: Ernesto Napoleão Lettes, Irmã Maria Emerenciana da Conceição, Irmã Ângela de São Miguel, Celeste Soares Azevedo, Luís P. de Carvalho, Maria José Godoy e Ernesto C. Velloso⁴⁹.



Corpo docente da Escola Normal, 1928. Fonte: arquivo do Colégio.

Estando presentes as características viris - comumente atribuídas aos homens e baseadas na ordem biológica dos corpos - de autoridade, austeridade, moderação, equilíbrio e bom senso, estas poderiam servir como um reforço à humildade, disponibilidade e receptividade femininas, características baseadas na identidade de Maria e difundidas no Colégio. Essa tensão movimentava o aprendizado corporal e moral das alunas.

Em outros momentos, os textos escorregam para um apagamento da virilidade masculina, em função da missão de educador. Ainda na revista comemorativa *Homenagem*, aparece a figura de José de Anchieta, o padre e mestre, exemplo de educador, *herói que se santifica para ensinar, o mestre que se sacrifica para civilizar; o apóstolo insaciável que tudo envia*

⁴⁹ Conforme Livro Ponto dos Docentes.

*para salvar*⁵⁰. As características viris ficam embaçadas na imagem do padre. Contudo, o insaciável se faz presente em uma centelha de virilidade dirigida a um fim nobre.

Outras tensões também se faziam sentir na educação das meninas. Segundo relato de Dolores Dirce Gimenez, sua mãe optou pela educação no *Puríssimo* para que a *parte feminina* fosse desenvolvida com aulas de costura, bordado, piano e economia doméstica, enfim, para aprender como deveria se portar uma *senhorita*. Ao lado da idéia do recato da mulher, educadora nata, havia momentos onde certa sensualidade se deixava entrever:

Bom, e para tudo isso, nós tínhamos uma professora, ela era freira e professora. Chamava-se Irmã Léia. Ela nos ensinava a desfilar na passarela. Como você colocava um pé na frente do outro. Isto ela fazia com a gente no pátio. No pátio eram tijolos, então o seu passo não pode ser um pé aqui e outro aqui (mostra com os dedos na mesa), tem que ser um à frente do outro pra ser um andar elegante.

E nós fazíamos desfiles de modas com os tecidos que angariávamos dos comerciantes da cidade e aí cada uma confeccionava sua roupa. O salão nobre, onde era o desfile, ficava repleto de mocinhos e famílias. A renda era pra nossa formatura. Isso foi feito na quarta série do Ginásio e foi feito no segundo ano Normal. Então, essa mesma freira falava no microfone descrevendo as roupas: “essa lese cor de rosa”...



Alunas internas, do Primário ao Curso Normal, 1937. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

⁵⁰ “Homenagem a Anchieta”, texto escrito por Octavia de Antoni – ex-aluna. *Homenagem ao 1º Centenário do Ensino Normal*. Rio Claro, 1946.

Irmã Lea ensinava Economia Doméstica, recato, bons modos e a maneira de desfilar na passarela. A liberdade combinada à tradição da formação moral fica em evidência

O recato das roupas, as mãos pousadas sobre o colo, sorrisos delicados. Pode-se encontrar a tensão entre a sensualidade e o ascetismo em um olhar desviante, em um sorriso um pouco mais audacioso? Nos desfiles, alguma ousadia se fazia presente:



Desfile cívico. Carro do pai de uma das alunas, 1955. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

Ainda no livreto de comemoração do centenário do ensino Normal, pode-se ler a poesia *A normalista*, escrita por uma ex-aluna:

*Quando ela passa num canoro bando,
Tendo nos lábios, sempre, uma cantiga,
Com o uniforme azul-marinho e branco
Lembra andorinha trêfega e amiga.*

*Quase menina... mas, no porte airoso,
Ostenta as graças da mulher paulista
E traz no espírito que é tão formoso,
O ideal sublime de missão bendita!*

*Passa feliz... O coração viril,
Livre do mal e do pesar amargo,
Livre de tudo que no mundo é vil.*

*E eu penso, ao vê-la leve e tão gentil,
Que traz nos ombros o pesado encargo
De preparar os homens do Brasil!*

Apesar da valorização, na poesia, do muito conhecido encargo de formar homens em benefício da pátria, o que mais se destaca nesse texto é a tensão abafada entre pureza de sentimentos e a sensualidade da mulher paulista. No período em que se desenvolve o Estado Novo, a beleza feminina, mais do que nunca, esteve ligada à suas qualidades morais, conforme explica Goellner⁵¹, ao analisar as imagens da mulher na *Revista Educação Physica*. Com o Estado Novo completa-se uma reforma da estética feminina, em que a regeneração e o fortalecimento da raça nacional são idéias centrais. Assim, o incentivo às práticas esportivas nas escolas torna-se algo comum:

Movimentar o corpo indolente e preguiçoso, mais que uma vontade individual, é também uma intervenção política de controle e de cerceamento, pois sobre ele depositam-se saberes e poderes disciplinares orientados pela lógica do trabalho e da produção. Razão pela qual, as práticas corporais e esportivas são amplamente incentivadas pois, como possibilidade de divertimento e disciplinação, tornam-se representativas de uma sociedade que para se coroar prescinde tanto da liberação como da canalização produtiva de um gesto educado⁵².

No jornal *Diário do Rio Claro*, encontram-se notícias de jogos entre escolas; nos desfiles, a equipe de jogos - vestindo camisas de mangas curtas, sem a habitual gravata - separava-se do restante das alunas, como na foto.

⁵¹ GOELLNER, Silvana Vilodre (1999). *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Tese de doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação.

⁵² GOELLNER, *op.cit.*, p.4.

A valorização do corpo esteticamente belo e saudável deveria produzir homens e mulheres aptos a enfrentar os desafios da vida moderna. *Seja pela ótica do trabalho, seja pela do lazer, o trabalho corporal é reconhecido como essencial ao desenvolvimento da nação porque capaz de mobilizar, simultaneamente, duas energias: a do corpo individual e a do corpo social*⁵³.



Equipe de jogos do Normal, início da década de 40. Fonte: arquivo da biblioteca do Colégio.

A escolha estética é uma escolha política. A estética desse período trabalhava com várias tensões: a imagem de mãe, a sensualidade e a idéia do sexo em ação, mas em ação para procriação da raça saudável, e, portanto, controlado⁵⁴. A feminilidade estava ligada à capacidade reprodutiva e maternal da mulher.

⁵³ GOELLNER, *op.cit*, p.3.

⁵⁴ *Ibid.*

Capítulo 7

Anos dourados:

O Puríssimo, por Ivanira Bohn Prado

Ivanira Bohn Prado é uma das personagens do *Puríssimo* que permanece, ainda hoje, nas lembranças daqueles que conhecem esse Colégio, alunos ou moradores da cidade. Diferente do *glamour* que envolve a narrativa de Dolores e da realidade desnuda de Therezinha, Ivanira apresenta-se coberta por uma pelerine e recostada elegantemente em sua poltrona. Suas mãos se movimentam com delicadeza, entusiasmo e orgulho, apontando fotos, trabalhos dos alunos, notícias nos jornais, prêmios em concursos. Gostaria de chamar a atenção do leitor para observar como Ivanira transita pelo *Puríssimo* e como os exemplos e virtudes são utilizados em sua vida.

Difícil é saber mais a respeito de sua vida longe do *Puríssimo* ou longe das outras escolas nas quais lecionou. Ivanira veste a capa da professora e esta lhe cai tão bem que mal se nota seu uso encobrindo outras vestes. É com o intuito de espiar um pouco mais o que se encontra encoberto que apresento um poema de sua autoria.

Inventário

*No sobrado “art nouveau”,
entre cristais e espelhos,
as portas corrediças se abriam*

*para um mundo mágico:
as bonecas de porcelana,
as miniaturas douradas
do baú de sonhos da infância...
(Tão longe!)*

*E o cheiro bom do tabaco
que impregnava de mistério
aquela sala-dos-passos-perdidos.
E o perfume de lavanda Miss Rose,
nas aulas do Stafford.*

*Depois, muito depois,
a casa da praia,
aberta ao mar.
O vento noroeste oscilava
os cortinados de filó
por sobre as camas
caravelas de estranhas aventuras.*

*Por vezes, ia o pai,
silencioso e grave,
cobrir, com lençóis,
a nudez das sereias
mortas, estendidas
na praia.
Os primeiros espantos!
Diante da vida.
Diante da morte.
E os quintais,
em que se perdia
- e encontrava -
a menina,
à sombra das goiabeiras.
Solitária.*

*Os piqueniques de domingo
na serra.*

*Cheiro de mato molhado,
moranguinhos silvestres.
Entre risadas.*

*Os Natais afogados
em presentes
surpreendentes nos sapatos.*

*E os Carnavais gloriosos.
Em carro aberto.
Asas de ouro e renda
- a borboleta –
pousava, depois, no álbum-de-família.
Para sempre!*

*A festa cotidiana
daquela casa
- farta e bela –
Primos e primas.
Namorados.
As valsas langorosas
no piano da sala.
(Tão longe!)*

*Bens perdidos.
Perdidas – para sempre –
aquelas
mãos frágeis e belas.
Mãos amadas.
Que construíram
um mundo impossível¹.*

Sem dúvida são experiências vividas com muita emoção, em Santos e São Paulo. Mas é um livro que eu posso censurar pelo seu estilo copioso, derramado. Foi o meu primeiro

¹ PRADO, Ivanira (1986). *Inventários*. Editora Soma: São Paulo.

livro. *Meu inventário sentimental. Memórias de uma família numerosa. Éramos sete irmãos.*

Sete irmãos e casas maravilhosamente freqüentadas por primos, primas, namorados e noivos. Em São Paulo e Santos. Eram anos dourados... economicamente, socialmente. Foi esse o meu ambiente de infância e adolescência.

Meus irmãos foram todos sábios no escrever e no falar e a influência deles e de minha mãe foi grande sobre mim. Foi por causa dos irmãos mais velhos que eu, muito menina, comecei a ler Machado de Assis (que era proibido).

Aqui, a escola mais indicada era o Puríssimo

Anos 1940, 50, 60, 70... Falar dessa época tão recuada é entrar no túnel do tempo. E encontrar, no fim do túnel, a luz poderosa do magistério, que continua me “iluminando” até hoje, no reconhecimento dos ex-alunos. Acredite!

Estudei em S. Paulo, no colégio Stafford, de orientação britânica, onde fui alfabetizada simultaneamente em português e inglês. Minha família estava radicada em São Paulo, onde nasci. Depois, em razão dos negócios de meu pai, nos transferimos para Santos. Lá cursei o Colégio São José, de irmãs francesas, concluindo o Curso Primário e ingressando no Ginásio, 1ª e 2ª séries. Com a terrível “crise do café”, de 1929-30, a família, duramente atingida, teve que se remover para o interior. E viemos para Rio Claro.

Os irmãos se dispersaram, ficaram em São Paulo e Santos empenhados em trabalhar. Naquela época os filhos das famílias abastadas não trabalhavam. Nem as mulheres saíam para estudar. Pra cá, vieram o mais velho e minhas duas irmãs.

Aqui, a escola mais indicada era o Puríssimo Coração de Maria. Para mim foi um choque, porque, acostumada com o ensino na capital e em Santos, senti o desnível escolar. O ano de 1935 foi um ano de difícil adaptação. Depois, tudo se normalizou. E me integrei

inteiramente aos métodos da escola. Concluí o Ginásio e o Curso de Formação Profissional de Professor em 1939.

Quanto aos passeios, só depois de adulta, formada professora, me abri para as viagens. Senti necessidade extrema de viagens. Então, a princípio conheci o Brasil, pude visitar todos os Estados do País de norte a sul. (Eu reservava as férias para isso). E depois viajava para o exterior anualmente... Era uma forma de ampliar conhecimento e a minha visão do mundo.

Formada professora, senti necessidade de trabalhar mais, por razões econômicas. Busquei novos cursos de especialização, estudei com afinco e prestei concurso para a Inspeção do MEC, cargo em que trabalhei por 30 anos em Rio Claro e várias cidades da região. Para mim, era um cargo extremamente antipático. Minha vocação não era inspecionar escolas e, sim, trabalhar nelas, difundindo a língua portuguesa, meu foco maior de interesse.

A rigor, meu trabalho tinha um caráter de inspeção. Para verificar se os estabelecimentos cumpriam os dispositivos legais do Ministério da Educação. Mas, na aridez do cargo, eu sempre arranjava meios de produzir algo que dinamizasse o ensino (e me satisfizesse também, como educadora). Lembro, por exemplo, que, como Inspectora do Colégio Assunção, em Piracicaba, trouxe para cá o excelente Orfeão da Escola, regido pelo maestro Dutra, que se apresentou no Puríssimo, num trabalho proveitoso de intercâmbio entre as escolas.

Em 1941 fui convidada a lecionar no Puríssimo, sob a direção de Madre Teresinha do Menino Jesus, uma educadora sensível e elegante. Era uma personalidade inesquecível que me introduziu no Puríssimo como professora de língua portuguesa, no Curso Ginásial. Antes trabalhei duramente em uma escola rural do município em classes que reuniam da primeira à quarta série. Assumindo o Ginásio no Puríssimo, eu me apavorei. Foi um desafio. Mas me debrucei sobre livros específicos e, com a base psicopedagógica e a didática do Curso Profissional, transmitidas por excelentes professores, permaneci na Escola por 30 anos, desenvolvendo um trabalho que me gratificou muito. (Melhor do que eu, podem falar sobre isso ex-alunas, até hoje grandes amigas)!

Transmitir às alunas a paixão que sempre tive pela palavra

Foi para mim um longo período de vida de atividades intensas, muito produtivas. Eu estava empenhada em transmitir às alunas a paixão que sempre tive pela palavra e pelo estudo da língua portuguesa. As alunas correspondiam inteiramente. Ficaram afiadíssimas. Pudemos desenvolver um trabalho de plena colaboração e muito dinamismo. Ao lado da leitura, da redação, da correção de textos, desenvolvíamos muitas atividades extracurriculares. Para incentivar a leitura, a primeira providência foi criar uma biblioteca em cada sala-de-aula, sob os cuidados das próprias alunas. Outra foi a criação de “equipes” ou grupos de estudo, sob a inspiração de grandes escritores da literatura brasileira. Isso as levava à leitura, à pesquisa e, mensalmente, à apresentação de reuniões festivas em classe ou no salão-de-festas da escola. O que resultou num grande incentivo para os trabalhos curriculares.

Naquela época, os autores preferidos do modernismo eram os poetas ainda vivos, que estavam aí publicando os seus livros. Um Guilherme de Almeida, um Cassiano Ricardo, que as empolgavam, entre outros. Mas havia aquelas que se voltavam para os poetas românticos e parnasianos, Castro Alves ou Olavo Bilac.

Os grupos escolhiam livremente os seus patronos. Há poucos dias, uma ex-aluna, hoje psicóloga, recordando os tempos do Puríssimo, me revelou: “Sabe, dona Ivanira, que até hoje eu tenho uma fotografia histórica? A fotografia que o meu grupo tirou em São Paulo, com o Cassiano Ricardo”. De Cassiano Ricardo tenho, aqui, uma edição primorosa da sua obra “Martim Cererê” (1962), ilustrada por Tarsila do Amaral, que estampa, com destaque, uma carta de alunas do Puríssimo comunicando-lhe a escolha de seu nome para patrono de um grupo de estudos em 1945. Isso prova como as atividades se projetavam além dos limites da sala-de-aula, graças à colaboração e criatividade das alunas. Nas aulas diárias, lembro-me de que, obrigatoriamente, se sorteava uma aluna para, à frente da classe, desenvolver oralmente um tema, à sua escolha. Essa prática da linguagem oral era o “terror” das alunas. Mas hoje elas me dizem: “Ah, dona Ivanira, como valeu aquela experiência das exposições orais”. Enfim, um meio eficaz de desinibição e estímulo para as

mais tímidas. Certas classes preferiam transcrever na lousa, fragmentos de poetas ou pensadores, como ponto de partida para a participação e discussão nas aulas.

Todas essas atividades se refletiam depois, em colaboração para o jornal da escola. O “Eco Estudantino”, de que até hoje conservo a coleção. As próprias alunas se incumbiam do jornal. Geralmente as mais capacitadas eram as dirigentes e organizadoras, alunas do Curso Normal (a ex-aluna Rosa D’Urso, melhor do que eu, pode falar sobre isso). A maior parte das colaborações do Eco saía das salas-de-aula, das redações sobre as várias pesquisas e atividades desenvolvidas dentro e fora da escola.

Como professora sentia um corpo docente integrado e o apoio da direção. Na hora do recreio, trocávamos opiniões, numa conversa diária, descontraída. Comentávamos experiências da sala-de-aula, acertos e erros. Os professores trabalhavam com idealismo. E os frutos eram evidentes. Por estranho que pareça, nunca me lembro de que, naqueles anos 40, 50, 60..., tivéssemos reuniões pedagógicas. E, acredite, tudo funcionava bem. Os professores tinham uma formação cultural sólida e o apoio integral da direção. Havia autonomia total na atuação do professor junto às suas classes.

Quanto às outras escolas, só posso falar de experiências que vivi. No Koelle, de irrepreensível tradição e seriedade (onde fui inspetora por muitos anos), com o apoio dos seus diretores, promoveu-se a Festa do Livro, com a presença do poeta Guilherme de Almeida que pronunciou uma palestra de maior interesse.

Do Ribeiro (onde também inspecionei e lecionei) posso afirmar que, como escola pública, encontrei lá o mesmo ambiente receptivo da escola particular. Tive amplo apoio da direção e dos alunos. Era a primeira vez que enfrentava classes masculinas e me sentia um pouco intimidada ante os “machões”. Pois posso dizer que realizei com eles trabalhos escolares e extracurriculares de grande importância. Lembro, por exemplo, a atividade desenvolvida por uma equipe de rapazes da 8ª série que estudou “in loco” a vida e obra de Euclides da Cunha, em São José do Rio Pardo e reproduziu aqui, em suas reais proporções, a “cabana de Euclides”, com objetos preciosos cedidos pela Casa de Euclides da Cunha. Surgiu, assim, no Ribeiro, a “Sala Euclidiana” que figurou numa grande exposição educativa da Escola – a FRADEP (1965). Outra atividade ligada ao incentivo que se dava à literatura, no então Ginásio, foi desenvolvida por alunos da 8ª série que promoveram na Filarmônica uma sessão lítero-musical com a presença do poeta

catarinense Lindolfo Bell, vindo a Rio Claro a convite das equipes do Ribeiro. (1966). Tanto no Puríssimo como na escola pública (inclusive no Batista Leme onde também lecionei) era um trabalho gratificante porque baseado na integração ou interação professor-aluno – hoje tão enfatizada – sem o que não há verdadeiro ensino e educação. Além disso, em várias atividades, tivemos a cooperação dos pais. De tudo, Paula, tenho documentado farto material. Veja este álbum, por exemplo, organizado pela mãe de uma aluna do Puríssimo. Aqui estão registradas sessões festivas de classe, colaborações das alunas para os jornais, intercâmbio escolar, disputas, exposições (1961).

Veja esta maratona intelectual (outubro de 1958) em que o Puríssimo conquistou o 1º, 2º, 3º 4º e 6º lugares. As alunas tiveram um programa avançado de estudo, nível de 2º grau. E enfrentaram com facilidade os problemas de sintaxe, concordância, regência e colocação ao lado da redação, apresentados na prova (organizada pela Delegacia Regional de Campinas). Eram alunas talentosas, dedicadas à leitura, ao estudo sério da língua.

E a professora trabalhando no desejo de transmitir às alunas o seu amor pela literatura, sua paixão pela língua portuguesa... e sua exigência no manejo correto do idioma. Sem falar no rigor das avaliações e notas (o que, soube depois, despertava “pavores” em algumas delas...).

Status e profissão

Ivanira pertenceu a uma família de elite. Com a crise do café sua família viu-se profundamente abalada. Seu silêncio a respeito de sua vida familiar ou sobre as dificuldades enfrentadas é significativo e aponta para uma negação de conflitos vividos. Após as perdas econômicas, toda a família viu-se obrigada a trabalhar. O assunto é tratado rapidamente. Quando Ivanira volta a falar de seu trabalho ele é desvinculado do ganho e

tratado como caminho para realização pessoal². É assim que sua profissão e a passagem pelo *Puríssimo* aparecem: semelhante a um sacerdócio.

Quando chegou a Rio Claro, a escola mais indicada foi o *Puríssimo*. No entanto, Ivanira sentiu profundamente a diferença entre esta escola e o *Stafford* ou o Colégio das irmãs francesas. Certamente, essas duas últimas não formavam para o trabalho: formavam damas. No *Puríssimo* ela foi confrontada com a *elite rio-clarense*, onde a orientação para o trabalho estava sendo desenvolvida com a criação do Curso Normal. A diferença entre *essas elites* foi um choque. O *desnível escolar* estava ligado não só ao currículo, mas a comportamentos, perfumes, arquiteturas.

Como um pequeno animal fechado em sua concha, um misto de medo e ansiedade tomou conta de Ivanira quando precisou *sair* para trabalhar. Ao sair, ela nunca abandonou sua concha para habitar outros lugares. Ivanira não se adequou totalmente ao Colégio, nunca fez parte dele. Como manancial de *jóias preciosas* oferecia seus exemplos de virtudes e *transmitia* conhecimentos. Do outro lado estavam os alunos agradecidos. Era esse o reconhecimento que os professores esperavam. Foi isso que Ivanira teve e foi isso que a redimiu do medo que causava em alguns alunos. Sua competência e a do corpo docente revelavam-se na ausência de reuniões pedagógicas e na autonomia do trabalho do professor.

O trabalho de inscrição do Outro na alma da criança ou do adolescente, a moralização que Durkheim queria, revelava-se plena de êxito já que os alunos, após compreenderem racionalmente as vantagens de seguirem a norma estabelecida, sentiam-se gratos e ansiavam viver dentro dos parâmetros estabelecidos³. O educador era o ser amado/obedecido e o educando era esvaziado como ser que deseja. Ele deveria desejar o que o educador desejasse. Na relação com o *mestre*, proporcionada pelas diversas atividades que ultrapassavam os muros escolares, estabeleciam-se a proximidade e convívios necessários para a transmissão dos exemplos.

² Maria Helena Trigo, ao estudar grupos da elite cafeeira após a crise de 30, afirma que a negação do trabalho como ganho, estava diretamente ligada à visão de que fortuna e dinheiro deveriam provir de herança e não de trabalho. Após a perda de capital econômico, essas famílias procuravam manter seu prestígio através de diversas estratégias de manutenção de *status* até mesmo em uma reconversão de capitais. TRIGO, Maria Helena B. (2001). *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo: Annablume.

³ FERNANDES, *op.cit.*



Noite
Camoniana

A lírica de
Camões, com
alunas da 3a.
série



Grupo de alunas com a conferencista,
D. Carminda (de S.Carlos), na Noite
Camoniana, nos salões do Q.Puríssimo
Corac o de Maria.

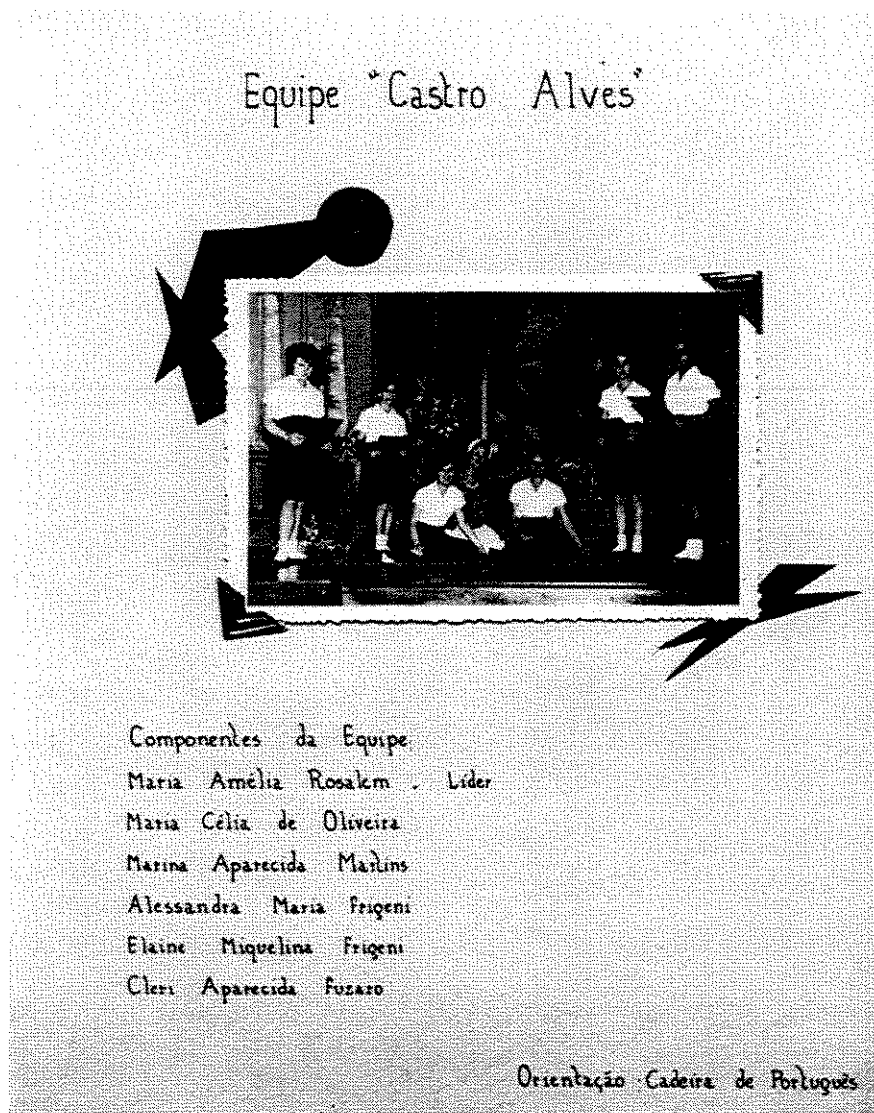
Jun.1964

06/01/1988

Relatório de trabalhos. Fonte: acervo particular. *A data lateral refere-se   quando foi arquivada.

Foi na necessidade de reconversão de capital para manuten o de *status* que Ivanira encontrou os ideais do Estado Novo, que foram construídos na sua rela o com a elite cafeeira falida e a nova elite de imigrantes bem sucedidos, industriais e profissionais liberais. Ao ideário do progresso foram combinados o nacionalismo e ideais românticos de

nação e família⁴. Como expus em capítulos anteriores, esses ideais apareciam também na educação e, aqui, na narrativa de Ivanira, o trabalho idealista do professor revela essas características.



Relatório de equipe de trabalhos, s/d. Fonte: acervo particular.

Sentada com suas alunas durante apresentação, Ivanira (de óculos escuros) apresenta o resultado de seu trabalho. Ela se coloca em segundo plano, tutelando e orientando. A disposição simétrica das alunas no espaço, o vitral ao fundo e as flores trazem um ar de

⁴ O poeta e escritor Cassiano Ricardo foi um dos expoentes da literatura do Estado Novo, difundindo suas idéias. In: CAPELATO, *op.cit.*

Entre a tradição e a modernidade: mudanças e permanências no **Puríssimo**

Neste estudo procurei construir a história do Colégio *Puríssimo Coração de Maria* com o olhar focado nas mudanças e permanências em sua imagem, nas estratégias de elaboração dessas imagens e em sua comunicabilidade. Para isso, utilizei três fontes: seu discurso, alguns rituais/cerimônias e as lembranças de um conjunto de alunas. Esta história, somente uma dentre inúmeras possibilidades do olhar, inicia-se com uma primeira imagem: um colégio que foi instalado na cidade de Rio Claro por inspiração divina. Apresento, a fim de olhar para esta imagem com maior atenção, o Colégio *Puríssimo* em meio ao universo cultural do início do século XX, quando as escolas eram vistas como um dos meios mais eficazes para a resolução dos problemas sociais e como parte integrante do avanço cultural necessário aos novos tempos.

No início da República, o País vivia um momento de reordenação política e econômica e ganhava ares de modernidade. As expansões culturais e demandas de escolas por parte da elite encontraram respaldo na Igreja Católica, que passava por um período de reestruturação e expansão com o fim do padroado. Uma das medidas tomadas pela Igreja, a fim de renovar e ampliar seus quadros e difundir suas doutrinas, era a fundação de escolas. Difundidas como espaços culturais privilegiados, foi no início da década de 30, com a organização do sistema nacional de educação, que as escolas foram projetadas com maior força para fora de seus muros, expondo-se publicamente. Mais uma vez, como no início do século, eram exaltadas nos discursos políticos e culturais, saíam para desfiles e convidavam a população para atividades internas. Eram, portanto, espaços privilegiados de sociabilidade e cultura. Estes dois momentos, o início da República e a Revolução de 1930, apresentam esforços para ampliação da rede de escolarização no País, sendo maior a ampliação após a década de 30.

Na cidade de Rio Claro, região de grandes fazendas produtoras de café, o *status* dado às escolas pela população não foi diferente. A cidade viveu, no início da República, um período de grandes investimentos culturais. Era preciso modernizá-la política, econômica e culturalmente. Assim, os emblemas da cidade moderna eram estampados no centro de Rio Claro: estação ferroviária, luz elétrica, casarões, Igreja Matriz, teatro, gabinete de leitura e um colégio católico destinado às filhas ou filhos da elite. A segunda imagem: o Colégio bem sucedido, um dos símbolos do progresso da cidade.

O discurso e os ritos produzidos no *Puríssimo*, durante o período estudado, foram coerentes, ao longo da história, e dialogavam com os ritos e discursos que a sociedade e a cultura do período acolhiam. Assim, enquanto no início do funcionamento do Colégio em Rio Claro eram descritas somente procissões, retiros e cerimônias de recepção da priora, após a década de 30 há um aumento significativo na descrição de festas e desfiles cívicos. Estes últimos aparecem em tal quantidade que acabam por deslocar as cerimônias religiosas para o segundo plano. Acompanhando o momento político da construção da identidade nacional, o Colégio assume esse discurso e envolve-se na lógica espetacular, mas sem abandonar seus projetos, como por exemplo, de formação da mulher. Nos rituais, nas cerimônias, outras imagens se apresentam: o Colégio puro, as meninas virtuosas.

As procissões, os desfiles e as conferências eram os espaços onde as meninas, os professores e as irmãs se apresentavam, mostrando os resultados do trabalho desenvolvido no *Puríssimo*, sua filosofia, seu *marketing*. O caráter público dos eventos favorecia a amplitude da divulgação. Expunha-se, em consonância com os modelos difundidos no período, a figura da mulher baseada no eterno feminino, mas, ao mesmo tempo, preparavam-na para a profissão, com conhecimento e competência, conforme divulgava o Colégio. O convívio social intenso e aberto ao público foi, ao longo dos anos, em mudanças gradativas, voltando-se para o interior de seus muros. Dos eventos nas ruas ou das conferências abertas à população, hoje as cerimônias que mais se destacam são as chamadas *atividades de palco* e a *casa aberta*. O Colégio *Puríssimo* continua construindo sua imagem no interior da cultura. As propagandas publicadas no jornal *O Alpha*, na década de 20, ofereciam *educação completa*; em 2002, podemos ler em *outdoors*, nas principais avenidas da cidade, o seguinte anúncio: *Entre tradição e qualidade, fique com as duas. "Puríssimo"*.

Envolvido em um meio educacional no qual a venda do conhecimento para aqueles que podem comprá-lo tornou-se um espetáculo de venda de imagem, o *Puríssimo* fala de tradição e qualidade e, ainda hoje, desempenha papel significativo na educação em Rio Claro. Em 2001 foi aberto o Ensino Médio e os sinais de crescimento e expansão revelam-se também em reformas sucessivas para a ampliação de salas de aulas, mudanças na quadra de esportes ou no salão nobre. O Colégio não está imune à venda de imagens e aos fetiches da mercadoria. Em meio à modernidade de colégios como *Anglo*, *Objetivo* e *COC*, respectivamente instalados na cidade em 1978, 1988 e 1998, o *Puríssimo* sobrevive e marca sua presença, mesmo em um momento em que a educação católica mingua, seja pela pouca ampliação de sua rede em relação aos colégios privados laicos, seja pelo fechamento de algumas de suas escolas. Aliado a seu tempo, ele volta-se para o privado e adota a modernidade do campo educacional. A tensão entre a adequação a seu tempo, desejos e interesses de famílias e da Igreja convivem neste ambiente. A pureza do Colégio não é a do imaculado, daquele que não se contamina pelo mundo, mas, sim, daquele que acolhe o mundano, adequando-o a seus ideais e, assim, misturando-se a ele. Esta é a história de uma escola que absorveu os acontecimentos culturais, em seus aspectos cívicos e religiosos. É a história de como, em meio a eles e com sua ajuda, construiu sua imagem trabalhando contradições.

Anexos

I. Escolas católicas fundadas no interior do Estado de São Paulo

Cidade	Fundação	Mantenedora
Araras	1895	Instituto N. Senhora Auxiliadora
Campinas	1897	Liceu Salesiano N. S. Auxiliadora
São Carlos	1905	Congregação das Religiosas do SS Sacramento
Sorocaba	1905	Congregação de São Bento das Irmãs Missionárias
Mogi-Mirim	1912	Sociedade de Educ Integral e de Assistência Social
Ribeirão Preto	1912	Associação das Ursulinas de Ribeirão Preto
Botucatu	1913	Associação Brasileira de Educadores Lassalistas
Jundiaí	1914	Assoc União Beneficente das Irmãs de S. Vicente de Paulo Gysegem
Lavrinhas	1914	Inspetoria Salesiana de São Paulo
Botucatu	1915	Associação Santa Marcelina
Jaboticabal	1918	Associação Literária e Educativa Santo André
Ribeirão Preto	1918	Colégio N. Senhora Auxiliadora
Limeira	1921	Soc de Educação e Beneficente Santa Catarina de Sena
Piracicaba	1922	Soc de Educação e Promoção Social Imaculada Conceição
São Carlos	1923	Assoc Brasileira de Educadores Lassalistas
Batatais	1924	Colégio S José de Batatais
Mococa	1924	Sociedade Concepcionista do Ensino
Araras	1926	Inspetoria Salesiana de São Paulo
Bauru	1926	Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus
S. J. dos Campos	1926	Associação Madre Cabrini
Santo André	1927	Instituto Coração de Jesus
Lorena	1928	Congr do Patrocínio da Sagrada Família Jesus Maria José
Lins	1929	Ginásio e Escola Normal Particular N S Auxiliadora
Campinas	1930	Instituto Educacional Ave Maria

Fonte: MOURA, Pe. Laércio Dias (2000). A educação católica no Brasil. São Paulo: Edições Loyola. *Das escolas listadas por Moura não consta o Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, mencionado neste trabalho.

II. Número de meninas e meninos matriculados no curso normal

	Ano 1928		Ano 1930		Ano 1941		Ano 1944	
Meninas	64	96%	40	93%	30	91%	110	98%
Meninos	3	4%	3	7%	3	9%	2	2%
Total	67	100%	43	100%	33	100%	112	100%

	Ano 1950		Ano 1960		Ano 1964		Ano 1970	
Meninas	64	100%	110	100%	111	100%	38	100%
Meninos	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	64	100%	110	100%	111	100%	38	100%

Fonte: Livro de Matrículas

III. Obras da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria

Nome	Estado	Fundação-Fechamento	Possui curso normal
Instituto Santa Ana	MG	1954-1957	
Escola N. S. Aparecida	PR	1960	
Colégio PP Coração da Maria	PR	1912-1913	
Escola S José	PR	1961	
Casa S José	RJ	1954	
Escola Doméstica	RJ	1871-1873	
Escola Pio XII	RJ	1954	
Escola N S do Carmo	RJ	1930	
Colégio Senhor dos Passos	RJ	1849-1850	
Colégio do Livramento	RJ	1850-1852	
Colégio Ilha do Bom Jesus	RJ	1852-1856	
Colégio de Itapiru	RJ	1876-1881	
Escola Sagrado Coração de Maria	RJ	1931-1972	
Escola São Sebastião	RS	1962-1966	
Escola Paroquial S. Bárbara	RS	1950-1957	
Escola N S das Graças	RS	1934-1971	
Inst Cel Antonio Ma. B. Maciel	RS	1934-1971	
Colégio Menino Jesus de Praga	RS	1908-1910	
Esc Doméstica Divina Providência	RS	1964-1973	
Esc Imaculado Coração de Maria	RS	1950-1977	
Escola Madre Imilda	RS	1928	Sim
Escola N S Pompéia	RS	1909-1969	
Escola Santa Lúcia do Piaí	RS	1932-1965	
Escola Chaves Irmãos	RS	1934-1974	
Escola Santa Bárbara	RS	1937-1976	
Escola Imaculada Conceição	RS	1900	
Escola Madre Margarida	RS	1900-1971	Sim
Escola Normal R. Estr. Manhã	RS	1959-1976	Sim
Esc. Part. Imac. Cor. de Maria	RS	1958-1973	
Esc. Paroquial Vila Caravagio	RS	1910-1913	
Col. Sagr. Coração de Jesus	RS	1912-1966	
Escola N. S. Auxiliadora	RS	1947	Sim
Escola São Pedro	RS	1933-1983	Sim
Escola Dom Feliciano	RS	1926	Sim
Col. Sagr. Coração de Jesus	RS	1884-1890	
Colégio São José	RS	1902-1913	
Escola Santa Terezinha	RS	1941-1965	
Escola São José	RS	1925-1991	

Colégio São José	RS	1919-1925	
Escola Madre Bárbara	RS	1897	Sim
Lajeado	RS	1976-1984	
Colégio Sagrada Família	RS	1898-1988	
Esc. Sagrado Coração de Jesus	RS	1910-1977	
Esc. Paroquial S Lourenço	RS	1952-1964	
Colégio São João Batista	RS	1914-1918	
Escola N S Aparecida	RS	1937-1969	
Nova Prata Com. Aparecida	RS	1937-?	
Asilo e Colégio N S da Conceição	RS	1855-1863	
Esc. Santa Joana Franc.	RS	1954-1989	
Colégio N S da Glória	RS	1928	Sim
Escola Mãe de Deus	RS	1904	
Asilo e Colégio Cor. De Maria	RS	1859-1869	
Esc. Paroquial N S de Lourdes	RS	1929-1946	
Esc. Paroquial São Sebastião	RS	1932-1945	
Jardim de Infância	RS	1960-1960	
Instituto Cristo Rei	RS	1955	
Escola N S Auxiliadora	RS	1929	Sim
Escola Ferrov. N S Aparecida	RS	1933-1975	
Escola Coração de Maria	RS	1933	Sim
Escola Ferrov. Rui Barbosa	RS	1948-1975	
Escola N S Perpétuo Socorro	RS	1958-1979	
Escola Municipal Me. Bárbara	RS	1954-1963	
Escola Santa Ursula	RS	1955-1963	
Escola N S Conquistadora	RS	1942-1977	
Escola Mater Admirabilis	RS	1956-1973	
Esc. Paroquial PP C de Maria	RS	1936-1943	
Escola Imac. Coração de Maria	RS	1953-1993	
Escola N S do Bom Conselho	RS	1908-1981	
Colégio São José	RS	1909-1913	
Colégio N S da Conceição	RS	1954	
Aprendiz. Agríc. Pres. Dutra	RS	1952-1977	
Escola Divino Mestre	RS	1961-2000	Sim
Escola Nossa S de Lourdes	RS	1892-1980	
Colégio São José	RS	1907-1915	
Escola Stella Maris	RS	1938	
Escola N S de Fátima	RS	1948-1971	
Grupo Escolar Sérgio Falcão	SC	1958-1961	
Esc. Básica Imac. Cor de Maria	SC	1956-1987	
Col. Bom Jesus de Iguape	Iguape-SP	1937-1941	
Esc. PP Coração de Maria	Rio Claro-SP	1909	Sim
Colégio Coração de Maria	Santos-SP	1904	Sim
Col da Praia de Itararé	Santos-SP	1908-1913	
Esc Grat. Madre Bárbara	Santos-SP	1959-1968	

Fonte: Relatório de obras. Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria, 2001.

*IV. Idade e sexo dos alunos matriculados
no curso primário em 1930*

Idade	Meninos	Meninas	Total
1 ano		1	1
3 anos	1	1	2
4 anos	2	1	3
5 anos	2	2	4
6 anos	4	9	13
7 anos	8	4	12
8 anos	1	5	6
9 anos	1	5	6
10 anos		3	3
11 anos		5	5
12 anos		10	10
13 anos		8	8
14 anos		9	9
15 anos		5	5
16 anos		2	2
17 anos		1	1
18 anos			
19 anos			
20 anos		1	1
21 anos			
22 anos		1	1
23 anos			
24 anos		1	1
31 anos		1	1
S/ anotação	1	4	5

Fonte: Livros de matrículas

V. Número de meninos e meninas matriculados no ginásio

	Meninas	Meninos	Total
Ano 1933	17	2	19
1934	9	1	10
1936	18	2	20
1937	20	2	22
1938	15	3	18
1939	17	4	21
1940	17	0	17
1941	23	4	27
1942	11	2	13
1943	28	1	29
1944	19	2	21
1945	30	2	32
1946	24	0	24
1947	31	1	32
1948	33	0	33
1949	24	0	24
1950	24	0	24

Fonte: Livros de matrículas

VI. Nacionalidade dos pais dos alunos do Curso Normal

Nacionalidades	Ano 1928		Ano 1930		Ano 1941		Ano 1944	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Espanhola							3	2,73%
Síria					1	3,33%	7	6,36%
Portuguesa	2	3,13%	3	7,50%	1	3,33%	10	9,09%
Australiana	1	1,56%					1	0,91%
Alemã	1	1,56%					2	1,82%
Brasileira	48	75,00%	28	70,00%	24	80,00%	69	62,73%
Suíça							1	0,91%
Leta								
Italiana	12	18,75%	9	22,50%	4	13,33%	17	15,45%
Japonesa								
s/anotação								
Total	64	100,00%	40	100,00%	30	100,00%	110	100,00%

Nacionalidades	Ano 1950		Ano 1964		Ano 1970	
	N	%	N	%	N	%
Espanhola						
Síria	2	3,13%				
Portuguesa			1	0,90%		
Australiana						
Alemã	2	3,13%				
Brasileira	42	65,63%	108	97,30%	37	97,37%
Suíça						
Leta	1	1,56%				
Italiana	10	15,63%			1	2,63%
Japonesa			1	0,90%		
s/anotação	7	10,94%	1	0,90%		
Total	64	100,00%	111	100,00%	38	100,00%

Fonte: Livros de matrículas.

VII. Profissão dos pais de alunos matriculados no curso normal

	1944		1950		1964		1970	
Caldeireiro, funcionário da Cia Paulista, ferroviário, operário.	4	4%	5	8%	9	8%	1	3%
Alfaiate, barbeiro, mecânico, encanador, artífice, construtor, pintor, carpinteiro, marceneiro, choufeur.	4	4%	1		8	7%	4	11%
Professor, dentista, médico engenheiro, veterinário, farmacêutico, contador.	13	12%	6	9%	8	7%	2	5%
Empreiteiro, negociante, viajante.	14	13%			6	5%	1	3%
Militar					1	1%		
Procurador, tabelião, inspetor.	9	8%			17	15%	9	24%
Industrial	6	5%			7	6%	3	8%
Lavrador	3	3%	1	2%	5	5%	4	11%
Comerciante	27	25%	13	20%	34	31%	7	18%
Proprietário	5	5%						
Fazendeiro	4	4%			4	4%		
Pecuarista					1	1%		
Aposentado	4	4%			5	5%	2	5%
Falecido	14	13%			3	3%	4	11%
Sem anotação	3	3%	38	59%	3	3%	1	3%
Total	110	100%	64	100%	111	100%	38	100%

Fonte: Livros de matrículas.

VIII. Local de admissão das irmãs da Congregação

Local (Estado ou País)	N	%	Nº de escolas no local
Alagoas	1	0,05%	
Alemanha	5	0,25%	
Áustria	44	2,18%	
Bahia	8	0,40%	
Ceará	5	0,25%	
Espanha	1	0,05%	
Espírito Santo	1	0,05%	
Goiás	2	0,10%	
Hungria	2	0,10%	
Itália	31	1,54%	
Líbano	2	0,10%	
Maranhão	8	0,40%	
Mato Grosso	1	0,05%	
Mato Grosso do Sul	1	0,05%	
Minas Gerais	52	2,58%	1
Paraíba	1	0,05%	
Paraná	9	0,45%	3
Pernambuco	2	0,10%	
Piauí	1	0,05%	
Portugal	6	0,30%	
Rio de Janeiro	30	1,49%	9
Rio Grande do Norte	10	0,50%	
Rio Grande do Sul	1685	83,46%	63
Santa Catarina	36	1,78%	2
São Paulo	60	2,97%	5
Sergipe	5	0,25%	
Tocantins	10	0,50%	
Total	2019	100,00%	

Fonte: Lista informações sobre local de nascimento e admissão das irmãs. Congregação do Imaculado Coração de Maria.

*IX. Profissão dos pais dos alunos matriculados no Ensino Médio em 2002**

	N	%
Mecânico, pintor, eletricitista, serviços gerais, borracheiro.	13	12%
Professor, dentista, médico engenheiro, geólogo, químico, fisioterapeuta, físico.	29	26%
Vendedor, viajante, repres comercial, autônomo.	13	12%
Bancário	3	3%
Técnico em agropecuária, supervisor técnico, protético, técnico em laboratório.	7	6%
Comerciante	14	13%
Eletricitário	1	1%
Despachante	1	1%
Advogado	3	3%
Empresário	3	3%
Comerciário	3	3%
Aux administrativo	1	1%
Piloto aeronaves	1	1%
Pastor	1	1%
Gerente	3	3%
Pesquisador de mercado	1	1%
Func público	1	1%
Desempregado	3	3%
Aposentado	5	4%
Falecido	4	4%
Sem anotação	2	2%
Total	112	100%

*Foram selecionadas uma classe de cada série para compor a tabela. Fonte: prontuário dos alunos.

X. Relação de escolas estaduais de Rio Claro

Nome da escola	Data de fundação
Antonio Sebastião da Silva EE.	1976
Barão de Piracicaba EE	1934
Carolina Augusta Serafim EE Profª	1959
Délcio Baccaro EE Prof	1983
Diva Marques Gouvêa EE Profª	1960
Djlliah Camargo de Souza SS Profª	1964
Hamilton Prado EE Dep Fed	1977
João Batista Negrão Filho EE Prof	1995
Heloísa Lemenhe Marasca EE Profª	1988
João Batista Leme EE Prof	1976
Joaquim Ribeiro EE	1926
Joaquim Salles EE Cel.	1900
José Cardoso EE Prof	1951
José Fernandes EE Prof	1981
Marcello Schmidt EE	1910
Marciano de Toledo Piza EE Prof	1961
Michel Antonio Alem EE Prof	1968
Monsenhor Martins EE	1962
Nelson Stroili EE Prof	1979
Odilon Corrêa EE Prof	1967
Oscália Góes Corrêa Santos EE Profª	1985
Oscar de Almeida EE Prof	1989
Raul Fernandes EE Chanceler	1963
Roberto Garcia Losz EE Prof	1985
Sylvio de Araújo EE Prof	1984
Victorino Machado EE Prof	1981
Zita de Godoy Camargo EE Profª	1992
NRTE - antiga escola Irineu Penteado	1925
Escola Técnica Amando Bayeux da Silva	1918

Relação de escolas particulares de Rio Claro

Nome da escola	Data de fundação
Apae de Rio Claro	1964
Centro de Ensino de Rio Claro	1996
Centro de Ensino Novo Triunfo	1978
Centro Educacional SESI	1984
Colégio Alem	1946
Colégio de Ensino Rioclarense (Objetivo)	1988
Colégio Integrado Univers de Rio Claro	1977
Colégio Koelle	1883
Complexo Educacional de Rio Claro (COC)	1998
Conservatório Musical de Rio Claro	1968
Escola Adventista de Rio Claro	1995
Escola Arthur Bilac	1921
Escola Nazarena de Educ Fundamental	1998
Colégio Puríssimo Coração de Maria	1909

Escola SENAI	1973
--------------	------

Fonte: dados fornecidos pela Secretaria de Ensino.

Estão excluídas das tabelas as escolas de educação infantil.

Bibliografia

1. Documentos

1.1. Fontes iconográficas

Coleção de fotos da Escola *Puríssimo* - Biblioteca da Escola *Puríssimo Coração de Maria*.

Acervos particulares de Dolores Dirce Gimenez, Therezinha Sitolin e Ivanira Bohn Prado.

1.2. Fontes impressas

BORTOLUZZI, Pe. Octávio Cirillo (1996). *Documentário*. 2a ed. Porto Alegre-RS, Gráfica Dom Bosco.

CALIL, Celeste (1957). *E assim viveu Rio Claro*. Rio Claro, SP, Gráfica Rio Claro Ltda.

CATELANI, Ademar Pedro (sd). *Escola Puríssimo Coração de Maria*. Rio Claro (mimeo).

CONGREGAÇÃO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA (1999). *Murmúrios da Fonte*. Porto Alegre: Gráfica Dom Bosco.

_____ (1998). *Projeto educativo*. 1a ed. Porto Alegre-RS.

_____. Relatórios (anotar quais)

_____ (1999). *Celebrar a vida prosseguindo em missão*. Revista comemorativa dos 150 anos da Congregação.

COSTA, Carla et alii (1996). *Biografia sucinta de Bárbara Maix*. 2a ed. Porto Alegre-RS, Ética Impressora.

FERRAZ, Romeu (1922). *Álbum histórico de Rio Claro: a sua vida, os seus costumes e os seus homens (1821 – 1827 – 1922)*. São Paulo: Tipografia Henies.

KREITLIS, Conrado L. (org.) (1906). *Almanak do Rio Claro*. Rio Claro: Tip. Conrado.

NEVES, Candido (1895). *Almanack do Rio Claro*. Officina Typographica da Gazeta.

Jornal O Alpha.

Jornal O Diário do Rio Claro.

PRADO, Ivanira (1986). *Inventários*. Editora Soma: São Paulo.

ROSÁRIO, Ir. Maria (sd). *Histórico*. Rio Claro, (mimeo).

1.3. Manuscrito

Livro de Chronica I. 1937.

Livro de Chronica II. 1946.

2. Bibliografia de referência

- ALMEIDA, Ana Maria Fonseca (1999). *A escola dos dirigentes paulistas*. Tese de doutorado. UNICAMP: Campinas.
- ALMEIDA, Milton José de (1999). *Cinema arte da memória*. Campinas, SP: Autores Associados.
- ARIÈS, Philippe (1981). *História social da criança e da família*. 2a ed. Rio de Janeiro, LCT.
- AZZI, Riolando. *História da educação católica no Brasil*. V.1: Os primórdios da obra de Champagnat no Brasil. São Paulo: Simar.
- BACHELARD, Gaston (1984). *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural.
- BAPTISTA, Maria Rosa B. (1994). *Rio Claro: as pedras da cidade*. São Paulo, Dissertação de mestrado: USP.
- BARATA, Alexandre Mansur (1999). *Luzes e sombras: a ação da Maçonaria brasileira (1870-1910)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Centro de Memória Unicamp.
- BARBOSA, Irene M^a F. (1997). *Enfrentando preconceitos: um estudo da escola como estratégia de superação das desigualdades*. Campinas: área de publicações CMU/UNICAMP
- BENJAMIN, Walter (1991). *Sociologia*. São Paulo: Editora Ática.
- BEOZZO, José Oscar (1996). *A Igreja no Brasil – de João XXIII a João Paulo II*. Petrópolis – RJ, Ed. Vozes.
- BILAC, Maria Beatriz B. (2001). *As elites políticas de Rio Claro*. Recrutamento e trajetória. Piracicaba/Campinas: Editora Unimep/Editora da Unicamp
- BONILHA, José Fernando Martins (1970). *Organização social e educação escolarizada numa comunidade de imigrantes italianos*. Faculdade De Filosofia Ciências e Letras de Presidente Prudente.
- BONVIN, François (1982). “Une seconde famille. Um collège d’enseignement privé”, *Actes de la Recherche em Sciences sociales* 30: 47-64.
- _____. (1982). “L’école catholique est-elle encore religieuse?”, *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, n^{os} 44/45: 95-108.
- BOSI, Ecléa (1994). *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.
- BOURDIEU, Pierre (1975). *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- _____. (1990). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1997). “Compreender”. In: BOURDIEU, Pierre (org.) *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- _____. (1979). *O desencantamento do mundo: estruturas econômicas e estruturas temporais*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1983). *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BOURDIEU, Pierre & WACQUANT, Lóic J. D. (1995). *Respuestas por una antropologia reflexiva*. México: Editorial Grijalbo.

BRANDÃO, Carlos Rodríguez (s.d.). *As faces da memória*. Campinas, SP: Centro de Memória da UNICAMP.

BUFFA, Ester (1979). *Ideologias em conflito: escola pública e escola privada*. São Paulo: Cortez e Moraes.

CAMARGO, Marilena A. J. G. (1997). "*Coisas velhas*": um percurso de investigação sobre cultura escolar no Instituto de Educação "Joaquim Ribeiro" de Rio Claro (1928-1958). São Paulo: Universidade de São Paulo (tese de doutorado).

CAMPOS, Zulmiro Ferraz de (1929). *Centenário de Rio Claro*. Rio Claro: Tip Conrado.

CANÊDO, Leticia Bicalho (1994). *A família, a escola e a questão educacional*. In: IDÉIAS, no 23, Cultura e Saúde na Escola, São Paulo, FDE.

CAPELATO, Maria Helena R. (1998). *Multidões em cena*. Propaganda política no varguismo e no peronismo. Campinas, SP: Papirus.

CARVALHO, José M. (1990). *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (1999). *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia das Letras.

_____. (1980). *A construção da ordem: a elite política imperial*. Rio de Janeiro_ Editora Campus.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. "A configuração da historiografia educacional brasileira. In: FREITAS, Marcos C. (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*.

_____. (1993). Historiografia da educação e fontes. In: *Cadernos ANPED*, n.5, ANPED, Porto Alegre, setembro.

CHARTIER, Roger (1990). *História cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Ed. Bertrand Brasil.

CHAMPAGNE, Patrick *et alii* (1998). *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes.

CUNHA, Marcus Vinicius (1997). *A desqualificação da família para educar*. CADERNOS DE PESQUISA, nº 102, novembro, p.46-64.

_____. (1998). *A escola renovada e a família desqualificada: do discurso histórico-sociológico ao psicologismo na educação*. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS, v. 77, nº 186, maio/agosto, p.318-345.

DEAN, Warren (1997). *Rio Claro – Um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. (Tradução de Waldívia Marchiori Portinho), Rio de Janeiro, Paz e Terra.

DEBORD, Guy (1997). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

DINIZ, Diana M. F. L. (1973). *Rio Claro e o café: desenvolvimento, apogeu e crise, 1850-1900*. Rio Claro: FFLC, Tese de doutoramento.

DURKHEIM, Émile (1969). *L'évolution Pédagogique em France*. Presses Universitaires de France: Paris

ELIAS, Norbert (1987). *A sociedade de corte*. Lisboa: Editorial Estampa.

- _____. (1993). *O processo civilizador*, vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1990). *O processo civilizador – uma história de costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____. (1995). *Mozart: sociologia de um gênio*.
- FAGUER, Jean-Pierre (1995). *Khâgneux pour la vie*. Une histoire des années soixante. Paris: Centre d'Etudes de l'Emploi.
- FAORO, Raymundo (1987). *Os donos do poder – formação do patronato brasileiro*. Rio de Janeiro, Globo.
- FERNANDES, Francisco (1990). *Dicionário de sinônimos e antônimos da Língua Portuguesa*. São Paulo: Globo.
- FERNANDES, Heloísa Rodrigues (1992). *Sintoma social dominante e moralização infantil*. (Um estudo sobre a educação moral em Émile Durkheim). Tese de livre docência. USP.
- FITIPALDI, Fernando Cilento (1986). *A imprensa rio-clarense no século XIX*. Arquivo do município de Rio Claro.
- FOUCAULT, Michel (1990). “Omnes et singulatum”: por uma crítica da razão política. *Novos Estudos*. CEBRAP, n. 26, março, pp. 77-99.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie (1994). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva – Fapesp; Campinas: Editora da Unicamp.
- GALZERANI, Maria Carolina B. (1998). *O almanaque*, a locomotiva da cidade moderna, décadas de 1870 e 1880. Tese de doutorado: UNICAMP, Campinas, SP.
- GALZERANI, Maria Carolina B. (...). “Memória, história e (re)invenção educacional: uma tessitura coletiva na escola pública.
- GATTAZ, André C (1996). “Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral”. In: MEIHY, José Carlos S B. *(Re)Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo: Usp.
- GINZBURG, Carlo (1987). *O queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Cia das Letras.
- _____. (1988). *Os andarilhos do bem: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cia das Letras.
- _____. (2001). *Olhos de madeira*. Nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Tese de doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação, 1999.
- GÖSSMANN, Elisabeth & outros (orgs) (1997). *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes.
- HALBWACHS, Maurice (1990). *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais Ltda.
- HOLANDA, Sérgio Buarque (1984). *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olímpio.
- LE GOFF, Jacques (1992). *História e memória*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- LEONARDI, Paula (1998). A relação família-escola: estudo de caso de uma escola particular do município de Rio Claro. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia – Unesp, Rio Claro.

- LÜDKE, Menga (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU.
- LUSTOSA, Oscar Figueiredo (1990). *A Igreja Católica no Brasil e o Regime Republicano*. São Paulo: Ed. Loyola-CEPEHIB.
- MACHADO, Maria Cristina Gomes (1999). *O projeto de Rui Barbosa: o papel da educação na modernização da sociedade*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas.
- MANACORDA, Mário Alighiero (1995). *História da educação, da antiguidade aos nossos dias*. 4a ed. São Paulo, Cortez.
- MANOEL, Ivan A. (1996). *Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo*. São Paulo: Editora da Unesp.
- McLAREN, Peter (1992). *Rituais na Escola*. Em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes.
- MESCHIATTI, José Eduardo (2000). *Sonho de Moral: presença salesiana em Campinas*. Unicamp: Campinas, dissertação de mestrado.
- MICELI, Sérgio (1988). *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil.
- _____. (1979). *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel.
- MILHIET, Jean-Joseph. "L'éducation des filles au grand siècle". *Histoire e Société*. N. 75: septembre-octobre-novembre, 1998, pp 4-24.
- MOURA, Pe. Laércio Dias (2000). *A educação católica no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- MUEL-DREYFUS, Francine (1996). *Vichy et l'éternel féminin: contribution a une sociologie politique de l'ordre des corps*. Paris: Éditions du seuil.
- NAGLE, Jorge (1974). *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- NASCIMENTO, Terezinha Ap. Quaiotti Ribeiro (et al.)(1999). *Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)*. Campinas: Editora da Unicamp, Centro de Memória.
- NOBRE, Sônia A. S. (1988). *Colégio Koelle: um marco na história da educação em Rio Claro (1883-1933)*. Monografia de conclusão de curso – Unesp, Rio Claro.
- NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs) (1999). *Pierre Bourdieu: Escritos de Educação*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- PENTEADO, Oscar de Arruda (1977). *Rio Claro – coletânea histórica*. Editora Franciscana, 1977.
- _____. (1979). *Estudos genealógicos: a família Arruda Penteado de Rio Claro*. Rio Claro, 2ª ed.
- PEREIRA, Aloysio et alii. (1978). *Rio Claro – Sesquicentenária*. Rio Claro: Museu Histórico e Pedagógico "Amador Bueno da Veiga"/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia Governo do Estado de São Paulo.
- PETTI, Nicola (1972). *Gente de minha cidade*. Rio Claro.
- REIS FILHO, Casemiro (1981). *A educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez/Autores Associados.

RIBEIRO, Arilda Ines M. (1996). *A educação feminina durante o século XIX: o Colégio Florence de Campinas 1863-1889*. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira (1996). *História da educação no Brasil (1930/1973)*. 18a ed. Petrópolis-RJ: Vozes.

SANTANA, José Roberto (1996). *História da educação em Rio Claro no século XIX: apontamentos históricos do ensino elementar no oeste paulista*. Monografia de conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia – Unesp Rio Claro.

SEGALEN, Martine (1998). *Rites e rituels contemporains*. Paris: Éditions Nathan.

SEVCENKO, Nicolau (1988). “O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso”. In: SEVCENKO, N. (org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, v.3.

SOAVE, Vera Lúcia de Oliveira (1983). *Transformações do espaço arquitetônico do centro histórico da cidade de Rio Claro*. Rio Claro:

SOUZA, Rosa Fátima de (1998). *O direito à educação: lutas populares pela escola em Campinas*. Campinas: Editora da Unicamp.

THOMPSON, Paul (1992). *A voz do passado*. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

TRIGO, Maria Helena B. (2001). *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo: Annablume.

UHLE, Águeda B. Bittencourt (1998). “Orosimbo Maia : cultura e política no final do século XIX. In: *Pró-posições*. V. 9, nº1 (25) março.

_____ (1991). *Comunhão leiga: o Rotary Club no Brasil*. Campinas: Unicamp (tese de doutorado).

WEBER, Max (2000). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 15ª ed. São Paulo: Pioneira.

_____. “Burocracia”. In: *Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

_____. “Sociologia da dominação”. In: *Economia e sociedade*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Vol 2.

WERNET, Augustin (1987). *A Igreja Paulista no Século XIX*. São Paulo: Editora Ática.

VON SIMSON, Olga R. M. (1996). Som e imagem na pesquisa qualitativa em Ciências sociais: reflexões de pesquisa. IN. *Pedagogia da imagem, imagem da pedagogia*. Niterói, RJ – UFF/CNPQ, pp.88-101.

_____ (1998). Imagem e memória. IN: SAMAIN, Étienne (org) (1998). *O Fotográfico*. São Paulo: Editora HUCITEC/CNPq.